Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

André Luiz Rauber

**Gramaticalização do foco no português do Brasil e de Portugal: estudo de
diferentes sincronias da construção *sendo que***

VERSÃO CORRIGIDA

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

São Paulo, 2013

André Luiz Rauber

**Gramaticalização do foco no português do Brasil e de Portugal: estudo de
diferentes sincronias da construção *sendo que***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras. Sob a orientação da Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes e coorientação da Profa. Dra. Madalena Teixeira.

Versão corrigida

De acordo:

Orient. Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

São Paulo, 2013

Banca Examinadora

Membros titulares:

Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima Hernandez
FFLCH - Universidade de São Paulo
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Madalena Teles Teixeira
Instituto Politécnico de Santarém e Universidade de Lisboa
(Coorientadora e Membro externo)

Profa. Dra. Anna Christina Bentes
Universidade de Campinas

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão
Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi
Instit. Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Membros suplentes:

Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Maria Luiza Braga
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Maria Jussara Abraçado de Almeida
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Sebastião Carlos Gonçalves
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

À D. Maria (minha rainha)

Seu Tarcízio

Márcia

Guilherme

E, em especial, ao Sr. Rocheta

Agradecimentos

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, pelo conhecimento compartilhado, pelo estímulo científico e, principalmente, por conduzir-me à gramaticalização.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Madalena Teixeira, pelo encontro inesperado no Brasil e pelo reencontro tão esperado em Portugal.

À Universidade Federal do Mato Grosso, em especial à coordenação da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e aos colegas do Departamento de Letras do *Campus* de Rondonópolis, pelo incentivo para realização da minha qualificação docente.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de doutorado sanduíche (PDSE) em Portugal, no período de julho de 2012 a junho de 2013, processo BEX 5141/12-5.

À Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e à Profa. Dra. Anna Christina Bentes, da Unicamp, pela participação no Exame de Qualificação deste trabalho.

À Profa. Dra. Maria Luiza Braga, da UFRJ, pelas sugestões em relação ao *sendo que*, dadas em Portugal.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, da UNESP de São José do Rio Preto, pelo envio do *corpus* Tarallo (1991) e pelo incentivo para que eu buscasse respostas também na diacronia.

À Profa. Dra. Ana Maria Martins, da Universidade de Lisboa, pelo seminário de Linguística Histórica e pelas discussões sobre o passado de *sendos*.

Ao Prof. Dr. Augusto Soares da Silva, da Universidade Católica de Braga, pelas sugestões cognitivas sobre o *sendo que*.

Ao Prof. Dr. José Pinto de Lima, da Universidade de Lisboa, pelas discussões produtivas sobre gramaticalização no português de Portugal.

Ao Prof. Dr. Paulo Osório, da Universidade da Beira Interior, pelos contatos acadêmicos em Portugal.

À Profa. Dra. Gisele Cássia Sousa, da UNESP de S. José do Rio Preto, pela sugestões focalizadoras.

Ao Prof. Dr. Daniel Velasco, da Universidade de Oviedo, pelos *insights* durante seu curso na UFSCAR em 2013.

À Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão, da UFG, pelas sugestões descritivas.

Às professoras e pesquisadoras Dra. Cristina Defendi, Ms. Elisângela Godoy e Dra. Maria da Conceição Baptista Marques, pelo auxílio na coleta dos dados de usuários (estudantes) do PB e do PP.

Aos membros do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, pela acolhida.

À Coordenação e técnicos do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP, pelo suporte nas questões burocráticas do doutorado e da bolsa sanduíche.

Aos colegas do Grupo MGP/USP, em especial, ao Marcello, Lídia, Priscilla, Renata, Elisângela, Cristina, Elaine, Carol, pelo convívio acadêmico sempre agradável, pelos encontros e pelas experiências vividas.

Aos amigos Prof. Dr. Edvaldo Bergamo (UNB), por ter lido uma versão desta tese e pelos conselhos sempre pertinentes, e ao Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (UFG), pela leitura do capítulo de análise e pelas sugestões.

À amiga e sempre Mestre Celeste Saad Guirra, pela leitura cuidadosa de uma das versões deste trabalho.

À Ludmila, Tatiana, Luli, Célia Virgolino, Irady, ao Mazpã, Selito, Vladimir, Ednalvo, Escobar, pelo convívio em São Paulo. Aos amigos Calaça, Zaiden, Cadilhe, Posso e à Graciela Barbero pelos encontros em diferentes paragens.

À querida Irene, por tornar meu período em Portugal também lúdico. À Dra. Liliana Cardoso, por torná-lo lúdico.

À minha Fran, constante incentivadora e porque existe. E existir é Tudo.

[...] Mas a verdade é que a língua, longe de ser um organismo, é um produto social, é uma atividade do espírito humano. [...] Não está obrigada a prosseguir na sua trajetória, de acôrdo [sic] com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam.

(Serafim da Silva Neto, 1963)

Resumo

Esta pesquisa descreve os usos e funções da perífrase *sendo que* ao longo da sua história (século XVI ao XXI) em duas variedades do português: o português do Brasil (PB) e o português de Portugal (PP). Objetiva demonstrar, a partir de dados empíricos, que tal perífrase é uma construção polifuncional nas duas variedades linguísticas investigadas. No domínio pragmático (DIK, 1989, 1997), ela desempenha, em certos contextos, a função de um marcador de focalização da informação proeminente de um conteúdo comunicado. Essa é a hipótese para a tese aqui defendida: a construção *sendo que* revelaria a gramaticalização de uma espécie de focalizador no PP e no PB. A base teórica concentra-se numa concepção funcionalista da linguagem, conforme os estudos de Dik (1989, 1997), Halliday (2004), Lehmann (1982, 1985, 1991, 2002) e Givón (1985). O estudo da mudança linguística, sob o escopo da gramaticalização, segue o viés teórico de Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), Heine (1993, 1997), Hopper e Traugott (1993, 2003), Taylor (2006) e Heine e Kuteva (2002). A análise dos mecanismos de (inter)subjetivação, envolvidos na abstratização, segue os estudos de Traugott (1982, 1989, 1995, 2002, 2010), de Traugott & Dasher (2002) e de Langacker (1985, 1987, 1990, 1999, 2007, 2013). A análise do contexto de mudança baseou-se em Heine (2002) e Diewald (2002). A fim de aferir a potencialidade construcional de *sendo que*, discutiram-se as propostas de Langacker (1987, 2013), Goldberg (1995, 2010), Trousdale (2008, 2013) e Traugott (2012). A amostra investigada constitui-se de dados escritos do PP e do PB, extraídos dos seguintes *corpora*: o *corpusdoportugues.org* (DAVIES e FERREIRA, 2006), séculos XIII a XX; a amostra histórica de Tarallo (1991), séculos XIII a XX; e o *corpus* do Projeto História do Português do Brasil (CASTILHO, 2010), séculos XVIII e XIX. Foram analisadas sincronias do século XX e XXI do PP e do PB, com base nos dados do projeto *linguateca.pt*, *CetenFolha* (PB) e *CetemPúblico* (PP), século XX; além de textos produzidos por estudantes representantes das variedades em estudo, século XXI. Os dados foram analisados sob a perspectiva metodológica de frequência *token* e *type* proposta por Bybee e Hopper (2001) e Hopper (1991). Além da hipótese acima apresentada, no decorrer da pesquisa, outras questões surgiram e dizem respeito à sua evolução histórica, à sua alta frequência nas variedades investigadas e à sua proximidade com o distributivo *sendos* e *sendas* do espanhol, e com a função partitiva nas línguas românicas. As investigações revelaram que forças, nem sempre concomitantes, mas sistêmicas, como a natureza semântica e funcional da forma SER, o gerúndio, a clivagem, a adjunção ao QUE, contribuíram para a gramaticalização de uma construção, cuja origem remonta ao século XVI como operador causal (RIBEIRO, 1950[1890]). Com o tempo, a construção *sendo que* teve seus usos alargados tanto no PP quanto no PB. Passou a sofrer os efeitos da frequência (BYBEE; HOPPER, 2001), adequando-se a contextos comunicativos diversos e condicionando-se a reelaborações cognitivas. Como efeito, acumulou outras nuances semânticas, recebendo também reforço pragmático, o que causou um impacto funcional sobre seu uso contemporâneo.

Palavras-chave: *Sendo que*; Gramaticalização; Foco; Português do Brasil; Português de Portugal.

Abstract

This research describes the uses and functions of the periphrasis *being that* (*sendo que*), throughout its history (XVIth to XXIst centuries), in two varieties of Portuguese: Brazil (PB) and Portugal (PP). It intends to demonstrate, by empirical data, that said periphrasis is a polyfunctional construction in both language varieties. In the pragmatic domain (DIK, 1989, 1997), *being that* has, in certain contexts, the function of a marker targeting the prominent information within a statement. This thesis presents the hypothesis that *being that* is the grammaticalization of a kind of focus element in both PP and PB. The theoretical basis was mainly formed by the functionalist conception of language as approached in the studies of Dik (1989, 1997), Halliday (2004), Lehmann (1982, 1985, 1991, 2002) and Givón (1985). The study of linguistic change, under the scope of grammaticalization, followed the theories of Claudi & Hünemeyer (1991), Heine (1993, 1997), Hopper and Traugott (1993, 2003), Taylor (2006), and Heine and Kuteva (2002). For the analysis of the (inter)subjectivity mechanisms involved in abstractization, the studies done by Traugott (1982, 1989, 1995, 2002, 2010), Traugott & Dasher (2002) and Langacker (1985, 1987, 1990, 1999, 2007, 2013) were used. Change context was analysed based on Heine (2002) and Diwald (2002) and the constructional potential of *being that* based on Langacker (1987, 2013), Goldberg (1995, 2010), Trousdale (2008, 2013) and Traugott (2012). The *corpus* investigated was formed by written texts in PP and PB extracted from this sources: the *corpusdoportugues.org* (DAVIES and FERREIRA, 2006), XIIIth to XXth centuries, the Tarallo historical data (1991), XIIIth to XXth centuries, the *corpus* of the Brazilian Portuguese History Project (Castilho, 2010), XVIIIth and XIXth centuries. Synchronous data was collected from *linguateca.pt* project *CetenFolha* (PB) and *CETEMPúblico* (PP), XXth century, and texts produced by students representing the PB and PP varieties, XXIst century. The *corpus* was analyzed using the *token* and *type* frequency methodology of Bybee and Hopper (2001) and Hopper (1991). Besides the hypothesis presented, other issues arose, like the historical evolution of the construction, its high frequency in the investigated varieties and its proximity to the distributive Spanish *sendos*, and the partitive function in the Romance languages. The investigation revealed that strengths, not always concurrent, but systemic, such as the semantic and functional nature of the TO BE form, the gerund, cleft construction, the connection to THAT, all contributed to the grammaticalization of this construction, since the XVIth century. At that time, it was just a causal operator (RIBEIRO, 1950[1890]). Over time, the usage of the construction has expanded in both the PP and PB. It began to suffer the effects of frequency (BYBEE; HOPPER, 2001), adapting to the different communicative contexts and conditioning itself to cognitive reworkings. In effect, it accumulated other semantic nuances and reinforced its pragmatic value, which caused a functional impact on its contemporary use.

Keywords: *Being that*; Grammaticalization; Focus; Portuguese of Brazil; Portuguese Portugal.

Lista de quadros

Quadro 1: Organização da amostra de dados do PP e do PB	22
Quadro 2: Organização da amostra de dados de informantes do PP e do PB.....	23
Quadro 3: <i>Continuum</i> léxico e gramática. Modelo proposto por Lehmann (2002, p.3).....	38
Quadro 4: Membros lexicais e gramaticais de palavras do português (baseado em LEHMANN, 2002, p.8).....	39
Quadro 5: Gênese das conjunções complexas (LEHMANN, 2002, p.11)	41
Quadro 6: Construções, segundo modelo apresentado por Goldberg (1995)	57
Quadro 7: Construções abstratas (adaptado de TOMASELLO, 2003).....	61
Quadro 8: Tipos de contexto (adaptado de HEINE, 2002, p.86)	67
Quadro 9: Tipos de contexto de mudança (tradução do modelo de DIEWALD, 2006)	68
Quadro 10: Cotejo entre os tipos de contexto de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006)	70
Quadro 11: Construções com SENDO + X	81
Quadro 12: Estratégias de focalização (baseado nas definições de foco de DIK, 1997).....	94
Quadro 13: Tipos de foco em termos de ponto comunicativo (baseado em DIK, 1997, p.332)	98
Quadro 14: Tipos de foco contexto e estratégia focalizada (baseado em DIK, 1997)	99
Quadro 15: Configuração da amostra geral do PP e do PB	115
Quadro 16: Descrição do <i>corpus</i> do Português de Davies e Ferreira (2006) – séc. XIII a XX	116
Quadro 17: Amostra de dados coletados entre estudantes do PP e do PB no período de 2012 e 2013 ...	119
Quadro 18: Tratamento dado ao <i>sendo que</i> segundo o Guia de usos do português (NEVES, 2003)	123
Quadro 19: Paráfrase com <i>sendo</i>	146
Quadro 20: Construções <i>sendo...que</i> – contexto crítico.....	159
Quadro 21: Ocorrência de <i>sendo que</i> em outras línguas de base latina e anglo-saxônica	162
Quadro 22: Exemplos de partitivo retirados de Heine e Kuteva (2002, p.33).....	170
Quadro 23: Frequência <i>token</i> de <i>sendo que</i> no <i>corpus</i> diacrônico de Davies e Ferreira (2006)	174
Quadro 24: Frequência de <i>sendo que</i> entre os gêneros acadêmico, notícia e ficção – séc. XX	175
Quadro 25: Frequência <i>token</i> de <i>sendo que</i> no <i>corpus</i> histórico do português de Tarallo (1991)	176
Quadro 26: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> – séc. XVI.....	178
Quadro 27: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> – séc. XVII.....	179
Quadro 28: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> – séc. XVIII.....	180
Quadro 29: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> – séc. XIX.....	181
Quadro 30: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> – séc. XX.....	182
Quadro 31: <i>Continuum</i> cognitivo de gramaticalização de <i>sendo que</i>	185
Quadro 32: Frequência <i>token</i> de <i>sendo que</i> no <i>corpus</i> do PHPB	186
Quadro 33: Dados sincrônicos (séc. XX) do <i>sendo que</i> extraídos da amostra CetemPúblico PP	189
Quadro 34: Dados sincrônicos (séc. XX) do <i>sendo que</i> extraídos da amostra CetemFolha PB.....	191
Quadro 35: Decomposição de uma construção com <i>sendo que</i>	192
Quadro 36: <i>Input</i> e <i>output</i> dos contextos condicionantes da construção <i>sendo que</i>	196
Quadro 37: Tipos de contexto de <i>sendo que</i>	198
Quadro 38: Excertos do português utilizados no questionário 1	211
Quadro 39: Excertos do português utilizados no questionário 2	220

Lista de figuras

Figura 1: <i>Continuum</i> léxico > gramática.....	39
Figura 2: Conhecimento mútuo de S (speaker) e A (Addressee) de Dik (1997, p.11).....	87
Figura 3: Diferentes escopos do foco (tradução da versão de DIK, 1997, p.331).....	95
Figura 4: Diferença no ponto da comunicação (DIK, 1997, p.331)	96
Figura 5: Exemplo de foco paralelo	97
Figura 6: Campo visual de uma pessoa proposto por Langacker (1987, p.138)	107
Figura 7: Representação do aspecto classificatório baseado em Givón (2011)	142
Figura 8: Representação de uma construção comparativa com <i>sendo [...] que</i>	148
Figura 9: Representação de uma construção com <i>sendo [...] que</i>	148
Figura 10: Escopo 1 de <i>sendo que</i> segundo proposta de diferentes tipos de foco de Dik (1997)	214
Figura 11: Escopo 2 de <i>sendo que</i> segundo proposta de diferentes tipos de foco de Dik (1997)	216
Figura 12: Análise semasiológica de <i>sendo que</i>	225

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Comparativo da frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> entre os séculos XVII e XX	184
Gráfico 2: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> – séc. XVI a XX.....	185
Gráfico 3: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> séc. XX PP (CetemPúblico)	187
Gráfico 4: Frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> séc. XX PB (CetenFolha)	189
Gráfico 5: Resultado do questionário 1 - PP	212
Gráfico 6: Resultado do questionário 1 – PB	214
Gráfico 7: Comparação entre as respostas ao questionário 1 do PP e do PB.....	217
Gráfico 8: Comparativo por opção entre PP e PB	218
Gráfico 9: Análise quantitativa do questionário 2 - PB	221
Gráfico 10: Análise quantitativa do questionário 2 - PP	222

Sumário

INTRODUÇÃO	15
Questões desta pesquisa	16
Hipóteses	18
Domínio teórico	19
Seleção dos <i>corpora</i> para compor a amostra investigada	20
A metodologia empregada neste estudo	25
A seleção de uma perífrase	25
Objetivo específico e Tese	27
Organização da tese.....	28
CAPÍTULO I	29
Da noção de gramaticalização à de gramática de construções	29
1. Variação e mudança linguística e o conceito de Gramaticalização	29
1.1. A mudança sob a ótica da gramaticalização	32
1.2. O princípio da unidirecionalidade na mudança linguística por gramaticalização	45
1.2.1. A gramaticalização como reflexo evolutivo	50
1.3. Construcionalização gramatical e o padrão forma e função	54
Categoria hierárquica das construções.....	63
1.4. A mudança em Contextos específicos	65
Tipos de contexto: modelos de Heine e Diewald.....	66
1.5. Subjetivação, Intersubjetivação e seus reflexos na gramaticalização	72
1.5.1. Subjetividade e subjetivação	74
1.5.2. Intersubjetividade e intersubjetivação	78
CAPÍTULO II	83
Gramaticalização do foco de atenção	83
2. Gramaticalização de construções	83
2.1. Cognição e atuação pragmática: a gramaticalização do foco	83
2.2. Foco, focalidade, focalização	92
2.3. Focalização e domínio semântico	102
2.3.1. O ajustamento focal e sua relação com a focalização	107
CAPÍTULO III	111
O critério metodológico e as decisões tomadas.....	111
3. Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	111
3.1. A dinâmica dos dados: Sincronia e Diacronia	112

CAPÍTULO IV	121
O percurso histórico de uma construção multifuncional do português.....	121
4.1. O dito <i>sendo que</i>	121
4.1.2. O que dizem sobre o <i>sendo que</i> cá e lá.....	122
4.2. O percurso histórico de <i>ser</i> e de <i>que</i>	129
4.2.1. Alguns usos de <i>sendo</i>	129
4.2.2. A perífrase <i>sendo que</i> e o papel da frequência.....	132
4.2.3. Evolução histórica e a multifuncionalidade de <i>ser</i> > <i>sendo</i> > <i>sendo que</i>	134
4.3. O gerúndio e os usos de <i>sendo</i>	143
4.4. Breve histórico do <i>que</i>	151
4.5. <i>Sendo que</i> e o provável contexto crítico.....	156
4.6. <i>Sendos</i> e o <i>continuum</i> de um distributivo em duas variedades românicas.....	163
4.6. <i>Sendo que</i> e a hipótese do partitivo	168
CAPÍTULO V	173
<i>Sendo que</i> e a polifuncionalidade de uma construção	173
5. Análise diacrônica e sincrônica da perífrase <i>sendo que</i> nas variedades PP e PB.....	173
5.1. A multifuncionalidade de <i>sendo que</i> do século XVI ao XX	174
5.2. A frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> no português histórico - século XVI a XX.....	177
5.3. A frequência <i>type</i> de <i>sendo que</i> em sincronias do séculos XX.....	186
5.4. Contexto crítico e emergência de um marcador focal no português contemporâneo	200
5.5. <i>Sendo que</i> e a gramaticalização de uma construção de foco	210
CONCLUSÕES	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	237
Referência do <i>corpus</i> investigado.....	249
<i>Corpora</i> históricos do português – séculos XIII a XX.....	249
<i>Corpora</i> de sincronias do PB e do PP - século XX.....	249
<i>Corpora</i> comparativos de outras línguas	249
ANEXOS	250
ANEXO A – Modelo questionário 1	250
ANEXO B – Modelo questionário 2	251
ANEXO C – Modelo proposta de texto 1 – PB.....	252
ANEXO D – Modelo proposta de texto 2 – PP.....	253

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, investigo o percurso histórico dos usos e funções da perífrase *sendo que* em duas variedades do português: o português do Brasil (doravante PB) e o português de Portugal (doravante PP). Para tanto, inscrevo-me numa perspectiva funcionalista da linguagem a qual contempla os domínios semântico e morfossintático da língua, vinculados e determinados por fatores pragmáticos e comunicativos. Considero, ainda, as elaborações cognitivas acionadas no processamento linguístico e que estão envolvidas na codificação sintática de uma construção, cujos usos demonstraram expansão semântico-funcional nas duas variedades do português investigadas.

Os exemplos (1) e (2) ilustram a multifuncionalidade da construção em questão. O primeiro foi extraído da amostra do século XX do PB, e o segundo, do mesmo período do PP:

- (1) O trabalho de Bateson também é muito mais amplo do que o de Jung ou Reich, **sendo que** ele coloca uma grande ênfase no ambiente social e natural, além da mente inconsciente. (20 PB CetemFolha, 49)¹
- (2) A equipa de Los Angeles, que fez um anúncio idêntico no passado mês de Junho, tinha chegado a efectuar implantações de óvulos de duas dadoras em seis mulheres, **sendo que** duas delas estavam nessa altura já numa fase avançada da gravidez. (20 PP CetemPúblico, 5)

Na ocorrência do PB citada em (1), *sendo que* assume a função de uma locução adverbial causal, equivalente a *uma vez que* ou *porque*, indicando a razão de o trabalho de Bateson ser mais amplo do que o de Jung e Reich. No excerto (2) do PP, a mesma perífrase tem o valor de um especificador (DIK, 1997)², uma vez que seleciona uma porção informativa,

¹ Os dados foram assim etiquetados: primeiro o século (13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21), em seguida a variedade (PB = Português do Brasil e PP= Português de Portugal), tipo de amostra (DF = Davies e Ferreira; Tarallo; CetemPúblico, CetemFolha, PHPB) e número da ocorrência (este nem sempre estará presente). Os excertos foram extraídos na íntegra, respeitando a metodologia de transcrição empregada em cada um dos *corpora*.

² Dik (1997, p.188) emprega a noção de “especificidade” (*specificity*) como critério pragmático: “*Specific (+s) reference: S [speaker] has a particular intended referente in mind and invites A [addressee] to either identify the corresponding referent in his own pragmatic information, or construe a corresponding referente.*” Neste

presente na proposição maior, sobre a qual o falante/escritor investe destaque. Tanto o contexto (1) quanto o (2) são intercambiáveis entre as duas variedades linguísticas ora investigadas, ou seja, foram identificados nas duas variedades do português, independentemente das distinções culturais que o PB e o PP possam apresentar.

Além das funções identificadas em (1) e (2), outras são assumidas pelo *sendo que* ao longo de sua história no português. Os casos em questão ilustram as alterações semântico-funcionais pelas quais essa construção vem passando desde o século XVI, período em que foi encontrada na amostra selecionada para esta pesquisa. De uma função mais gramatical, atendendo à adequação sintática, *sendo que* passa, ao longo de sua história, a operar no nível da adequação pragmática³, indicando a informação mais pertinente dentro de uma proposição ou mesmo indicando contraste ou acréscimo informativos. O percurso multifuncional dessa perífrase direcionou-me à tese que defendo neste trabalho e que está devidamente identificada na seção ‘Objetivo específico e Tese’ desta introdução.

Questões desta pesquisa

A análise dos dados selecionados, em vários níveis de adequação, conduziu-me a algumas questões que permitiram direcionar o percurso investigativo deste trabalho, são elas:

- i) Qual a origem e/ou formação histórica da perífrase *sendo que* no português?
- ii) É possível identificar um percurso unidirecional, no nível semântico-funcional, capaz de revelar a mudança de uma construção, conceptualmente [+concreta], para usos [+abstratos]?
- iii) É possível distinguir os contextos de uso de *sendo que*, segundo a proposta de Heine (2002) e Diewald (2002)?
- iv) A polifuncionalidade de *sendo que*, em algum nível de análise, permite reconhecer a atuação dos mecanismos subjetivos e intersubjetivos na interação verbal?

trabalho, essa definição pragmática alia-se ao critério morfosintático da construção *sendo que* em contextos especificantes.

³ Sobre adequação sintática e adequação pragmática, citarei Dik (1989, 1997) mais adiante.

- v) A função pragmática (DIK, 1989, 1997) determinaria os usos mais recentes de *sendo que* como uma perífrase que desempenha o papel de focalizador nas duas variedades investigadas?
- vi) Processos cognitivos, especialmente a noção de “ajustamento focal” de Langacker (1987, 2013), contribuiriam para a explicação da função de foco nos usos da construção *sendo que*?
- vii) Finalmente, como avaliar essa perífrase numa perspectiva construcional, conforme, principalmente, os trabalhos de Goldberg (1995, 2010), Fillmore (1975, 1988) e Trousdale (2008, 2013)?

O escopo de cada uma das questões conduziu-me a domínios relacionados a) ao compartilhamento semântico de usos e às fases da evolução histórica dessa expressão linguística; b) à incorporação de perspectivizações decorrentes de situações comunicativas diversas, deflagradas pelos mecanismos (inter)subjetivos responsáveis pela reinterpretação semântico-cognitiva; c) à ativação de propriedades discursivas, as quais permitem recuperar princípios relacionados à atuação pragmática; d) e à manifestação de mecanismos de mudança linguística, tal como a reanálise e a analogia.

As reflexões contidas nesses domínios remetem e fornecem suporte para a compreensão da reorganização das estruturas do sistema linguístico, possibilitando que sejam representados, nesta tese, pelos efeitos do uso de padrões da construção *sendo que*.

Além disso, a atuação do domínio cognitivo, cujos processos deflagram funções que permitem reconhecer, numa dada situação comunicativa e linguística, o envolvimento, a perspectiva e a atenção dos sujeitos da interação, foi investigada a fim de avaliar o pareamento construcional forma-função de *sendo que*. Essa é a razão por que verifiquei a atuação de fatores pragmáticos e o resultado deles nos domínios de organização da construção de base verbal *Ser*_{gerúndio} + *que*, cujos usos – recolhidos nas amostras diacrônica e sincrônica do PP e do PB – revelaram-se não somente frequentes em contextos específicos, mas, ainda, extremamente produtivos.

Hipóteses

A consideração das questões elaboradas e as reflexões explicitadas no tópico anterior suscitaram hipóteses que serão testadas em dados exemplares das amostras estudadas. As hipóteses estão assim representadas:

- O traço relacional do verbo SER e o aspecto processual do gerúndio (SENDO) adjungidos à forma *que* podem ter vincado o caminho que conduziu à clivagem e focalização da construção *sendo que*, o que será verificado historicamente.
- Aplicando os critérios de Lehmann (1982, 2002, 2011), Traugott (2003, 2008, 2010) e Traugott e Heine (1991), terei condições de examinar e reconhecer possíveis *continua* de abstratização entre os usos que envolvem essa construção.
- Os tipos de contexto, postulados por Heine (2002) e Diewald (2002), poderão evidenciar a gradação do peso contextual nos padrões identificados.
- A polifuncionalidade se prestará como *frame* para o reconhecimento da atuação dos mecanismos de subjetivação e intersubjetivação na mudança semântica. Para isso, atendo-me aos estudos de Traugott (1989, 1995, 1999), Traugott e Dasher (2002) e de Langacker (1985, 1990, 1999).
- Suponho que a intenção de marcar, no enunciado verbal, a porção informativa mais relevante condiciona a perífrase *sendo que* a um contexto de acentuado valor pragmático, segundo os padrões propostos por Dik (1989, 1997).
- À função pragmática segue-se, indubitavelmente, uma codificação cognitiva, que a perífrase *sendo que* passaria a representar. Essa função seria a de um focalizador no português.

Hipóteses secundárias também foram verificadas neste estudo. Uma delas diz respeito ao possível valor partitivo da construção *sendo que* em contextos determinados a partir do século XVIII. Outra, recupera o passado das expressões *sendos/sendas*, nas línguas românicas, como um operador distributivo e sua possível correlação com a perífrase *sendo que*.

Para tanto, no estudo em questão, verifiquei que as primeiras ocorrências de *sendo que*, reveladas na amostra do PP, datam do século XVI. Ribeiro (1950 [1890]) e Simões (2007)

ajudam a encaminhar essa discussão, pois ambos classificam-na no rol das conjunções adverbiais causais. Nos séculos seguintes, tem-se o aumento da frequência de uso dessa perífrase que afeta seu estatuto semântico-funcional.

Condiciona-se às hipóteses acima elencadas a incorporação de novas funções semânticas pela perífrase *sendo que* acompanhada de alterações contextuais. Tal fato justifica interrogar se haveria um contexto crítico, altamente ambíguo, condicionando a alteração do *status* representacional dessa locução. Os dados diacrônicos revelaram-me dois prováveis contextos críticos indutores da mudança categorial de *sendo que*. Tal mudança é acompanhada, logicamente, da ampliação semântico-funcional dessa construção.

A intenção de projetar no enunciado verbal a porção informativa mais relevante condiciona a perífrase *sendo que* a um contexto de acentuado valor pragmático, o que justificaria seu uso enfático (embora seja possível considerá-lo expletivo em perspectiva mais tradicional⁴) em determinados contextos de usos, assumindo, assim, função de focalizador, principalmente nas sincronias do século XX. Finalmente, se os usuários do português, nas variedades aqui estudadas, empregam tal expressão em seus textos escritos, cognitivamente, há uma estrutura simbólica que ela repercute. Tenho a hipótese de que tal função de destaque revela uma representação simbólica capaz de atestar o princípio do pareamento forma-significado/função proposto pelos estudos recentes da gramática de construções.

Domínio teórico

O referencial teórico que sustenta esta investigação se encontra vinculado à perspectiva Funcionalista dos estudos linguísticos, desenvolvidos, entre outros, pelo trabalho do holandês Simon Dik (1989, 1997), pelo avanço da gramática sistêmica do linguista londrino Michael Halliday (2004), pelos estudos do alemão Christian Lehmann (1982, 1985, 1991, 2002, 2007, 2008a, 2008b, 2011) e pelo trabalho do linguista americano do Estado do Oregon, Talmy Givón (1995). Esses autores de viés funcionalista têm em comum o reconhecimento de que tanto a língua como as suas categorias internas são fluidas e suscetíveis às pressões daqueles

⁴ Essa ressalva será melhor abordada no capítulo IV desta tese, na seção “4.1. O dito *sendo que*”.

que a utilizam, ou seja, dos falantes/escreventes e dos ouvintes/leitores, nos variados contextos de interação comunicativa.

Para o tratamento mais específico do objeto desta tese, que observa os usos da construção *sendo que*, adotei a perspectiva da Gramaticalização, representada, dentre outros, pelo trabalho – em sua maioria, orientado no domínio da Linguística Cognitiva – de Heine, Claudi & Hünemeyer (1991); de Hopper e Traugott (1993, 2003), pelos estudos dos fatores cognitivos e pragmáticos da gramaticalização de Heine (1993, 1997) e Taylor (2006); e pela noção metodológica de frequência em gramaticalização de Bybee e Hopper (2001) e Hopper (1991).

Sobre a relação entre gramaticalização, cognição e cultura, segui, principalmente, a abordagem de Bybee (2010) e Croft (2005). Para avaliar especificamente os mecanismos de (inter)subjetivação, no percurso da mudança semântica da perífrase *sendo que*, recorri aos estudos da linguista da Universidade da Califórnia, Elizabeth Traugott (1982, 1989, 1995, 2002, 2003, 2008, 2010) e Traugott & Dasher (2002), além dos textos fundantes de outro linguista norte-americano, o pesquisador Ronald W. Langacker (1985, 1987, 1990, 1999, 2007, 2013).

Os contextos de uso dessa perífrase foram analisados tomando como parâmetro, destacadamente, os estudos de Heine (2002) e Diewald (2002). Os aspectos cognitivos envolvidos no processo de gramaticalização de *sendo que* – com especial atenção aos usos a partir do século XX – foram analisados com base na noção de ajustamento focal de Langacker (1987, 2013). Para a análise construcional de *sendo que*, recorri à gramática das construções conforme a proposta de Goldberg (1995, 2010) e de Trousdale (2008), sem, contudo, desconsiderar os estudos nessa área apresentados por outros funcionalistas, como Traugott (2012).

Seleção dos *corpora* para compor a amostra investigada

Para a análise empírica do português (PP e PB), optei por trabalhar com *corpus* digitalizados e disponíveis em bancos de dados *online* da *World Wide Web* (em português,

‘rede mundial’), como o www.corpusdoportugues.org e o www.linguateca.pt, e também com amostras disponíveis em extensão PDF (*Portable Document Format*), como estão formatados os textos da amostra histórica de Tarallo (1991), e arquivos em formato *Word* (assim estão os *corpora* do PHPB). A amostra de textos analisada nesta pesquisa é composta por registros do português, das variedades do PB e PP, publicados por autores de nacionalidade portuguesa e brasileira, do período compreendido entre o século XIII e o século XX, e amostras pontuais do século XXI. Isso me possibilitou a análise de longo tempo – diacronia – da perífrase *sendo que* e também das ocorrências circunscritas a dado período – sincronia.

As ocorrências foram extraídas dos seguintes bancos de dados: o *corpus* do português de Davies e Ferreira (2006), séculos XIII a XX; a amostra histórica de Tarallo (1991), séculos XIII a XX; a amostra histórica do Projeto História do Português Brasileiro (PHPB), coordenado pelo Professor Ataliba de Castilho (2010)⁵, séculos XVIII e XIX; e a amostra sincrônica do século XX do *CETEMPúblico*⁶ e do *CetenFolha*⁷, disponíveis em www.linguageteca.pt.

Os textos são da modalidade escrita e de registro formal, compreendem estruturas tipológicas de base narrativa, descritiva, expositiva, injuntiva e argumentativa, sendo esta última a mais recorrente. Os gêneros também são variados: cartas oficiais e particulares, artigos jornalísticos, textos opinativos, reportagens, relatórios de viagem, documentos instrucionais, documentos notarias, entre outros. Em síntese, a amostra está assim organizada:

⁵ Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acessado em 29 ago. 2013.

⁶ O CETEMPúblico (*Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) contém aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu, criado pelo projeto Processamento computacional do português (projeto que deu origem à LINGUATECA) após a assinatura de um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia português e o jornal PÚBLICO em Abril de 2000. Disponível em <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>.

⁷ O CETENFolha (*Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos NILC/Folha de S. Paulo) é um corpus de cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro, criado pelo projeto Processamento computacional do português com base nos textos do jornal Folha de S. Paulo que fazem parte do corpus NILC/São Carlos, compilado pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC). Disponível em http://www.linguateca.pt/cetenfolha/index_info.html. Acessado em 29 ago. 2013.

Variedade	Corpus	Período	Tipo de texto/Gênero
PP	Corpus [histórico] do Português de Davies e Ferreira (2006)	XIII a XX	Relatos, artigos, narrativas literárias...
	Corpus sincrônico do CetemPúblico	XX	Notícias, reportagens e artigos
PP e PB	Corpus histórico organizado por Tarallo (1991)	XIII a XX	Diversos (canções, teatro, cartas, relatos...)
PB	Corpus coletado pelo grupo do Projeto História do Português Brasileiro (PHPB)	XVIII a XIX	Cartas particulares e oficiais
	Corpus sincrônico do CetemFolha	XX	Notícias, reportagens e artigos

Quadro 1: Organização da amostra de dados do PP e do PB

Coletei também textos de estudantes que, entre o período de 2012 e 2013, concluíam o ensino educacional formal no Brasil (3ª série do Ensino Médio) e em Portugal (12º ano do Secundário). Com eles, objetivei constatar o uso (ou o não uso) da perífrase *sendo que* por esses sujeitos em seus textos escritos, de base argumentativa e em registro formal. No total, foram coletados 187 textos do PB e 113 do PP. Outro instrumento de dados consistiu da aplicação de dois questionários – como ferramentas para aferição de hipóteses – a 20 falantes e usuários do PB e a 20 falantes e usuários do PP. Com isso, pude conferir o significado atribuído por esses informantes aos usos contemporâneos de *sendo que* extraídos da amostra sincrônica do século XX das duas variedades de língua portuguesa.

O quadro 2, a seguir, sintetiza essa amostra:

Variedade	Dados	Período	Tipo de texto/Gênero
PP	Produção textual dos alunos do 12º secundário	XXI	Opinativo/argumentativo
	Questionário 1	XXI	Objetivo ⁸
	Questionário 2		Subjetivo

⁸ Objetivo, porque eram alternativas fechadas. Subjetivo, porque o sujeito informante tinha a oportunidade de sugerir outra expressão para ocupar o lugar do *sendo que* empregado nos dados empíricos.

PB	Produção textual dos alunos da 3ª série EM	XXI	Opinativo/argumentativo
	Questionário 1	XXI	Objetivo
	Questionário 2		Subjetivo

Quadro 2: Organização da amostra de dados de informantes do PP e do PB

Ressalto que este estudo não é, primordialmente, um estudo de *corpus*, mas um estudo baseado em vários *corpora*. Ainda assim, foram controladas algumas variáveis. O tamanho de cada amostra e a organização dos dados para esta pesquisa constam do capítulo metodológico.

Tais *corpora* serviram de base empírica para observação da língua em uso. Neles, procurei evidências concretas para responder às questões acima expostas e para referendar as hipóteses previamente apontadas e relacionadas ao funcionamento da construção *sendo que* no português. A seleção das variedades investigadas deveu-se, ainda, ao interesse em verificar se um mesmo processo de gramaticalização poderia estar em evolução tanto no PB como no PP. Para isso, assumo a posição de Melo (1971) e Silva (1997), segundo os quais, PP e PB constituem *línguas-comuns* (cf. MELO, 1971) do português.

Segundo Melo (1971), a formação das línguas-comuns é diversa. Na maioria das vezes, contudo, é o dialeto da região que teve hegemonia política que se transforma em *coine* (termo de origem grega que significa ‘dialeto comum’). Passa, assim, a ser imposta a todas as regiões sujeitas à mesma soberania e, a partir dela, são redigidos os atos legislativos, os documentos jurídicos, as resoluções administrativas. O filólogo afirma ainda que a expressão concreta da *coine* é a língua escrita. Tal princípio revelou-se notadamente em 2009, quando as nações que compõem a Comunidade de países de Língua Portuguesa (CPLP) – Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Brasil e Portugal, estes dois últimos mostraram-se mais interessados, – assinaram um novo acordo ortográfico “oficializando” a unificação de uma **língua escrita comum**. Apesar de questionável em seu aspecto prático e político, tal acordo, atinente à norma escrita dos países signatários, retoma, de certa forma, as afirmações defendidas por Melo há quarenta anos.

Ao assumir tal posicionamento, no entanto, não desconsidero a força da variação linguística gerada por fatores que circundam uma comunidade, tais como o dinamismo

cultural, geográfico, político e mesmo as forças de ordem macro e microeconômica. Silva (1997, p.30) sintetiza o impasse da língua portuguesa neste complexo momento de sua história: “tanto vista na sua totalidade, no chamado mundo da lusofonia, quanto no interior da variedade brasileira, da europeia, das africanas, das asiáticas, cada uma com suas próprias especificidades, no que se refere quer à variabilidade quer à regulação”. Logo, uma investigação que envolve *línguas-comuns*, como o PP e o PB, pode revelar possíveis pontos de convergência e de divergência no interior de suas variedades.

No domínio da modalidade e do registro linguístico, as variações (dialetal, diatópica, diastrática) entre a língua falada e a língua escrita em cada uma dessas nações que compõem as comunidades de expressão portuguesa – também conhecidas por ‘comunidades lusófonas’ (cf. SILVA, 1997) ou pertencentes ao ‘espaço lusófono’ (cf. BASTOS, 2008) – devem ser consideradas. Desse modo, assumo que existem países cuja língua materna é o português, como é o caso de Portugal e Brasil⁹; aquelas que o tem como língua oficial, como é o caso de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe; e, ainda, aquelas que o têm como língua de uso para certos contextos – a esfera estatal, p. ex. –, como em Macau, Goa, Damão e Málaca (cf. BASTOS, 2008, p.1).

Reconheço, portanto, que não é possível neutralizar a principal característica que faz da língua um sistema de representação dinâmico e simbólico: a pressão do uso, a intenção e o propósito comunicativo daqueles que a utilizam e moldam a sua estrutura e o seu significado. Por isso, uma análise histórica e contrastiva é capaz de oferecer respostas importantes e empiricamente embasadas às questões evidenciadas nesta pesquisa, além de instigar outras perguntas que, por ventura, este estudo suscitará e que não foram contempladas no recorte teórico-metodológico desta tese.

⁹ Nesta pesquisa, como será visto no capítulo V, o contraste entre essas duas variedades do português (PP e PB) forneceu indícios, empiricamente embasados, de traços mais convergentes do que divergentes no que tange ao uso da construção *sendo que*, na modalidade escrita de ambas.

A metodologia empregada neste estudo

Na introdução de um artigo sobre o verbo *ficar* no PP, Lehmann (2008a) declara que uma investigação completa acerca da gramaticalização de uma forma linguística deve contemplar os seguintes aspectos: 1) uma **análise sistemática**¹⁰, que envolva desde a origem do termo até seu desdobramento semântico, sintático e funcional; 2) uma **análise histórica**, que busque os registros pregressos de um termo, possibilitando, assim, a observação da mudança semântica e funcional sofrida ao longo do tempo, quando deixa de exercer um papel central no léxico, passando a desempenhar funções na gramática; e 3) uma **análise comparativa**, capaz de demonstrar o comportamento de determinado item ou construção em outras variedades linguísticas e uma comparação tipológica com as outras línguas. Com isso, é possível avaliar o funcionamento de determinado item ou construção em vários idiomas e perceber usos diversos daqueles identificados na língua alvo, neste caso, o português.

A esses três aspectos analíticos propostos por Lehmann (2008a), permito-me acrescentar apenas mais um: a **análise** num viés **cognitivo**, que deve se responsabilizar pela identificação de elementos linguísticos que se manifestem como resposta ao processamento mental e cultural, codificando uma intenção por meio da expressão *sendo que*. Certamente Lehmann (2008a) pressupõe essa análise como componente da investigação sistêmica, assim como deve ter pressuposto o aspecto pragmático nas demais. Para esta pesquisa, contudo, é importante destacar os domínios cognitivo e pragmático, uma vez que têm implicações diretas sobre os usos da construção em questão, principalmente a partir de determinado período de sua história.

A seleção de uma perífrase

A seleção da perífrase *sendo que* não foi aleatória. Foi escolhida com base em resultados de uma investigação preliminar em que tomei como objetivo inicial o rastreamento dos domínios linguísticos empregados no processamento textual de produções verbais de base argumentativa. Dentre as várias expressões identificadas, *sendo que* foi a que se

¹⁰ Grifo meu.

notabilizou pelos valores polissêmicos em contextos polifuncionais que a apresentavam na amostra recolhida à época¹¹. Passei a observar a sua ocorrência em textos escritos do PB e, então, constatei sua produtividade nessa variedade. Em decorrência dessa constatação, procedi à busca da expressão “sendo que” no site *google.com.br*, delimitando-a ao critério de pesquisa avançada “acadêmico”. Isso propiciou que, em segundos, me fosse apresentado o resultado de 386 mil ocorrências, ou frequências *token* (BYBEE & HOPPER, 2001), dessa perífrase. Muitas delas em contextos semelhantes ao indicado em (3):

- (3) [...] 86,1 por cento das mães amamentaram e 92 por cento referiram saber a importância do leite materno. A idade média do desmame foi de 3,3 meses, **sendo que** 75,9 por cento das mães suspenderam a amamentação sem orientação médica. (21 PB GoogleAcad)¹²

Em (3), tem-se uma delimitação da informação anterior e, em simultâneo, a atuação pragmática sobre a proposição. O enunciado em questão encontra-se inserido no resumo de um artigo científico, cujo tema é apresentar os resultados de uma pesquisa. A perífrase encabeça a segunda oração do período iniciado em “[...] A idade média [...]” e funciona como uma espécie de focalizador da porção informativa mais relevante da proposição, no caso, o conteúdo: o percentual de mães que deixaram de amamentar seus filhos sem a anuência de um especialista. No plano textual, exerce função anafórica, resumindo as informações precedentes.

Sintaticamente, a perífrase *sendo que* particulariza uma informação tal como o faz uma construção partitiva do português. Essa foi a observação que me conduziu ao estudo em questão, uma vez que estava diante de um fenômeno linguístico que, *per si*, demandava um estudo sistemático, uma abordagem histórica e merecia uma comparação translinguística. Com a mesma ferramenta de busca textual, que não faz a distinção entre PB e PP, observei que essa expressão também era muito usada no português de Portugal. Foi, então, que decidi

¹¹ Inicialmente, recolhi 200 textos de redação produzida durante os exames vestibulares da Fuvest (Fundação para o Vestibular de São Paulo). A produtividade de *sendo que* nessa amostra revelou-se pouco significativa em termos de frequência, por isso, já à época, optei por outras fontes de dados complementares. No capítulo V, apresento algumas hipóteses que podem explicar a baixa ocorrência dessa perífrase em textos produzidos num contexto de avaliação escolar ou de exame vestibular.

¹² Disponível em <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?!sisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=334792&indexSearch=ID>. Acessado em 28 ago. 2013.

pelo estudo comparativo entre duas variedades portuguesas, o PP e o PB. Para tanto, realizei, no período de 12 meses, de julho de 2012 a junho de 2013, um estágio de estudos na Universidade de Lisboa (UL), Portugal, sob a orientação da Profa. Dra. Madalena Teixeira.

Nesse período, o contato com pesquisadores portugueses¹³ somou-se positivamente às orientações anteriormente traçadas no Brasil. Com eles, pude rever algumas hipóteses sobre a origem do *sendo que*, elencadas durante os encontros do Grupo de Pesquisa Mudança Gramatical - Gramaticalização, com sede na Universidade de São Paulo e coordenado pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes. Uma das hipóteses aventadas referia-se à possível recuperação histórica de uma função distributiva já desenvolvida pela forma *senhas/senhos* > *sendos/sendas* no português antigo e que desapareceu das variedades de expressão portuguesa, permanecendo no espanhol peninsular e nas ex-colônias ultramarinas. Atenho-me a isso nos capítulos I e III.

Posteriormente e em decorrência das descobertas que fui fazendo, tomei contato com outras leituras e discussões que propiciaram formular outras hipóteses de desenvolvimento histórico da construção *sendo que*. Esse percurso investigativo conduziu-me à delimitação do tema desta tese, cuja organização apresento a seguir.

Objetivo específico e Tese

Nesta pesquisa, assumo dois objetivos específicos: 1) demonstrar que a perífrase *sendo que* é uma **construção polifuncional** tanto no PB quanto no PP; e 2) devido à atuação de fatores pragmáticos, um processo de intersubjetivização passou a integrar sua rota de mudança, produzindo nessa perífrase impacto funcional. Um dos resultados observáveis foi

¹³ Merecem destaque os seguintes investigadores e docentes portugueses: A Profa. Dra. Ana Maria Martins (2013), da área de Linguística Histórica da Universidade de Lisboa. É de sua autoria um dos estudos mais densos sobre os pronomes clíticos no português: *Clíticos na História do Português* (MARTINS, 1994). O Prof. Dr. José Pinto de Lima, autor de *Grammaticalization, subjectification and the origin of phatic markers*, publicado no livro *New reflections on grammaticalization*, organizado por Wischer e Diwald (2002), e de *Periphrastic voice with "see" in Portuguese*, assinado por Christian Lehmann, José Pinto de Lima e Rute Soares (2010). O Prof. Dr. Augusto Soares da Silva, da Universidade Católica de Braga. Destaco, ainda, a Profa. Dra. Maria Luiza Braga, pesquisadora brasileira, que, no período em questão, realizava um estágio de Pós-doutoramento em Lisboa, e com a qual pude discutir alguns dos dados desta tese, no bairro Saldanha.

sua gramaticalização como uma espécie de **focalizador** nas duas variedades do português investigadas. Essa é a tese que defendo neste estudo.

Organização da tese

Para cumprir tais objetivos e defender a respectiva tese, organizei este texto com vistas a evidenciar o percurso teórico, analítico e metodológico empreendido durante os quase 4 anos desta investigação linguística. No capítulo I, faço uma incursão em vários referenciais para apresentar o conceito de variação e de mudança linguísticas sob o viés da gramaticalização. Discurso em torno dos mecanismos e processos envolvidos nesse tipo de mudança linguística, focando, principalmente, a noção de construção. Apresento a influência dos tipos de contexto e dos mecanismos de (inter)subjetivação. No capítulo II, dedico-me à discussão da noção de foco e focalização. Para isso, lanço mão de alguns princípios da cognição, como a seleção do foco de atenção; e, também, da pragmática, especialmente a organização dos diferentes tipos de foco. No capítulo III, apresento a metodologia empregada nesta pesquisa, as decisões tomadas durante seu desenvolvimento, a natureza do *corpus* e o critério de análise dos dados. No capítulo IV, traço o percurso do verbo *ser*, passando pelo uso gerundivo até chegar à construção perifrástica. No capítulo V, destaco a relevância da frequência *token* e a produtividade da frequência *type* para o uso dessa construção, mediante os dados diacrônicos e sincrônicos do PP e do PB, com enfoque nos resultados alcançados a partir da análise desses dados, bem como dos questionários coletados durante o teste de uso e de percepção. Finalmente, na conclusão, apresento tanto a síntese dos objetivos e dos encaminhamentos adotados para alcançá-los, quanto os resultados verificados durante o percurso investigativo em que apresentei respostas às perguntas formuladas nesta pesquisa, a fim de confirmar as hipóteses aventadas e de validar a tese apresentada.

CAPÍTULO I

Da noção de gramaticalização à de gramática de construções

1. Variação e mudança linguística e o conceito de Gramaticalização

*Linguistic change does not exist*¹⁴. A mudança linguística não existe. Esse foi o título desafiador lançado por Eugenio Coseriu (1983) em seu ensaio sobre a mudança linguística, publicado em 1983, quase duas décadas depois de as pesquisas de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) terem erigido os pilares que sustentam o ramo da ciência da linguagem que se interessa, especialmente, pela relação entre língua e sociedade e sua determinação sobre a variação e a mudança dos fatos linguísticos, a Sociolinguística.

Nele, o linguista romeno afirma que a língua não existe como um objeto ou um organismo da natureza, logo, ela não tem uma continuidade orgânica independente da consciência de seus falantes. Uma língua, segundo Coseriu, é uma “técnica” – do francês *technique* – de falar historicamente dada. Nessa perspectiva, o que é interpretado como uma “mudança linguística” não é um processo de mudança em produtos da língua (*a* não se torna *e*!), mas a criação de tradições da língua, ou seja, a objetivação histórica do que tem sido produzido no discurso.

Para esse linguista, isso não significa outra coisa senão a própria natureza de como a língua é criada. Coseriu (1983) concorda que certas tradições também morrem, ou seja, seu uso é abandonado, mas isso não significa que elas não sejam, por sua vez, renovadas e substituídas. Em síntese, para esse estudioso de tradição histórica, a mudança linguística equivale ao processo histórico pelo qual as línguas surgem ou desaparecem:

So, linguistic change is the historical process by which language disappears or arises, by which linguistic traditions die out or come into being, and by which

¹⁴ Título de um artigo de Coseriu (1983, p.51) publicado em *Linguistica nuova ed antica*. Rivista di linguística classica medioevale e moderna. Anno I. Galatina Congedo Editore, 1983. p.51-63.

often new traditions partially or wholly take the «place» of those dying out in the system of traditions which we call a language. Certainly, what becomes different through change is the specific language itself as a historical product, as a set of traditions; and in this sense we can speak of «linguistic change», i.e. of change *in* a language or in languages. But properly speaking this does not mean that a language as an objective product (*ergon*) changes: it means that a language is produced. In the right perspective, languages are not continually changing: they are continually being produced, being done. (COSERIU, 1983, p.55)

A tradução literal dessa afirmação revela que, para Coseriu (1983), a mudança linguística é um processo histórico pelo qual a língua desaparece ou surge, em que tradições linguísticas morrem ou nascem, e por meio da qual, frequentemente, tradições novas tomam parcial ou totalmente o ‘lugar’ daquelas que morrem no sistema de tradições a que chamamos língua. Obviamente, o que torna a mudança diferente é a própria língua como um produto histórico, como um conjunto de tradições. Nesse sentido, para esse linguista, poder-se-ia falar em ‘mudança linguística’, ou seja, de mudança em uma língua ou em línguas. Porém, segundo Coseriu, isso não significa que uma língua, vista como um produto objetivo (*ergon*¹⁵), muda: *significa que uma língua é produzida*¹⁶. Assim, conclui esse linguista, estudioso das ideias de Wilhelm Von Humboldt, Hegel e Aristóteles, que as línguas não estão mudando continuamente: elas estão continuamente sendo produzidas, sendo feitas.

Com isso, Coseriu não desconsidera o dinamismo da língua, ao contrário, fortalece a noção proposta por Hopper (1991) de que as línguas do mundo estão em constante (re)fazer-se e a sua gramática em contínua emergência (o radicalismo de Hopper, como sugerido por alguns de seus críticos). Coseriu não diverge e reconhece que a língua está em contínua produção e reelaboração. Entretanto, para ele, esse dinamismo está relacionado mais à própria natureza ‘orgânica’ e histórica da língua do que, propriamente, a uma noção autônoma da linguagem como um produto (*ergon*).

Nessa perspectiva, no decorrer das tradições linguísticas, a língua convive com elementos que nascem e morrem e com outros que surgem para substituí-los parcial ou totalmente no sistema. Nesse sentido, os estudos de vertente funcionalista, que observam o

¹⁵ Do grego *érgon*, que significa 'trabalho'; 'ação'; 'atividade'; 'energia'; 'reação'; 'resultado', 'efeito' (HOUAISS e VILLAR, 2009).

¹⁶ Grifo meu.

fenômeno da variação e mudança linguística, sob o escopo da gramaticalização, não estão distantes do que postulou Coseriu (1983) em meados da década de 1980.

A abordagem de viés unicamente histórica de Coseriu (1983) serve-nos de impulso para outras possibilidades investigativas e que consideram os fatores sociais, culturais e cognitivos como elementos envolvidos na mudança linguística. Mudança esta que pode ser vista, dentre vários aspectos, sob o prisma da alteração entre forma e função.

Nessa linha estão as pesquisas de Bybee (2010), por exemplo, que têm se aproximado dos estudos da biologia, da etologia e da psicologia divulgados por Michael Tomasello (1992, 2003, 2013), da linguística de Croft (2000), entre outros. Além destes, crescem as pesquisas que consideram que a mudança linguística, vista a partir da gramaticalização, não está circunscrita a uma palavra ou termo, mas a um escopo maior que envolve o contexto histórico de uma construção e revela o pareamento forma e significado, como postula Goldberg (2010 [2006]). Aliás, o próprio Labov (2008 [1972], p.21)¹⁷, em seus ensaios sociolinguísticos, admite que não é possível compreender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta “a vida social da comunidade em que ela ocorre [...]”, porque “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (*op. cit.*).

Sim, existe mudança linguística, mudança categorial, mudança funcional. Por essa razão, a afirmação de Coseriu, lida quase três décadas depois, deve ser compreendida sem desconsiderar a sua importância histórica, tentando adequá-la como ponto de partida imprescindível para a compreensão das diferentes formas de se perceber a mudança linguística as quais serão citadas e discutidas neste trabalho. Para a finalidade deste estudo, em que observo os usos funcionais de uma perífrase, a mudança atinge outros patamares, tais como a reinterpretação semântica induzida pelo contexto, a reanálise sintática e a recategorização morfossintática. Eis a razão que justifica o estudo da mudança linguística sob os critérios da gramaticalização.

¹⁷ In: LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. [original: *Sociolinguistic patterns*]. Trad. Marcos Bagno, M^a Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008 [1972]. p.21.

1.1. A mudança sob a ótica da gramaticalização

O texto *L'évolution des formes grammaticales*¹⁸ de Meillet (1975 [1912]), publicado na primeira década do século XX, tornou-se referência comumente citada pelos pesquisadores que investigam a mudança linguística condicionada ao princípio cognitivo de que velhas formas podem assumir novas funções numa língua, proposto por Werner e Kaplan (1963). Nele, o linguista francês discorre sobre a inovação analógica nas línguas e propõe que

*Tandis que l'analogie peut renouveler le détail des formes, mais laisse le plus souvent intact le plan d'ensemble du système existant, la « grammaticalisation » de certains mots crée des formes neuves, introduit des catégories qui n'avaient pas d'expression linguistique, transforme l'ensemble du système.*¹⁹ (MEILLET, 1975 [1912], p.133)

Para Meillet (1975), enquanto a analogia é capaz de renovar detalhes de formas, deixando, geralmente, a estrutura do sistema intacta, a gramaticalização de certas palavras cria novas formas, introduz categorias que não tinham expressão linguística anteriormente, transformando todo o sistema. Tais inovações, afirma o linguista francófono, são o resultado do uso que fazemos da língua e não uma consequência imediata e natural. E esse fenômeno não está restrito apenas à dimensão morfológica. Meillet (1975) já antecipava que o valor expressivo da ordem dos constituintes da oração segue o mesmo princípio que rege a gramaticalização de palavras²⁰.

Ainda em seu texto fundador, Meillet (1975[1912]) menciona alguns dos autores que, de certo modo, já apresentavam indício de uma linguística dedicada à observação dos fenômenos analógicos entre diferentes línguas. Refere-se aos estudos históricos e comparativos do fundador da gramática comparada das línguas indo-europeias, Franz Bopp (1884). Também menciona o movimento dos neogramáticos alemães iniciado em 1870 por Brugmann (1905) e Hermann Paul (1880), entre outros. É de Hermann Paul o ensaio *Prinzipien der Sprachgeschichte*²¹, no qual o autor expõe os princípios dessa nova escola, que, de acordo

¹⁸ Tradução sugerida: A evolução das formas gramaticais.

¹⁹ Tradução sugerida: Enquanto a analogia pode renovar os detalhes de formas, mas na maioria das vezes deixa intacto todo o nível do sistema existente, a "gramaticalização" de certas palavras cria novas categorias que não tinham expressão linguística, transformando todo o sistema.

²⁰ No original: "La valeur expressive de l'ordre des mots, que l'on observe en latin, a été remplacée par une valeur grammaticale. Le phénomène est de même ordre que la « grammaticalisation » de tel ou tel mot." (MEILLET, 1975[1912], p.148).

²¹ Tradução livre: Princípios da Linguística Histórica.

com Meillet, é essencialmente uma teoria da analogia. Há, ainda, menção ao trabalho de Henry (1896) que desejava difundir na França as ideias dos neogramáticos para o estudo da analogia.

Assim, ainda que o termo Gramaticalização tenha sido cunhado por Meillet no início do século XX, o conceito da evolução do sistema linguístico já era desenvolvido pelos comparativistas e, especialmente, pelos neogramáticos por volta dos últimos anos do século XIX. Contudo, a partir da segunda metade do século XXI, tem-se um aumento considerável do estudo desse processo de mudança, principalmente entre os linguistas de filiação teórica funcionalista. No Brasil, tal estudo ganhou força a partir de finais do século XX, estendendo-se aos dias atuais²².

Após o seu advento, várias foram as definições atribuídas à gramaticalização. Heine, Claudi and Hünemeyer (1991, p.2), por exemplo, definem-na da seguinte forma: *“grammaticalization ... **where**²³ a lexical unit or structure assumes a grammatical function, or **where** a grammatical unit assumes a more grammatical function”*. Uma análise literal dessa definição em inglês sugere que a gramaticalização, para esses linguistas alemães, tem uma motivação locativa: a gramaticalização ocorre **onde** uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou **onde** uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical.

Além disso, quando Newmeyer (1998, p.227 *apud* TRAUGOTT, 2001) aponta críticas contra alguns dos princípios da gramaticalização, ele insiste que essa definição de Heine *et alii* (1991) passou a ser a “definição padrão”, em que o “*more*” (mais) aparece no lugar de “new grammatical function” (função gramatical nova), conforme apontou Traugott (2001). Claro que isso suscita algumas questões. Por exemplo, o que seria esse ‘mais’ gramatical? Uma conjunção estaria mais gramaticalizada do que uma preposição? Seria possível afirmar que sim, porque a primeira liga orações e a segunda, palavras, ou seria justamente o contrário? Traugott (2001), em resposta às críticas apresentadas por Newmeyer (1998), trouxe à tona

²² No Brasil, há vários grupos de investigação especializados em gramaticalização, dentre eles, o grupo do Rio de Janeiro em parceria com professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o D&G (Discurso e Gramática); o grupo da Unesp – Universidade do Estado de São Paulo –, com docentes de Araraquara e de São José do Rio Preto; o grupo da Universidade Federal de Goiás, coordenado pela Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão; e o grupo coordenado pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes com sede na Universidade de São Paulo.

²³ Grifo meu.

algumas reflexões e evidências empíricas contrárias aos questionamentos do referido linguista, como veremos mais adiante neste trabalho.

Traugott e König (1991), apoiados em Givón (1979), consideraram a gramaticalização um processo dinâmico, histórico e unidirecional. Trata-se, segundo eles, de um processo histórico unidirecional pelo qual itens lexicais, ao longo do tempo, adquirem um novo *status* como formas gramaticais e, nesse processo, chegam a codificar relações que ou não eram antes codificadas, ou eram codificadas de outra forma.

Ainda na década de 1990, agora na obra *Grammaticalization*, Hopper e Traugott (1998)²⁴ definem gramaticalização como um ‘processo’: “*we defined grammaticalization as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions*”²⁵. Os autores também caracterizaram esse fenômeno como um processo pelo qual as propriedades que distinguem orações de vocábulos derivam diacronicamente ou são organizadas sincronicamente.

Aproximadamente duas décadas depois, na apresentação da segunda edição de *Grammaticalization*, em 2003, a expressão “*the process*” (processo) foi subtraída. Definir a gramaticalização como um ‘processo’, dizem Hopper e Traugott (2003, p.xv), pode conduzir a erro interpretativo. Para alguns, alertam os linguistas, ela poderia sugerir a noção de uma força independente do ímpeto dos aprendizes e usuários da língua. Essa nunca foi a interpretação que queriam sugerir, porque, afirmam, somente as pessoas podem mudar a língua. Assim, para tornar sua definição mais clara, Hopper e Traugott (2003, p.xv) assim a reelaboraram:

*we **now**²⁶ define grammaticalization as the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical*

²⁴ Mesmo do *Grammaticalization* 2003.

²⁵ Tradução sugerida: Definimos gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais entram em certos contextos linguísticos para desempenhar funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizadas, continuar a desenvolver novas funções gramaticais.

²⁶ Grifo meu.

*functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions (op. cit.)*²⁷.

Essa revisão, por assim dizer, do conceito de gramaticalização, responde a uma das críticas apontadas por Newmeyer (1998, p.238)²⁸ para quem o termo “processo” é perigoso quando aplicado ao conjunto de desenvolvimento diacrônico. Segundo ele, esse termo sugere a interpretação de que tal desenvolvimento está sujeito a um conjunto de leis que são independentes da mente e do comportamento individual dos usuários da língua. Isso porque, para esse linguista alemão, nada transgeracional pode estar situado em qualquer faculdade humana. Crianças, afirma Newmeyer, não nascem com uma memória racial preenchida com os detalhes da história do modo como ouviram.

O problema para os gerativistas, argumenta Bybee (2010), reside em entender como um processo pode proceder na mesma direção entre indivíduos e gerações. De fato, reconhece a pesquisadora, esse problema ocorre se assumirmos que a mudança linguística somente pode tomar lugar durante a aquisição da língua pela criança, como defendem os seguidores de Chomsky (1998)²⁹. Entretanto, se os processos diacrônicos são continuamente empurrados para a frente por mecanismos que ocorrem quando a língua é usada por todos os falantes de uma geração, então assumimos a aplicação repetida de mecanismos sob a rubrica do termo “processo” como algo não “perigoso”, rebate Bybee (2010) à crítica de Newmeyer (1998). Bybee (2010) acrescenta ainda que os pesquisadores funcionalistas entendem que a gramaticalização é um *processo* também dependente da mente e do comportamento dos usuários da língua.

Essa discussão sobre o termo gramaticalização ganha eco nas reflexões de Silva (2012), que menciona outro problema agora relacionado à abrangência dos fenômenos linguísticos

²⁷ Tradução sugerida: **Agora**, definimos gramaticalização como a mudança pela qual itens e construções lexicais entram no contexto linguístico para servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, continuar a desenvolver novas funções gramaticais.

²⁸ No original: Newmeyer (1998, p.238): “*But I feel that the term ‘process’ is dangerous when applied to a set of ‘diachronic’ developments. The reason for the danger is that it invites one to conceive of such developments as being subject to a distinct set of laws that are independent of the minds and behaviours of individual language users. However, nothing transgenerational can be situated in ‘any’ human faculty. Children are not born with racial memories that fill them in with the details of the history of forms that they hear.*”

²⁹ Chomsky (1998), em sua Gramática Gerativa, tem defendido que a mudança linguística ocorre, prioritariamente, no período de aquisição de uma língua.

nem sempre relacionados. Segundo esse linguista cognitivista da Universidade Católica de Braga, Portugal, a investigação funcionalista e cognitiva dos últimos anos tem revelado sérios problemas teóricos e descritivos sobre a concepção desse fenômeno, contribuindo, inclusive, para uma certa erosão do conceito tradicional (2012, p.26).

Em simpósios e eventos acadêmicos realizados no Brasil, por exemplo, não é raro ouvirmos expressões como “gramaticalização clássica” em referência aos trabalhos que seguem os estudos de Lehmann (1982), Hopper (1991), Hopper e Traugott (1993), Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), Heine (2002), Heine & Kuteva (2002), Goldberg (1995, 2010), entre outros. Isso sugere que há outra(s) gramaticalização(ões), que não segue(m) o mesmo modelo ou que emprega(m) essa noção para categorizar processos de mudança linguística diversos daqueles que, de fato, revelam a mudança de um item ou construção de uma categoria [+lexical] para outra [+gramatical], ou de uma [-gramatical] para [+gramatical] ainda.

Lehmann (2008, p.207) assume que o slogan “*from discourse to syntax*”³⁰, proposto por Sankoff e Brown (1976) e Givón (1979), tem estado entre os estudos de gramaticalização desde o início dos trabalhos nessa área. Para esse linguista germânico, a estrutura textual, que gerou a gramática (principalmente a sintaxe), a partir do pré-gramatical, tornou-se um dos fundamentos da teoria da gramaticalização³¹. Assim, a gramática é por ele representada por signos que são formados regularmente e que são orientados analiticamente. Para Lehmann, o léxico, por sua vez, está vinculado àqueles signos que são formados irregularmente e que são orientados holisticamente. Por essa razão, o fenômeno da formação da perífrase *sendo que* é um tema capaz de ser abordado dentro de uma perspectiva que considera a reorganização analítica da gramática via gramaticalização.

É a partir dessa definição de léxico e gramática que passa a ser compreensível a aplicação, neste trabalho, do conceito de gramaticalização proposto por Lehmann (2002). Por exemplo, a expressão alemã *auf Grund (von)*, segundo Lehmann – traduzida por ‘com base em (de)’ –, antes de chegar a ser gramaticalizada em uma preposição gramatical do alemão, teve de, primeiramente, ser lexicalizada para a preposição lexical *aufgrund (von)*, com o significado

³⁰ Tradução sugerida: Do discurso para a sintaxe.

³¹ No original: “*The genesis of grammar – firstly, syntax – out of pre-grammatical, textual structure has come to represent one of the corner-stones of the theory of grammaticalization*”.

de ‘devido a’. Logo, para Lehmann (2002), a gramaticalização pressupõe lexicalização. Lexicalização e gramaticalização são processos que têm muito em comum e são, de certo modo, paralelos, afirma o pesquisador.

A esse respeito, Brinton e Traugott (2005) afirmam que, claramente, a lexicalização é um processo muito menos condicionado do que a gramaticalização. Esta é tão direcionada e também tão sistemática interlinguisticamente que necessita ser procurada nas funções dos itens gramaticais. Os elementos gramaticais são marcadores esquemáticos altamente abstratos, com a função primeira de representar a perspectiva do falante na situação comunicada, ou de obter outras informações para com elas poder fazer outras coisas³², conforme indicam as autoras. A lexicalização, por sua vez, é o processo pelo qual novos itens tornam-se lexicais a partir de processos ordinários de formação de palavras, de fusão e decréscimo de composicionalidade, ou de processos de separação resultando num aumento de autonomia no sistema, segundo Brinton (2002).

Lehmann (2002) adverte que o espelho³³ da gramaticalização é a degramaticalização, e o espelho da lexicalização é a etimologia popular. Logo, não é correto afirmar que a lexicalização é o reverso da gramaticalização. Para Lehmann, ambos são processos de redução (LEHMANN, 1989), mas em sentido diferente. A gramaticalização reduz a autonomia de uma unidade, deslocando-a para uma mobilidade menor, de nível gramatical mais estritamente regulado, especificamente, para o canto inferior direito do esquema de Lehmann (2002) que está a seguir representado. Já a lexicalização reduz a estrutura interna de uma unidade, deslocando-a dentro do inventário linguístico, mais precisamente, para o lado esquerdo do mesmo esquema. Essa concepção de Lehmann (2002) é apresentada no quadro 3:

³² No original: “Clearly, lexicalization is far less constrained by various types of linguistic processes than grammaticalization is. The answer to the question why exactly grammaticalization is so constrained and also so systematical items. (...) grammatical items are highly abstract, schematic markers, the prime function of which is to represent the speaker’s perspective on the situation or to get others to do things.” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p.109).

³³ No sentido de imagem invertida ou reflexo.

Quadro 3: Continuum léxico e gramática. Modelo proposto por Lehmann (2002, p.3)

Lehmann (2002) assim explica a sua representação: no eixo horizontal, o léxico difere da gramática. O eixo vertical é associado à hierarquia do nível da estrutura gramatical. O último nível está, obviamente, representado somente parcialmente no léxico. A parte mais idiossincrática do léxico é a morfofonêmica, que contém todos os morfemas lexicais e gramaticais da língua.

Assim, acessar uma informação ³⁴ XY holisticamente significa tratá-la como uma entrada no inventário, como um item lexical. Se esse modo de acesso para XY recebe maior proeminência na atividade linguística, tem-se o passo inicial para lexicalização dessa sequência. Por outro lado, de acordo com Lehmann, acessar uma informação XY analiticamente significa tratá-la como uma construção gramatical em que as propriedades estruturais de X ou Y, ou de ambos, importam e fazem uma combinação regular ao padrão. Se esse modo de acesso torna-se mais proeminente na atividade linguística, tem-se o passo inicial para a gramaticalização de XY (LEHMANN, 2002)³⁵.

O modelo de Lehmann (2002) prevê que as classes de palavras estão, muitas vezes, divididas entre o grupo lexical e o grupo gramatical. Com isso, convencionou-se que

³⁴ Lehmann (2002) emprega o termo ‘*collocation*’ (op. cit., p.3). Para nós, o significado parece ser de ‘informação’. Para não deturpar o sentido pretendido pelo autor, entretanto, optamos pela tradução literal.

³⁵ No original: “Accessing a collocation XY holistically means treating it as an entry of the inventory, as a lexical item. If this mode of access to XY gets more prominent in language activity, it is the initial step of the lexicalization of this sequence. Accessing a collocation XY analytically means treating it as a grammatical construction in which the structural properties of either X or Y or both matter and make a regular contribution to the pattern. If this mode of access gets more prominent in language activity, it is the initial step of the grammaticalization of XY.” (LEHMANN, 2002, p.3-4).

substantivos, adjetivos e verbos formam a classe das palavras lexicais; e as preposições, conjunções formam a classe das palavras gramaticais. Em um exemplo extraído do espanhol – aqui convertido para o português –, Lehmann (2002) questiona essa divisão das classes de palavras:

Lexical		Gramatical	
Categoria	Exemplo	Categoria	Exemplo
Substantivo	posse	Pronome	sua
Adjetivo	vermelho	Pro-adjetivo ³⁶	tal ³⁷
Verbo	existir	Auxiliar	ser ³⁸
Advérbio	atrás	Advérbio dêitico	ali
Preposição	trás ³⁹	Prep. Gramatical	de
Conjunção	enquanto	Subordinador	que

Quadro 4: Membros lexicais e gramaticais de palavras do português (baseado em LEHMANN, 2002, p.8)

De acordo com esse quadro, uma palavra que indica posse, como o próprio substantivo ‘posse’, pode pertencer ao léxico como também à gramática, se considerada a semântica do pronome possessivo ‘sua’, por exemplo. Um verbo como ‘existir’ está no léxico, enquanto que ‘ser’, com função auxiliar, pode ser adequadamente disposto no grupo das palavras gramaticais. Contudo, esse mesmo verbo serve de exemplo da fluidez semântico-funcional dos signos linguísticos, uma vez que ele é capaz de migrar de uma categoria para outra dentro do *continuum* léxico > gramática abaixo representado:

Figura 1: *Continuum* léxico > gramática⁴⁰

³⁶ Pronome-adjetivo.

³⁷ Com o sentido de ‘semelhante’, ‘igual’.

³⁸ Como será apresentado nesta tese, um dos significados do verbo ‘ser’ é o existencial.

³⁹ Ex.: *Ele está por trás dessa mentira.*

⁴⁰ A categoria [- Lexical] já revelaria aspectos funcionais, logo, gramaticais.

As ocorrências históricas da forma *sendo*⁴¹ revelam as potencialidades funcionais desse signo, cuja acepção semântica e funcional ora é mais lexical, ora menos (como um auxiliar), ora mais gramatical.

- (4) E em comprimento de mandado d' el-rey seu pay, o principe foy alçado por rei com sua solenidade em Santarem nos alpendres de Sam Francisco, aos dez dias do mes de Novembro de mil e quatrocentos e setenta e sete ãnos, e nam com poucas lagrimas / suas e dos que com elle eram. **Sendo** presentes o duque de Bragança e ho marquês de Montemor seu yrmão, ho arcebispo de Lisboa, ho bispo d' Evora Dom Garcia, ho bispo de Coimbra, e o bispo de Viseu, ho conde de Villa Real (16DF PP, 15)
- (5) Este medo vos ofereço por desculpa do pouco que de Vós digo; contudo, é melhor que me achem curto que excessivo em tão justificado testemunho. Agora julgo por demais a recomendação desta obra, muito mimosa entre as minhas, **sendo** costume dos que se viram em trabalhos amar sumamente a tudo o que lhes serviu neles. Estes desvarios me fizeram boa companhia, ajudando-me a passar saudades e solidões entre a porfia destes mares e a aspereza destas penhas donde vivo. (17 DF PP, 2)
- (6) Pedro Neto e Bisneto dos Reys Nobres Dom Affonso e Dom Deniz Reys, e Princepes que foram destes Reynos de Portugal e do Algarve etc. quanta merce e bem recebemos de Nosso Senhor Deos prazer lhe de sermos do sangue e linhagem direita dos ditos Reys e Principes e quanto somos theudos aos povos dos ditos Reynos a os emparar e defender, e arredar de toda sujeição quanto em nos for pola natureza que comosco ham e Nos com elles e pera esto juntos na Cidade de Coimbra no mez de Abril desta era de 1423 annos, que ora corre, **sendo** Nos per elles requerido pera tomar titulo, e nome de Rey; consentimos a ser Rey, e Senhor destes Reynos, e Defensor da liverdom e izençom delles. (15DF PP 14DF, 6)⁴²
- (7) Vimos logo que a todos estes grêmios de gente se estendeu a vara do castigo: ou do ferro, ou do cordel, ou da reclusão, ou do exílio; mas não vimos que, sendo a tormenta tão levantada que as ondas apagaram as estrelas, molhasse agua destas ondas a esfera dos letrados, **sendo que** mostra a razão não podiam ser todos os suspeitosos inocentes, como o não foram todos os mais criminosos de profissões diversas. Apolo - Largo, mas verdadeiro discurso: assi foi pontualmente. (17 DF PP, 16)

Não é possível afirmar categoricamente que a gênese da perífrase *sendo que* segue o *continuum* proposto acima e exemplificado nos excertos de (4) a (7). É possível, contudo, verificar os valores assumidos por *sendo* no período que compreende os séculos XIV, XV e XVII. Inicialmente, em (4), '**Sendo** presentes o duque de Bragança e ho marquês de Montemor',

⁴¹ Reconheço que a forma 'sendo' não pode ser analisada sem referência à sua fonte 'ser', conforme desenvolvo mais adiante neste texto. Aqui, contudo, faço menção ao *sendo* como uma construção de gerúndio com *status* funcional a ser investigado.

⁴² O dado aparece no *corpus* de Davies e Ferreira (2006) etiquetado como o ano de 1300, mas, no próprio documento, há menção ao ano de 1432, ou seja, século XV.

tem-se a forma *sendo* com sentido ambíguo, concorrendo com ‘estar’ e com valor mais lexical. A seguir, em (5), ‘**sendo** costume dos que se viram em trabalhos amar sumamente a tudo o que lhes serviu neles’, o valor da origem em *sum*, como será descrito mais adiante, mostra-se mais evidente numa construção predicativa: *é* costume..., também como verbo cópula. Em (6), ‘**sendo** Nos per elles requerido pera tomar titulo’, a forma *sendo* participa de uma construção verbal: ‘nos **sendo requerido** por eles’, assumindo valor auxiliar. Já em (7), ‘**sendo que** mostra a razão não podiam ser todos os suspeitos inocentes’, tem-se a perífrase *sendo que* desempenhando uma função conjuntiva adverbial: ‘**como** mostra a razão, não podiam ser todos os suspeitos inocentes’.

Lehmann (2002), ao analisar alguns tipos de conjunções e locuções conjuntivas complexas do espanhol⁴³, como *em la medida en que* (na medida em que), *a pesar de que* (apesar de que), *a no ser que* (a não ser que), *pese a que* (embora), *aunque* (embora), aponta que todas elas têm em comum o último elemento: a conjunção primária ‘que’. Afirma o linguista que somente quando ocorre a mudança completa em uma conjunção simples, conforme ‘como’ e ‘mientras’ (enquanto), o ‘que’ desaparece. Para várias dessas conjunções complexas, a subordinação é sintaticamente regular, afirma o linguista. Por exemplo, em *a pesar de [que S⁴⁴]*, *después de [que S]*, *pese a [que S]*. Com o tempo, a locução passa a figurar sem o *que*⁴⁵.

Com base nos exemplos do espanhol, Lehman (2002) apresenta a seguinte gênese das conjunções complexas por reanálise:

a. <i>input</i>	[[SSR	[SR	[S]	]NP]PrepP	]AdvP
b. <i>output</i>	[[sec. conj.	]	[S]		]AdvP

Quadro 5: Gênese das conjunções complexas (LEHMANN, 2002, p.11)

⁴³ Percebe-se que Lehmann (2002) se refere às locuções conjuntivas adverbiais.

⁴⁴ S = Sentença.

⁴⁵ Lehmann (2002) afirma em nota que Meillet (1915) está entre os primeiros a analisar a gênese das conjunções do Romance em termos de gramaticalização. No Brasil, Lima-Hernandes (2010) realizou um estudo sobre a gramaticalização de construções *X-que* e apontou o desenvolvimento histórico e sociocognitivo de algumas locuções adverbiais do PB.

Nessa representação, o padrão sintático da formação de conjunções complexas é baseado na combinação de um SSR (*semantically specific relator*) com uma oração subordinada. Esta, por sua vez, é formada a partir de uma conjunção vazia semanticamente (SR = padrão para '[*generic*] subordinator'). Essa conjunção serve apenas à função estrutural da oração subordinada. Uma vez isso garantido, a natureza sintática do SSR e a sua relação sintagmática para com a oração subordinada passam a ter importância secundária. No espaço SSR encontram-se combinações de preposições e advérbios; e a relação sintática entre os dois sintagmas varia consideravelmente. Se o SSR termina numa preposição, ele governa a oração subordinada, caso contrário ele tem uma relação modificadora ou apositiva à última, conforme expõe Lehmann (2002).

A conjunção ou locução conjuntiva desenvolvida funcionalmente contém um subordinador e, em virtude disso, leva diretamente uma oração como seu complemento. Na análise de Lehmann, esse estado é simbolizado pelo *output*. Nessa última fase, o subordinador 'que', que permanece visível em '*porque*' e '*aunque*', pode ser suprimido, a exemplo de '*como*' e '*mientras*' (enquanto).

O caso de *sendo que* parece comprovar a hipótese de Lehmann (2002) no que diz respeito à formação da perífrase *sendo + que*, como será demonstrado no capítulo de análise desta tese. Contudo, tem-se o cuidado para não se precipitar com um pareamento direto entre as locuções analisadas por Lehmann (2002), na maioria, de valor adverbial, e a locução *sendo que*, que pode assumir valor adverbial, além de outros. Acredito, contudo, ser possível uma aproximação metodológica com esse tipo de análise, uma vez que, conforme mostraram os dados, orações subordinadas – reduzida de gerúndio e relativa encabeçada por 'que' – estão provavelmente envolvidas em uma das hipóteses de formação da perífrase *sendo que*.

Já o percurso de *sendo certo que* para *sendo que* pode ser analisado a partir do padrão lexicalização > gramaticalização proposto por Lehmann (2002). Isso, contudo, ainda não explica totalmente o que ocorre quando o *sendo*, antes mesmo do *sendo que*, já assumia valor conjuntivo, em contextos como os apresentados acima, conforme o dado citado em (7) sugere: "A diferença que entre elles há, he que a Nuvem, **sendo** mais leve se levanta, e sustenta no ar, e o Nevoeiro, **sendo** mais pezado, fica mais proximo da terra". Uma paráfrase

possível seria: ‘é que a nuvem, **porque** mais leve, se levanta (...) e o nevoeiro, **porque** mais pesado, fica mais próximo da terra’.

A *gênese*, termo empregado por Lehmann (2002), dessa construção pode estar numa configuração sintática anterior, em que a estrutura assim se dispunha: ‘e o nevoeiro, **como é** mais pesado, fica mais próximo da terra’. Uma vez empregada a forma *sendo*, tem-se a redução de uma construção desenvolvida formada por uma conjunção (‘como’ ou ‘porque’ = causa) seguida do verbo ‘ser’ numa forma finita, indicada pela flexão em terceira pessoa: ‘é’. Mais tarde, outra configuração sintática, agora com a perífrase *sendo que*, passa também a desempenhar função de causa: ‘**sendo que** o nevoeiro é mais pesado, fica mais próximo da terra’. Nesse contexto, ocorre também uma reanálise semântica e a forma *sendo* já não possui traços lexicais, tais como estar condicionada a um argumento externo [+ animado] ou [+ humano], nem mesmo correlaciona, como verbo cópula, o sujeito e o predicativo. No caso em questão, ela assume o papel de uma locução conjuntiva: apresenta integração sintática entre duas orações e executa a função de um conector gramatical subordinativo, operando, assim, no nível gramatical, logo, mais à direita do modelo proposto por Lehmann (2002) e apresentado no quadro 3.

À semelhança do que acontece com as locuções conjuntivas complexas, segundo Lehmann (2002), o processo sucessivo de lexicalização e gramaticalização também estaria por trás da formação das locuções menos complexas, como a locução prepositiva ‘*a base de*’⁴⁶ no espanhol e que equivale em português a ‘em base de’ ou ‘com base em’⁴⁷. Na análise proposta por Lehmann (2002), essa passagem é frequentemente chamada de gramaticalização do substantivo *base* para a locução prepositiva *a base de*. Na verdade, segundo ele, o

⁴⁶ Grafia do espanhol. Em português seria ‘à base de’, com acento indicador de crase no ‘a’.

⁴⁷ Numa rápida pesquisa na ferramenta de busca do Google brasileiro, encontrei ocorrências como estas: a) *Permanência definitiva com base em união estável*; e b) *TJM realiza Mutirão Carcerário com base em Resolução do CNJ*. Contrastados os valores semânticos das duas ocorrências, percebemos que em (b) o traço [+ gramatical] parece estar mais evidente. Em (a), a união estável é a base para a permanência definitiva. Em (b), a Resolução do CNJ não é a base para que a TJM realize um mutirão carcerário. Neste caso, ela funciona como elemento reportativo, equivalente às expressões ‘segundo...’ e ‘conforme...’, indicando que o ato que será executado baseia-se, legalmente, numa determinada Resolução. Sintaticamente, podemos inverter a ordem em (b) mantendo o seu sentido: ‘Com base na (em + a) Resolução do CNJ, TJM realiza mutirão carcerário. O mesmo recurso, aplicado à sentença em (a), gera uma sequência agramatical. Segundo Hattner (2012, p.6), apoiada na teoria da GDF (Gramática Discursivo Funcional), a “reportatividade, que opera na camada do Conteúdo Comunicado no Nível Interpessoal, indica que o falante não está expressando seu próprio material cognitivo, mas está passando adiante a opinião de outros.”

pertencimento de qualquer unidade linguística numa classe de palavras, tal como as preposições, implica, primeiro e principalmente, o seu pertencimento ao inventário, isto é, ao léxico geral da língua. Ainda para esse linguista, a gênese de uma locução prepositiva como *a base (de)* é, portanto, antes de tudo, um processo de lexicalização dessa sequência. Uma vez criado o novo item lexical, ele pode sofrer gramaticalização, ou seja, ele pode funcionar como um elemento gramatical.

A questão aqui, contudo, é saber se esse mesmo princípio dará conta de itens e construções que já estão na gramática e passam a desempenhar funções ainda mais gramaticais, como ocorre com a perífrase *sendo que*. Lehmann (2002) parece antecipar uma crítica nesse sentido, citando os casos do inglês *wanna* (quero) e *gonna* (vai). No primeiro, argumenta Lehmann (2002) que a combinação de um morfema lexical e gramatical lexicalizou uma forma para servir a uma função modal. No segundo, *gonna*, a combinação do *going* semigramaticalizado com um morfema gramatical (*to*) é lexicalizado e gramaticalizado ainda mais. Basicamente, então, entendemos que para Lehmann a lexicalização ocorre quando a ‘nova’ forma entra no inventário linguístico, como novo item ou construção, e, no que respeita à função que passa a desempenhar, ela sofrerá (ou não) gramaticalização. Segundo as palavras de Lehmann (2002, p.16), assim se daria esse processo:

We have seen that prepositions and conjunctions come about not by grammaticalization, but by lexicalization. Once they have come into existence, they may then be grammaticalized. Lexical change, however, is much more ephemeral than grammatical change. From among all the new prepositions and conjunctions, only a fraction is grammaticalized. All the others are abandoned and replaced by other neologisms. Those numerous complex prepositions and conjunctions which constantly come and go do not indicate incomplete grammaticalization processes, but are simply products of lexical change.

Em outras palavras, conclui Lehmann (2002) que as preposições e as conjunções não ocorrem por gramaticalização, mas por lexicalização. Uma vez que elas passam a existir, podem, e só então, ser gramaticalizadas. Entretanto, a mudança lexical é muito mais efêmera do que a mudança gramatical. Dentre todas as preposições e conjunções novas, somente uma fração é gramaticalizada. Todas as outras são abandonadas e substituídas por outros neologismos. Diante dessa condição, afirma Lehmann, as várias conjunções e preposições

complexas que constantemente aparecem e desaparecem na língua não indicam um processo de gramaticalização incompleto, são simplesmente produtos resultantes de mudança lexical.

Tais considerações conduziram-me a um dos princípios basilares da gramaticalização e que se refere ao padrão cognitivo subjacente a esse processo: do [+concreto] para o [+abstrato]; no nível semântico: do [+pleno] de conteúdo referencial para o [+vazio] de sentido; e, no nível morfossintático: do [+lexical] para o [+gramatical]. Esse padrão de mudança de estatuto informacional e de categorização gramatical sustenta um princípio caro à gramaticalização: a unidirecionalidade. Dentre os modelos que defendem a unidirecionalidade da mudança linguística, dois são os mais conhecidos: o *continuum* da evolução das categorias cognitivas de Heine, Claudi & Hünnemeyer, 1991; e o *continuum* do processo de evolução das estruturas sintáticas e morfológicas proposto por Givón (1979).

1.2. O princípio da unidirecionalidade na mudança linguística por gramaticalização

Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991) propõem um *continuum* de mudança que representa motivações cognitivas, via, principalmente, processos metafóricos: “*we have argued elsewhere that the process underlying grammaticalization is metaphorically structured*” (op. cit., p.157), ou seja, o processo subjacente à gramaticalização é estruturado metaforicamente. A relevância desse processo, segundso os autores, demonstra que uma categoria mais básica pode ser organizada anteriormente a outra mais abstrata. Essa abstração metafórica⁴⁸ serve para relatar conteúdos mais abstratos, em relação a outros mais concretos, por meio de domínios conceptuais. Para exemplificar esse processo, os pesquisadores alemães apresentam um modelo que tem início na categoria PESSOA e tem a sua última instância na categoria QUALIDADE, assim disposto: PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE (op. cit., p.157).

A partir desse conceito, são licenciadas expressões como: *Suas **costas** estão geladas* > *Ele está **atrás** da casa* > *Ele ficou para **trás*** > *Ele morreu há tempos **atrás*** > *Ele é **atrasado*** (no

⁴⁸ Os autores atribuem o termo “*metaphorical abstraction*” a Schneider (1979).

sentido de cognitivamente incapaz ou deficiente)⁴⁹. A deriva semântica e funcional dessas frases é um claro exemplo do que Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) defendem como papel estruturante da metáfora no processo de gramaticalização. A transferência metafórica é descrita em termos de transferência de domínio conceptual.

Cognitivamente, o que temos nesses exemplos é um *continuum* de abstratização da noção de espaço que, inicialmente, codifica OBJETO (costas – em inglês *back* –) > ESPAÇO (atrás da casa, ficou para trás) > TEMPO (tempos atrás) > QUALIDADE (é atrasado). Tem-se nesse processo o que Givón (1975) chamou de *bleaching semantic*, uma espécie de ‘branqueamento’, ou melhor, de ‘opacidade’ semântica, que Lehmann (1982) preferiu denominar *semantic depletion*, ou esgotamento semântico. Atualmente, essa noção tem sido desenvolvida a partir de uma perspectiva que considera duas operações semânticas em curso: a opacidade dos traços semânticos da forma fonte e o acréscimo de novos traços à forma alvo (SWEETSER, 1988 *apud* HOPPER and TRAUGOTT, 2003). A respeito do desenvolvimento do futuro com *go* (ir), Sweetser (*op. cit.* p. 94) afirma: “**we lose**⁵⁰ the sense of physical motion [...] **We gain**⁵¹, however, a new meaning of future prediction or intention – together with its likely background inferences”⁵².

Nesse sentido, o *bleaching semantic* não ficaria reduzido à noção de perda de sentido, uma vez que novos significados – até mesmo funcionais – são incorporados a itens ou construções quando transpõem o limite entre a codificação de noções mais concretas para outras mais abstratas. Tudo isso, na verdade, não deixaria de ser, como dizem os pesquisadores alemães da Universidade de Colônia, que a gramaticalização é o resultado de uma estratégia de resolução de um problema: aqueles conceitos que são mais imediatamente acessíveis à experiência humana são empregados para codificar expressões de menor acessibilidade, ou seja, conceitos mais abstratos (HEINE, CLAUDI E HÜNNEMEYER, 1991).

⁴⁹ Esses exemplos tiveram como inspiração os casos citados por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p.161) de dados de línguas africanas (*meḡbé*), equivalente ao *back* do inglês e ao *atrás* do português. No português, contudo, não se trata de um caso de gramaticalização.

⁵⁰ Grifo meu.

⁵¹ *Idem*.

⁵² Tradução sugerida: Perdemos o sentido de movimento físico; ganhamos, entretanto, um novo significado de intenção ou predicação futura – junto com sua provável inferência histórica.

Pertinente a essa proposta unidirecional, Lima-Hernandes (2009, 2010) apresenta uma ampliação e sugere a alteração da ordem desse *continuum* para: [CORPO] > PESSOA > OBJETO > [ATIVIDADE] > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE. Com isso, propõe um estágio perceptual anterior à categoria PESSOA, porque, segundo a pesquisadora da Universidade de São Paulo, se fizermos uma analogia com a fase de desenvolvimento humano, “na evolução do bebê, a consciência de suas partes (mãos, pés, braços, boca etc.) é primitiva em relação ao todo” (LIMA-HERNANDES, 2010, p. 90), portanto, anterior à noção de *pessoa*. Por sua vez, a categoria de PROCESSO é posterior à de TEMPO; logo, está mais à direita no *continuum* de mudança, uma vez que *processo* pressupõe uma ação no *espaço* e no *tempo*.

Nessa operação, a metonímia é outro mecanismo também empregado no *continuum* de abstratização linguística. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) consideram a metáfora e a metonímia fenômenos complementares, e não distintos, na mudança gramatical. Traugott e König (1991, p.212) definem-na como a mudança que envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente, ainda que encoberto, no contexto⁵³. Ela é fundamental para a reanálise⁵⁴ sintática, uma vez que favorece a reinterpretação sugerida pelo contexto subentendido. O caso do verbo *ir* no português, tão citado nos trabalhos sobre gramaticalização tanto no português como noutras línguas, a exemplo do inglês *be going + to* é um exemplo desse processo. Por reanálise sintática e semântica, essa forma passa de verbo principal – *Ele foi à padaria para comprar pão* –, para auxiliar de futuro, como em *Vou sair cedo*⁵⁵, em que tal construção codifica uma intenção. Numa reanálise sintática, o SAdv⁵⁶ (‘à padaria’) é suprimido por ser uma informação previsível, portanto, recuperada pelo contexto,

⁵³ No original: “Metonymic change involves specifying one meaning in terms of another that is presente, even if only covertly, in the context.” (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p.212).

⁵⁴ Reconheço que a reanálise se aplica, num modelo clássico (HARRIS e CAMPBELL, 1995), ao encadeamento sintático.

⁵⁵ Cabe, contudo, uma nota a respeito da perífrase *IR + infinitivo*. Durante o curso de Linguística Histórica, ministrado pela Profa. Dra. Ana Maria Martins (2013), na Universidade de Lisboa, soube que no catalão, língua falada principalmente na região da Catalunha (Barcelona, Espanha), a construção *anar + infinitivo*, que equivale ao nosso *IR + infinitivo*, semanticamente, codifica passado. Em catalão, ‘*Vaig sortir ahir*’, pode ser traduzido para o português como: ‘Saí ontem’. A mesma estrutura (*Vaig*^{Anar1ª p.s.presente indicativo} + *sortir*^{infinitivo} + *ahir*^{adv.tempo}) equivale, em português, a ‘Vou sair (ontem)’. ‘*Vaig parlar amb ella*’ tem o sentido de ‘Eu falei com ela’, ou seja, de passado. Estrutura idêntica em português gera o futuro: ‘Vou falar com ela’. Esse fenômeno merece cuidadosa investigação, principalmente para compreender o princípio cognitivo que o desencadeia. A questão é saber por que uma construção do tipo *be going + to*, que tradicionalmente é vista nas línguas em que ocorre como a gramaticalização de uma perífrase que marca tempo futuro, codifica o pretérito perfeito numa língua de base românica. Fiz uma rápida pesquisa, não sistematizada, para procurar alguma referência científica sobre esse fenômeno, pouco encontrei.

⁵⁶ Sintagma Adverbial.

e conceptualmente mais concreta, uma vez que ‘à padaria’ codifica espaço físico (cf. LIMA-HERNANDES, 2010).

De acordo com o modelo das implicaturas conversacionais de Grice (1989), dir-se-ia que, no caso em epígrafe, a máxima da quantidade (*maxim of quantity*) foi acionada. Numa tradução do que diz Grice (1989), se a especificação apropriada de uma informação será necessária ao ouvinte para que ele consiga responder à determinada questão, há, então, uma pressuposição que o falante deveria incluir na sua observação. Se tal informação não for necessária, então não há tal pressuposição. Quando alguém diz que vai à padaria, está pressuposto, pelo menos para a maioria dos falantes do português, que será para comprar pão. *Vou comprar pão*, então, é suficiente para que a comunicação seja efetivada.

No caso da gramaticalização de construções, como será visto mais adiante, há um fenômeno em evidência nessa reinterpretação induzida pelo contexto, referido nos estudos de Diewald (2006) que pode ser traduzido por ‘coerção’. A *coerção* é entendida como o uso e reinterpretação de lexemas em construções anteriormente incompatíveis. Ela está baseada em procedimentos cognitivos e pragmáticos, como a extensão metafórica (transferência analógica) e as implicaturas conversacionais no sentido de Grice (1989). Assim, os falantes empregam extensões metafóricas ou metonímicas usando primeiro um item linguístico particular em um novo modo, ou melhor expondo, em uma nova construção contextualmente possível⁵⁷.

Assim, os falantes empregam extensões metafóricas ou metonímicas usando, inicialmente, um item linguístico particular em um novo modo, ou seja, em uma nova construção. Os ouvintes, por sua vez, (re)interpretam as expressões linguísticas novas – para isso lançam mão das implicaturas conversacionais – com base nos mesmos procedimentos cognitivos como aqueles usados na produção (cf. DIEWALD, 2006, p.10). Logo, quando o falante do português diz ‘Vou sair cedo’, o ouvinte interpreta o verbo ‘ir’ como movimento – anteriormente um deslocamento no espaço físico (*Ele foi à padaria para comprar pão*) –, que,

⁵⁷ Lima-Hernandes (2013), em orientação, afirma que há uma pressão por se enquadrar na moldura prévia qualquer uso que venha a surgir em determinado enquadre. Daí a noção de coerção.

neste ‘novo’ contexto, codifica um deslocamento temporal, indicando futuridade, marcando uma ação – ‘sair’ – que ainda decorrerá, além de gramaticalizar uma intenção.

Obviamente, não são apenas a metáfora e a metonímia os mecanismos acionados na gramaticalização de uma construção. Hopper (1991), em seu clássico texto “*On some principles of grammaticalization*”, propõe cinco princípios, aqui citados a título de menção: Estratificação, Divergência, Especialização, Persistência, De(s)categorização. Cada um deles opera num dado momento do processo, ou conjuntamente, ora indicando que novas camadas funcionais estão surgindo, ora demonstrando a divergência entre unidades mais ou menos autônomas, tendo, depois, o seu sentido estreitado, devido às características da construção gramatical emergente. A persistência indica o traço fonte, por exemplo, que carrega a forma gramaticalizada da sua origem histórica, até, finalmente, completar sua entrada numa outra categoria [+gramatical], conforme interpreta Hopper (1991).

Resumidamente, pode-se dizer que, para os autores citados, um conceito fonte pode dar origem a mais do que uma categoria e, reciprocamente, uma categoria gramatical pode ser historicamente derivada de mais de uma fonte conceptual ou estrutural. Os usos da construção *sendo que* parecem ilustrar bem a primeira asserção. Assim, sua evolução segundo critérios cognitivos tende a impactar a evolução das categorias gramaticais ou discursivas (ou em simultâneo), e esse processo conduz-nos ao *continuum* proposto por Givón (1979): Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero.

O *continuum* postulado por Givón (1979) permite compreender que o discurso oferece material para a sintaxe, que abastece os usos mais gramaticais, dentro da morfologia linguística, fazendo que, com o tempo, ocorra algum tipo de mutação morfêmica até, em alguns casos, um item desaparecer do sistema de uma língua, ainda que sua função seja uma necessidade comunicativa. Na minha interpretação, esse modelo segue o fluxo dos organismos vivos, numa sequência que sugere o nascer, o desenvolver-se e o fim natural, ou seja, a morte. Há termos na língua, contudo, que podem desaparecer, mas, quando isso acontece, outros podem assumir o seu lugar, ou ele mesmo pode reaparecer em algum outro momento da história de uma língua. Além disso, há construções que são tão antigas quanto a própria língua. Há aquelas que nunca se gramaticalizaram e há outras que estacionaram em um determinado ponto do *continuum*.

Uma das hipóteses incitada durante esta pesquisa, que será explicada com detalhes no capítulo IV, diz respeito ao passado etimológico da perífrase *sendo que* e é capaz de exemplificar o *continuum* de Givón (1979). Refiro-me ao termo *sendos*, feminino *sendas*, que existia no PP dos séculos XIII e XIV, com a função de um pronome adjetivo distributivo com o significado de ‘para cada um o seu’. Nos anos seguintes ao século XIV, ele já não aparece nos textos dessa variedade lusófona. Contudo, seu emprego persiste até hoje no espanhol peninsular e nas ex-colônias ultramarinas, como a Argentina, por exemplo.

1.2.1. A gramaticalização como reflexo evolutivo

A constatação de que os fatos históricos podem não ser regulares em todas as línguas levou-me a problematizar a noção de *continuum* de mudança visto pelo viés da gramaticalização.

Ao longo de sua existência, vários foram os potenciais contraexemplos apresentados para desqualificar a gramaticalização, principalmente o papel da unidirecionalidade nesse processo. Newmeyer (1998), em seu texto “*Deconstructing grammaticalization*”, intencionou desconstruir a gramaticalização defendendo o argumento de que a unidirecionalidade não é um princípio forte para garantir que a mudança linguística segue um padrão uniformemente regular.

Para rebater tais críticas, Traugott (2001) publicou o texto “*Legitimate counterexamples to unidirectionality*”⁵⁸. Nele, a linguista americana respondeu às críticas disparadas por Newmeyer (1998). Concernente à definição de que uma forma gramatical pode continuar a desenvolver novas funções gramaticais, responde a autora que as evidências empíricas e históricas demonstram que alguns itens gramaticais surgem já gramaticais, podendo, por um lado, ser inovados, sem uma história lexical, *a priori*, num passado mais ou menos remoto. Por outro lado, alguns itens gramaticais mostram enorme longevidade. O caso

⁵⁸ Tradução sugerida: Contraexemplos legítimos da unidirecionalidade.

do marcador distributivo *sendos/sendas* parece confirmar a primeira hipótese. A perífrase *sendo que*, por seu turno, reforça a segunda.

Na história da evolução humana, Traugott (2001) conclui que as mudanças ocorrem – incluindo aquelas caracterizadas como gramaticalização – e as marcas desse processo estão cravadas, historicamente, na gramática e no léxico da língua empregada desde o *homo sapiens*. Tomasello (2003), em suas investigações para explicar as origens culturais do conhecimento, afirma que

a dimensão mais importante do processo histórico no presente contexto é a gramaticalização ou sintatização em que, por exemplo, durante a evolução, palavras independentes tornam-se marcadores gramaticais e estruturas discursivas soltas e organizadas de modo redundante se congelam em construções sintáticas fixas e organizadas de forma menos redundante. (TOMASELLO, 2003, p.58)

Para esse psicólogo estadunidense do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, há muito ainda a ser respondido no tocante à ideia de que as línguas evoluíram de formas estruturalmente mais simples para estruturas mais complexas via gramaticalização. Entretanto, algo parece evidente, segundo as pesquisas de Tomasello (2003, p.60), “a gramaticalização e a sintatização são capazes de produzir importantes mudanças na estrutura lingüística em períodos relativamente curtos de tempo”⁵⁹. Nesse sentido, o princípio da unidirecionalidade, vinculado à gramaticalização, ainda que contestado por alguns – o que é natural, uma vez que o conhecimento científico não é um dogma –, tem sido reconhecido

⁵⁹ Vygostky (1998) defendia que, mesmo numa criança em idade escolar, “o uso funcional de um novo signo é precedido por um período de domínio da estrutura externa do signo. Da mesma forma, somente ao operar com palavras, que foram primeiro concebidas como propriedades dos objetos, é que a criança descobre e consolida a sua função como signo.” (VYGOSTKY, 1998 [1987], p.62). Além disso, ele também já apontava uma relação entre biologia e história, influenciado, diretamente, pelo materialismo histórico de Marx. Afirmava que “a natureza do próprio desenvolvimento se transforma, do biológico para o sócio-histórico” (op. cit., p.63). Para ele, “o pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala” (op. cit.). Conclui seu raciocínio dizendo que, “uma vez admitido o caráter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana.” (op. cit., p.63). Sabemos que as investigações de Vygostky (1998 [1987]) influenciaram sobremaneira a concepção de língua proposta por Dik (1989), mas também temos consciência de que não é essa visão sócio-histórica de raiz marxista que sustenta a concepção sociogenética proposta por Tomasello (2003), ou mesmo a noção de tempo logogenético levantada por Halliday (2004).

como um fenômeno interligado a fatores ontogênicos e mesmo filogênicos da evolução humana.

Aproximam-se dessa perspectiva investigativa, que considera fatores ontogênicos e filogênicos, os mais recentes trabalhos do linguista Halliday (2004). A gramaticalização é um conceito central dentro da perspectiva da gramática sistêmica de Halliday (2004), desenvolvida desde a década de 1960. Segundo esse linguista britânico e professor da Universidade de Sidney, Austrália, um sistema gramatical está organizado em torno do conceito de gramaticalização, pelo qual o significado é construído em redes de contrastes inter-relacionados. Halliday, no entanto, reconhece que o termo “gramaticalização” é um tanto problemático, porque está relacionado exatamente à noção de “processo”, já identificada por Hopper e Traugott (2003) e citado anteriormente.

Pertinente a essa questão, Halliday (2004) ilustra a gramaticalização como um processo que ocorre em três dimensões de tempo: (i) no tempo ontogenético, quando observamos o desenvolvimento inicial da linguagem das crianças, que representa a criação de uma protogramática para, a seguir, termos o desenvolvimento de um sistema gramatical; (ii) no tempo filogenético, ainda que não possamos observar diretamente a evolução da linguagem humana, podemos, diz Halliday, colher exemplos na história de línguas particulares; e (iii) o tempo que Halliday define como “logogenético” (*logogenetic*), relacionado ao desdobramento do discurso, quando uma passagem de determinada extensão, como uma oração ou algo maior, é recapitulado em uma simples palavra ou grupo.

Então, seguindo seu raciocínio, quando falamos do ‘sistema’ da língua, como o potencial subjacente que se instancia na forma de textos orais e escritos, especulamos a língua como o resultado da gramaticalização em desenvolvimento nessas três dimensões de tempo⁶⁰. Tal teorização é, obviamente, apenas possível em textos empíricos que, segundo Halliday (2004), são capazes de fornecer informações linguísticas a partir do que as pessoas dizem e escrevem.

⁶⁰ No original: “So when we talk of the ‘system’ of language, as the underlying potential that is instantiated in the form of text, we are in effect theorizing a language as the outcome of ongoing grammaticalization in all these three dimensions of time.” (HALLIDAY, 2004, p.47)

Ao considerar a ontogênese e a filogênese como instâncias temporais e envolvidas no processo de gramaticalização, a concepção de Halliday (2004) acaba por nos remeter aos trabalhos mais recentes sobre o papel da cognição no desenvolvimento de estruturas mais abstratas e funcionalmente mais complexas nas línguas, conforme defendido por Tomasello (1992, 2003, 2013), cuja abordagem, em torno da evolução linguística, tem se apoiado teoricamente nos estudos desenvolvidos por Traugott e Heine (1991a, 1991b), Hopper e Traugott (1993). Voltarei a essa questão na próxima seção, quando, no estudo das construções gramaticais, retomo alguns postulados de Tomasello (2003).

Antes, porém, cabe mencionar o papel do cérebro e da mente no processo de evolução linguística (e humana). De acordo com Del Nero (1997, p.109), nosso cérebro é uma fôrma. Uma espécie de placa de computador, onde se realizam operações do tipo “sim ou não” e outras do tipo “talvez”. Ou seja, um instrumento capaz de realizar processamentos lógicos e analógicos. Ainda, segundo esse psiquiatra que coordenou o grupo de ciência cognitiva do Instituto de Estudos Avançados da USP:

A estabilização de convenções comunicativas ao longo da história da espécie humana (filogênese) e durante o desenvolvimento de cada indivíduo até a maturação de seu cérebro e mente (ontogênese) depende de um aparato físico especial, que é o cérebro; de um arranjo estável de formação de comitês, que são as funções mentais; de um arranjo particular de comitês específicos de cada um de nós, que são as vivências individuais, gravadas na nossa experiência biográfica; de um arranjo estável num nível superior através dos valores médios da sociedade em que vivemos e, finalmente, de uma convenção oculta que está depositada na história da espécie humana através de milhares de anos que permite garantir que a representação interna de cada fato mental é quase-equivalente ao uso de uma expressão da linguagem que o comunica para os outros seres humanos (NERO, 1997, p.108).

Nesse sentido, o ser humano, segundo Nero (1997), é o único animal capaz de transformar radicalmente o seu meio e assim criar um mundo artificial para viver. Esse mundo criado deve ser transmitido e a linguagem fará parte desse processo. “Se não tivermos uma linguagem rica o suficiente para nos comunicarmos, também não teremos uma consciência rica o suficiente para incorporar conceitos”, afirma Nero (1997, p.134).

A cooperação, segundo Tomasello (2013), é o mecanismo que contribui para esse avanço cultural e está na ontogênese humana. Diferentemente dos outros animais, o bebê

humano compreende um ponto informativo e é capaz de fazer uma inferência relevante e apropriada em situações pré-linguísticas, compartilhando informações com seu coespecífico. Para Tomasello (2013), essa capacidade encontra correspondência no princípio da cooperação proposto por Grice (1989): “*others [human beings] are trying to be helpful by informing me of things relevant not to themselves but to their interlocutors*”⁶¹ (in TOMASELLO, 2013, p.18).

Atualmente, essa dimensão ontogenética (e mesmo filogenética) da evolução humana tem representado um território novo e potencialmente importante para ser explorado pelos cientistas que estudam a evolução da mudança linguística. De modo geral, os domínios cultural e cognitivo da linguagem humana aliam-se à perspectiva histórica da língua e inspiram as mais recentes pesquisas em torno do escopo da gramaticalização, cujo universo não se detém em um item ou expressão, mas em uma **construção** e em contextos de mudança.

1.3. Construcionalização gramatical⁶² e o padrão forma e função

Traugott (2012) considera que, nos últimos anos, tem aumentado o interesse em torno da ‘gramática de construções diacrônica’ (*diachronic construction grammar*). Os resultados das investigações de Bergs (2008) e Diewald (2002) foram, para essa pesquisadora, uma espécie de catalisadores desse fenômeno. Noël (2007) aplicou tais estudos a casos de lexicalização e gramaticalização. Alguns desses estudos, afirma Traugott, são de orientação mais formal, outros são baseados no uso, como os modelos de Croft (2001) e Trousdale (2008). Atualmente, tem merecido destaque, principalmente no Brasil, o estudo das construções defendido por Goldberg (1995, 2010).

Uma construção, segundo Goldberg (1995), é qualquer padrão frasal sistemático de forma e função. Há muitas abordagens para construção. Contudo, constata Goldberg (1995) que a maioria deles aplica esse termo para certos padrões gramaticais que têm peculiaridades em comum, ou em suas propriedades formais, ou em sua interpretação semântica, ou em ambas, que os tornam inadequados para o *status* universal. Isto é, esses casos não seguem

⁶¹ Tradução sugerida: outros [seres humanos] estão tentando ser úteis por me informar de coisas relevantes não para si mesmos, mas para os seus interlocutores.

⁶² Este termo foi inspirado e traduzido do artigo de Traugott (2012), intitulado *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*.

completamente qualquer princípio geral e, então, seus padrões não podem ser previstos. Eles devem ser, segundo a referida linguista, aprendidos aos poucos. Goldberg, entretanto, alerta que não se trata de um caso de expressões idiomáticas simples a serem aprendidas como ‘*chunks*’ (blocos) individuais.

Bybee (2010) faz referência ao termo *chunking*, para o qual não encontrei uma expressão correspondente adequada no português. Contextualmente, parece indicar a noção de *encontro, conjunto, agrupamento*, porém em sua dinamicidade típica. Bybee (2010) afirma que a base da organização hierárquica e subjacente da sintaxe se dá a partir da estrutura de *chunking*, que é o resultado de experiências sequenciais que ocorrem repetidamente na língua (BYBEE, 2010). O *chunking* é identificado como um processo que influencia todo o sistema cognitivo e se baseia na organização geral da memória. Para Newell (1990, p.7 *apud* BYBEE, 2010, p.34), um *chunk*

[...] is a unit of memory organization, formed by bringing together a set of already formed chunks in memory and welding them together into a larger unit. Chunking implies the ability to build up such structures recursively, thus leading to a hierarchical organization of memory. Chunking appears to be a ubiquitous feature of human memory.⁶³

A experiência principal que o *chunking* aciona é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos, com certo grau de frequência, um *chunk* maior, contendo o menor, é formado, afirma Bybee (2010). O *chunking* é uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a facilidade em ambos os sistemas de processamento. Nesse sentido, a relação desse fenômeno com o modelo construcional de Goldberg (1995, 2006) não é aleatória. O *chunking* é o processo de formação e utilização de sequências formulaicas ou pré-fabricadas de palavras, resume Bybee (2010), apresentando alguns exemplos do inglês, tais como ‘*take a break, break a habit, pick and choose*’, cujas sequências mais ou menos equivalentes no português seriam: *fazer uma pausa, quebrar a rotina, escolher com cuidado*.

⁶³ Tradução sugerida: O *chunk* é uma unidade de organização da memória, formado por reunir um conjunto de *chunks* já organizados na memória e soldando-os a uma unidade maior. *Chunking* implica a habilidade para construir tais estruturas recursivamente, assim conduz à organização hierárquica da memória. O *chunking* aparenta ser uma característica onipresente (universal) da memória humana.

O *chunking*, segundo Bybee (2010), é também o principal mecanismo que conduz à formação de estruturas de construções e de constituinte. Assim, uma construção de tempo, no inglês, com *away* (distante, longe) revelaria, como demonstra Goldberg (1995), um padrão construcional, ou um *chunking*:

Sam slept the whole trip away (GOLDBERG, 1995)
 Sam dormiu a toda viagem distante
 Sam dormiu durante toda a viagem.

Nesse caso, a tradução literal do enunciado em inglês não faz sentido. Isso significa que a sintaxe da construção não pode ser explicada pelas regras do inglês, nem pela teoria gerativa, afirma Goldberg. O que significa, por exemplo, “sleep a trip”, ou ‘dormir uma viagem’? De fato, o sentido dessa frase somente se torna claro quando comparada a expressões que apresentam a mesma construção sintática, tal como estes casos do inglês citados pela autora: “*They danced the night away*” ou “*John knitted the entire weekend away*”, em português, ‘Eles passaram a noite toda dançando’, ‘John passou o fim de semana todo tricotando’. As construções correlatas à oração *Sam slept the whole trip away* indicam que o tempo foi totalmente despendido nas ações indicadas pelo verbo principal em cada uma delas. Nesse caso, Goldberg (1995) sintetiza a seguinte construção envolvida: *time away construction*, em português, construção de tempo com ‘away’ (distante, longe).

Várias são as possibilidades construcionais, como expõem Goldberg e Casenhiser (no prelo), inspirados em Fillmore, Kay & O’Connor (1988) e Culicover & Jackendoff (1999), conforme o quadro a seguir. Nele, uma construção é o resultado, ou o pareamento, de uma forma particular e de uma função semântica envolvida.

<i>Construction</i>	<i>Example</i>	<i>Portuguese meaning</i>
1. <i>Time away construction</i>	<i>Sleeping the days away</i>	Dormir o dia inteiro.
2. <i>Incredulity construction</i>	<i>Him, a trapeze artist?!</i>	Ele, um artista trapezista?!
3. <i>Covariational conditional construction</i>	<i>The more chips you eat, the more you want.</i>	Quanto mais batatas você come, mais você quer.

4. <i>Purely benefactive ditransitive with non-reflexive pronoun (informal; regional variation)</i>	<i>I think I'm gonna make me a sandwich.</i>	Acho que vou fazer um sanduíche.
5. <i>What's doing Y?</i>	<i>What are your shoes doing on the table?</i>	O que os seus sapatos estão fazendo na mesa?

Quadro 6: Construções, segundo modelo apresentado por Goldberg (1995)

Tais construções, traduzidas para o português, podem alterar um pouco o princípio do pareamento entre forma e função/significado. No primeiro caso, a tradução literal de *away* é ‘longe’, ‘distante’, mas é interpretado no inglês com o sentido de ‘inteiro’, ‘todo’. Talvez algo semelhante ocorra com o termo ‘sempre’ em um de seus empregos no PP. Nessa variedade, são comuns, ainda hoje, enunciados como este: ‘*Entretanto, você **sempre** está disposto a ir ao cinema sábado à noite?*’ Nesse caso, o sentido de ‘sempre’ é de manutenção de uma intenção. Com essa pergunta, um falante do PP quer saber se a outra pessoa ainda tem interesse (ou está disposta) em realizar uma ação prevista ou perspectivada.

Na variedade do PB, essa construção não faria sentido. Em seu lugar, num registro mais formal, ter-se-ia esta: ‘Você **ainda** está disposto a ir ao cinema sábado à noite?’. Vale destacar que, no exemplo do PP, o termo ‘entretanto’ marca um sentido temporal (como um ‘enquanto’) e não o de conjunção contrastiva, como é empregado no PB. No PP, ‘entretanto’ ainda desempenha o sentido de tempo, mas também já é empregado com valor adversativo em certos contextos, equivalente a ‘contudo’, como é possível verificar neste excerto extraído dos dados do PP: “O dia em que rodamos essa cena, todo mundo quis se levantar para dançar com John. Mulheres e homens. [...] John, **entretanto**, é muito generoso até na hora de dançar. É um sujeito tão acessível que qualquer pessoa fica apaixonada por ele.” (20 corpusdoportugues.org).

As construções apresentadas em 2 e 5, por sua vez, são perfeitamente possíveis no português. Apenas no caso 3, chamado por Goldberg (1995) de ‘*Covariational conditional construction*’, ou, em português, uma ‘construção correlativa condicional’, talvez a classificação mais adequada seria chamá-la de construção correlativa proporcional: à proporção que ele come batatas, mais ele deseja comer, ou seja, a vontade, neste caso, é proporcional à quantidade ingerida. Um exemplo do PB de uma construção correlativa

condicional poderia ser: ‘Se lhe dou um braço, você quer logo os dois’. Neste caso, temos um enunciado que só pode ser compreendido se considerarmos as expressões linguísticas em questão conjuntamente com o significado cultural que lhe atribuem os falantes do PB, ou seja, diante de uma determinada ajuda, o beneficiário pode querer sempre mais.

Tem-se, portanto, uma unidade básica para a qual se dá o nome de construção. Para Goldberg (1995), uma construção distinta passa a existir se uma ou mais de suas propriedades não são estritamente previsíveis do conhecimento doutras construções existentes na gramática. Logo, C é uma construção se C é um par forma-significado: $\langle F_i, S_i \rangle$, tal que algum aspecto de F ou de S não é estritamente previsível das partes componentes de C ou de outras construções estabelecidas previamente. Uma construção é posta na gramática se pode ser demonstrado que o seu significado e/ou a sua forma não é/são composicionalmente derivado(s) de outra construção existente na língua (GOLDBERG, 1995)⁶⁴.

A abordagem construcional compartilha, pontua Goldberg (2006), um dos principais pontos da gramática gerativa de Chomsky (1965): o potencial criativo da linguagem. É claro que a língua não é um conjunto de sentenças que podem ser fixadas previamente. É pelo potencial infinitamente criativo da língua que é possível às construções combinarem-se livremente sem entrarem em conflito. Em contrapartida, a abordagem construcional, geralmente, reconhece que as gramáticas não geram sentenças, os falantes é que as geram. O falante, afirma Goldberg (2006), é livre para combinar construções criativamente tanto quanto forem possíveis as construções numa língua. Estas podem ser adequadamente combinadas para categorizar a mensagem alvo, dado que não há conflito entre as construções (FILLMORE, 1975; LANGACKER, 1987). Nesse ponto, uma abordagem construcional, nos moldes propostos por Goldberg, distancia-se da visão de gramática proposta pelos gerativistas, aproximando-se de uma concepção centrada no uso que os falantes fazem da língua.

Uma das distinções está no modo como a gramática das construções analisa as construções da estrutura argumental (*Argument Structure Constructions*, GOLDBERG, 2006,

⁶⁴ Para Trousdale (2013), em comunicação oral, “[...] the key factor in this constructionalization: the creation of a $form_{new}$ meaning $_{new}$ pairing as a result of a series of small step newreanalyses”. Tradução sugerida: o fator chave na construcionalização: a criação de novos pares de forma e significado derivados de uma série de pequenos graus de novas reanálises.

p.23), ou seja, o pareamento de forma e função usadas para expressar orações básicas. Trata-se da ‘hipótese da generalização superficial’ (*surface generalization hypothesis*) defendida por Goldberg (2006).

A autora ainda reconhece que Chomsky tem demonstrado, já há várias décadas, a influência do potencial de transformações e derivações nas línguas. Particularmente, ele demonstra que sintagmas nominais (SNs) baseados em substantivos deverbiais têm exatamente a sintaxe de SNs baseados em substantivos não derivados⁶⁵. Eles teriam a mesma sintaxe interna e externa. É um argumento robusto e exemplificado por Williams (1991, *apud* GOLDBERG, 2006, p.24), com os seguintes dados do inglês:

The destruction of the city was complete. (Derivado potencialmente)
A destruição da cidade foi completa.

The carnage was complete. (Não-derivado)
A carnificina foi completa.

Nesse caso, Williams (1991) demonstra que o significado de SNs baseados em substantivos não derivados seguem o mesmo conjunto de categorias como os significados de SNs baseados em substantivos derivados. No exemplo acima, a categoria extensão (da destruição ou da carnificina) pode ser prevista tanto em um substantivo verbal (*destruição*_{substantivo} = *destruir*_{verbo}) como num não verbal (*carnificina*).

A despeito desses argumentos, Goldberg (2006, p.25) não concorda com essa generalização superficial prevista pelo modelo gerativo e, então, propõe a sua hipótese da generalização superficial que consiste, basicamente, em reconhecer que há maior generalização sintática e semântica associada a uma forma de estrutura argumental superficial do que existe entre a mesma forma superficial e uma forma distinta, que é hipotetizada como se dela pudesse ser derivada sintática ou semanticamente. Tal hipótese, segundo Goldberg (2006), fornece motivações substanciais para assumir que a sintaxe da estrutura argumental se mostra representada sem o recurso para a derivação, mas destaca o

⁶⁵ No original “*derived and underived nouns*” (GOLDBERG, 2006, p.24). ‘Derivado’, neste contexto, equivale ao termo em português ‘deverbal’ e, por extensão, ao seu contrário ‘não verbal’.

recurso da seleção de formas alternativas, via paráfrase, conforme demonstrado acima na construção de tempo com *away*, para a localização de padrões construcionais.

Para Goldberg (1995, p.128), sentenças como as abaixo citadas com o verbo *to type* (digitar) ilustram a sua hipótese:

She typed for 3 hours. (Intransitive construction)
Ela digitou por 3 horas.

She typed a letter. (Transitive construction: creation)
Ela digitou uma carta.

She typed 40 caracteres onto the page. (Caused-motion construction)
Ela digitou 40 caracteres na página.

She typed her way to a promotion. (Way construction)⁶⁶
Ela alcançou a promoção digitando.

Com tais exemplos, Goldberg (1995) pretende provar que o verbo não é um responsável confiável pela forma e significado das orações; há claramente regularidades dentro da própria relação entre forma e significado. Os casos acima ilustram isso. Em cada oração com *type* há uma configuração formal e semântica codificada contextualmente e que exige desse verbo comportamentos funcionais distintos, ora intransitivo, ora transitivo, por exemplo. Desse modo, capturar a contribuição de forma e significado, que não é atribuída somente ao verbo principal da oração, é postular que existem **construções** abstratas do par forma e função, independentemente do verbo que nelas aparece.

Tomasello (2003) emprega a hipótese de Goldberg (1995) à sua discussão sobre os passos de desenvolvimento envolvidos na aquisição de construções linguísticas, que engloba a aprendizagem e a aquisição de *holófrases* (expressões linguísticas de uma só unidade que exprimem todo um ato de fala), *construções verbais insuladas* (um inventário de construções linguísticas cujos papéis são marcados, simbolicamente, de forma individual), *construções abstratas* (extraídas de padrões das construções verbais insuladas) e *narrativas*, que apresentam evidências de uma organização linguística que sugere a estrutura de uma história, com participantes, eventos e ações (TOMASELLO, 2003).

⁶⁶ *I fought my way to New York.* Em português, 'Conquistei meu lugar em Nova York'.

Nesse dinamismo de aquisição linguística e desenvolvimento cognitivo, as construções abstratas, citadas por Goldberg (1995), representam o estágio seguinte à aprendizagem das *holófrases*, mencionadas por Tomasello (2003), e que revelam graus de abstração, como: formas imperativas, transitivas simples, intransitivas, resultativas, dativas ou bitransitivas, passivas e atributivas (cf. TOMASELLO, 2003). Para Tomasello, o ponto principal das construções abstratas está em elas revelarem estruturas abstratas simbólicas, que carregam um sentido até certo ponto independente das palavras envolvidas:

Construção Abstrata	Exemplo
X floosed Y to Z. ⁶⁷	Ele FLOSOU um livro para João.
X floosed Y.	Ele FLOSOU um livro.
X floosed Y on the Z.	Ele FLOSOU um tapa no João.
X floosed.	A quantidade FLOSOU.
X was floosed by Y.	A ordem foi FLOSADA pelo diretor.

Quadro 7: Construções abstratas (adaptado de TOMASELLO, 2003)

A partir desse exemplo, adaptado de Tomasello (2003, p.198), vários podem ser os sentidos atribuídos ao termo inventado *floosed*. Esse termo, de fato, não existe, mas isso não impede a elaboração de construções simbólicas. Optei por exemplificar tais construções abstratas no português também com uma forma verbal inventada – FLOSAR –, com isso, foi possível verificar que tal expressão teve sua semântica guiada pela relação forma-função das construções em destaque: construção bitransitiva no primeiro caso e no terceiro; transitiva direta no segundo; construção quantitativa (suficiente) na quarta; e, na última, uma construção passiva. Logo, devo concordar que a construção em si carrega significados, independentemente do verbo, ou seja, das palavras específicas envolvidas (GOLDBERG, 1995; TOMASELLO, 2003).

⁶⁷ Exemplos retirados de Tomasello (2003, p.198). Nele, o autor emprega um verbo (*floosed*) que não tem significado em inglês, para mostrar que, pelas potencialidades estruturais indicadas, a construção em si carrega significado. Eis, assim, a definição de uma construção abstrata: “uma entidade simbólica com significado próprio” (op. cit.).

No caso da perífrase *sendo que*, procurei testá-la, observando seus usos no PP e no PB, e, assim, verificar se também poderia ser analisada dentro de um padrão construcional simbólico. Um exemplo é ilustrado abaixo.

- (8) Os distritos com maior número de incêndio desde o início do ano são os do Porto, com 2762, seguido de Braga, com 2062, e Viana do Castelo com 1292, **sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares ardidos. (20, CetemPúblico, PE)

Nesse excerto, pode-se inferir que a destruição causada pelo fogo nos Distritos de Portugal foi maior no Porto, com incidência de 2762 focos de incêndio, enquanto que em Braga ocorreram 2062, e em Viana do Castelo, 1292. Entretanto, a informação mais precisa é de que, embora o número de focos de incêndio tenha sido maior no Porto, foi em Braga e em Viana do Castelo que a extensão da destruição causou mais danos. A fim de especificar e tornar a informação mais precisa e verossímil, o usuário do PP emprega a construção *sendo que*.

- a. Ocorreram incêndios no Porto, Braga e Viana do Castelo >
- b. No Porto houve mais incidência ou focos de incêndio >
- c. **SENDO QUE** Braga e Viana do Castelo tiveram mais área queimada.

Nesse caso, tem-se uma construção A e B *sendo que* C. A e B dão conta de duas informações gerais, enquanto C traz a informação mais relevante da sentença, ou seja, aquela sobre a qual o falante/escritor espera que o ouvinte/leitor preste mais atenção, porque revela, no caso, onde ocorreu o maior dano causado pelo fogo. Pragmaticamente, defendo ser uma construção de foco com o uso da perífrase *sendo que*. Esse mesmo padrão construcional, ou construção abstrata, evidencia-se no dado abaixo extraído do PB:

- (9) O escultor Mestre Didi exporá 33 obras dedicada à mãe Terra, **sendo que** três delas virão dos Eua por pertencerem a coleções americanas. (20 CetemFolha PB)

Neste caso, pode-se inferir que a construção simbólica A e B *sendo que* C indicaria a gramaticalização de uma construção de foco no português, tanto na variedade do PB como no PP. No capítulo de análise, mais evidências serão apresentadas na tentativa de confirmar essa hipótese.

Cabe ainda mencionar que o princípio mais importante compartilhado por todas as abordagens construcionais da gramática é *a existência de construções sintáticas como unidades simbólicas*⁶⁸. Assim, reconhece-se o estabelecimento de um *continuum* sintaxe-léxico, baseado no reflexo de que estruturas sintáticas e lexicais diferem apenas na espécie. A organização da gramática se dá em redes de construção e, conseqüentemente, tem-se a hipótese de que as construções exibem relações baseadas no pareamento entre forma e função/significado (cf. GOLDBERG, 1995). Seria possível afirmar, de fato, que construções, no fundo, seriam expressões idiomáticas ou, vice versa, que as expressões idiomáticas são, também, construções (GOLDBERG, 2013, comunicação pessoal). Contudo, como visto anteriormente em Traugott (2012) e Trousdale (2008), tal conclusão pode ser contestada. Para esses estudiosos, nem toda construção é expressão idiomática. Já o contrário é sempre verdadeiro.

Categoria hierárquica das construções

Para Langacker (1987, p.82), não há uma distinção fundamental entre construções morfológicas e sintáticas, as quais são muito próximas em praticamente todos os aspectos relevantes. Traugott (2008, *apud* TROUSDALE), por sua vez, propõe categorias hierárquicas para as construções, tendo em conta o grau de complexidade cognitiva e estrutural. Daí as categorias de macro, meso e micro construções. Macro-construções seriam altamente abstratas, como os predicados compostos; meso-construções representam uma rede de construções ainda bastante abstrata, mas tendo similaridade semântica e/ou sintática; micro-construções são construções individuais; e, finalmente, os construtos, *tokens* atestados empiricamente.

Em atenção a essa hierarquia, outro linguista inglês, Trousdale (2008), professor da Universidade de Edimburgo, Escócia, reconhece, como Traugott (2008), que uma micro-construção é uma abstração entre construções específicas da mesma forma. Logo, uma micro-construção como *'a kind of'* (*uma espécie de* ou *um tipo de*) é contrastada com a micro-construção *'a bit of'* (*um pouco de*). Contudo, tais micro-construções emergem como usos

⁶⁸ Grifo meu.

abstratos da língua em construções mais esquemáticas de construtos que ocorrem naturalmente, como *‘a kind of silence’* (*um pouco de silêncio*) e *‘a bit of fun’* (*um pouco de diversão*). Assim, Trousdale (2008) argumenta que há mais do que um nível meso-construcional de relevância para o desenvolvimento de construções partitivas/distributivas lexicalizadas, por exemplo. Segundo ele, é possível colocar um conjunto de meso-construções em qualquer instância de mudança.

Trousdale (2008) conclui que as construções são emergentes, não fixas. Como o usuário da língua começa a identificar semelhanças entre construções de forma e significado similar (e isso se pode comprovar com os casos de *sendo que* no português), uma micro-construção emerge. As micro-construções enraízam-se, uma nova meso-construção emerge, para capturar extensões da micro-construção original (no caso da perífrase *sendo que*, o aspecto do gerúndio) e paralelos entre a micro construção recentemente emersa e outra construção similar (tal como a gramaticalização da perífrase *em sendo que* ou *sendo fato que*). Esse processo, então, se repete, até alcançar um alto nível de esquematicidade. Segundo Trousdale (2008), é nesse nível que os falantes começam a estabelecer paralelos com outras construções. Assim, elementos dentro de construções menos esquemáticas adquirem propriedades mais gramaticais, isto é, sofrem gramaticalização.

Algumas construções, de acordo com Trousdale (2008), enquanto mostram um grau de similaridade com as construções gramaticalizadas, podem desenvolver características sintáticas e semânticas diferentes, que as tornam menos produtivas e menos esquemáticas. Talvez o caso de *senhos* > *sendos/sendas* (melhor delineado no capítulo IV desta tese) seja um exemplo disso. Para Trousdale (2008, p.28), “decreases in productivity, analyzability and schematicity suggest a more holistic access characteristic of lexicalization”⁶⁹. No estudo que desenvolveu sobre o predicado composto do verbo ‘dar’ no gerúndio – ‘*give-gerund*’ – no inglês, Trousdale (2008) concorda com Algeo (1995) em relação ao fato de que as construções tendem a demonstrar o encontro entre gramática e léxico. Como demonstrei no início deste capítulo, Lehmann (2002) também defende esse encontro.

⁶⁹ Tradução sugerida: Reduções de produtividade, analisabilidade e esquematicidade sugerem uma característica de acesso mais holístico de lexicalização.

Para Goldberg (2006, p.10 *apud* TROUSDALE), fenômenos de registro e dialeto estão incluídos naquilo que um falante sabe sobre uma construção e qualquer expressão dada tipicamente envolve a combinação de pelo menos meia dúzia de diferentes construções. Para o linguista inglês, a mudança construcional⁷⁰ tem início quando novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo (TROUSDALE, 2013). Trousdale acredita que Goldberg utilize o termo “expressão” para indicar “construtos” (expressão empregada por ele), mas também é provável que a combinação, como sugere Trousdale, envolva diferentes níveis esquemáticos. Tais níveis, para esse teórico, podem ser lidos a partir dos parâmetros de construcionalização: *schematicity*, *productivity* e *compositionality*⁷¹ (esquematicidade, produtividade e composicionalidade).

1.4. A mudança em Contextos específicos

Recentes estudos em gramaticalização têm demonstrado interesse crescente no impacto dos fatores contextuais na mudança linguística, afirma Diewald (2006). Nesse cenário, a noção de ‘tipos de contexto’ e de ‘construções’ tem sido empregada para descrever os estágios diacrônicos sucessivos que estão associados aos processos de gramaticalização. Objetiva-se, assim, rastrear o desenvolvimento de funções gramaticais em itens linguísticos que anteriormente tinham funções lexicais ou [-gramaticais]. Entretanto, a incipiência desses estudos, considera a linguista alemã da Universidade de Hannover, dão margem a várias interpretações para os termos ‘contexto’ e ‘construção’, que, em muitos casos, apresentam divergências. Por essa razão, nesta tese, investigo o papel do contexto na mudança gramatical apoiando-me, basicamente, nos estudos de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006).

⁷⁰ Trousdale (2013) diferencia “mudança construcional” (*constructival change*) de “construcionalização” (*constructionalization*). A primeira envolve a mudança entre domínios como pragmática e semântica, ou a mudança fonológica. A construcionalização, por sua vez, é o resultado da mudança que afeta os domínios semântico, sintático e morfológico.

⁷¹ Cf. Trousdale (2013).

Tipos de contexto: modelos de Heine e Diewald

Heine (2002) afirma que, infelizmente, a maioria dos processos de gramaticalização estudados até agora estão convencionalizados e enterrados na história, uma vez que a extensão de muito do que aconteceu na transição de um estágio de A para B já não é claramente recuperado historicamente. Contudo, para esse pesquisador alemão dedicado ao estudo das línguas africanas, há casos, especialmente aqueles que envolvem processos mais recentes na língua, em que a escala inteira dos estágios intermediários está acessível na forma de variações contextuais sincrônicas (cf. HEINE, 2002). Desse modo, diferentes estágios evolutivos tendem a estar refletidos na forma de grupos contextuais diferentes. Com isso, é possível saber o que aconteceu no caminho de A para B.

Defende Heine (2002) que há um estágio, em particular, capaz de ser o responsável pelo processo de mudança de A > B, que ele denominou *switch context stage*, algo como ‘estágio de contexto de mudança’. Esse estágio, afirma Heine, é caracterizado por uma interação entre contexto e conceptualização que conduz ao aumento de novos significados gramaticais (op. cit.). Obviamente, além do contexto, outros fatores, a maioria de ordem cognitiva, estão envolvidos na evolução gramatical e também são considerados pelo linguista. São eles: a frequência de uso, os processos de raciocínio (inferência), mecanismos de transferência (metáfora e metonímia, por exemplo), direcionalidade (concreto > abstrato), implicações semânticas (*bleaching*, generalização). Nesta seção, entretanto, darei atenção ao que se refere exclusivamente ao contexto e à sua contribuição para a compreensão da mudança linguística por gramaticalização.

No texto *On the role of context in grammaticalization*⁷², Heine (2002) busca responder à seguinte questão: Quais são os requisitos contextuais para o significado gramatical evoluir?⁷³ Para respondê-la, inicialmente, esclarece algumas definições, dentre as quais destacam-se: o ‘significado fonte’ (*source meaning*), refere-se ao sentido ‘original’ que um item tem *a priori*, antes de iniciado o processo de mudança; o ‘significado meta’ (*target meaning*), o novo significado gramatical associado à mesma forma (op. cit., p.84). Entre um e outro, há também as expressões ‘derivado de’, ‘desenvolve-se’, ‘dá origem a’, que se referem ao processo

⁷² Tradução sugerida: O papel do contexto na gramaticalização.

⁷³ No original: “What are the contextual requirements for grammatical meaning to evolve?” (HEINE, 2002, p.84).

diacrônico e revelam o trabalho de reconstrução linguística, que, nas palavras desse linguista, envolvem três diferentes tipos de contexto: 1) os contextos ponte⁷⁴ (*'bridging contexts'*), 2) os contextos de mudança (*switch context*) e 3) a convencionalização (*'conventionalization'*), conforme categoriza Heine (2002, p.84-85)⁷⁵.

Segue, abaixo, uma versão traduzida do quadro síntese de Heine (2002, p.86) com a definição de cada um dos contextos por ele propostos:

<i>Estágio</i>	<i>Contexto</i>	<i>Significado resultante</i>
<i>I Inicial</i> (<i>initial stage</i>)	Livre, sem interferência	Significado fonte
<i>II Contexto ponte</i> (<i>bridging context</i>)	Há um contexto específico dando origem a uma inferência em favor de um novo significado	Significado alvo em primeiro plano (<i>foregrounded</i>)
<i>III Contexto de mudança</i> (<i>switch context</i>)	Há um novo contexto que é incompatível com o significado fonte	Significado fonte em segundo plano (<i>backgrounded</i>)
<i>IV Convencionalização</i> (<i>conventionalization</i>)	O significado alvo não precisa mais ser suportado pelo contexto que lhe deu origem; ele pode ser usado em contextos novos	Somente o significado alvo

Quadro 8: Tipos de contexto (adaptado de HEINE, 2002, p.86)

Em relação a esse quadro, Heine faz algumas considerações. Primeiro, ele sugere que há quatro estágios discretos, enquanto, de fato, lidamos com um *continuum* principal do estágio I ao IV e além. Segundo, ele repousa sobre uma divisão claramente recortada entre contexto e significado, embora permaneça a dúvida de como eles interagem. Finalmente, Heine restringe-se, com o quadro em epígrafe, a descrever a gramaticalização como um fenômeno diacrônico, isto é, em termos de sucessivos estágios de desenvolvimento.

Heine (2002) não desconsidera a possibilidade desse estudo ser aplicado a uma investigação sincrônica. Num estado sincrônico de uma dada língua, todos os quatro estágios podem (mas não necessariamente) vir à tona como variantes definidas contextualmente. Esse

⁷⁴ Heine (2002) cita cada contexto no plural.

⁷⁵ Heine (2002, p.84) baseia-se nos trabalhos de Grice (1967), Evans e Wilkins (1998), Diewald (1999) e Hopper e Traugott (1993).

efeito pode ser descrito como ‘camada’ ou ‘estratificação’, *layering* segundo o modelo de Hopper (1991), em que os significados fonte e alvo coexistiriam lado a lado.

Diewald (2006), em seu texto *Context types in grammaticalization as constructions*⁷⁶, destaca a influência dos diferentes tipos de contexto no desenvolvimento diacrônico das expressões gramaticais. Para isso, aproxima os estudos de gramaticalização ao conceito central da gramática de construções, seguindo as propostas de Fillmore, Kay e O’Connor (1988), Fillmore e Kay (1995) e Goldberg (1995), por exemplo. Retoma a distinção, apresentada em Diewald (2002), entre os três tipos de estágio no desenvolvimento diacrônico das funções gramaticais, que, por sua vez, estão relacionados a três diferentes e cronologicamente ordenados tipos de contexto, conforme apresentado no quadro abaixo:

<i>Estágio</i>	<i>Contexto</i>	<i>Significado/Função</i>
<i>I. Pré-condições de gramaticalização</i>	Atípico	Implicatura conversacional
<i>II. Acionador de gramaticalização</i>	Contexto crítico	Opacidade múltipla
<i>III. Reorganização e diferenciação</i>	Contexto isolante	Polissêmico/Heterogêneo

Quadro 9: Tipos de contexto de mudança (tradução do modelo de DIEWALD, 2006)

No primeiro estágio, afirma Diewald (2006), desenvolve-se a pré-condição do processo de gramaticalização. Nele, ocorre uma expansão inespecífica da distribuição das unidades lexicais para contextos nos quais não eram empregadas antes. Trata-se de um ‘contexto atípico’, em que novos significados, que podem estar em processo de gramaticalização, surgem, como uma implicatura conversacional. Isso ocorre porque o falante emprega extensões metafóricas ou metonímicas usando, primeiro, um item linguístico particular em um novo modo (em uma nova construção); o ouvinte, por sua vez, interpreta a expressão linguística nova lançando mão de implicaturas conversacionais semelhantes aos procedimentos cognitivos empregados na produção, tentando realocar essa expressão ao novo contexto de uso. Esse significado é acionado contextual e pragmaticamente e não está

⁷⁶ Tradução sugerida: Tipos de contexto em gramaticalização como construções.

codificado explicitamente no próprio item linguístico. O contexto atípico, afirma Diewald, pode persistir mesmo após a gramaticalização ter se efetivado.

O segundo estágio descreve o acionamento efetivo do processo de gramaticalização. Está associado à construção altamente marcada, por isso o nome 'contexto crítico' (cf. DIEWALD, 2006). É caracterizado por possuir estrutura múltipla e opacidade semântica, possibilitando diversas interpretações alternativas, entre elas o novo significado gramatical. O contexto crítico funciona como um tipo de catalisador; ele é encontrado somente durante o segundo estágio e desaparece no desenvolvimento do estágio posterior, ou seja, do estágio três. A terceira fase ratifica a consolidação do processo de gramaticalização, sinalizando a reorganização e a diferenciação do formativo gramatical e o paradigma que é a categoria alvo do processo de gramaticalização sofrido. Nessa fase, conclui Diewald (2006), o significado gramatical novo está isolado como um sentido já separado do antigo, mais lexical.

Essa separação dos dois significados é alcançada pelo desenvolvimento do 'contexto isolante' de ambas as leituras, a lexical e a gramaticalizada. Trata-se de um contexto linguístico específico que favorece uma leitura por exclusão da outra. Assim que a oposição entre o contexto isolante é estabelecida, o processo de gramaticalização pode ser considerado completo: ele não é mais reversível para uma fase anterior. O significado gramatical novo não está mais dependente de implicatura conversacional, uma vez que, como elemento linguístico em gramaticalização, torna-se verdadeiramente polissêmico (cf. DIEWALD, 2006).

Para Diewald, o estágio I não inicia o processo de gramaticalização; na verdade, ele constitui mais uma necessidade embora não uma pré-condição para isso. Já o estágio II representa o início do processo de gramaticalização, cuja realização se dará no contexto crítico. Trata-se de uma estrutura altamente ambígua que, condicionada à complexidade morfossintática, fornece várias possibilidades de interpretação, dentre elas, os novos significados gramaticais (DIEWALD, 2002, p.109). Nesse estágio, fatores semânticos e estruturais acumulam-se em um contexto crítico específico. Para a função de um codificador causal, os dados históricos do português atinentes ao *sendo que* indicam que seu contexto crítico, provavelmente, fora ativado por volta do século XVI, embora os valores polissêmicos da forma *sendo* indiquem que a possibilidade de uma mudança categorial (de verbo cópula para um conjuntivo causal, por exemplo) já havia sido acionada em período anterior ao XVI.

Os contextos isolantes, segundo o modelo de Diewald (2002, p.114), ocorrem onde somente uma das expressões que competem é possível, enquanto a outra é excluída, então os significados podem ser percebidos como independentes um do outro. Concernente ao *sendo que*, será demonstrado no capítulo de análise.

À primeira vista, poder-se-ia dizer que as concepções de contexto de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006) são semelhantes e revelariam apenas uma distinção terminológica, como é possível conferir a partir do seguinte cotejo entre os dois modelos:

TIPOS DE CONTEXTO	HEINE (2002)	DIEWALD (2002, 2006)	SIGNIFICADO/ FUNÇÃO
I	Contexto ponte	Contexto atípico	H ⁷⁷ . Significado alvo 1º plano D. Implicatura conversacional
II	Contexto de mudança	Contexto crítico	H. Significado fonte em 2º plano D. Opacidade múltipla
III	Convencionalização	Contexto isolante	H. Significado alvo somente D. Polissemia

Quadro 10: Cotejo entre os tipos de contexto de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006)

Entretanto, Diewald (2002) chega a admitir que o seu modelo de tipos de contexto não corresponde exatamente ao modelo proposto por Heine (2002). Principalmente porque o ‘contexto ponte’ (*‘bridging context’*) que Heine (2002) descreve como um contexto específico, dando origem a uma inferência em favor de um significado novo em primeiro plano (*foregrounded*), teria de ser submetido parcialmente aos contextos atípicos e críticos. Isso, segundo Diewald (2002), não pode ser identificado plenamente com o último, porque o contexto crítico é definido pela ambiguidade semântica e estrutural. Além disso, o contexto crítico não persiste em fases posteriores, enquanto os contextos descritos por Heine (2002) formam uma ‘escala implicacional’.

⁷⁷ H equivale a Heine e D, a Diewald.

O contexto de mudança (*'switch context'*) do modelo de Heine, que é, segundo o próprio linguista, 'incompatível com o significado fonte', assemelha-se ao 'contexto isolante' proposto por Diewald (2002, 2006). Entretanto, Diewald defende a existência de dois contextos isolantes (um gerado pela leitura lexical e o outro, pela leitura gramatical), que estão em oposição semântica e estrutural, e não somente a inserção de um contexto que exclui a leitura lexical por restrições semânticas, assim defendido por Heine (2002). Ambos os contextos isolantes, para Diewald, são desenvolvimentos novos que se tornam possíveis por causa das mudanças externas aos elementos gramaticalizados.

Diewald conclui que a diferença entre a sua proposta e a de Heine está no enfoque que cada um dá a determinado aspecto do processo de gramaticalização. Ainda assim, as semelhanças entre os dois modelos de análise dos tipos de contexto, o de Heine (2002) e o de Diewald (2002, 2006), compartilham mais convergências do que divergências, e contribuem para a análise contextual numa situação de mudança. Essa é a razão por que, no capítulo de análise dos tipos de contexto envolvidos na formação da perífrase *sendo que*, empregarei os dois modelos indistintamente.

Com esse aporte teórico, interessa-me investigar o que há de distinto entre os contextos de *sendo que*, considerando, para isso, usos como estes dos séculos XVI e XVII com os empregados no século XX:

- (10) Nem A pagarão as pesoas priuigliadas Asi de compra & venda como de pasaiem. Nam **sendo** cousas de **que** se manda pagar dizima na Alfandega do dicto Lugar. (16 PP DF)
- (11) E depois que chegou Vasco Fernandez Coutinho, parece que sabendo, tornou-se outra vez do caminho a pedir-lhe socorro. Pedimos-lhe então muitas pessoas que, **sendo** certa a extrema necessidade em **que** diziam estar, pois assi como assi aviam de ser comidos dos contrarios, que mandassem por elles porque com isso salvar-se hiam aquellas almas, e principalmente os filhos pequenos e comperiam os christãos com o que deviam a tam boa amizade como nelle sempre tiverão. (16 PP Tarallo CPJ, p.32)
- (12) que mil e quinhentos anos depois de tudo isto ainda hoje o esperam, não **sendo que** é já tão fora de tempo que, ainda que lhes viera, não tinham nem com que festejar, nem por onde o conhecer, senão, mostrem-nos o templo de Salomão em que ele havia de entrar e encher de glória (16 PP DF)
- (13) Amava Predestinado a Precito como irmao, **sendo que** era dele muitas vezes murmurado e nao poucas perseguido. (17?18? PP DF)
- (14) Apesar disso, jornalismo e literatura são «conceitos complementares com especificidades próprias», concluiriam os convidados do colóquio, **sendo que** a crónica e a reportagem são os géneros que mais bebem no traço literário. (20 PP DF)

Diante de tais dados, pergunto: qual seria o significado fonte de *sendo que* e qual *seria* o seu significado alvo? Quando, ou melhor, quais contextos determinaram o desenvolvimento de funções gramaticais novas dessa perífrase? Tais questões serão respondidas no desenvolvimento deste trabalho. Antes, porém, é necessário observar outros fatores que condicionam a mudança por gramaticalização e que complementam a análise sincrônica e diacrônica dos dados.

Bybee (2010, p.105) levanta a seguinte questão: *'Where do constructions come from?'*, ou seja, de onde vêm as construções? Para respondê-la, propõe a vinculação da sincronia e da diacronia numa teoria baseada no uso. Contudo, afirma ainda a linguista americana pesquisadora da Universidade do Novo México, EUA, que a mudança linguística não é apenas um fenômeno periférico que pode ser anexado a uma teoria sincrônica. Sincronia e diacronia têm de ser vistas como um todo integrado. A mudança, para Bybee (2010), é tanto uma janela para observação de representações cognitivas como uma criadora de padrões linguísticos. Nesse sentido, a gramaticalização é o resultado de uma variedade de processos concorrentes que afeta todos os níveis envolvidos numa expressão, da fonologia à morfossintaxe, da semântica à pragmática. Além disso, na gramaticalização também estão envolvidos mecanismos de subjetivação e intersubjetivação, como será visto a seguir.

1.5. Subjetivação, Intersubjetivação e seus reflexos na gramaticalização

Traugott (2003) levanta a hipótese de que a intersubjetivação, no sentido de desenvolvimento de significados que codificam a atenção do falante/escritor para as instâncias cognitivas e identidades sociais dos destinatários, surge e depende crucialmente da subjetivação. A precedência da subjetivação sobre a intersubjetivação, e não o contrário, reforçaria, como propõe a autora, a perspectiva da unidirecionalidade da mudança linguística. Tal princípio, apesar de contestado por alguns linguistas, tem sido aplicado em diversos estudos e os resultados confirmam sua pertinência para a comprovação da maioria dos casos de gramaticalização investigados em várias línguas do mundo e que ratificam a hipótese de

usos [+ lexicais] para funções [+ gramaticais], como indicam, entre outros, Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), Hopper (1991) e Lehmann (2002), já citados aqui.

De acordo com o modelo de Traugott (2003), a unidirecionalidade desse processo dispor-se-ia da seguinte forma:

$$\text{Subjetivação} > \text{Intersubjetivação}^{78}$$

Mais tarde, ao revisitar tais conceitos, Traugott (2010) reformula seu modelo acrescentando mais uma terminologia à esquerda desse *continuum*:

$$\text{não-/menos Subjetivo} > \text{Subjetivo} > \text{Intersubjetivo}$$

Num artigo publicado em 2010, Traugott aproxima seu modelo de (inter)subjetivação das macrofunções da linguagem propostas por Halliday e Hasan (1976). Assim, o não-/menos subjetivo relacionar-se-ia à função ideacional e os mecanismos subjetivo e intersubjetivo representariam a função interpessoal. Com isso, Traugott defende que a função interpessoal, proposta por Halliday e Hasan, teria de ser repensada, uma vez que o significado interpessoal, para essa pesquisadora, tem dupla função: subjetiva e, portanto, orientada para o falante, e intersubjetiva, logo, orientada para o destinatário (ou interlocutor).

O modelo de (inter)subjetivação proposto por Traugott baseia-se numa hipótese *semasiológica*⁷⁹, porque considera as restrições no tipo de mudança que lexemas individuais podem sofrer. Entretanto, há também implicações determinadas por limites *onomasiológicos*⁸⁰ e que se manifestam nas alterações de significados de um domínio conceptual para outro (TRAUGOTT, 2003, p.124).

⁷⁸ Conforme apresentado em Traugott (2003, p.124). Nesse texto, a autora utiliza os termos “*subjectification*” e “*intersubjectification*”, que poderiam ser traduzidos para o português como *subjetificação* e *intersubjetificação*. Contudo, optei pela tradução *subjetivação* e *intersubjetivação*, já familiares ao contexto português.

⁷⁹ A Semasiologia é o “estudo da significação cuja metodologia de análise parte das formas linguísticas para indicar as noções ou conceitos a elas correspondentes”. Tal palavra deriva do francês *sémasiologie*, que tem influência do alemão *semasiologie*, cuja origem vem do grego *sēmasía*: ‘significação de uma palavra’. De acordo com a acepção francesa, quer dizer “ciência das significações; descrição dentro de uma ordem lógica dos diversos significados de uma dada palavra” (HOUAISS e VILLAR, 2003, p.3288).

⁸⁰ Pertencente à Onomasiologia, definida, segundo Houaiss e Villar (2003, p.2678), como o “estudo da significação cuja metodologia de análise parte das noções ou conceitos para determinar as formas linguísticas a eles correspondentes”. É também “o ramo da linguística que estuda as diversas relações lexicais de uma mesma noção dentro de uma ou mais línguas” (*op. cit.*).

1.5.1. Subjetividade e subjetivação

A distinção entre “*sujet d’énoncé*”, ou o sujeito sintático, e “*sujet d’énonciation*”, ou o sujeito falante (do discurso), apresentada por Benveniste (1971 [1958]), é, segundo Traugott (2003), a referência na qual se encontra a definição mais conhecida da oposição entre objetividade e subjetividade⁸¹. Além disso, uma definição muito citada nos trabalhos sobre (inter)subjetivação na linguagem é atribuída a Lyons, segundo o qual, “*the term subjectivity refers to the way in which natural languages, in their structure and their normal manner of operation, provide for the locutionary agent’s expression of himself and his own attitudes and beliefs*” (LYONS, 1982, p.102, *apud* TRAUGOTT, 2003, p.125).

Assim, o termo **subjetividade**, para Lyons, refere-se ao modo como a linguagem natural, na sua estrutura e na sua configuração normal de operação, fornece para o agente locucionário expressões de si mesmo e de suas próprias atitudes e crenças. Essa também é a concepção adotada por Traugott (2003), baseada em Lyons (1982), para a análise da influência da subjetividade e da intersubjetividade na mudança linguística. Porém, outra contribuição importante neste estudo é dada por Langacker (1985), para quem as qualificações como *subjetivo* e *objetivo* devem ser concebidas em termos de organização, ou seja, elas são características relativas para a assimetria entre o observador numa situação perceptual e a entidade observada⁸².

Para Langacker, uma entidade é considerada subjetiva na medida em que ela funciona assimetricamente como o observador numa dada situação, perdendo toda a consciência de si próprio (*self*) como um outro⁸³. De acordo com Athanasiadou, Canakis e Cornillie (2006), Langacker, num texto de 1990, substitui o termo “subjetividade” (*subjectivity*) por “subjetificação” (*subjectification*), quando uma situação objetiva é substituída por uma

⁸¹ Segundo Traugott (2003, p.125), no original: “Subjectivity as a synchronic (and partially diachronic) phenomenon plays a role in Bréal’s work (1964 [1900]: ch.25) and was later elaborated on in Bühler (1990 [1934]) and Jakobson (1957), and with Kuroda’s (1973) (...). However, it is perhaps most frequently associated with Benveniste who distinguished ‘sujet d’énoncé’ (syntactic subject) and ‘sujet d’énonciation’ (speaking subject)”.

⁸² De acordo com o original: “qualifications such as *subjective* and *objective* are to be conceived in terms of viewing arrangement, i.e. they are ‘characterized relative to the asymmetry between the observer in a *perceptual* situation and the entity that is *observed*” (LANGACKER, 1985, p.120, ênfase original, *apud* ATHANASIADOU, CANAKIS e CORNILLIE, 2006, p.2).

⁸³ No original: “an entity is considered ‘subjective to the extent that it functions asymmetrically as the observer in a viewing situation, losing all awareness of SELF as it observes an OTHER” (LANGACKER, 1985, p.120, ênfase original, *apud* ATHANASIADOU, CANAKIS e CORNILLIE, 2006, p.2).

relação subjetivamente construída. Segundo os mesmos autores, mais recentemente, Langacker tem sugerido que a subjetificação não deveria ser caracterizada em termos de substituição, uma vez que o componente subjetivo está presente desde o início na formação das expressões de uma língua, estando imanente no conceito objetivo e sendo esquecido com o passar do tempo⁸⁴.

Ainda que Langacker apresente a subjetificação como um fenômeno primariamente sincrônico, ele também menciona que ela é o resultado da atenuação do sujeito compreendido objetivamente, insinuando, assim, as características diacrônicas desse processo (cf. ATHANASIADOU *et alii*, 2006).

A atenuação do controle do sujeito é um fenômeno difuso e multifacetado que desempenha um papel maior em certos tipos de gramaticalização com consequências importantes para análises e descrições sincrônicas. Os marcadores textuais e conectivos, por exemplo, serão vistos nesta pesquisa como resultantes desse processo (cf. TRAUGOTT, 2005). Essa forte direção para subjetivação plena pode ser observada a partir de, pelo menos, quatro parâmetros, segundo Athanasiadou *et alii* (2006, citando o modelo de LANGACKER). São eles: (a) mudança no *status* (de atual para potencial, de específico para genérico); (b) **alteração no foco** (a extensão pela qual elementos particulares se destacam como focos de atenção); (c) mudança no domínio (de uma interação física para uma interação social ou experiencial); e (d) mudança no *locus* de atividade ou potência (de um foco no *trajetor* – *trajector* – para um apagamento do destinatário)⁸⁵. Os parâmetros de atenuação e difusão no *locus* de controle figuram em muitos casos de gramaticalização e, eventualmente, resultam em “transparência”⁸⁶ (ATHANASIADOU *et alii*, 2006).

Sobre a mudança de foco, observam-se os exemplos abaixo, extraídos de Athanasiadou *et alii* (2006, p.3) e inspirados no modelo de Langacker (1999):

- i) *The child hurried across the street* (A trajetória é destacada)
A criança atravessou a rua rapidamente; ou A criança apressou-se a atravessar a rua.
- ii) *The child is safely across the street* (A trajetória não é destacada)
A criança está em segurança do outro lado da rua.

⁸⁴ No original: “subjectification should not be characterized in terms of replacement, that the subjective component is there all long, being immanent in the objective conception and simply left behind when the latter fades away” (LANGACKER, 1999b, p298, ênfase original, *apud* ATHANASIADOU, CANAKIS e CORNILLIE, 2006, p.2).

⁸⁵ Em Langacker (1999, p.155-6, *apud* ATHANASIADOU, 2006, p.3).

⁸⁶ Acredito que a “transparência” aqui pode, até certo ponto, ser entendida como um fenômeno de “bleaching”.

- iii) *Last night there was a fire across the street* (Caso extremo de desfocalização da trajetória)
Na noite passada, houve um incêndio do outro lado da rua.

Em (i), a trajetória é destacada; em (ii), a segurança é destacada e não a trajetória; e, finalmente, em (iii), não há um sujeito agente expresso (daí a atenuação) e a trajetória é totalmente desfocalizada.

Além de Langacker, certamente Traugott (1989, 1995, 2003, 2010) e seus colaboradores, como Traugott e Dasher (2002), têm contribuições fundamentais para os estudos da subjetivação e os seus efeitos sobre os fenômenos de mudança linguística. De acordo com o seu modelo, a subjetivação, ao contrário de Langacker, é vista como um processo diacrônico por excelência. Assim, para essa autora, a subjetivação é o processo pelo qual significados tendem a estar mais situados nas crenças ou atitudes subjetivas do falante do que propriamente na proposição⁸⁷.

Assim como Langacker, Traugott (1989) identifica três tendências e considera a própria mudança semântica como um quarto fator. As tendências são: (a) a mudança de descrições externamente baseadas para avaliações internamente fundamentadas (Ex. *boor* 'farmer' > 'crude person', ou seja, pessoa bruta > pessoa grosseira), (b) a extensão para usos metalinguísticos e textuais, e (c) um envolvimento crescente do falante (como no uso de *in fact*, mostrado a seguir). Logo, se o significado de um item ou construção lexical está baseado no mundo sociofísico de referência, é como se o falante desenvolvesse polissemias que estão baseadas no seu mundo, ou seja, em convicções, crenças ou em atitude metatextual para o discurso. Por outras palavras, segundo Traugott (1999, p.179), a subjetivação é o desenvolvimento semasiológico de significados associados a uma forma e que marcam a subjetividade explicitamente⁸⁸.

Para Athanasiadou *et alii* (2006), embora Traugott considere a subjetivação principalmente como um fenômeno diacrônico, sincronicamente ela pode também resultar em estratificação (*layerings*) de significados mais ou menos subjetivos pelo mesmo item ou

⁸⁷ De acordo com o original: "subjectification is the process whereby 'meanings tend to become increasingly situated in the speaker's subjective belief state or attitude toward the proposition" (TRAUGOTT, 1989, p.31).

⁸⁸ No original: "subjectification is 'the semasiological development of meanings associated with a form such that it comes to mark subjectivity explicitly" (TRAUGOTT, 1999, p.179 in ATHANASIADOU et alii, 2006, p.3).

construção lexical. A subjetivação é vista pela autora como uma tendência difusa em mudança semântica, cujos efeitos podem ser detectados em áreas tão diversas como, por exemplo, o desenvolvimento de itens lexicais de domínios evidenciais e epistêmicos, o desenvolvimento de usos performativos de verbos locucionais, como *prometer* e *insistir*, ou os significados de advérbios como *in fact*⁸⁹ (no PB ‘de fato’, no PP ‘de facto’)⁹⁰.

O denominador comum nessas estratégias é, segundo Traugott, uma tendência para o aumento da pragmatização de significados enfatizando a externalização do ponto de vista do falante. Por essa razão, para Traugott, a subjetivação não pode ser caracterizada pela atenuação⁹¹, mas sim como um fortalecimento pragmático e enriquecimento do par forma-significado em questão que conta com a perspectiva do falante.

Comparando agora as duas abordagens do fenômeno da subjetivação, percebe-se que há entre Langacker e Traugott alguns pontos divergentes e que estão essencialmente correlacionados ao fato de como a linguagem é influenciada. Para Traugott, a força desse processo concentra-se no aspeto pragmático da linguagem, implicitamente pressupondo sentidos distintos. A importância da pragmática na noção de subjetivação no modelo de mudança semântica de Traugott está principalmente pautada na regra crucial da interação e negociação de significados entre falante e ouvinte. Langacker, por oposição, conduz o seu foco de atenção para o falante e para a conceptualização que ele (o falante) faz de uma dada expressão linguística, não dando especial relevo ao ouvinte (cf. ATHANASIADOU *et alii*, 2006, p.4). Além disso, enquanto Traugott considera que o mecanismo de (inter)subjetivação é essencialmente diacrônico, Langacker, por sua vez, concebe-o como um mecanismo sincrônico.

Ainda que sigam pressupostos distintos, um ponto que pode ser considerado análogo, em ambos os autores, é a perspetivação da subjetivação como um parâmetro para a Gramaticalização de itens e/ou construções linguísticas.

⁸⁹ Segundo Traugott (2005, p.155), “*in fact* evokes a prior comment. Even though utterances marked by local DMs [discourse markers] need not be adjacent, there must be some immediate relationship of the content of an utterance p to a subsequent utterance q in terms of condition, cause, justification, elaboration (e.g. additivity), contrast (adversativity), topic shift.”

⁹⁰ Sobre os usos da palavra “fato” no português do Brasil, encontra-se ainda no prelo um artigo elaborado por Rauber (2012), intitulado: “Usos e funções das construções com fato: estratégias de gramaticalização da factualidade?”.

⁹¹ Para Langacker, a atenuação está ligada à valência do sujeito que passa de [+] controle para [-] controle.

1.5.2. Intersubjetividade e intersubjetivação

Traugott (2003) afirma que tem sido dada pouca atenção à segunda dimensão de Benveniste: a **intersubjetividade**. Benveniste (1971) não viu apenas o falante, mas a díade falante-destinatário (ou interlocutor) como condição fundamental para a comunicação linguística, caracterizando essa relação como **intersubjetividade**. Segundo Traugott, a intersubjetividade, para Benveniste, sintetiza-se na seguinte afirmação: “*speakers constitute themselves as ‘subject’ in saying ‘I’ and in contrasting themselves with ‘you’*”⁹² (TRAUGOTT, 2003, p.128).

Para Benveniste, segundo Traugott, a intersubjetividade está em paralelo com a subjetividade. De acordo com essa perspectiva, a intersubjetividade é a expressão explícita da atenção do falante/escritor para o *self* do destinatário/leitor em dois sentidos: 1) num sentido epistêmico, prestando atenção às suas atitudes presumidas para o conteúdo do que é dito, e 2) num sentido mais social, ressaltando a imagem de si e do outro associadas com a identidade e opinião social. Assim, a intersubjetividade envolve a atenção do falante/escritor para com o destinatário/leitor como um participante no evento discursivo, não na situação descrita (TRAUGOTT, 2003).

Consequentemente, Traugott afirma que, pelo menos no inglês, a intersubjetividade não é necessariamente uma característica de todas as expressões que fazem referência à segunda pessoa, apesar de a primeira e a segunda pessoas serem dêiticas, segundo Benveniste. Os exemplos abaixo citados e retirados da amostra de textos produzidos pelos informantes do PP poderão exemplificar melhor isso:

- iv) *O **facto** de utilizarmos estrangeirismo (...) é uma decisão pessoal.* (21 PP ES6)
- v) *Na minha opinião, **de facto** são os estrangeirismo que auxiliam a evolução da língua...* (21 PP ES15)

Parafraseando Traugott, pode-se dizer que em (iv) temos uma verbalização sem qualquer atenção por parte do falante/escritor para com a imagem ou outras necessidades

⁹² Tradução sugerida: Falantes constituem-se eles próprios como sujeitos ao dizerem “Eu” e, simultaneamente, contrastam-se com o “você” do discurso.

(ou aspetos) do destinatário/leitor em relação ao papel da pessoa como um interlocutor no evento discursivo.

Em contrapartida, no exemplo (v), a expressão *de facto*⁹³, reforçada pela expressão *na minha opinião*, envolve a atitude do falante/escritor para com o destinatário/leitor e o conteúdo da proposição: *são os estrangeirismos que auxiliam a evolução da língua*. Neste caso, a interpretação do destinatário/leitor não se restringe apenas ao conteúdo da informação, mas ao valor de certeza e de verdade atribuído pelo falante/escritor e manifestado em *de facto*, como se este quisesse dizer: receba esta minha informação (ou conclusão) como uma verdade irrefutável. Essa atitude do falante/escritor traz potenciais implicações para o destinatário/leitor, como a de estar de acordo ou não com a afirmação em questão.

Para Traugott (2003), de uma perspectiva histórica, em que a subjetivação envolve o recrutamento de significados não apenas para codificar, mas também para controlar atitudes e crenças, é inevitável não envolver, em algum grau, a intersubjetividade. Contudo, enquanto a subjetivação é um mecanismo por meio do qual os significados se tornam mais dependentes e se centram no falante/escritor, a intersubjetividade é um mecanismo pelo qual os significados se tornam mais centrados no destinatário.

Assim sendo, a intersubjetividade, segundo Traugott, é o processo *semasiológico* pelo qual os significados surgem ao longo do tempo para codificar ou externalizar implicações relacionadas com a atenção do falante/escritor para o *self* do destinatário/leitor num sentido epistêmico e social⁹⁴. A hipótese aventada por Traugott é a de que, para qualquer lexema L, a intersubjetivação é historicamente posterior à subjetivação⁹⁵. Assim, a própria autora considera que sua abordagem não é idêntica à defendida por Langacker (1982). Há pontos comuns entre elas; no entanto, a abordagem de Langacker está principalmente relacionada

⁹³ Segundo o Dicionário Houaiss, *fato* teria sua origem etimológica do latim “*factum*, *i* ‘feito, ação, façanha, empresa’” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.1313), e há uma remissão para a forma *faz-* e para a notação histórica de *facto*, em 1548. Para Cunha (1982, p.351), *fato* teria também outra herança etimológica: de “*fac*”, imperativo de *facere*.

⁹⁴ É possível perceber aqui traços do modelo de interação verbal proposto por Dik (1989). Nesse modelo, o autor apresenta um caminho de mão dupla na comunicação entre a informação do falante e o construto informacional do destinatário. Nesse modelo, falante/escritor e ouvinte/leitor interferem, simultaneamente, na informação pragmática de um e de outro, possibilitando reelaborações. Ou seja, no modelo de Dik, o componente intersubjetivo tem grande relevância.

⁹⁵ No original: “The hypothesis is that, for any lexeme L, intersubjectification is historically later than and arises out of subjectification.” (TRAUGOTT, 2003, p.130).

com a perspectivização do sujeito gramatical de modo que a intersubjetivação, como um processo regular, não derivaria diretamente da subjetivação como propõe Traugott.

Traugott (2003) cita o caso da expressão inglesa *let's* para tornar mais evidente a distinção entre a sua abordagem e a de Langacker. De acordo com ela, o histórico desta construção revela o seguinte *continuum*:

let us 'allow us (imp.)' > *let's* > 'I propose (hortative)' > 'mitigator/marker of care-giver register'⁹⁶

vamos 'peritem-nos (Imp.)' > *Vamos* > 'Eu proponho (exortativo)' > 'atenuador/marcador de registro respeitoso'

Para melhor demonstrar essa evolução, Traugott apresenta a mudança semântica que *let's* sofreu ao longo de seu percurso histórico até o inglês contemporâneo:

(vi) *Let us go, will you.* (Deixe-nos em paz.)

(vii) *Let's go, shall we.* (Deixe-nos ir embora. Vamos embora.)

(viii) *Let's take our pills now, Roger.* (*Vamos* tomar os nossos comprimidos agora, Roger.)⁹⁷

No primeiro caso, a ação de *deixar* depende do outro. Numa fase inicial do desenvolvimento de *let's go*, a ação é apropriada pelo falante/escritor, trocando o sujeito de *let*, de *you* (você) para *we/I* (nós/eu). Neste caso, tanto para Traugott quanto para Langacker, a mudança seria um caso de subjetivação. Já no exemplo (viii), para Langacker, seria ainda subjetivação porque o falante está conceptualmente *off stage* (fora do palco/atenção), uma vez que ele não participa da ação de tomar os comprimidos. Deve-se notar, contudo, que em (viii) a segunda pessoa do singular é substituída, por uma intenção social dêitica, para a primeira pessoa do plural. Traugott analisa o último exemplo como um caso de intersubjetivação, porque, tendo destacado o sujeito numa posição de uso enfático, ele ou ela

⁹⁶ Traugott (2003, p.130).

⁹⁷ Traugott (2003, p.130).

antecipa a possível objeção do destinatário à atividade projetada (neste caso, tomar o comprimido) no “aqui” e “agora” do discurso em curso (TRAUGOTT, 2003, p.130).

A partir de outros exemplos analisados na língua japonesa, Traugott revê sua hipótese da unidirecionalidade semântica *subjetividade > intersubjetividade*, acrescentando mais um elemento à esquerda: a *não (ou menos) subjetividade*. Isso porque, segundo ela, essa seria uma tendência na codificação linguística, uma vez que o inverso, ou seja, *intersubjetividade > subjetividade > não subjetividade*, não seria o mais esperado. Isso significa que, por hipótese, a intersubjetividade é uma espécie de ponto-final semasiológico para um determinado par forma-função. Numa perspectiva onomasiológica, todavia, uma categoria intersubjetiva viria a ter ao longo do tempo maior ou menor membros, dependendo do registro, preferência cultural etc. (cf. TRAUGOTT, 2003).

Em uma pesquisa paralela (RAUBER, 2013a), pude observar a pertinência dos mecanismos de (inter)subjetivação em perífrases formadas por *sendo* + X, em que X poderia ser qualquer outra palavra. Para isso, utilizei o *corpus* de textos produzidos pelos informantes do PP. Nessa variedade, foram encontrados cinco padrões de uso dessa construção, conforme apresentado na tabela a seguir:

SENDO + X	COMPOSIÇÃO	FUNÇÃO SEMÂNTICA
<i>sendo utilizado</i> ⁹⁸	Verbo SER (ger.) + Particípio	Voz passiva
<i>sendo isso</i>	SENDO + Pron. anafórico	Opinativo/conclusivo (?)
<i>sendo então</i> ⁹⁹		Opinativo/conclusivo
<i>sendo assim</i>	SENDO + Advérbio (de opinião)	Modalizador deôntico, conclusivo ¹⁰⁰
<i>sendo que</i>	SENDO + QUE	Ambíguo: causal, focalizador

Quadro 11: Construções com SENDO + X

Para o estudo em questão, observar a funcionalidade da perífrase *sendo que* e constatar outras estruturas perifrásticas, que têm como elemento básico a forma *sendo*, foi

⁹⁸ Trata-se de uma locução verbal passiva que, aqui, foi incluída apenas para servir como exemplo contrastivo em relação às demais construções *sendo* + X.

⁹⁹ *Então*, do latim *in(em)* + *tunc* (naquela ocasião) = em tal caso.

¹⁰⁰ Defendi (2013), em sua pesquisa de doutorado sobre os marcadores de conclusão em textos do PB, verificou que a construção *sendo assim* assume função conclusiva em certos contextos argumentativos.

um dado importante. Certamente os demais usos acima elencados também indicam que a forma *sendo + X* tem assumido funções para além daquela de marcador auxiliar ou de verbo copulativo. Pode-se supor, com base principalmente em Traugott (2005, 2010), que tais empregos inovadores, ou a evolução dessa construção para outros sentidos e funções, têm forte influência dos processos de *subjetivação* e *intersubjetivação*. Neste trabalho, contudo, dedicar-me-ei apenas ao *sendo que*.

CAPÍTULO II

Gramaticalização do foco de atenção

2. Gramaticalização de construções

Neste capítulo, parto da concepção de que a integração entre a gramaticalização de construções e a cognição não é aleatória. Langacker (2007), um dos fundadores do movimento da linguística cognitiva e autor de *Foundations of cognitive grammar* (1991), afirma que a Gramática Cognitiva apresenta mais similaridades, ainda que não totalmente¹⁰¹, com a Gramática de Construções (FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 1995; TROUSDALE, 2008) do que é possível imaginar. Isso ocorre porque essas duas teorias compartilham algumas ideias básicas, tais como: que as construções (e não regras) são o objeto primário de descrição; que o léxico e a gramática não são distintos em seus processos, mas um *continuum* de construções (pareamento forma-significado); e que as construções estão ligadas em redes de herança ou categorização.

2.1. Cognição e atuação pragmática: a gramaticalização do foco

Uma gramática funcional, como propõe Dik (1989, 1997), deve ser definida como estando inserida dentro de uma teoria pragmática da interação verbal. Em última instância, deve ser capaz de integrar-se a um modelo de uso de língua natural – *the natural language user* – *NLU* – (DIK, 1997, p.1). Isso significa defender que as expressões linguísticas não são objetos isolados, mas instrumentos usados por um falante com a intenção de provocar alguma interpretação (ou reação) por parte do destinatário ou interlocutor, num contexto definido pelas expressões anteriores, e também dentro de um conjunto definido pelos parâmetros

¹⁰¹ Langacker (2007) reconhece alguma distinção entre ambas. Segundo ele, na representação de significados, a Gramática de Construções ignora largamente os fatores de interpretação, tidos como fundamentais pela Gramática Cognitiva, que propõe que toda construção gramatical tem uma caracterização conceitual. Noções como substantivo, verbo, sujeito e objeto são tratados, pela Gramática de Construções, essencialmente como primitivos sintáticos inanalisáveis (cf. LANGACKER, 2007, p.422).

essenciais da situação de fala, ou da situação discursiva, ou seja, da adequação pragmática. Além disso, Dik (1997) também propõe outra adequação, a psicológica.

Uma gramática deve também visar à adequação psicológica, ou seja, deve aproximar-se, tanto quanto possível, de um modelo psicológico naturalmente dividido em modelos de produção e modelos de compreensão (DIK, 1997). Os modelos de produção definem como o falante constrói e formula as expressões linguísticas. Os modelos de compreensão, por sua vez, especificam como o destinatário, ou interlocutor, processa e interpreta as expressões linguísticas.

Há, ainda, uma terceira adequação, a que Dik (1997) chamou de adequação tipológica. Segundo ele, trata-se do terceiro requisito imposto por uma gramática funcional e que deve ser capaz de proporcionar gramáticas para qualquer língua, e, ao mesmo tempo, proporcionar a observação, de modo sistemático, das semelhanças e das diferenças entre elas. O requisito básico da adequação tipológica obviamente implica que a teoria linguística deve ser desenvolvida com base nos fatos de uma vasta gama de línguas e o mesmo deve ser feito com as hipóteses aventadas (DIK, 1997).

Diante dessas principais adequações particularmente importantes para uma teoria funcionalista, restrinjo-me, neste momento, à descrição da primeira, ou seja, da adequação pragmática, uma vez que ela está diretamente envolvida na codificação da atitude do falante para com aquilo que ele deseja destacar no conteúdo informacional da interação comunicativa com o interlocutor. Além disso, em relação à adequação psicológica, alguns estudiosos do funcionalismo de Dik (1997), como Velasco (2013), afirmam que o autor não teve tempo suficiente para desenvolver tal dispositivo no interior do seu modelo de Gramática Funcional.

2.1.1. Domínio pragmático

No que tange à adequação pragmática, a língua oferece recursos linguísticos para a manifestação das intenções comunicativas daqueles que a utilizam não só para interagir verbalmente, mas também para interferir na informação pragmática tanto do falante/escritor

como do ouvinte/leitor. Desejos, vontades, intenções, ordens, entre outros aspectos do domínio comunicativo e extralinguístico, podem se materializar na estrutura linguística a partir de várias estratégias, codificadas, por exemplo, nas formas verbais, na modalidade, no aspecto, na ordem dos constituintes oracionais, na proeminência prosódica. Uma estratégia interessante e produtiva de codificação sintática é o emprego de marcadores de foco informacional. Esse será o objeto de interesse nesta tese. Invariavelmente ele está vinculado ao subsistema pragmático.

Segundo Payne (1997, p.261), a pragmática é a prática de interpretação do enunciado, ou, em inglês, “*pragmatics is the practice of utterance interpretation*” (LEVINSON, 1983, *apud* PAYNE, 1997). Enunciados, para esse linguista da Universidade do Oregon, EUA, são instâncias reais da língua em uso, portanto elas sempre ocorrem num contexto, e sua interpretação sempre afeta e é afetada por ele.

O *status* pragmático, para Payne (1997, p.261), tem a ver com as escolhas que o falante faz sobre como adaptar eficientemente as expressões que usa ao contexto, incluindo o “estado mental” (*‘mental state’*) presumido do destinatário. Papéis semânticos e *status* pragmáticos são, geralmente, embora nem sempre, pensados como características de elementos nominais. Entretanto, cabe distinguir que papéis semânticos são recursos do conteúdo do discurso, enquanto o *status* pragmático relaciona o conteúdo ao contexto. Assim, rótulos que têm sido usados para descrever variados estatutos pragmáticos incluem: dado, novo, pressuposto, foco, tópico, identificável (ou definido) e referencial (*op. cit.*).

Na comunicação, podemos realçar ou destacar um item ou construção sobre o qual queremos que alguém preste atenção. Podemos gastar energia comunicativa menor com a informação que sabemos já ser de conhecimento do interlocutor, afirma Payne (1997). Essas intenções pertencem ao campo da **pragmática**, que se detém no estudo de como esses tipos de tarefa de realce e de atenuação afetam a estrutura da comunicação linguística (*op. cit.*). Nessa linha, podemos lançar mão de dispositivos acionados para marcar o *status* pragmático, como, por exemplo, o **foco**¹⁰² ou **ênfase**. Segundo Payne, esse é o termo mais usado e

¹⁰² **Foco**: latim *focus*, -i. Lar, lareira, braseiro, casa, chama, pira. Ponto onde se concentram os raios luminosos (...). Ponto de convergência ou donde saem emanações = CENTRO. Ponto ou lugar onde se concentram certos fatos ou fenômenos (In: Dicionário Priberam. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/foco>).

usurpado em linguística. Alguns teóricos, como Chafe (1976), Watters (1979) e Dik (1981), o empregaram em seus modelos de descrição linguística. Destes, optei por seguir o modelo pragmático de foco proposto por Dik¹⁰³ (1989, 1997). Sobre esse modelo, discorro na próxima seção.

2.1.2. O modelo de adequação pragmática de Dik (1989, 1997)

A informação pragmática, segundo Dik (1997), é todo o corpo de conhecimento, crenças, assunções, opiniões e sentimentos disponíveis para um indivíduo em qualquer ponto na interação verbal. Para esse pesquisador, o termo ‘interação’ não se restringe ao conhecimento cognitivo, mas inclui qualquer item possível que esteja de alguma forma presente no mundo mental dos indivíduos, incluindo seus preconceitos (cf. DIK, 1997, p.10). A informação pragmática pode, segundo Dik, ser dividida em três principais grupos: a informação geral, a situacional e a contextual.

A **informação pragmática geral** é de longo-termo e se refere às características do mundo natural, cultural e de outras possibilidades do mundo imaginário. A **informação situacional** deriva daquilo que os participantes percebem ou outra experiência da situação em que a interação comunicativa acontece. Por fim, a **informação contextual** tem sua origem nas expressões linguísticas que são trocadas antes ou depois de qualquer ponto dado na interação verbal¹⁰⁴ (cf. DIK, 1997).

Ainda, segundo Dik (1997), a informação pragmática do falante e do interlocutor normalmente tem um grande objetivo em comum: a informação compartilhada. Contudo, haverá também informações que estarão disponíveis apenas para o falante¹⁰⁵ ou apenas para

¹⁰³ Agradeço à Profa. Dra. Gisele Cássia Sousa, docente da Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, pelas sugestões dadas para este trabalho durante o II SILF (Simpósio Internacional de Linguística Funcional), que ocorreu na Universidade de São Carlos, em agosto de 2013.

¹⁰⁴ O modelo de interação verbal proposto por Dik (1997, p.8) é codificado a partir das expressões *Speaker forms* (formas do falante) e *Addressee constructs* (construtos do destinatário). Assim, infere-se que tais rótulos sirvam tanto para a interação verbal escrita quanto falada.

¹⁰⁵ O termo ‘falante’ (do original *speaker*, DIK, 1997, p.8) será, neste trabalho, correlacionado ao sujeito que escreve (escrevente).

o interlocutor (destinatário)¹⁰⁶. O verdadeiro ponto da interação verbal está geralmente localizado na informação não compartilhada, ou seja, no conteúdo novo. Contudo, afirma Dik (1997), esse ponto somente pode ser identificado quando contrastado com a experiência (*background*) da informação compartilhada. É exatamente isso que, no capítulo de análise de dados desta tese, procurei identificar com a perífrase *sendo que*.

Relembro que, para Dik (1997), contudo, a função primária da interação verbal está em o falante causar mudanças na informação pragmática do ouvinte, ou seja, quando falamos ou escrevemos, nosso ponto de atenção é o outro, sujeito tão intencional quanto nós (TOMASELLO, 2003). Essas mudanças podem ocorrer por *adição*, quando o falante (F) compartilha com o interlocutor (I) alguma parte da informação que o I não possuía anteriormente; por *substituição*, como quando o F informa ao I que certa porção da informação deste deveria ser substituída por outra porção informativa; e por *lembança* (*reminders*), quando o F torna I consciente de alguma porção de informação que I não revelava consciência antes. Além disso, conclui Dik (1997) que F pode também pretender, principalmente, interferir na informação emocional de I no intuito de mudar sua avaliação subjetiva em decorrência de outra.

A relação mútua entre F e I pode ser simbolizada conforme este esquema proposto por Dik (1989, 1997)¹⁰⁷. Nele, *speaker* é F e *addressee* é I:

Figura 2: Conhecimento mútuo de S (speaker) e A (Addressee) de Dik (1997, p.11)

¹⁰⁶ Dik (1989, 1997) emprega o termo *addressee*, ou seja, 'destinatário'. Entretanto, alguns linguistas, preocupados com o espectro formalista da 'codificação' e 'decodificação', têm preferido traduzir tal expressão por 'interlocutor'. Aqui, emprego as duas formas (destinatário e interlocutor), sabendo que Dik usou sempre *addressee*.

¹⁰⁷ As siglas, segundo Dik (1997, p.11), foram apropriadamente chamadas (PA)s: 'a imagem de PA em Ps', por Brown (1984).

Nesse esquema, as expressões *speaker* (falante) e *addressee* (destinatário/interlocutor) representam os actantes da interação verbal. 'P_s' simboliza a informação pragmática do falante e 'P_A', a informação pragmática do destinatário. '(P_A)_s', dentro de P_s, representa o que o falante (S) acredita saber da informação pragmática do destinatário (A). '(P_s)_A', dentro de P_A, simboliza o que o destinatário pensa saber sobre a informação pragmática do falante (S).

Uma vez que os participantes têm uma suposição sobre a informação pragmática de ambos, podem também avaliar aquilo que é compartilhado entre eles e aquilo que não é, além de compartilharem a informação pragmática de cada um. Essa avaliação da informação compartilhada e não compartilhada é de fundamental importância para o sucesso da interação verbal. Uma estratégia bastante comum, segundo Dik (1997), é o falante iniciar sua comunicação de um ponto que ele estima ser compartilhado entre ambos – a informação dada ou partilhada –, e, a partir dele, inferir a informação não compartilhada, para, então, adicioná-la às porções de informação pragmática do interlocutor (destinatário) ou substituí-las. Essa estratégia, que tem sido denominada o 'contrato dado-novo' (*'Given-New Contract'*) nos trabalhos de psicolinguística de Clark (1977), também tem seu impacto na estruturação pragmaticamente relevante das expressões linguísticas, conclui Dik (1997).

No modelo de Dik, o conteúdo semântico é uma característica determinada pelo sistema linguístico, a ser contabilizada pela gramática de uma língua. Ele, contudo, não é idêntico à intenção comunicativa inicial do falante, nem à interpretação final alcançada pelo interlocutor. Dik (1997) fala em uma 'escala de explicitação' da expressão, e é nesse sentido que uma intenção comunicativa é codificada numa forma relativamente explícita quando há pequena diferença entre essa intenção e o conteúdo semântico da expressão, e, numa forma relativamente implícita, quando há uma grande quantidade de diferença entre a intenção e o conteúdo semântico. Em termos da escala de explicitação, Dik afirma que grande parte da interação verbal cotidiana é relativamente implícita; assim, muito é deixado a cargo da atividade interpretativa do interlocutor, que deverá ser capaz de chegar à reconstrução da intenção comunicativa do falante.

Nesse sentido, colocando em evidência o conteúdo semântico, afirma Dik (1997, p.12):

On this view the semantic content of a linguistic expression can be defined as that information which it is necessary and sufficient to attribute to that expression in order to explain how it can be systematically used in relating given intentions to given interpretations, within the framework defined by the pragmatic information available to S and A.¹⁰⁸

Segundo ele, como pudemos verificar, o conteúdo semântico de uma expressão linguística pode ser definido como a informação que é necessária e suficiente para atribuir sentido à expressão, a fim de explicar como esse conteúdo pode ser sistematicamente usado para relacionar intenções e interpretações dadas, dentro do quadro definido pela informação pragmática disponível para F e I. Tal visão encontra explicação no conceito de língua defendido por Dik (1997), segundo o qual a intenção do falante e a interpretação do interlocutor (destinatário) é mediada e não estabelecida pelas expressões linguísticas. Assim,

the linguistic expression is a function of S's intention, his pragmatic information, and his anticipation of A's interpretation, while A's interpretation is a function of the linguistic expression, A's pragmatic information, and his conjecture about what may have been S's communicative intention¹⁰⁹ (DIK, 1997, p.9).

Inserida nessa concepção de que as expressões linguísticas se constituem como mediadoras de intenções e de interpretações no jogo comunicativo, a marcação de focos de atenção sobre os quais o falante deseja que o interlocutor preste maior atenção parece ser uma condição favorável capaz de codificar essa função pragmática na estrutura da língua.

Por função pragmática, Dik (1997) compreende a função que especifica o *status* informacional dos constituintes em relação ao cenário comunicativo mais amplo em que eles foram usados. Os principais parâmetros ao longo dos quais as funções pragmáticas podem ser distinguidas são a 'topicalização' – caracterização das coisas sobre as quais falamos – e a 'focalização' – caracterização da parte mais importante ou saliente daquilo que topicalizamos (cf. DIK, 1997, p.310). Para este segundo, acredito que o termo "marcar" é mais apropriado.

¹⁰⁸ A diferença essencial entre conteúdo semântico e interpretação final Dik (1997) buscou em Reichling (1963).

¹⁰⁹ Tradução sugerida: A expressão linguística é uma função da intenção do falante, sua informação pragmática, e sua antecipação da interpretação do destinatário, enquanto que a interpretação do destinatário é uma função da expressão linguística, da informação pragmática do destinatário e sua conjectura sobre o que pode ter sido a intenção comunicativa do falante.

Quando numa língua se emprega tratamento distintivo especial a algum elemento topicalizado ou focalizado, a ela atribuir-se-á uma destas funções pragmáticas: Tópico e Foco.

Parcialmente correspondente à informação ‘dada’ e informação ‘nova’, o linguista holandês propõe distinguir as dimensões de *topicalidade* e *focalidade*. No segundo volume da sua obra *The theory of functional grammar*, editada por Hengeveld (1997) após a morte de Dik, assim aparecem as definições desses dois termos:

Topicality concerns the status of those entities ‘about’ which information is to be provided or requested in the discourse¹¹⁰. The topicality dimension concerns the participants in the event structure of the discourse, the ‘players’ in the play staged in the communicative interaction. Focality attaches to those pieces of information which are the most important or salient¹¹¹ with respect to the modifications which S [speaker] wishes to effect in PA¹¹², and with respect to the further development of the discourse. The focality dimension concerns the ‘action’ of the play. (DIK, 1997, p.312)

Ao ler a descrição de Dik (1997), é possível perceber que a topicalidade revela-se no *status* da entidade sobre a qual a informação é fornecida ou requisitada no discurso. Essa dimensão diz respeito aos participantes na estrutura de evento do discurso. Numa analogia, representaria os ‘jogadores’ no jogo organizado na interação comunicativa, ou, ainda, os atores na cena de interação verbal. Por sua vez, a dimensão focal destaca uma determinada parte da informação, considerada pelo falante como a mais importante. Com essa estratégia, ele espera que o destinatário perceba esse efeito, para o melhor desenvolvimento do discurso, atribuindo ‘ação’ ao jogo comunicativo. Essas duas dimensões de organização discursiva podem aparecer sobrepostas, quando, em certos contextos, os elementos tópicos podem servir também de foco à informação, como afirmado por Dik, cujo exemplo foi, nesta tese, adaptado para seu correspondente em português.

¹¹⁰ Grifo meu.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Dik (1997) parece se referir à informação pragmática do destinatário, em inglês *Addressee’s pragmatic information* (op. cit., p.311).

Neste caso, os sujeitos A e B estão falando, há algum tempo, sobre a votação que ocorreu no Supremo Tribunal Federal do Brasil e que envolveu dois juízes dessa Suprema Corte, Joaquim Barbosa e Celso de Mello. Então A pergunta para B:

A: Você sabe como votaram os juízes Barbosa e Mello no caso dos embargos infringentes dos réus do Mensalão?

B: Bem, JOAQUIM BARBOSA votou contra, mas CELSO DE MELLO votou favoravelmente.¹¹³

No contexto em questão, a informação tópica dada – Joaquim Barbosa e Celso de Mello – recebeu, também, proeminência focal. Isso ocorre, afirma Dik (1997), quando algum contraste é estabelecido entre dois ou mais tópicos indicados anteriormente. Além desse emprego em contexto contrastivo, a categoria tópico e foco pode ser codificada, em muitas línguas, da seguinte forma, conforme indica Dik (op. cit., p.313):

- Um constituinte ganha uma forma especial;
- Uma marca especial assinala o *status* pragmático;
- Uma posição especial manifesta-se na ordem linear da oração;
- Um contorno prosódico especial revela-se;
- Um tipo de construção especial é selecionada.

No português, isso também ocorre e evidenciar circunstancialmente esses usos é objetivo primeiro desta tese, por meio da qual descreverei a construção *sendo que*. Em certos contextos de uso no português, apresenta-se como uma construção especial empregada para marcar o foco de atenção na situação comunicativa. Isso ocorre porque os interactantes desejam interferir na informação pragmática do seu interlocutor, conduzindo sua atenção para a porção informativa que consideram ser a mais importante.

Para Goldberg (2006, p.129-130), a escolha de construções particulares geralmente determina a estrutura informacional de uma setença, incluindo seus domínios tópico e **foco** potencial. As diferenças no ‘empacotamento’ (*packaging*) da informação são, talvez, a mais

¹¹³ Exemplo organizado a partir de um contexto empírico, apresentado num programa televisivo de notícias e entrevistas, em setembro de 2013.

importante razão que as línguas têm para dizer a “mesma” coisa de modo alternativo¹¹⁴. Nessa perspectiva, o potencial **domínio foco** (*potencial FOCUS DOMAIN*¹¹⁵) de uma sentença é aquela parte interpretada como sendo asseverada. A pesquisadora cita Halliday (1967) para com ele concordar que o domínio foco é um tipo de ênfase cuja função marca uma parte (pode ser também o todo) de um bloco de mensagem sobre a qual ele deseja que o interlocutor dê atenção e a interprete como informativa. Em outras palavras, o **FOCUS DOMAIN** marcaria a relevância informativa do conteúdo comunicado¹¹⁶.

Dada a relevância desses marcadores para a discussão elaborada nesta tese, dedicarei atenção à função de foco e à sua descrição, seguindo, especialmente, as considerações de Dik (1989, 1997) e Dik *et alii* (1981), sem, contudo, me restringir a elas.

2.2. Foco, focalidade, focalização

Payne (1997), inspirado em Mathesius (1939)¹¹⁷, afirma que, de modo geral, o termo foco é abordado de três formas no campo da Linguística:

1. *Foco* é um termo aplicado a uma operação morfossintática ou categoria, cuja funcionalidade não tem sido adequadamente analisada.
2. *Foco* é um termo aplicado a um elemento de cada oração. Nessa abordagem, o foco pode muito bem ser equiparado à ‘informação nova’ ou à ‘informação asseverada’.

¹¹⁴ No original: “The choice of particular constructions often determines the information structure of a sentence, including its topic and potential focus information structure of a sentence, including its topic and potential focus domain. Differences in the packaging of information are perhaps the most important reason why languages have alternative ways to say the ‘same’ thing”. (GOLDBERG, 2006, p.129-130)

¹¹⁵ Destaque no original.

¹¹⁶ Segundo Goldberg (2006), uma forma de perceber qual é o escopo do foco é realizar a paráfrase com o negativo. Pode-se dizer que a proposição transferida pela oração relativa não é parte do domínio foco porque ela não é negada pela sentença negativa, conforme os exemplos inspirados em Goldberg (2006, p.130): a) **Li o livro** que a Maria me emprestou. b) **Não li o livro** que a Maria me emprestou. Tanto em (a) como em (b) a proposição de fundo (*Maria me emprestou um livro*) continua inalterada (*backgrounded elements*), o domínio do foco, entretanto, sofre a incidência da negativa.

¹¹⁷ Mathesius, 1939: Functional sentence perspective.

3. *Foco* descreve a condição de uma oração marcada pragmaticamente. Outras orações podem ser classificadas como ‘foco-neutro’ ou ‘desfocalizadas’¹¹⁸.

A terceira concepção do termo **foco** indica que ele pode ter um *status* pragmático especial que não está evidente em toda oração. Por vezes, essa concepção é denominada **foco marcado**. Orações que são ‘focalizadas’, ou têm um ‘constituente focalizado’, são marcadas pragmaticamente. Isto é, elas desviam em suas nuances pragmáticas da maioria dos outros tipos de orações da língua. Muitos autores, como Chafe (1976) e Givón (1979), usam o termo **contraste** para descrever essa função pragmática.

A distinção maior na tipologia do foco marcado está relacionada ao que se chama ‘escopo do foco’. Então, o **escopo do foco** de uma oração recai sobre o valor de verdade da oração inteira (quando envolve orações que têm um valor de verdade ou assim se pretende que sejam percebidas) ou sobre um dos constituintes oracionais. Em relação a esta segunda forma de escopo, ela pode codificar diferentes tipos de foco, conforme cita Payne (1997): foco asseverativo (quando o falante acredita que o destinatário tem conhecimento da informação); foco de pressuposição contrária (próximo ao foco contrastivo, como será visto adiante em Dik, 1997); e o foco lista exaustiva (quando a informação do falante é verdadeira naquilo que marca e falsa no que diz respeito a toda outra informação. Por exemplo, alguém, que está bêbado, afirma: ‘Eu bebi **somente Pepsi** na festa’).

Apoiado em Watters (1979), Dik *et alii* (1981), Bossuyt (1982), Hannay (1983), Vries (1985), Moutaouakil (1984) e Thwing-Watters (1987), Dik (1997) defende que a função pragmática de foco pertence à dimensão de focalização do discurso, quando o falante deseja marcar aquilo que considera mais saliente e essencial para a integridade pragmático-informativa do seu interlocutor (destinatário).

O comportamento funcional de um constituinte focal pode ser assim codificado em diferente línguas (cf. DIK, 1997):

¹¹⁸ No original: “1. ‘Focus’ is a term applied to some morphosyntactic operation or category whose functional has not been adequately analyzed. 2. ‘Focus’ is a term applied to one element of every clause. In this approach, focus can pretty much be equated with ‘new information’ or ‘asserted information’. 3. ‘Focus’ describes a condition of some pragmatically marked clauses. Other clauses can be ‘focus-neutral’ or ‘unfocused’.” (PAYNE, 1997, p.267).

Função foco	Característica	Exemplo
Proeminência prosódica	Acento enfático no (na parte do) constituinte focalizado	<i>Dilma Rousseff é a PRIMEIRA MULHER eleita Presidente do Brasil.</i> ¹¹⁹
Ordem especial dos constituintes	Posições especiais ocupadas pelos constituintes focais na ordem linear da oração	<i>A PRIMEIRA MULHER eleita presidente do Brasil foi Dilma Rousseff.</i>
Marcadores especiais de foco	Partículas que demarcam o constituinte focal do resto da frase	Dilma foi eleita presidente do Brasil em 2010, SENDO QUE foi a primeira presidente mulher desta nação.
Construções especiais de foco	Construções que definem intrinsecamente um constituinte específico como tendo a função foco	<i>Dilma Rousseff é A PRIMEIRA MULHER que o Brasil elegeu presidente.</i>

Quadro 12: Estratégias de focalização (baseado nas definições de foco de DIK, 1997)

Nos exemplos acima, apenas no primeiro caso a proeminência prosódica é o único dispositivo que expressa o foco de atenção. Trata-se de uma frase declarativa em que os constituintes estão dispostos na ordem direta: Sujeito-Verbo-Complemento/Predicativo. Nos demais casos, em que o foco é marcado de outra forma, a proeminência prosódica pode também marcar a informação saliente, mas isso, segundo Dik (1997) não é necessário. Se ocorrer, não será mais (ou tão) proeminente do que no primeiro caso. Por essa razão, Dik prefere distinguir a função pragmática de foco de sua possível manifestação na forma de proeminência prosódica. No caso com **marcador especial de foco**, incluí um exemplo com a construção *sendo que*, a qual desempenha função de focalizador, como demonstrarei mais adiante.

Certas línguas, afirma Dik (1997), têm um sistema de foco bastante elaborado e empregam diferentes estratégias formais para diferentes tipos de foco. Por isso, merecem uma subdivisão ordenada a partir do gatilho informativo que disparam (cf. DIK, 1997). Com base nessa gama de estratégias e das regularidades que apresentam, como fez Dik, é possível apresentar duas propriedades importantes para essa subcategorização de focos de atenção:

¹¹⁹ Notícia veiculada em jornal eletrônico no dia 31 de out. 2010. Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-rousseff-e-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil.html>. Acesso em 20 set. 2013.

o *escopo* da função foco, ou seja, a parte da estrutura da oração que está sendo focalizada, conforme apresento na figura 3, traduzida de Dik; e o *ponto comunicativo* da focalização. Caberia questionar por que razão comunicativa (ou intencional) determinada parte da oração teve sua estrutura focalizada. As respostas que podem ser formuladas permitem reconhecer duas questões fundamentais: a organização linguística e a motivação comunicativa.

A diferença de escopo é assim representada por Dik (1997, p.331):

Figura 3: Diferentes escopos do foco (tradução da versão de DIK, 1997, p.331)

A língua, desse modo, pode ter diferentes estratégias de focalização. O foco poderá recair sobre π -operadores (de tempo, modo, aspecto, e operadores de polaridade), sobre o predicado, ou sobre termos. Nesse último caso, há várias estratégias distintas para a focalização no sujeito ou em outros termos da oração. Para demonstrar o foco na polaridade, Dik (1997, p.331) cita um exemplo do inglês, que possui auxiliares específicos para a marcação de tempo, e o destaque que é dado aos seus constituintes:

X: *Peter solved the problem.* (Pedro resolveu o problema.)

Y: *He did **NOT** solve the problem.* (Ele NÃO resolveu o problema.)

X: *He **DID** solve the problem.* (Ele RESOLVEU o problema.)

As três orações apresentam aspectos interessantes da focalização. A primeira, de natureza declarativa e de polaridade neutra, não recebeu destaque em nenhum dos seus

constituintes. Já a segunda e a terceira apresentaram estratégias de focalização diferentes. Em *He did NOT solve the problem*, o escopo da focalização recai sobre a partícula negativa ‘not’; em *He DID solve the problem*, o destaque passa a ser dado ao auxiliar de passado ‘did’, que aqui reforça a polaridade positiva. Nos dados (15) e (16) citados a seguir, a expressão *sendo que* reforça e particulariza uma porção informativa sobre a qual o falante/escritor deseja que o leitor preste atenção.

- (15) Mais de metade dos indivíduos da AMP que procuraram o primeiro emprego no ano de 1995 detinham apenas o ensino básico, **sendo que** a situação mais grave ocorreu em Espinho, onde este universo cresceu até aos 72 por cento. (20PP ext1312907)
- (16) Alfredo VOLPI – A exposição, intitulada "Volpi – Projetos e Estudos em Retrospectiva de 40 a 70", apresenta 146 trabalhos do pintor italiano, **sendo que** 40 deles são inéditos (20PB 312)

Quando as estratégias de foco são distintas segundo o ‘ponto comunicativo’, as seguintes características informativas podem ser relevantes, aponta Dik (1997, p.331):

Figura 4: Diferença no ponto da comunicação (DIK, 1997, p.331)

Assim, o *ponto comunicativo* de atribuição do foco pode ou afetar uma lacuna informativa por parte do falante, ou manifestar algum tipo de contraste (DIK, 1997). No caso da perífrase *sendo que*, como demonstrarei adiante, esses dois pontos comunicativos podem ser acionados. No primeiro caso, o ponto comunicativo pode residir na questão da lacuna informativa ou na apresentação de uma nova informação percebida como faltante pelo falante (em inglês: “*an information gap on the part of the speaker*”, op. cit., p.332), que pode,

inclusive, ser uma informação requerida pelo par questão-resposta, para atestar o valor de verdade da proposição, a que Dik chama de ‘foco questão’ e ‘foco completivo’. Além dessas, outras formas de foco envolvem algum tipo de contraste entre o constituinte focalizado e a porção alternativa da informação que pode ser pressuposta ou apresentada explicitamente.

Há também o ‘foco paralelo’, que é atribuído aos constituintes correspondentes em construções análogas, tal como em:

- (17) “Vamos considerar um casal, **sendo que** o HOMEM possui CABELOS CRESPOS e sua MULHER, cabelos LISOS.” (20 PB CetenFolha 1)

Em (17), o foco ocorre pelo contraste entre duas afirmações *paralelas* predicadas ao SN ‘homem’ e ao SN ‘mulher’, ou seja, o tipo de cabelo do casal, que poderia ser assim representado:

Figura 5: Exemplo de foco paralelo

O ‘foco contrastivo’¹²⁰ ocorre quando uma informação apresentada traz traços divergentes à outra que o falante pressupõe ser compartilhada pelo interlocutor. Trata-se de um caso, afirma Dik (1997), de foco ‘contra-pressuposto’, que Watters (1979 *apud* DIK, 1997) chama de foco ‘contra-assertivo’ (*‘counter-assertive’*). Dik (1981) preferiu o termo ‘contra-pressuposto’ ou ‘contra-pressuposicional’, do inglês *‘counter-presuppositional’* (*op.cit.*),

¹²⁰ Givón (2011, p.140) defende que, nas línguas naturais, “afirmativas e suas negativas correspondentes não diferem apenas pelo seu valor de verdade, mas também por um elemento adicional – pragmático –, a saber, suas *pressuposições discursivas*. Estas nem sempre correspondem àquilo que os lógicos têm tradicionalmente definido como ‘pressuposição’”. Givón cita Edward Keenan (1971 *apud* GIVÓN, 2011, p.140), o qual afirma que ambos os tipos de pressuposição envolvem “a *verdade* de certa proposição, ou – para ser pragmaticamente mais impreciso – o *conhecimento* do falante a respeito daquela verdade”. Assim, conclui Givón que muitas pressuposições discursivas certamente podem conformar-se a essa caracterização, mas outras, talvez a maioria, não, porque não tratam sempre daquilo que o falante *sabe ser verdadeiro*. “Ao contrário, elas envolvem aquilo que o falante assume que o ouvinte *tende a acreditar*, *está provavelmente inclinado a acreditar*, ou *está empenhado em acreditar por uma probabilidade mais alta do que 50%*.” (*op. cit.* Grifo do autor). No que se refere à pragmática das línguas naturais, a nítida dicotomia da lógica dedutiva, segundo o linguista da Universidade do Estado do Oregon, tende, assim, a se dissolver à luz do raciocínio *indutivo*, probabilístico (*op. cit.*).

porque, segundo ele, a informação apresentada pelo falante não precisa de ter sido enunciada pelo interlocutor, basta àquele supor que este acredita nela, como em:

- (18) Como o Pantanal, as restingas possuem vegetações comuns a outras regiões, **sendo que** o aspecto dessa vegetação muda à medida que se vai da praia para o interior do continente. (20 PB CetenFolha, 4)

Os diferentes subtipos mencionados por Dik (1997) podem ser sintetizados no quadro a seguir, proposto por Dik *et alii* (1991) e Watters (1979):

Tipo de foco	P _S	(P _A) _S	Expressão
Interrogação	????	X	????
Completivo	X	????	X!
Rejeição	não X	X	não X!
Substituição	Y	X	(não X, mas) Y!
Expansão	X e Y	X	também Y!
Restrição	X	X e Y	somente X!
Seleção	X	X ou Y	X!

Quadro 13: Tipos de foco em termos de ponto comunicativo (baseado em DIK, 1997, p.332)

Nesse quadro, as abreviaturas P_S e (P_A)_S representam, respectivamente, a informação pragmática do falante em P_S, e a imagem do falante acerca da informação pragmática do destinatário em (P_A)_S¹²¹. Normalmente, a informação focalizada na expressão linguística pertence à diferença entre P_S e (P_A)_S, e a informação focalizada é assim apresentada como ‘nova’ para o destinatário (*addressee*). Contudo, a informação focalizada nem sempre é completamente nova para o destinatário. O falante pode também focalizar uma porção da informação que julga estar já disponível ao destinatário, a fim de colocar especial ênfase naquele pedaço da informação. Em tais casos, normalmente haverá um contraste implícito ou

¹²¹ No original: “there must be some difference between the pragmatic information of S, and S’s picture of the pragmatic information of A, in other words, between P_S and (P_A)_S.” (DIK, 1997, p.326).

explícito entre aquela porção de informação e alguma outra porção informativa que é pressuposta ou explicitada no contexto.

Estes são alguns dos padrões focais apresentados por Dik (1997). Aqui, optei por apresentar as definições em duas sequências: uma que foca o contexto pragmático-comunicativo, ou a situação, e outra que indica a estratégia a ser tomada pelo falante (F) ou pelo interlocutor (I) com base em uma informação X ou Y ou parte dela:

Tipo de foco	Contexto pragmático	Estratégia
Foco questão	F tem uma lacuna informacional (<i>information gap</i>) para o qual pressupõe que I tem um pedaço da informação X.	F fará uma pergunta Sim/Não ou formulará uma questão que I responderá com X.
Foco completo	F (agora: o respondente) tem uma porção específica de informação X sobre a qual presume que I tem uma lacuna informativa.	F preencherá a lacuna informativa de I com X.
Foco rejeição	F presume que I tem uma parte da informação X que F não tem.	F corrige a parte da informação de I por meio de uma rejeição de X.
Foco substituição (retificação)	F presume que I possui alguma parte incorreta da informação X.	F substituirá a informação incorreta de I pela informação Y.
Foco expansivo	F presume que I processou uma porção correta da informação X, mas X não está completa.	F sabe que há pelo menos uma parte de informação Y, de cuja relevância I precisa saber.
Foco restritivo	F presume que I possui uma parte de informação X, mas também acredita que Y é o caso.	F corrige a informação pragmática de I, restringindo X por aquilo que F presume ser o correto.
Foco seletivo	F presume que I acredita que X ou Y é correto, mas não sabe o quê.	F então seleciona uma parte da informação de uma lista de possibilidades oferecidas por I.

Quadro 14: Tipos de foco contexto e estratégia focalizada (baseado em DIK, 1997)

Cada um dos tipos de foco apresentados por Dik (1997) é exemplificado com frases elaboradas por ele em inglês. Não são exemplos reais, mas, considerando o contexto pragmático que as desencadeia, podemos deduzir tais frases empiricamente.

Sobre os “exemplos elaborados”, pondera Velasco (2013)¹²² que uma das maiores críticas ao modelo funcionalista de Dik (1989, 1997) se assenta justamente no fato de que os exemplos linguísticos apresentados em sua Gramática Funcional não são totalmente factuais, ou seja, nem todos foram coletados empiricamente, como pressupõe uma teoria baseada na língua em uso. Contudo, segundo o pesquisador espanhol, isso ocorreu porque Dik (1989, 1997), preocupado em criar um modelo de gramática funcional, também queria encontrar exemplos ‘universais’ ou que, pelo menos, pudessem ser presumidos ou replicados na maioria das línguas. Esse nível de elaboração, como se sabe, demanda estratégias científicas que conduzem à abstratização. Por isso, aquilo que é criticado em Dik também é, por outro lado, a sua ‘retratação’. Ao mesmo tempo em que elabora exemplos para explicar a sua teoria funcionalista, busca universalizá-los com ocorrências interlinguísticas.

Em relação ao sistema de foco, Dik (1997, p.335) ilustra-o com exemplos extraídos de duas línguas bem distintas, o *wambon*, uma língua Papua, falada numa província da Indonésia; e o *aghem*, língua banto falada numa comunidade da República dos Camarões, África. Cito, para conhecimento, dois exemplos do *wambon*, descritos por De Vries (1985) em Dik (1997). Essa língua tem um marcador de foco indiferenciado, o *-nde*, que marca, indistintamente, constituintes de diferentes tipos de focalização, como se pode verificar no seguinte exemplo, retirado de Dik (1997, p.335-6) e aqui traduzido para o português:

- A: *Jakhove* *kenonop-nde* *takhim-gende?*
eles o que-**Foco** comprar-3pl:pres:final
‘O que eles compraram?’
- B: *Ndu-nde* *takhim-gende.*
Sago-**Foco** comprar-3pl:pres:final
‘Eles compraram **sago**.’

(Baseado em DIK, 1997, p.336)

O marcador *-nde* também pode indicar os focos de rejeição e de substituição:

¹²² Segundo Velasco (2013), “a formalização é uma exigência de modelos formais e funcionais”. Comunicação particular feita durante o *workshop* ministrado pelo Prof. Dr. Daniel García Velasco, intitulado *Corrientes funcionalistas contemporâneas*, desenvolvido no âmbito do II Simpósio de Linguística Funcional que ocorreu na Universidade Federal de São Carlos em agosto de 2013.

- A: *Mbitemop ndune ande-tbo.*
 Bitemop sago comer-3ps:passado:final
 'Bitemop **comeu** sago.'
- B: *Woyo, nekheve ndu-nde e-nogma-tbo*
 Não ele sago-**Foco** neg-comer-3ps:passado:final
 'Não, ele não comeu **sago**,
- nekheve ande-nde ande-tbo.*
 ele banana-**foco** comer-3ps:passado:final
 ele comeu **bananas**.'
- (Baseado em DIK, 1997, p.336)

Chafe (1976) afirma também que, tipicamente, as línguas usarão o acento exagerado e algum tipo de construção clivada para assinalar o foco contrastivo. A configuração de uma construção clivada é codificada linguisticamente com um tipo de predicado nominal de uma frase nominal com verbo cópula (SN) e uma oração relativa da qual o SN relativizado é correferencial ao SN da oração com verbo cópula, conforme exemplo a seguir de Chafe (1976), adaptado para o português:

SN (COP) [... SN...]s_{relativa}

Aqueles **são** os homens **que** plantam milho.
 Aqueles homens plantam milho.
 (Inspirado em CHAFE, 1976)

Como demonstrarei mais adiante, as construções clivadas também ocorrem com o emprego das formas 'sendo' e 'que' tanto no português histórico quanto no português atual:

(19) Uma coincidência interessante, meus dois filhos têm os mesmos nomes, **sendo** o Augusto mais velho **que** o Otávio que tem apenas dois meses.¹²³ (21 PB)

(20) **Sendo** o Recado **que** hoje me participou da parte do Excelentíssimo Senhor Vossa [Alteza] nos Seguintes termos = Oe xcelentíssimo Senhor Vossa [Alteza] manda dizer aVossas Senhorias que aordem pella qual Vossa Senhoria determina o meu embarque, he Sem a Sua ReZolução. (18 PB Tarallo doc 95)

¹²³ Dado extraído de uma página da *internet*, disponível num site de relacionamento. Acesso em 27 set. 2013.

No capítulo de análise, será fomentada a questão da clivagem como uma das hipóteses de formação da perífrase *sendo que*.

2.3. Focalização e domínio semântico

Langacker (1987) afirma que a estrutura semântica é um conceito adaptado para especificação de convenções linguísticas. A análise semântica, portanto, requer a caracterização explícita de estruturas conceptuais, um objetivo provavelmente quixotesco, conclui o linguista, tamanha a complexidade (ou mesmo impossibilidade) de tal tarefa. Para fugir dessa saga onírica, Langacker defende que a experiência mental é real, portanto sujeita à investigação empírica e à descrição de princípios, e constitui o objeto natural da semântica. Se não aceitarmos o desafio de elucidar nosso ‘mapa cognitivo do universo’ (“*cognitive map of the universe*”), como propõe Givón (1979, *apud* LANGACKER, 1987, p.99), perdemos a oportunidade de atacar o significado na sua *terra natal* e condenamo-nos a uma sucessão interminável de conjecturas estrategicamente não essenciais, afirma Langacker (1987).

As entidades linguísticas, para Langacker, pertencem geralmente a níveis mais altos da organização cognitiva: a caracterização funcional e fenomenológica da experiência mental é, conseqüentemente, mais diretamente relevante para a análise linguística do que as descrições que se referem às conexões de neurônios específicos. Para o propósito linguístico é geralmente suficiente apenas estabelecer a existência de uma entidade cognitiva de ordem superior, independentemente de como ela pode surgir de um processo mais básico. Sabe-se que essa opinião de Langacker pode ser hoje facilmente contestada por investigadores que se dedicam a observar a relação entre as operações neuronais e sua relação com a linguagem, como Antônio Damásio (2011[1994]) e Del Nero (1997), por exemplo.

Langacker (1987) reconhece a mente como um processo:

***Mind**¹²⁴ is the same as mental processing; what I call a **thought** is the occurrence of a complex neurological, ultimately electrochemical event; and to say that I have formed a **concept** is merely to note that a particular pattern of neurological activity has become established, so that functionally*

¹²⁴ Grifo do autor.

equivalent events can be evoked and repeated with relative ease.
(LANGACKER, 1987, p.100)

Para ele, o evento designa uma ocorrência de qualquer grau de complexidade, seja ela o disparo de um único neurônio ou um acontecimento de enorme complexidade e grande escala. Assim, Langacker (1987) assume que é possível supor que a ocorrência de qualquer evento deixa algum tipo de vestígio neuroquímico que facilita a recorrência. Se o evento falha em recorrer, esse traço decai. A recorrência tem um efeito reforçador progressivo, para um evento (ou mais propriamente para um tipo de evento) se tornar mais e mais arraigado profundamente por meio da repetição contínua. Nesse sentido, um tipo de evento (*'event-type'*, segundo LANGACKER, 1987) tem o seu *status* de unidade (*unit status*) quando ele está suficientemente bem arraigado de tal modo que é facilmente evocado como um todo integrado, ou seja, quando constitui uma rotina (*routine*) estável que pode ser realizada, mais e/ou menos automaticamente, uma vez iniciada. A execução dessa rotina é uma ativação que, para Langacker (1987), é, obviamente, ela própria um evento cognitivo.

Antes de continuar, vale observar que tal noção do evento cognitivo pode, facilmente, ser relacionada a alguns dos tópicos já apresentados neste trabalho, como o caso do *chunk*, segundo Bybee (2010), e o estudo da gramática de construções, proposto por Goldberg (1995, 2010), por exemplo.

Um *evento de uso*, define Langacker (2007), é uma instância atual da língua em uso. Ele reside na combinação de uma conceptualização compreensiva – representando uma compreensão contextual completa – com uma expressão elaborada, em todos os seus detalhes fonéticos e gestuais. Logo, para Langacker (2007), todas as unidades linguísticas são abstraídas de eventos de uso e são seletivas e esquemáticas à semelhança dos eventos de uso dos quais elas surgem. No original: *“thus, all linguistic units are selective and schematic vis-à-vis the usage events from which they arise”* (LANGACKER, 2007, p.425).

Claramente constata-se que a concepção de mente como processo, segundo Langacker (1987), está intimamente relacionada à noção de uma gramática de construções, conforme, por exemplo, propõem Goldberg (1995, 2010) e Croft (2007). Além disso, a noção de ‘tipo de evento’ ou ‘evento típico’ apresentada por Langacker dá conta de outros domínios

de rotinas linguística, como a noção de frequência *token* (BYBEE e HOPPER, 2001) e seu efeito para geração de novas funções linguísticas via gramaticalização.

O ‘*event-types*’, que traduzi por ‘tipo de evento’ ou ‘evento típico’, requer alguma forma de equivalência funcional, pontua Langacker (1997). Contudo, não é preciso especificar que *tokens* diferentes de um tipo envolvem a ativação de precisamente os mesmos neurônios por meio das junções sinápticas. Uma noção coerente de equivalência funcional é certamente possível inicialmente, afirma Langacker. Para isso, o linguista americano simula um exemplo: há três feixes de neurônios, rotulados A, B e C, de tal modo que cada um dos neurônios com etiqueta A tem múltiplas conexões para neurônios em B, e cada um desses em B para neurônios em C. O ‘tipo de evento’ A-B-C pode então ser definido como a ação coordenada de A, B e C (cf. LANGACKER, 1987).

A experiência mental é, então, um fluxo de eventos, ou seja, ela é o que o cérebro faz, conclui Langacker (1987). Como os eventos recorrentes tornam-se enraizados para formar rotinas estabelecidas, e rotinas coativadas são coordenadas dentro de rotinas de ordem superior, a natureza dessa experiência torna-se cada vez mais ordenadamente estruturada, como dispõe Langacker (1987). Assim, o nosso cérebro encontra caminhos neurais a fim de criar rotinas de eventos. Essas rotinas certamente vão repercutir em construções que, de um contexto atípico (HEINE, 2002; DIEWALD, 2002), passam a formar contextos de mudança coerentes à percepção humana. Para Langacker, a percepção não é um fenômeno passivo, mas um processo ativo, comparável a um tipo de atividade de resolução de problema (cf. ARNHEIM, 1969 apud LANGACKER, 1987, p.101).

Outro fenômeno fundamental para o processamento cognitivo e a estruturação de experiências é a nossa habilidade para comparar eventos e registrar qualquer contraste entre eles. Tal comparação, indica Langacker (1987), está envolvida no trabalho que executamos quando percebemos um ponto de luz contra um fundo negro, ou quando encontramos um erro ortográfico, por exemplo. Esse processo pode ser interpretado analogicamente, como propõe a teoria funcionalista. Além disso, a comparação vista pelo crivo apontado por Langacker (1987) tem grande inspiração nos princípios da Gestalt psicológica. Langacker inspira-se, por exemplo, nos estudos pioneiros da psicóloga cognitivista Rosch (1973, 1975, 1977, 1978) que demonstram que as categorias linguísticas são frequentemente organizadas

em torno de instâncias prototípicas. Assim, há aqueles casos (ou instâncias), cuja ocorrência é aceita como comum pela maioria das pessoas – são aqueles já ‘rotinizados’ pela alta frequência –, e casos que não. As instâncias não-prototípicas são equiparadas a uma classe ou categoria, à medida que elas podem ser percebidas como protótipos correspondentes ou aproximados¹²⁵.

No caso da perífrase *sendo que*, o uso mais prototípico ocorre quando desempenha a função de um conector causal, ou seja, uma conjunção subordinativa indicadora de causa. E pode-se inferir que esse processo ocorre por uma indução contextual, como, por exemplo, sugere Simões (2007, p.253) em sua tese de doutorado. Nela, o autor afirma que a locução conjuncional *sendo que* tem sua primeira ocorrência registrada em dados da primeira metade do século XVIII e que “ainda carrega consigo um item sujeito *Cauzo*, que já não aparece nas ocorrências seguintes”. Simões cita este exemplo do português histórico:

[c181seb215] e[astanta] des ReZes emp[e]rtarão Sento e Vinteesin co mil Reis que pertanto deicharão empenhadas as [tantas] Espingardas, **Sendo Cauzo que** os ditos, não mandem da villa de Sanctos odinheiro... (SIMÕES, 2007, p.253)

Em sua análise, o pesquisador propõe que o substantivo *cauzo*, significava ‘causa’, e era, no contexto em questão, sujeito do verbo *ser*, que, na reanálise sintática, passaria a não ser mais analisado assim, formando uma locução adverbial causal. Durante o estágio de doutorado em Lisboa, apresentei esse exemplo para a Profa. Dra. Ana Maria Martins (2013)¹²⁶. Segundo o seu conhecimento de linguística histórica, ela afirmou que a palavra *cauzo* significava ‘caso’ e não ‘causa’ no português antigo. Quanto à função sintática, no dado em questão, essa palavra não desempenharia o papel de sujeito da forma *sendo*, mas já compunha, como *sendo e que*, uma perífrase de base verbal e valor causativo¹²⁷.

¹²⁵ Dubois *et alii* (2007 [1973], p.342) afirmam que “quanto menos provável é um signo, mais ele transmite informação: a quantidade de informação é inversamente proporcional à probabilidade do signo”.

¹²⁶ Comunicação pessoal durante o curso de Linguística histórica, ministrado pela Profa. Dra. Ana Maria Martins no segundo semestre do ano letivo 2012/2013 da Universidade de Lisboa.

¹²⁷ Constatei, entretanto, que mesmo no século XX é possível encontrar estruturas em que o comportamento morfossintático da expressão *sendo que* denota uma construção na qual se atribui sujeito à forma *sendo* e o *que* exerce a função de uma partícula comparativa. Eis um exemplo do PP: “No caso deste «registro» da sua digressão eurpeia (sic.) de 1989 não há muito a dizer, em termos de cinema, pouco mais **sendo que** uma montagem das suas interpretações nas diversas cidades por onde passou.” (20 PP CetemPúblico 484). Uma paráfrase possível: ‘No caso deste registro da sua digressão europeia de 1989 não há muito a dizer, em termos de cinema, pouco mais é (do) **que** uma montagem das suas interpretações nas diversas cidades por onde passou’. A forma ‘ser’

E qual a relação desse exemplo, citado por Simões (2007), com a concepção cognitiva de Langacker (1987)? A noção de proximidade prototípica. Uma vez que lemos ‘cauzo’ como ‘causa’, imediatamente nosso repertório cognitivo nos oferecerá uma lista de possibilidades já ‘rotinizadas’ em nossa mente e que nossa percepção poderá intuir como a interpretação mais adequada. No caso em questão, a proximidade fonética entre ‘cauzo’ e ‘causa’ pode ser o gatilho para uma interpretação causal, como propôs Simões. No entanto, a história de cada uma das formas nominais em questão, como se viu, pode induzir outra interpretação. Mesmo assim, como já demonstrado anteriormente, a possibilidade de um material interveniente entre ‘sendo’ e ‘que’ certamente contribuiu para uma reinterpretação semântica e reanálise sintática da perífrase *sendo que*.

É preciso lembrar, como postula Langacker (2007), que todo esse processo está inserido num contexto mais amplo, que, por sua vez, está incorporado no repertório de conhecimento presumido para ser compartilhado pelo falante e o ouvinte. Em princípio, qualquer faceta de um evento de uso, ou de uma sequência de eventos no discurso, é suscetível de ser abstratizada e convencionada como uma unidade. Nesse sentido, formas lexicais e gramaticais formam um *continuum* constituído exclusivamente por estruturas simbólicas. O léxico é definido como um conjunto de expressões ‘fixas’ numa língua, isto é, expressões convencionais com o *status* de unidades (cf. LANGACKER, 1987, p.427). O significado altamente esquemático dos elementos ‘gramaticais’ não os impedem de também contar como itens lexicais. Nem o léxico está limitado a palavras, compostos e frases pequenas, uma vez que são aprendidos como unidades convencionais, afirma o linguista americano. Com isso, aproxima-se da Gramática de Construções, mas também aponta os limites dela em relação à concepção de ‘unidades convencionais’ proposta pela Gramática Cognitiva¹²⁸.

tem sujeito contextual (‘registro’). Isso indica que, aqui, *sendo que* não é uma perífrase. Há independência sintática de ambos os elementos: ‘o registro é isto (uma montagem das...)’.

¹²⁸ Em nota, Langacker (2007, p.451) diz: “*Cognitive Grammar agrees with Construction Grammar in treating lexical items as constructions. However, it does not follow Construction Grammar in positing constructions only when there is some discernible irregularity or nonpredictability. Expressions that are semantically and grammatically regular can nonetheless be established as conventional linguistic units. Since mastery of these usual ways of saying things is essential to speaking a language fluently, it seems both arbitrary and artifactual to exclude them from linguistic knowledge just because they happen to be regular.*”

2.3.1. O ajustamento focal e sua relação com a focalização

No domínio semântico, é possível encontrar em Langacker (1987, p.116) uma explicação para o que o autor denomina como ‘ajustamento focal’ (*focal adjustments*). As expressões linguísticas, numa perspectiva cognitiva, dizem respeito a situações concebidas ou a ‘cenas’, em que o significado de uma expressão não é caracterizado adequadamente apenas por identificar ou descrever dada situação. As expressões diferem em significado dependendo da identidade que dentro de determinada situação elas designam. Trata-se do hábito que nós falantes temos para construir a mesma situação básica de muitas formas diferentes (op. cit.), como em: *Porque estava chovendo, não fui à aula*; ou *Não fui à aula porque chovia*; ou, ainda, ***Sendo que*** *estava chovendo, não fui à aula*. Seriam, segundo Langacker (1987), imagens de contraste aplicadas a uma quantidade de cenas para experiências mentais qualitativamente diferentes. Logo, para o autor de *Foundations of cognitive grammar* (1987), a imagem materializada por uma expressão linguística constitui uma faceta crucial de seu significado.

A imagem empregada para estruturar situações concebidas varia correlacionada ao número de parâmetros. Tal variação, segundo Langacker (1987), refere-se ao **ajustamento focal**, que pode ser organizado sob três amplos domínios. O ajustamento focal de **seleção**, que determina que facetas de uma cena estão sendo tratadas; o ajustamento focal de **perspectiva**: relativo à posição da qual uma cena é vista; e o ajustamento focal de **abstração** que pertence ao nível de especificidade de como uma situação é retratada (op. cit. p.117)¹²⁹.

Figura 6: Campo visual de uma pessoa proposto por Langacker (1987, p.138)

¹²⁹ No original: “The images employed to structure conceived situations vary with respect to a number of parameters. I will refer to such variation as **focal adjustments** (permitting myself a visual metaphor). The discussion is organized under three broad headings. Focal adjustments of **selection** determine which facets of a scene are being dealt with. **Perspective** relates to the position from which a scene is viewed, with consequences for the relative prominence of its participants. Finally, **abstraction** pertains to the level of specificity at which a situation is portrayed.” (LANGACKER, 1987, p.117).

Nessa figura, Langacker (1987) explica que o retângulo representa o campo visual de uma pessoa, o círculo interno é a sua área focal. No estado inicial, à esquerda, dois pontos escuros são percebidos contra um fundo branco; algo ocorre e passa a figurar na área focal, enquanto o outro ponto está no canto superior direito na periferia do campo focal. A percepção de cada ponto (individualmente) consiste na ocorrência do evento de exploração complexa. Ele envolve a comparação de pontos contíguos e o registro de contraste no que se refere ao brilho (figura e fundo). Desconsiderando um leve ajustamento no escopo do campo visual, pode-se inferir que os dois diagramas dessa figura representam interpretações alternativas da mesma situação concebida ou, nesse caso, percebida.

O que mais interessa nessa mudança na interpretação é o fato que somos capazes de experienciar como um evento integrado. Ao dirigir nossa atenção de um ponto para outro, estamos conscientes da transição contínua e reconhecemos seu estado inicial e final como duas visões da mesma cena em vez de totalmente separadas e independentes. Mantemos o controle dos dois pontos e reconhecemos que o outro dentro da área focal no estágio inicial é o mesmo da área periférica no estágio final, e reciprocamente.

A figura acima apresentada simboliza o que Langacker (1987) demonstra ser a percepção que temos sobre um objeto ou evento dado que, geralmente, é guiada pelo nosso ponto de interesse. Em outras palavras, mantemos observações paralelas para assegurarmos um ponto de vista. A maioria dos objetos físicos em nossa experiência pode ser vista de direções diferentes, de distâncias diferentes e com orientações diferentes (*op. cit.*). Como os pontos de vista variam muito ao longo desse parâmetro, a impressão visual que recebemos dum objeto também varia em termos absolutos. Esse fenômeno tem, dentro da noção de Gestalt da qual Langacker (1987) compartilha, implicações diretas sobre a estrutura semântica e inúmeras manifestações linguísticas. Nossa habilidade para fazer **ajustamentos focais** é uma delas, como o dado apresentado em (21), aqui retomado, é capaz de demonstrar:

- (21) Os distritos com maior número de incêndio desde o início do ano são os do Porto, com 2762, seguido de Braga, com 2062, e Viana do Castelo com 1292, **sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares ardidos. (20, CetemPúblico, PP)

De uma informação que envolve um evento: incêndio no Porto, em Braga e em Viana do Castelo, o falante (o jornalista, no caso) ajusta o foco de atenção do leitor para um ponto específico localizado na informação que merece destaque: “**sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares ardidos”. Com isso, a outra porção da informação mantém-se no campo de visão, mas, em contraste com a encabeçada pelo ‘sendo que’, passa a ser percebida com uma atenção periférica.

A estrutura gramatical é baseada, segundo Langacker (1987), em imagens convencionais que refletem nossa habilidade para construir uma situação concebida em formas alternativas. O conceito pleno (ou completo), ou o valor semântico de uma situação concebida é uma função não somente de seu conteúdo, mas também de como estruturamos esse conteúdo sob certas determinações, como atenção, seleção, organização figura/fundo, ponto de vista, e nível esquemático. Naquilo que se refere a todos eles, conclui Langacker (op. cit.) que somos capazes de fazer ajustes e, assim, transformar uma conceptualização em outra que é, aproximadamente, equivalente em termos de conteúdo, mas difere no modo como esse conteúdo é construído¹³⁰.

O percurso teórico empreendido neste capítulo revela que a função focalizadora pode ser compreendida em dois níveis ou subdomínios: no nível da adequação pragmática, conforme disposto nos estudos de Dik (1989, 1997), e o nível da adequação semântica, de acordo com a noção de *ajustamento focal* verificada nas pesquisas de vertente cognitiva de Langacker (1987, 2013). A tais concepções somam-se os mecanismos (inter)subjetivos, apontados por Traugott (1989, 1995, 1999), Traugott e Dasher (2002) e Langacker (1985, 1990, 1999), que assumem peso significativo nas estratégias linguísticas empregadas pelos usuários da língua, a fim de marcar a porção de maior proeminência informativa no conjunto da informação compartilhada na interação verbal. Os dados citados das ocorrências com *sendo que* dão indícios de que essa construção pode desempenhar tal papel no PB e no PP.

¹³⁰ No original: “Grammatical structure is based on conventional imagery, which reflects our ability to construe a conceived situation in alternate ways. The full conceptual or semantic value of a conceived situation is a function of not only its content (to the extent that one can speak of content apart from construal), but also how we structure this content with respect to such matters as attention, selection, figure/ground organization, viewpoint, and level of schematicity.” (LANGACKER, 1987, p.138).

Resta-me, agora, deslocar tais conceitos e afirmações para a análise mais detalhada dessa construção. Isso será feito no capítulo IV e, mais detidamente, no capítulo V desta tese. Antes, porém, é premente apresentar o percurso metodológico empreendido nesta investigação, o que passarei a fazer no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

O critério metodológico e as decisões tomadas

3. Constituição do *corpus* da pesquisa

Em linguística, afirma Labov (1972), podem-se utilizar três diferentes métodos de análise: a *introspecção*, baseada na intuição do linguista, a *extração* de dados por meio de experiências e de inquéritos e a *observação* do uso linguístico com base em *corpora* (LABOV, 1972, *apud* SILVA, 1999, p.71). Na análise de uma construção, o primeiro método procura responder à questão: “o que é que X significa no meu entender?”; já o segundo, à questão: “o que é que X significa no teu entender?”; e o terceiro procura respostas para a questão: “o que é que X significa no seguinte grupo de enunciados e outras expressões observadas?”. Logo, uma pesquisa linguística de cunho funcionalista procura respostas para esta questão: que função exerce X no seguinte enunciado?

Nesta tese, procuro respostas que, de algum modo, ofereçam análises e descrições plausíveis para essas três questões. Tenho consciência, contudo, do rigor científico que um trabalho desta natureza exige para ter os seus resultados validados e, assim, ser replicado em outros contextos que investigam fenômenos semelhantes. Por essa razão, darei prioridade à terceira questão, com o objetivo de descrever e analisar os critérios semântico-funcionais que a perífrase *sendo que* codifica em enunciados reais ao longo da história do português. Para isso, conforme já mencionado na introdução deste estudo, recorro a dados diacrônicos e sincrônicos do português.

Neste capítulo, descrevo o percurso que direcionou a seleção dos *corpora* e as decisões tomadas, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, e que determinaram a organização desta tese.

3.1. A dinâmica dos dados: Sincronia e Diacronia

Há estudos sincrônicos e diacrônicos de frequência, afirmam Hopper e Traugott (2003). Segundo eles, estudos empíricos quantitativos geralmente lidam com porcentagens, no lugar de números absolutos, e comparam ou distinguem formas diferentes, mas similares funcionalmente; ou, ainda, analisam uma mesma forma em diferentes contextos. No caso de *sendo que*, fora observado o comportamento semântico-funcional da mesma forma em diversas sincronias e diacronias. A primeira oferece pistas que envolvem a busca num *corpus* de expressões que sugerem um movimento para algum tipo de *status* gramatical. Os estudos sincrônicos, dizem Hopper e Traugott (2003), não demonstram diretamente a mudança, mas dão suporte às conclusões com material histórico ou comparam uma variação estática em relação a uma forma bem descrita de mudança diacrônica. Já os estudos diacrônicos de frequência partem da assunção de que o aumento da frequência de uma construção ao longo do tempo é a primeira evidência de gramaticalização (*op. cit.*).

Além disso, afirma Bybee (2010) que a mudança linguística pode ser operada tanto no presente como no passado. Um dado pode vir de *corpora* modernos, *corpora* de um tempo próximo (como o século XX) ou de documentos extremamente antigos, como dados do século XIII ou anteriores. Os processos de compreensão e direção da mudança fornecem-nos *insights* – pela linguagem – do sistema cognitivo (sincrônico) dos indivíduos. Bybee (2010) reconhece que mesmo o sistema do indivíduo é dinâmico e mutável, assim, mudanças em larga ou pequena escala nas habilidades de processamento entram em jogo na língua em uso¹³¹.

Consciente dessa dinâmica linguística, retomo, nesta seção, as questões de pesquisa, apresentadas na introdução deste trabalho, a fim de justificar a seleção dos *corpora*:

- i) Qual a origem e/ou formação histórica da perífrase *sendo que* no português?

¹³¹ No original: “Since language change is as operable and evidente in the presente as in the past, the data can as well come from modern corpora, corpora with a shallow time depth (e.g. the twentieth century) or from documents that are centuries old. Understanding processes and directions of change provides us with insight into the individual’s (synchronic) cognitive system for language. Since I am assuming that even the individual’s system is dynamic and changing, changes on both a large and a small scale point to the processing abilities put into play in language use.” (BYBEE, 2010, p.10).

- ii) É possível identificar um percurso unidirecional, no nível semântico-funcional, capaz de revelar a mudança de uma construção, conceptualmente [+concreta], para usos [+abstratos]?
- iii) É possível distinguir os contextos de uso de *sendo que*, segundo a proposta de Heine (2002) e Diewald (2002)?
- iv) A polifuncionalidade de *sendo que*, em algum nível de análise, permite reconhecer a atuação dos mecanismos subjetivos e intersubjetivos na interação?
- v) A função pragmática (DIK, 1989, 1997) determinaria os usos mais recentes de *sendo que* como uma perífrase que desempenha o papel de focalizador nas duas variedades investigadas?
- vi) Processos cognitivos, especialmente a noção de “ajustamento focal” de Langacker (1987, 2013), contribuiriam para a explicação da função de foco nos usos da construção *sendo que*?
- vii) Finalmente, como avaliar essa perífrase numa perspectiva construcional, conforme, principalmente, os trabalhos de Goldberg (1995, 2010), Fillmore (1975, 1988) e Trousdale (2008, 2013)?

Para responder a essas questões específicas e a outras mais gerais, passo a descrever o percurso que culminou na organização geral da amostra de dados do PP e do PB.

3.1.2. Como se deu a organização da amostra de dados do PP e do PB

No início desta pesquisa, analisei textos produzidos por candidatos da FUVEST em 2010. Neles encontrei pouquíssimas ocorrências de *sendo que*, o que me levou à seguinte pergunta: Se essa construção é tão produtiva em textos formais, como em artigos jornalísticos, por exemplo, por que não era empregada nas redações dos vestibulandos? Seria o seu uso, historicamente, recente no português? Para responder a essa questão, recorri à investigação diacrônica. Daí o *corpus* histórico de Davies e Ferreira (2006), com base em textos do português do século XIII ao XX, que constitui a amostra principal de dados diacrônicos desta pesquisa. Com ele, pude avaliar as ocorrências da construção em questão desde o seu

surgimento no português até a ampliação de seus usos nos séculos subsequentes. Para fortalecer esse *corpus* comparativamente, recorri, também, a outros *corpora* formados a partir de textos produzidos ao longo da história do PP e do PB, são eles: o *corpus* histórico de Tarallo (1991), séculos XIII a XX; e o *corpus* do PHPB (CASTILHO, 2010), séculos XVIII e XIX.

Com os resultados obtidos no *corpus* principal de Davies e Ferreira (2006), observei que, aliada à função semântica e sintática, a construção *sendo que* também passava a codificar intenções pragmáticas: como um sinalizador da proeminência informativa dentro da sentença, a exemplo de um *marcador especial de foco* (cf. DIK, 1997). Assim, para melhor verificar esse fenômeno, selecionei uma amostra sincrônica de dados escritos do PB e do PP, reunida no banco de dados da Linguatca. Com base em tais dados, pude observar, nas sincronias do século XX do PP (*corpus* CetemPúblico) e do PB (*corpus* CetenFolha), os usos distintos de *sendo que* em cada uma das variedades investigadas.

A alta frequência e produtividade de *sendo que* nessa amostra sincrônica do século XX levou-me à seguinte hipótese: Se tal construção é largamente empregada em textos formais, tanto na variedade PP como na PB, tenderia a aparecer nos textos de estudantes secundaristas. Para avaliar a pertinência dessa hipótese, procedi à coleta de dados empíricos produzidos por estudantes do PB e do PP, entre os anos de 2012 e 2013. Além disso, para averiguar a intuição desses sujeitos quando expostos a usos efetivos da construção *sendo que*, elaborei dois questionários de checagem, conforme detalharei a seguir.

Como pretendi demonstrar, a seleção da amostra investigada nesta tese se deu gradualmente, à medida que os dados eram analisados. A seguir, apresento a organização estrutural de cada um dos *corpora*.

3.1.2.2. Amostra de dados diacrônicos e sincrônicos do PP e do PB:

Os dados diacrônicos e sincrônicos do PP e do PB encontram-se assim distribuídos:

Variedade	Corpus	Período	Tipo de texto/Gênero
PP	Corpus [histórico] do Português de Davies e Ferreira (2006)	XIII e XX	Relatos, artigos, narrativas literárias...
	Corpus sincrônico do CetemPúblico	XX	Notícias, reportagens e artigos
PP e PB	Corpus histórico organizado por Tarallo (1991)	XIII e XX	Diversos (canções, teatro, cartas, relatos...)
PB	Corpus coletado pelo grupo do Projeto História do Português Paulista – PHPB (org. CASTILHO, 2010)	XVIII e XIX	Cartas particulares e oficiais
	Corpus sincrônico do CetemFolha	XX	Notícias, reportagens e artigos

Quadro 15: Configuração da amostra geral do PP e do PB

O banco de dados de Davies e Ferreira (2006) é extremamente significativo e possibilitou-me, por exemplo, encontrar ocorrências que não apareceram em outros *corpora*, como o *corpus* diacrônico de Tarallo (1996). A par dessas questões, optei pelo *corpus* de Davies e Ferreira, como amostra principal, tomando atenção com seu sistema de datação e conferindo a autoria de todas as ocorrências encontradas.

O *corpus* de Davies e Ferreira (2006) contém mais de 45 milhões de palavras, extraídas de, aproximadamente, 57 mil textos e encontram-se assim distribuídas: 15 milhões de palavras dos séculos XIII a XVIII; 10 milhões do século XIX; e 20 milhões de palavras do século XX, conforme descrição apresentada no quadro abaixo:

Nº DE PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	GÊNERO
550,968	XIII	Portugal	Não identificado
1,316,268	XIV	Portugal	“
2,875,653	XV	Portugal	“
4,435,031	XVI	Portugal / Brasil	“
3,407,741	XVII	Portugal / Brasil	“
2,234,951	XVIII	Portugal / Brasil	“
10,008,622	XIX	Portugal / Brasil	“
3,087,052	XX	Portugal	Acadêmico
3,271,328	XX	Portugal	Notícias

3,048,020	XX	Portugal	Ficção
1,100,303	XX	Portugal	Oral
2,816,802	XX	Brasil	Acadêmico
3,346,988	XX	Brasil	Notícias
3,028,646	XX	Brasil	Ficção
1,078,586	XX	Brasil	Oral

Quadro 16: Descrição do *corpus* do Português de Davies e Ferreira (2006) – séc. XIII a XX

Em tom mais escuro, destaco o período em que aparece a construção *sendo que* nesse *corpus*, ou seja, entre os séculos XVI a XX. Em tom mais claro, destaco o período que não apresentou usos dessa construção, séculos XIII a XV; a parte mais clara destaca a amostra de dados do PB do século XX dividida em gêneros textuais. Finalmente, em tom preto, destaco os dados da modalidade oral, que constam das duas variedades lusófonas, mas que não constituem objeto de análise desta tese que se concentra em dados da modalidade do português (PB e PP) escrito. Inicialmente, analiso as frequências *token* e *type* (BYBEE e HOPPER, 2001; BYBEE, 2010) de uso dessa construção em cada um dos séculos em que aparece.

Tenho ciência, entretanto, de alguns equívocos filológicos que um *corpus* dessa proporção é capaz de apresentar. No caso em questão, um dos problemas identificados reside no critério de datação – certos dados não trazem o período definido (indefinições assim apresentadas: “século 14-15?”) – e, a depender do século, concernente ao critério variedade dialetal – as variedades PB e PP podem aparecer conjuntamente, mesmo quando selecionado, no sistema eletrônico de busca desse *corpus*, o parâmetro “apenas PP”. Isso, contudo, demonstrou-se apenas a partir dos dados do século XIX.

Por outro lado, reconheço, também, que tais fatores de ordem filológica não inviabilizam os resultados desta análise, uma vez que ela não se propõe a ser uma análise de um *corpus*, mas uma análise linguística baseada em *corpora*. Além disso, como fui percebendo no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, a perífrase *sendo que* é usada, em contextos similares, nas duas variedades linguísticas investigadas. Ela aparece no PP e é incorporada ao PB. Isso demonstra que o critério variável PB e PP é importante para demonstrar que tal expressão é usada em ambas as variedades do português.

Assim, com objetivo de minimizar tais problemas identificados nesse *corpus* e refinar esta análise, após a extração das ocorrências, submeti os resultados a uma triagem manual, a fim de conferir datas e variedades de cada um dos excertos, além de usar, como amostra comparativa, os dados históricos do português coletados por Tarallo (1996)¹³². Nele, também identifiquei um problema semelhante no critério variedade linguística, a partir da amostra do século XIX. Os dados desse século, no *corpus* coligido por Tarallo, apresenta, conjuntamente, textos do PP e do PB. Tais textos são relatos de viagem escritos por português em viagens pelo Brasil, ou, mesmo, redigidos por chefes e representantes brasileiros que noticiavam fatos do Brasil à corte portuguesa.

O tamanho dessa amostra não é especificado em número de palavras, mas em quantidade de páginas e documentos, o que pode enviesar a comparação entre o *corpus* histórico organizado por Tarallo e os demais eleitos nesta tese. Cada época tem, em média, 5 textos em arquivo PDF, o que equivale, aproximadamente, a 50 mil palavras por século. Mesmo assim, por se tratar de corpus complementar e não principal, elegi-o para averiguar a existência, ou não, de construções com o *sendo que*.

Para observar as evidências do uso de *sendo que* no PB, selecionei o *corpus* histórico do PHPB¹³³ (Projeto História do Português Brasileiro), que conta com a coordenação geral no Brasil do Prof. Ataliba de Castilho. Esse *corpus* é formado, em sua maioria, por cartas e relatos dos séculos XVIII a XX. Também recorri à amostra histórica coligida por Tarallo (1991), composta por textos do PB e do PP. Tal amostra, como já mencionado, especialmente a partir do século XIX, apresenta textos produzidos por usuários do PB e do PP indistintamente, o que dificulta precisar qualquer distinção entre as duas variedades. Além disso, muitos dos textos são relatos de viajantes que cruzavam as terras do Brasil e poderiam ter sido escritos por portugueses ou brasileiros. Por essa razão, ela aparece como fonte intermédia entre o PP e o PB.

Para o estudo do português contemporâneo, reuni dados sincrônicos do século XX disponíveis no banco de dados para o processamento computacional do português, conhecido

¹³² Tais dados foram-me enviados, por e-mail, pelo Prof. Dr. Sebastião Gonçalves, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/São José do Rio Preto). Ao professor agradeço imensamente.

¹³³ Este *corpus* foi-me sugerido pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes que, em conjunto com o seu grupo de pesquisa, auxiliou na constituição de seus dados.

por *Linguateca* e hospedada no site <http://www.linguateca.pt/>. Para a amostra do PP, selecionei os extratos linguísticos do *CetemPúblico* (<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CETEMPUBLICO>). Como amostra do PB, extratos do *CetenFolha* (http://www.linguateca.pt/cetenfolha/index_info.html). Tais *corpora* foram organizados pela *Linguateca*, a partir de dados disponibilizados por duas grandes mídias impressas de Portugal e do Brasil. O *CetemPúblico* é um banco de dados com textos do PP publicados no jornal ‘Público’; e o *CetenFolha* é um banco de dados com textos do PB publicados no jornal ‘Folha de São Paulo’. Em ambos os jornais, foram extraídos excertos de publicações da década de 1990, ou seja, final do século XX.

Nesta pesquisa, foi possível observar que, majoritariamente, os textos de todos os *corpora* selecionados pertencem ao domínio tipológico do narrar e do argumentar. Encontram-se representados em gêneros da esfera jornalística: artigos de opinião, notícias, reportagens; da esfera oficial: documentos cartoriais; missivas particulares e oficiais; além de textos da esfera literária, trechos de romances e de novelas, por exemplo. Não procedi a um controle rigoroso dos tipos de gêneros e/ou de textos, com exceção dos dados do século XX do *corpus* histórico de Davies e Ferreira (2006), os quais, a partir da ferramenta de busca disponível no próprio *site* do *corpus*, puderam ser agrupados em três tipologias: argumentação, narração e literários.

3.1.2.3. Amostra do PP e do PB e testes de checagem coletados em 2012 e 2013

Conforme mencionei anteriormente, à medida que me deparava com a produtividade de ocorrências com a construção *sendo que* em textos escritos do PP e do PB, extraídos dos *corpora* diacrônico e sincrônico, senti necessidade de coletar dados de um público específico: estudantes secundaristas do Brasil e de Portugal, pelas razões acima apresentadas. Assim, procedi à coleta de textos produzidos por alunos que estavam finalizando a educação formal – o Ensino Médio no Brasil (3ª série) e o Ensino Secundário em Portugal (12º ano) – entre o período de 2012 e 2013. O objetivo, primeiro, era constatar a presença, ou não, da perífrase *sendo que* em textos escritos por esses sujeitos. Em seguida, queria testar a intuição desses usuários do português em relação ao significado funcional da construção *sendo que*

empregada em enunciados formais do PB e do PP, extraídos da amostra sincrônica (séc. XX). A constituição dessa amostra está assim representada:

Variedade	Dados	Período	Tipo texto e Questionário	Nº textos
PP	Produção textual dos alunos do 12º secundário	XXI	Opinativo/argumentativo	187
	Questionário 1	XXI	Objetivo ¹³⁴	20
	Questionário 2		Subjetivo	20
PB	Produção textual dos alunos da 3ª série EM	XXI	Opinativo/argumentativo	113
	Questionário 1	XXI	Objetivo	20
	Questionário 2		Subjetivo	20

Quadro 17: Amostra de dados coletados entre estudantes do PP e do PB no período de 2012 e 2013

A coleta dos dados apresentados no quadro 17 ocorreu em momentos distintos: no primeiro semestre de 2012, foram coletados os textos dos alunos brasileiros, já o questionário lhes foi aplicado no segundo semestre de 2013¹³⁵. Em relação aos alunos portugueses, tanto a coleta dos textos como a aplicação dos questionários ocorreram durante meu estágio de estudos em Lisboa no período de julho/2012 a junho/2013¹³⁶.

Os textos do PB foram produzidos por estudantes de instituições públicas de São Paulo (uma escola pública e um instituto superior técnico). Na época da coleta, esses estudantes cursavam a última série do Ensino Médio. As produções do PP foram produzidas também por estudantes do último ano de escolarização em Portugal, o 12º ano, residentes em Lisboa e alunos de escolas públicas; e alunos do primeiro ano de um curso superior de Santarém, Portugal. As propostas dessas produções textuais estão na seção de anexos desta tese. Foram elaboradas proposições que levavam o aluno a defender um posicionamento diante de determinado tema, tendo de apresentar argumentos que dessem conta do seu ponto de vista.

¹³⁴ Objetivo, porque eram alternativas fechadas. Subjetivo, porque o consulente tinha a oportunidade de sugerir uma outra expressão para ocupar o lugar do *sendo que*.

¹³⁵ Para isso, contei com a colaboração da Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi, do Instituto Federal de Educação de São Paulo; e da Profa. Ms. Elisângela Godoy, docente da rede pública de ensino do estado de São Paulo, Brasil.

¹³⁶ Em Portugal, para a coleta de dados, contei com a colaboração da Profa. Dra. Madalena Teixeira, do Instituto Politécnico de Santarém e da Universidade de Lisboa; e da Profa. Dra. Maria da Conceição Baptista Marques Pereira, colaboradora do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa e docente do Ensino Secundário em Portugal.

Os questionários, que serão melhor explorados no capítulo de análise, foram fonte de investigação para testar algumas hipóteses em torno da interpretação semântico-funcional da construção *sendo que*, empregada em contextos familiares, porém ambíguos, no português contemporâneo. Para isso, decidi pela elaboração de duas estratégias distintas, uma que previa cinco possibilidades relativas ao uso da perífrase *sendo que* em contextos distintos, o consulente deveria selecionar uma delas; e outra, em que apresentei cinco excertos com o *sendo que*, deixando a critério do estudante a total liberdade para substituir (ou não) tal construção por outra do português.

A análise de tais dados está descrita no desenvolvimento desta tese e recebeu especial atenção nos capítulos IV e V. Este último, por sua vez, apresenta a análise sistematizada da construção em duas dimensões: a diacrônica e a sincrônica.

CAPÍTULO IV

O percurso histórico de uma construção multifuncional do português

4.1. O dito *sendo que*

A perífrase *sendo que* passou a ser alvo de meu interesse investigativo por duas razões: em primeiro lugar, quando me deparei com a ambiguidade e a **polissemia**¹³⁷ gerados por ela em certos contextos de uso no PB; e, em grau menor, quando me deparei com vários comentários, de gramáticos, de linguistas e de autores de manuais de redação, principalmente de redação jornalística, que, quase maciçamente, criticavam e condenavam o uso dessa perífrase. Se era assim tão “polissêmica” e também tão “mal vista”, certamente haveria algo de instigante a ser investigado¹³⁸. Vale ressaltar que essas críticas não se restringem apenas a autores de filiação teórica mais formalista; alguns pesquisadores funcionalistas também manifestam o seu *senão* em relação a ela. Tais críticas foram encontradas tanto no Brasil como em Portugal.

Neste capítulo, investigo os caminhos percorridos pela construção *sendo que* ao longo de sua história no português. Parto das investigações já realizadas por linguistas e outros estudiosos do Brasil e de Portugal, para, em seguida, investigar a origem dessa construção considerando seus elementos constitutivos: a forma SER, o QUE, a marcação do gerúndio e, finalmente, a própria construção *sendo que*.

¹³⁷ De acordo com Hopper e Traugott (2003, p. 78), longa tem sido a história em linguística em torno do conceito de polissemia. Segundo os autores, Bolinger (1977) já disse: a condição natural da língua é preservar uma forma para um significado, e um significado para uma forma. Trata-se de um ponto de vista idealista sobre a natureza da língua. Contudo, essa premissa, dizem Hopper e Traugott (*op. cit.*), seria disfuncional, uma vez que existem muitos significados para que o cérebro se lembre de expressões individuais para cada um deles. Uma forma – uma função é um ideal na dimensão da escolha da forma e a motivação para maximizar a informação. Isso é balanceado e compensado por outra otimização, a de associar formas a significados semelhantes, em outras palavras, de desenvolver polissemias (*op. cit.*). Uma vez que gramaticalização compreende o conjunto de mudanças por meio do qual as relações e associações estruturais entre elas ganham expressão gramaticais, não é de estranhar que normalmente envolva polissemia (*op. cit.*).

¹³⁸ Silva (2011) desenvolveu um trabalho de pós-graduação *lato sensu* (especialização) em Rondonópolis, Mato Grosso, com o objetivo de observar os usos dessa perífrase no PB contemporâneo. O trabalho intitula-se “Por que discriminar *sendo que* é tão usado? Alguns padrões funcionais da construção ‘sendo que’”.

4.1.2. O que dizem sobre o *sendo que* cá e lá

Napoleão Mendes de Almeida, na 41ª edição da sua *Gramática metódica da língua portuguesa*, publicada já na década de 1970, reconhecia correto o uso de *sendo que* apenas quando indicasse causa ou concessão. Diz o gramático que “*sendo que* é locução conjuntiva causal, equivalente a ‘uma vez que’, ‘dado que’, ‘visto que’, ‘porquanto’ etc.: *Sendo que* você não está bom, desisto da viagem” (ALMEIDA, 1997, p.356). Sem essa indicação de causa, “a expressão não passa de mais um caso de abuso do gerúndio”, conclui o gramático. Como abuso, Almeida (1997) cita este exemplo: “As frutas estão geralmente caras, *sendo que* as estrangeiras nem se podem comprar” (*op. cit.*). Para ‘curar’ esse mal, a receita prescrita por Almeida era uma só: “O remédio é simples; por não encerrar idéia circunstancial nenhuma – nem de causa, nem de concessão, nem de nada – substitua-se o insosso ‘sendo que’ por ‘e’ ou por ponto e vírgula’.” (*op. cit.*, nota 6 do § 582).

Na verdade, como conjunção causal, *sendo que* já era reconhecido e descrito pelo gramático Ribeiro Filho (1950 [1890]), no final do século XIX. Simões (2007) também identificou o uso dessa perífrase como conjunção causal em dados do século XVIII do português¹³⁹. Antes desse período, entretanto, mais precisamente em dados do século XVI do PP, encontrei ocorrências de *sendo que* com valor causal, conforme apresentei anteriormente. Lima-Hernandes (2010, p.109), em sua tese de livre-docência sobre a gramaticalização das estruturas *X-que* do português, cita Ribeiro Filho (*op. cit.*), concernente à locução *sendo que* com valor causal.

Neves (2003, p.697), por sua vez, em seu *Guia de usos do português: confrontando regras e usos*¹⁴⁰, afirma que “**sendo que** é geralmente desnecessário ou complicador da

¹³⁹ Simões (2007), contudo, não tomou essa locução como foco de seu estudo.

¹⁴⁰ Na apresentação do respectivo Guia, afirma Neves (2003, p.13): “A obra não pretende ser um tira-dúvidas calcado nas fórmulas normativas que vêm sendo repetidas nos diversos livros do tipo ‘consultório gramatical’ que se encontram no mercado. Organizada a partir de um estudo exaustivo dos usos vigentes no português contemporâneo do Brasil, ela busca, em primeiro lugar, informar exatamente como estão sendo usadas pelos falantes as formas da língua portuguesa. O ponto-chave é que O USO PODE CONTRARIAR AS PRESCRIÇÕES QUE A TRADIÇÃO VEM REPETINDO, e o falante – particularmente aquele que usa de modo especial a linguagem nas suas atividades profissionais – terá de conhecer os dois lados da questão: O MODO COMO OS MANUAIS NORMATIVOS DIZEM QUE ‘DEVE SER’ OU ‘NÃO DEVE SER’, e O MODO COMO, REALMENTE, ‘É’”. Por outro lado, Neves (2003) faz questão de frisar que “NÃO SE NEGA, ABSOLUTAMENTE, O VALOR DA NORMA-PADRÃO E A

construção, e, por isso, é tradicionalmente não recomendado o uso da expressão **sendo que** na ligação de orações ou de partes de orações”. Para embasar empiricamente o seu argumento, a linguista de linha funcionalista cita algumas ocorrências reais em que a perífrase é empregada e as reelabora sem o seu emprego, apresentando uma justificativa para cada caso. Dispostos em um quadro, cito os seus exemplos e os comentários na íntegra:

Exemplo de uso	Justificativa de Neves (2003)	Reelaboração sugerida
1. <i>Lá ficou ele com mais dois sujeitos, SENDO QUE um armado de rifle.</i> (CA) ¹⁴¹	Algumas vezes não é necessária nenhuma ligação.	Lá ficou ele com mais dois sujeitos, um armado de rifle.
2. <i>O faturamento mensal tem variado entre R\$ 100 mil e R\$ 140 mil, SENDO QUE sobram 37% líquidos.</i> (FSP)	Outras vezes o gerúndio do próprio verbo faria a ligação.	[O faturamento mensal tem variado entre R\$ 100 mil e R\$ 140 mil, sobrando 37% líquidos.]
3. <i>A fase vegetativa (...) é assinalada pelo crescimento inicial da panícula, que passa a ser visível a olho nu até a floração das espiguetas, que são compostas por três flores cada, SENDO QUE somente uma se desenvolve.</i> (AZ)	Outras vezes a ligação é mais diretamente feita por pronome relativo.	[A fase vegetativa (...) é assinalada pelo crescimento inicial da panícula, que passa a ser visível a olho nu até a floração das espiguetas, que são compostas por três flores cada, das quais somente uma se desenvolve.]
4. <i>Num dos tipos, a membrana permanece inativa, SENDO QUE as substâncias atravessam-na de acordo com leis físicas.</i> (BC)	Outras vezes a ligação pretendida é simplesmente aditiva (=e).	[Num dos tipos, a membrana permanece inativa, e as substâncias atravessam-na de acordo com leis físicas.]
5. <i>Outros líderes se candidataram também a cargos eletivos, SENDO QUE nos dias do presente diversos índios exercem mandatos de vereador, em diferentes municípios do país.</i> (ATN)	Outras vezes, ainda, trata-se de dois enunciados independentes.	[Outros líderes se candidataram também a cargos eletivos. Nos dias do presente diversos índios exercem mandatos de vereador, em diferentes municípios do país.]

Quadro 18: Tratamento dado ao *sendo que* segundo o Guia de usos do português (NEVES, 2003)

NECESSIDADE DE SUA DIVULGAÇÃO (op. cit. p.14), ressalva esta que considero pertinente. Contudo, essa foi a única possibilidade analítica empregada para os usos de **sendo que** citados no referido Guia (cf. NEVES, 2003, p.6979. Nesse caso, prevaleceu a prescrição normativa, para justificar que tal expressão não é um bom articulador no processamento textual. Os destaques (letras em maiúsculo na citação) constam do original.

¹⁴¹ Fonte do dado indicada por Neves (2003).

Diferentemente de Ribeiro (1950[1890]) ou mesmo de Almeida (1997), que ainda reconhecem o uso causal e concessivo da perífrase *sendo que*, Neves (2003) desconsidera todos os usos dessa construção, conforme indicado no quadro 18. Por isso, ainda que a segunda coluna do quadro acima apresente cinco contextos distintos de uso dessa expressão: como conector aditivo, relativo e, até mesmo, marcador de oração reduzida de gerúndio, Neves (2003) assume que em todos há como proceder a uma substituição ou elisão, reelaborando os dados, como indicado na terceira coluna do quadro 18.

Dentre os casos citados por Neves (2003), a perífrase *sendo que* não desempenha, de fato, valor de um conectivo causal nem mesmo de um concessivo. Em todas elas, ela opera num domínio mais pragmático como um marcador de foco informativo. Os exemplos citados condicionaram, portanto, uma avaliação que desconsiderou a funcionalidade dessa perífrase nos contextos em questão. Assim, a supressão ou a substituição passaram a ser as estratégias viáveis. Tal fato revelou-se mais uma preocupação em considerar o domínio estrutural do que, propriamente, uma possível interpretação da adequação pragmática e da intenção do falante/escritor ao empregar o *sendo que* em um contexto real.

Concordo, no entanto, com Neves quanto ao caráter talvez um tanto “complicador” da compreensão, mas não advogo que seja essa a sua função quando o falante ou o escritor (uma vez que se trata de exemplos da modalidade escrita) o incluem no enunciado que elaboram. Além disso, se o seu uso é tão frequente, gerando, inclusive, a necessidade de uma página inteira num ‘guia de usos do português’, então o segundo argumento, ou seja, de que é “desnecessário”, também não me parece o mais coerente dentro de uma perspectiva que considera a produtividade do uso. Cumpre ressaltar que a perífrase em questão não aparece citada na ‘Gramática de usos do português’¹⁴² da mesma autora.

Em um artigo intitulado “*Sendo que* e uma crítica infundada”, Bechara (2011), com argumento histórico e funcional, sai em defesa do pleno e irrestrito uso da perífrase em questão. Assim começa o gramático:

a sequência ‘sendo que’, em construção do tipo ‘Eram três os vizinhos, *sendo que* um deles acaba de mudar-se para Minas’, é tão natural ao nosso saber idiomático, que dificilmente imagináramos vê-la apontada como errada ou, no

¹⁴² Neves, 2000.

mínimo, como construção que deve ser evitada por desnecessária (BECHARA, 2011, s/p)¹⁴³

Segundo Bechara (2011, s/p), a crítica é tão ferrenha¹⁴⁴ que chega a considerar tal construção “pobre de força expressiva”, motivo suficiente para sua supressão, “ou, se considerada imprescindível à ideia, que seja na oração substituída por um gerúndio ou particípio do verbo ou, ainda, por um pronome relativo ou conjunção subordinativa”. Há, também, aqueles que a consideram agramatical, contra os quais rebate Bechara (2011) ao afirmar: “No emprego de ‘sendo que’ não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical”.

Para os casos citados por Neves (2003), por exemplo, Bechara (2011) sugere que, por questão pessoal de estilo ou por necessidade de maior clareza contextual, pode-se até substituir essa construção pelas alternativas sugeridas. Para esse membro da Academia Brasileira de Letras, essa vasta possibilidade de substitutos para *sendo que* deve-se ao fato de as orações reduzidas (infinitivo, particípio e gerúndio) possuírem flexibilidade semântica para dar conta das equivalências expressivas de uma adição, contrajunção¹⁴⁵ ou explicação, por exemplo. E nisso, como será visto no capítulo de análise, a perífrase *sendo que* é extremamente produtiva.

Bechara (2011) busca em Augusto Epifânio da Silva Dias a seguinte descrição: “Um simples particípio absoluto substitui-se enfaticamente por uma oração de ‘que’ ligada como sujeito ao particípio ‘sendo’: Estava no mundo e *sendo que* o mundo foi feito por ele, não conheceu o mundo (Vieira, II, 1901, *apud* DIAS, 1841-1926¹⁴⁶)”. Assim, seguindo a lição de Silva Dias, a conclusão de Bechara (2011), para o uso do *sendo que*, é de uma construção cuja

¹⁴³ Como o referido texto encontra-se hospedado na página virtual da Academia Brasileira de Letras, não foi possível identificar e indicar o número da página. Ele está disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=11409&sid=771>. Acesso 29 set. 2013.

¹⁴⁴ Na internet, encontram-se textos publicados por professores e corretores de redação que condenam o uso de *sendo que*. Ora tal expressão é acusada de ser um caso de gerúndio desnecessário: <http://www.portuguesnarede.com/2009/07/o-gerundismo-de-sendo-que.html>; ora uma expressão “incorreta” e “insossa”: <http://www.paulohernandes.pro.br/dicas/001/dica133.html>. Acesso em 14 out. 2013.

¹⁴⁵ As conjunções **adversativas** ou **contrajuntivas**, segundo Mateus *et alii* (2003, p.566), “exprimem prototipicamente um contraste entre os membros coordenados”.

¹⁴⁶ A referência correspondente ao exemplo não é citada por Bechara (2011).

função “nasceu para dar ênfase à sintaxe com particípio que hoje se recomenda para substituir a fórmula considerada expressivamente fraca ‘sendo que’” (*op. cit.*).

Particularmente, não concordo com essa conclusão de Bechara, por duas razões que passo a justificar. A primeira deriva do exemplo de Vieira, citado por Silva Dias: nele, o que se tem é uma construção *sendo que* funcionando como uma locução conjuntiva de valor causal, facilmente parafraseada pelas expressões ‘razão que’, ‘porque’, ‘uma vez que’: ‘Estava no mundo e *uma vez que* o mundo foi feito por ele, não conheceu o mundo’. Neste caso, há evidentemente uma relação de causa e consequência marcada pela perífrase ‘sendo que’. Um partitivo revelaria outra função semântica aqui: ‘Estava no mundo *feito* por ele’. Desse modo, a relação seria predicativa, configurada numa oração relativa reduzida.

O segundo argumento, contrário à conclusão de Bechara, consiste na afirmação de que *sendo que* nasceu para enfatizar uma sintaxe com particípio. Devo concordar que essa expressão assume, ao longo da sua história, traços semânticos do particípio, principalmente em contextos que envolvem distribuição ou especificação de determinada informação. Contudo, não tenho tanta certeza de que a sua origem tenha, essencialmente, ocorrido para marcar isso. De acordo com os dados históricos, principalmente do século XVI, observei que a sua função primeira é de indicar a causa de um dado evento, ou de um estado de coisas, como o exemplo de Vieira é capaz de ilustrar perfeitamente.

Cabe ressaltar que também recorri ao *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Borba (2002), e nessa edição constatei que não há nenhuma referência ao uso da perífrase *sendo que*. De acordo com o próprio editor, o conjunto das entradas desse dicionário “foi estabelecido a partir de um *corpus* da língua escrita em prosa no Brasil a partir de 1950” (BORBA, 2002, p.v). O banco de dados foi formado com “mais de 70 milhões de ocorrências de palavras em textos de literatura romanesca, dramática, técnica, oratória e jornalística, com absoluta predominância desta última” (*op.cit.*).

Além mar, também encontrei críticas ao uso de *sendo que*. O Manual de Redação do jornal *Público* assim se expressa em relação ao tema:

sendo que — É provavelmente uma redução da expressão “sendo certo que” com o sentido de uma conj. adversativa; vulgarizou-se para ligar frases, às vezes

com repetição do verbo “ser” ou outro, o que é desnecessário e deselegante. **1.** O simples “e” pode ser usado. Ex.: “A assembleia geral elegeu a América Latina e Portugal como mercados preferenciais, **sendo que** futuros negócios (...) serão conduzidos a partir do nosso país.” “...mercados preferenciais e futuros negócios (...) serão conduzidos a partir do nosso país.” “A Alemanha começara a guerra com os cofres quase vazios (...), **sendo que** as barras de que dispunha a partir de meados de 1941 eram obviamente de origem suspeita.” “... quase vazios (...), e *por isso* as barras de que dispunha a partir de meados de 1941 eram obviamente de origem suspeita.” **2.** Há casos em que se pode usar o gerúndio do verbo. Ex.: “A diminuição do número de deputados da Assembleia da República (...) para vigorar necessita agora de consenso legislativo entre os dois maiores partidos, **sendo que** o PS já disse que se oporia a essa redução imediata.” “...maiores partidos, *tendo* o PS já dito que se oporia a essa redução imediata.” “Esta é a quarta mudança de camisola verificada entre autarcas do distrito de Coimbra, **sendo que** as restantes (em Tábua, Soure e Pampilhosa) resultaram a favor do Partido Socialista.” “...distrito de Coimbra, *tendo* as restantes (em Tábua, Soure e Pampilhosa) resultado a favor do Partido Socialista.” **3.** Opte-se por frases mais curtas e correctamente pontuadas. Ex.: “Os entrevistados eram convidados a colocar essa disciplina numa escala de 1 a 5, **sendo que** ‘1’ representava uma disciplina ‘nada científica’ e ‘5’ uma disciplina ‘muito científica’.” “...escala de 1 a 5: ‘1’ representava uma disciplina ‘nada científica’ e ‘5’ uma disciplina ‘muito científica’.”¹⁴⁷

A prescrição do *Público* é muito semelhante às estratégias apontadas por Neves (2003) para os casos envolvendo o uso de *sendo que*. Em especial, destacam-se duas tarefas: a total supressão da perífrase e a sua substituição por outro recurso expressivo oferecido pela língua. O mais interessante, novamente, é verificar que, ainda que não tenha conhecimento da origem dessa expressão, conjecturam ser “provavelmente uma redução da expressão ‘sendo certo que’ com o sentido de uma conj. Adversativa”. É possível, contudo, concordar que “sendo certo que” tem valor adversativo? E por essa razão é “desnecessário” e “deselegante”? Diante desse comentário chego a inferir que a razão que motiva o não uso dessa expressão não é exatamente linguístico, morfossintático ou mesmo comunicativo, é, segundo o conteúdo de tais afirmações, estilístico.¹⁴⁸

¹⁴⁷ PÚBLICO, disponível em <http://www.publico.pt/>. Acesso em 29 set. 2013.

¹⁴⁸ A título de menção, encontrei em Lisboa um dicionário intitulado “Grande dicionário de dificuldades e subtilezas do idioma português”, de autoria de Vasco Botelho de Amaral (2012), que traz 5 páginas dedicadas a dar conselhos a respeito do ‘adequado’ uso do verbo ‘ser’. Nele, consta o seguinte comentário em relação ao emprego da forma *sendo*: “Todavia, repugna sobretudo à índole do idioma o emprego desmedido de *ser* no gerúndio, como se topa em linguagem de jornais, especialmente nos telegramas de fora: ‘*Foram* tomadas várias povoações, tendo *sido* cercadas muitas outras, **sendo** numerosos os mortos e feridos’.” (AMARAL, 2012, p.855).

Não há menção dessa construção na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mira Mateus *et alii* (2003, p.711), nem mesmo como conjunção causal, a exemplo de algumas gramáticas publicadas no Brasil. As autoras em questão citam várias locuções causais, dentre elas, *pois que, uma vez que, visto que, já que, dado que*, e fazem referência a um trabalho de Lobo (2001 *apud* MATEUS *et alii*, 2003, p.711-712) sobre as propriedades sintáticas das orações causais em português.

Como também recorri a dados do jornal *Folha de São Paulo*, na versão disponível no site da *Linguateca*, procurei verificar se o *Manual de Redação*¹⁴⁹ desse jornal brasileiro fazia alguma menção ao uso da perífrase *sendo que*. O resultado, contudo, revelou não haver nenhuma nota a respeito. Vale salientar que as sincronias do séculos XX basearam-se, quase que exclusivamente, nos dados do *CetemPúblico* e do *CetenFolha*, e, em ambos, o uso de *sendo que* se mostrou recorrente, a despeito da recomendação dos redatores do *Público*, por exemplo.

A revisão desse material pertinente à perífrase *sendo que* serviu-me, especialmente, para localizar, nos estudos sobre esse fenômeno, o que já havia sido verificado e, principalmente, como tal fenômeno linguístico é descrito e analisado, tanto no contexto do PB quanto no PP. Como resultado dessa tarefa, três aspectos destacaram-se: 1) a descrição de *sendo que* como marcador causal; 2) a crítica relacionada ao seu uso, caracterizado como um uso desnecessário, deselegante e um complicador da compreensão; e 3) o pouco ou nenhum destaque dado ao seu valor pragmático, principalmente nos contextos em que parece assumir a função de um focalizador da informação¹⁵⁰.

Para esse caso, sugere o dicionarista a seguinte reconfiguração: “Deu-se a tomada de várias povoações, e cercam-se muitas outras. Há numerosos mortos e feridos” (*op.cit.*).

¹⁴⁹ Manual da Folha de São Paulo. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_s.htm. Acesso em 29 set. 2013.

¹⁵⁰ Durante o desenvolvimento desta pesquisa, por intermédio do colega Fabrício Amorim, do Instituto Federal da Bahia, tive acesso à dissertação de mestrado de Franco (2006). Nela, o autor afirma que a construção *sendo que* está se “discursivizando”. Para defender sua hipótese, eleger como fator de análise o emprego dessa perífrase em períodos compostos, como elemento de ligação em contextos coordenativos e hipotáticos. Verifica, assim, que sua posição é basicamente posposta àquela com a qual explicita relação de adjunção ou de subordinação. Afirma que, em certos contextos, pode manifestar tanto valor conjuncional como discursivo, a exemplo de um marcador discursivo. Acredito que o que o autor defende por discursivização, nesta pesquisa, tenho atribuído à pragmatização.

Nesta pesquisa, portanto, pretendo dar conta desse terceiro aspecto. Para tanto, foram selecionadas as amostras descritas no capítulo metodológico e, sobre elas, realizadas as análises interpretativas, sem, contudo, desconsiderar o papel que uma análise quantitativa, principalmente no que diz respeito às frequências *token* e *type* (HOPPER e TRAUGOTT, 1991; BYBEE e HOPPER, 2001) dos usos identificados longitudinalmente na história do português.

4.2. O percurso histórico de *ser* e de *que*

O percurso histórico empreendido, a fim de acompanhar a evolução de *sendo que*, levou-me à origem do verbo ‘*ser*’, seguida de sua gerundização. Investiguei, conjuntamente, a origem da forma ‘*que*’; a clivagem de ‘*sendo [X] que*’; até, finalmente, chegar à constituição da perífrase *sendo que*. Além disso, a análise diacrônica possibilitou-me testar duas hipóteses aventadas no início desta tese: do particípio *sendo que* e da reativação de um pronome adjetivo distributivo (*sendos/sendas*) do português arcaico.

Investiguei, também, a mudança linguística, via critérios cognitivos e reflexo semântico-funcional (LANGACKER, 1987), trilhada por essa perífrase e que responde às necessidades comunicativas e às intenções pragmáticas dos usuários do português, tanto do PP quanto do PB. Para isso, lancei mão de estudos comparativos com outras línguas de ancestral comum, como o latim, mas também com o inglês, que faz uso da expressão *being that* e que se assemelha à construção *sendo que* do português.

4.2.1. Alguns usos de *sendo*

“O gerúndio é um advérbio deverbal”, afirma Lehmann (2008, p.14) quando analisa a construção do PP *ficar* + gerúndio, como em *ficou estudando*¹⁵¹. O linguista alemão tenta provar a origem de uma construção no português em que o verbo *ficar* assume o modelo da auxiliarização em contexto gerundivo. No caso de *sendo que*, como apresentado anteriormente, o valor progressivo do gerúndio é um traço conservador. Em dados do

¹⁵¹ Processo semelhante ocorre no PB.

português do século XIII, principalmente quando o verbo *ser* era ambíguo, podendo assumir tanto a semântica de *estar* quanto a de *ser* existencial, o aspecto gerundivo já afetava o estatuto categorial de *sendo*, atribuindo-lhe, em alguns contextos, função adverbial. Tal fenômeno se estende até os usos contemporâneos dessa construção, e o dado abaixo, extraído do *corpus* do PB, é um caso exemplar:

- (22) Para Žižek, a realidade tem a estrutura de uma ficção. Ou seja, **sendo** construída a partir da simbolização limitada de um determinado ponto do Real, acaba **sendo** apenas uma espécie de interpretação da "coisa em si". **Sendo** assim, o real irrompe em situações as quais tradicionalmente consideramos serem fictícias, como em sonhos e na realidade virtual. (21 PB)¹⁵²

Nesse excerto, há três ocorrências com o gerúndio do verbo ‘ser’: ‘*sendo* construída’, ‘acaba *sendo*’ e ‘*sendo* assim’. À primeira vista, poder-se-ia dizer que há uma redundância lexical com o uso insistente da forma *sendo*. Contudo, uma análise mais detida é capaz de reverter essa primeira impressão. Em cada uma das ocorrências anteriores, a forma *sendo* desempenha funções semântico-sintáticas específicas.

A primeira delas pode ser parafraseada por uma conjunção causal, como *porque* ou *uma vez que*, indicando, assim, a causa de determinada interpretação: ‘[a realidade] **uma vez que** construída a partir da simbolização limitada (...), acaba sendo apenas uma interpretação da ‘coisa em si’’. A oração inicial fornece a razão daquilo que será visto como uma consequência ou o resultado no desenrolar do enunciado. Na segunda ocorrência, o item *sendo* aparece antecedido pelo verbo ‘acaba’ e, com ele, forma uma perífrase verbal com um sentido resultativo. Contudo, no nível sintático, mantém o valor verbal de cópula: ‘passa a **ser** ou **tornar-se** uma interpretação da ‘coisa em si’’. Já na terceira ocorrência, a forma nominal gerundiva de ‘ser’ introduz uma conclusão¹⁵³, reforçada pelo elemento ‘assim’ e, nesse contexto, dá corpo à perífrase de valor conclusivo ‘sendo assim’: ‘**Logo/Portanto**, o real irrompe em situações as quais tradicionalmente consideramos fictícias’. Tais exemplos do PB contemporâneo tornam evidente um fato: a forma gerundiva de ‘ser’ assume diferentes funções no português, a depender do contexto em que aparece.

¹⁵² Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Slavoj_%C5%BDi%C5%BEek. Acesso em 19 set 2013.

¹⁵³ Conforme indicado por Defendi (2013).

Caso se tente uma substituição por uma forma conjugada desse verbo, nos mesmos contextos em que ela aparece no gerúndio, será possível verificar que apenas no primeiro caso é permitido alterar a forma *sendo* para a flexão de ‘ser’ na terceira pessoa do presente do indicativo; nas demais, torna-se imprescindível o uso da forma gerundiva, ou, então, a substituição por outra expressão:

- (22a) Para Žižek, a realidade tem a estrutura de uma ficção. Ou seja, (i) **é** construída a partir da simbolização limitada de um determinado ponto do Real, (ii) acaba **sendo** apenas uma espécie de interpretação da "coisa em si". **Sendo** assim (iii), o real irrompe em situações as quais tradicionalmente consideramos serem fictícias, como em sonhos e na realidade virtual.

Contudo, ainda que o contexto da oração encabeçada por “ou seja” – “é construída a partir da sinalização limitada de um determinado ponto do Real...” – licencia a possibilidade da permuta de ‘sendo’ para ‘é’, o vínculo semântico com a segunda oração – “acaba sendo apenas uma espécie de interpretação” – é afetado. Isso ocorre justamente porque o vínculo entre a primeira e a segunda oração se baseia na sequência semântica *causa-consequência*, o que indica que a forma *sendo*, que aparece na primeira, não mais desempenha exatamente a mesma função [+ lexical], do verbo que a originou.

Situação idêntica ocorre com *sendo* na perífrase ‘sendo assim’. Nesse caso, tal expressão codifica uma função causal, assumindo traços morfossintáticos da categoria das conjunções. No nível sintático, desempenha o papel de ligação entre duas ou mais proposições e/ou orações; e, no nível morfológico, adquire o traço de invariabilidade flexional.

Apenas o segundo uso de *sendo*, em “acaba *sendo* apenas uma espécie de interpretação...”, parece permitir a substituição por uma forma finita do verbo ‘ser’. Isso, contudo, só pode ocorrer se o verbo ‘acabar’ passar a predicar uma oração subordinada substantiva: ‘**acaba que é** apenas uma espécie de interpretação...’. Nesse caso, novamente a semântica da oração será afetada, uma vez que uma estrutura com ‘acaba que’ revelaria a seguinte configuração estrutural: oração principal (acaba) + oração subordinada introduzida pela conjunção integrante ‘que’. Posta numa ordem direta, ter-se-ia: ‘**que é** apenas uma espécie de interpretação_{or. sub. subjetiva}/ **acaba**_{or. principal} (sendo)’. Em outras palavras, a semântica

da forma verbal ‘acaba’ – que nesse contexto não é de finalizar ou dar cabo de – reclama um elemento que lhe complete o sentido, neste caso, o próprio ‘sendo’.

De todo modo, acredito que qualquer alteração ou paráfrase de *sendo* nesses três contextos gerará ou agramaticalidade, ou incoerência entre as sequências informativas. E isso é uma forte evidência de que, independentemente da ocorrência na perífrase *sendo que*, a forma gerundiva de ‘ser’ revela-se extremamente polissêmica e polifuncional no português, tanto em sincronias contemporâneas como em dados mais antigos do português, como será evidenciado a seguir.

Antes, entretanto, cabe mencionar o comentário de Cunha e Cintra (2007, p.615) a respeito do uso do gerúndio em orações reduzidas. Argumentam os gramáticos que cada vez é mais comum o gerúndio como “representante de uma ORAÇÃO ADJETIVA¹⁵⁴ que designa um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere”. Para eles, trata-se apenas de um decalque do francês e procuram comprovar isso com um trecho de Fernando Pessoa: “Meu coração é um pórtico partido/ **Dando excessivamente sobre o mar**¹⁵⁵” (*op.cit.*). Contudo, como demonstrei anteriormente, o uso do gerúndio em orações reduzidas de valor adjetivo já ocorria na história do português¹⁵⁶.

4.2.2. A perífrase *sendo que* e o papel da frequência

Para análise das ocorrências da perífrase *sendo que* encontradas nos *corpora* selecionados para esta tese, considereirei dois aspectos caros aos estudos de gramaticalização: o critério da frequência (*token* e *type*) e o princípio da unidirecionalidade, como já referido neste estudo.

Bybee, Haiman e Thompson (1997) identificam dois grandes efeitos da frequência *token* sobre as formas que são especialmente relevantes para a gramaticalização e para a

¹⁵⁴ Destaque dado no original.

¹⁵⁵ Destaque dado pelos autores.

¹⁵⁶ Segundo Lima-Hernandes, durante a orientação desta tese, deve-se considerar que a perspectiva normativista até meados dos anos de 80 do século XX atribuía usos cotidianos ao vício de linguagem nomeado “galicismo”. Cabe, portanto, acolher esses comentários com a devida cautela do contexto histórico dessa produção.

geração de frequências *type*. São eles: o efeito de redução e o efeito de conservação. O primeiro indica que elementos usados frequentemente sofrem erosão fônica com impacto sobre a forma (HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991) mais rapidamente do que itens/construções usados com menor frequência. Esse efeito, segundo Hopper e Traugott (2003), é facilmente verificado em construções contraídas do inglês, como *I'll* em lugar de *I will*, ou em construções com o auxiliar *to be*: *I'm*, *It's*, *we're*, em vez de *I am*, *It is* e *we are*. Mesmo fenômeno ocorre na perda de autonomia da marca de infinitivo *to* do inglês, em formas como *wanna*, *gotta*, *gonna*, redução de *want to*, *got to*, *going to* (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p.128). Muitas vezes, segundo Lima-Hernandes (2013)¹⁵⁷, basta que a pausa desapareça – a exemplo do que ocorre com as locuções, conforme também exemplificado por Lehmann (2002) no espanhol (*aunque* = apesar de, ainda que) e citado anteriormente – para ocorrer a redução.

Já o efeito da conservação manifesta-se naquelas formas que são isoladas num paradigma morfológico e que tenderão a se acomodar a ele, ainda que sejam especialmente frequentes (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p.128). Na sintaxe, o efeito de conservação da alta frequência é constatado no comportamento de substantivos em contraposição aos pronomes, afirmam Hopper e Traugott (2003, p.128). Os pronomes, que são altamente frequentes, retêm a distinção de caso perdida nos substantivos. Para exemplificar, os autores citam os pronomes do inglês *he*, *him*; *she*, *her*, que, em português, equivaleriam aos pronomes pessoais retos *ele* e *ela* e aos oblíquos átonos *o* e *a*, ou ainda a *lhe*, *para ele*, *para ela*, que, por sua vez, já não carregam essa marcação de caso como os correlatos ingleses (*-er*, *-im*).

No caso de *sendo que*, pode-se dizer que a construção em si não sofreu esse tipo de fator condicionado pela frequência de uso, afinal, desde o século XVI, a estrutura fônica e morfológica dessa perífrase continua intacta. Por outro lado, como demonstrado anteriormente, os constituintes individuais dessa expressão tiveram, historicamente, alterações fônicas e formais. A forma *sendo*, no português do século XIII, por exemplo, concorria com duas outras representações escritas: *sedendo* > *seendo* > *sendo*; e o elemento *que*, segundo a hipótese da sua origem a partir dos relativos *quī*, *quae*, *quod*, também já é o resultado de certa alomorfia quando passa à forma *que*, conhecida hodiernamente. Quanto à

¹⁵⁷ Durante a orientação desta tese.

influência do efeito de conservação, como será exemplificado na análise histórica, o valor relacional do verbo *ser* tende a ser o traço que se mantém na evolução da forma perifrástica *sendo que* até os seus usos mais contemporâneos.

De acordo com Hopper e Traugott (2003), estudos diacrônicos de frequência partem do princípio de que o aumento frequencial do uso de uma construção, ao longo do tempo, é uma evidência de gramaticalização. Por meio dessa abordagem investigativa, será possível identificar, com base em textos escritos produzidos em diferentes gêneros e em diferentes épocas, a possível mudança de contexto e de função de determinada construção. Para este trabalho, a análise histórica de sincronias do PP e do PB permitirá observar o comportamento funcional da construção em epígrafe ao longo de cinco séculos, do XVI ao XX (e numa base não sistematizada do XXI), e, ainda, verificar se, nos *corpora* do século XIII ao XV, há vestígios de sua ocorrência.

4.2.3. Evolução histórica e a multifuncionalidade de *ser* > *sendo* > *sendo que*

Várias são as possibilidades semântico-funcionais assumidas por *sendo* ao longo da história do português. Ainda que esta investigação esteja circunscrita aos usos funcionais da perífrase *sendo que*, a observação dos *tokens* da forma gerundiva do verbo *ser* é indispensável para a compreensão, amiúde, de alguns dos usos de *sendo* até a formação da perífrase *sendo que*.¹⁵⁸ Para isso, os dados diacrônicos recolhidos na amostra em questão serviram de evidência empírica para observação dos usos mais remotos do verbo *ser* no gerúndio aos usos mais atuais.

O verbo *ser* do português, segundo Machado (1952-1959, p.1974), provém do latim *sēdere*, que significava *estar sentado*, *sentar-se*, e estava relacionado aos magistrados e juízes, ou seja, ao seu emprego concreto, como localizador no espaço físico (a posição de estar

¹⁵⁸ Cabe esclarecer que tenho consciência de que o estudo de um verbo como *SER*, em si, já é tema para uma ou várias outras tese(s). Neste estudo, no entanto, o que me interessa é observar alguns de seus usos para, assim, ter uma análise mais ampla do(s) fenômeno(s) envolvido(s) na configuração da perífrase *sendo que*. Reconheço, ainda, que o outro elemento perifrástico, ou seja, o item *QUE*, também merece um estudo exaustivo. Nesta pesquisa, contudo, ele receberá um tratamento panorâmico. Para mais informações sobre a função do *QUE* em algumas perífrases do português, sugiro o trabalho de Lima-Hernandes (2010) sobre as estruturas *X-que* no português.

sentado). Também significava “manter-se, demorar-se, conservar-se; permanecer ocioso, inactivo; estar, permanecer fixo” (*op. cit.*). A conjugação desse verbo no português, entretanto, assim como dos seus correspondentes românicos, resulta da fusão da forma *sĕdĕre* com o verbo auxiliar *ĕsse* (*sum*), “ser”. Logo, o traço ambivalente acompanha o verbo *ser* desde a sua etimologia: podia indicar tanto *estar* [+concreto] quanto *ser* [+abstrato]. A forma do gerúndio de *ser* – *sendo* – atesta essa ambiguidade semântica em dados do século XV:

(23) consirando que se se as pazes nom firmassem e a guerra ficasse aberta. que taaes cousas lhe viriam as mãos em que honrrosamente podessem rreçeber sua caualaria. mas depois que as pazes foram firmadas entenderam elles que nom ficaua hy cousa çerta em que elles podessem ser caualeiros polla guisa que o elles deseiauam. E **sendo** hum dia todos tres juntos e ajnda o conde de Barçellos com elles trauaram em aquella rrezam como cousa que nom andaua muito longe de suas lembranças. e esto era na camara de seu padre **sendo** elles apartados de sua presença, dandolhe lugar a alguus feitos em que por entam estaua ocupado. e tanto falaram naquelle feito de sua caualaria mouendose antre elles muitas rreçoões a concrusam detreminaram de o falarem a elRey. (15 PP Tarallo, 12 15CTC)

Nesse dado do PP, extraído da amostra histórica de Tarallo (1991), as duas ocorrências de *sendo* podem facilmente ser parafraseadas por *estar*: “e **estando** hum dia todos tres juntos...” e “e esto era na camara de seu padre **estando** elles apartados de sua presença...”. Em uma das mais antigas versões em língua portuguesa do texto *A demanda do santo graal*¹⁵⁹, do século XIII, encontrei usos de *seer* (ser) com valor estativo de ‘estar’ e de ‘estar sentado’, como se verifica neste trecho: “— Senhor, — disse el — nom vou senam a esta foresta com esta donzela que me rogou; mais cras, ora de terça, **seerei** aqui” (Edição MAGNE, 1944). Na edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2005), constatei que o uso de *ser* com sentido de *existir* também ocorre: “— Filho Galaaz 3, disse Lançalot, estranhamente vos fez Deus fremosa creatura. Par Deus, se vós nom cuidades **seer** bõõ homem ou bõõ cavaleiro, assi Deus me conselhe, sobejo **seria** gram dano 4 e gram mala ventura de nom **seerdes** bõõ cavaleiro ca sobejo **sodes** fremoso.” (2005, p.21). O uso da forma ‘estar’ também foi localizado nesse

¹⁵⁹ A *Demanda do Santo Graal* insere-se num ciclo vasto e tardio da literatura arturiana designado por Pseudo-Boron ou, mais recentemente, por Post-Vulgata. Composta entre 1230 e 1240 a Post-Vulgata integra elementos de proveniência diversa tais como o tema do Graal, a lenda arturiana, os amores de Lancelot e Guenièvre e a história de Tristão e Palamedes, articulados entre si no sentido de formar um conjunto unificado e totalizante. O manuscrito português encontra-se na Biblioteca Nacional de Viena (catalogado sob o número 2594) e contém várias redações feitas entre os séculos XIII e XV, conforme informações extraídas da 2ª edição produzida pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 2005.

documento: “Entam começaram todos a chorar com prazer, quantos no lugar **estavam**.” (2005, p.21).

Segundo Silva (2001, p.54), a forma *seer* caracteriza-se por variações vocálicas e consonânticas derivadas dos seus dois lexemas heterônimos: *sedēre* e *esse*. De acordo com as pesquisas de Brocardo (2011), o traço semântico de *estar*, originário do étimo de *ser* a partir do verbo *sēdēre* (estar sentado), acompanha a forma *ser* até meados do século XVI. Assim, conforme Nunes (1975 [1919], p.332, *apud* BROCARD, 2011, p.6), o atual verbo *ser* resultou da fusão de dois outros, provenientes do latim: *sedēre* e *esse*. Na antiga língua, de acordo com esse pesquisador, ambos possuíam vida independente e compartilhavam o futuro condicional, o imperativo, o subjuntivo presente, o infinitivo e o gerúndio.

Na acepção de *estar sentado*, eram usadas as formas pertencentes a *sedēre*, que, mais tarde, deixaram de ser empregadas assim, sendo a sua significação incorporada às formas correspondentes do verbo *estar* e ficando ao verbo *ser* apenas aquelas que lhe eram comuns. De acordo com Silva (2001, p.54), as derivas de *sedēre* (*se*, *siia*, por exemplo) ainda tinham o traço semântico de ‘estar sentado’ ou ‘assentado’ em documentos do *Foro Real*, dos séculos XIII-XIV e mesmo em textos do século XVI: *hũũ homen siia en sa pusada* (ex. SILVA, 2001, p.54).

Charles Kahn (2001?)¹⁶⁰ defende que o uso mais fundamental de "ser", em grego εἶναι¹⁶¹ /ine/, é o uso veritativo, do qual os usos existencial e predicativo seriam derivados. Usa-se o verbo "ser", então, não apenas para falar algo, mas também para afirmá-lo, ou seja, para dizer que a situação predicada "é o caso", "é realmente assim", é “verdade”. Portanto, o uso veritativo do verbo "ser", em grego, significa que (a) alguma coisa existe; (b) algo é predicado disso e (c) que (a) e (b) são ambos verdadeiros (*op.cit.*). Segundo Vendryés (1921 *apud* Figueiredo-Gomes e Souza, 2013), “a raiz proto-indo-europeia *es* (=ser), que forneceu a cópula, em data muito antiga, denota propriamente ‘a existência, a vida’ e o demonstra através do particípio *sat*, que designa ‘um ser real’ e o derivado *satyas*, ‘verdadeiro’, e mediante o grego *tà ónta*, ‘a realidade’”. Daí o traço resiliente de **significado epistêmico** que

¹⁶⁰ Ver em: KAHN, Charles H. *Cadernos de Tradução: sobre o verbo grego ser e o conceito de ser*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, [2001?]. p. 155-196.

¹⁶¹ Na *Gramática de Grego* de Alves Perfeito (s/d, p. 68), encontrei a seguinte anotação sobre o verbo *ser* na língua grega: “εἶναι (tema εἶσ-, cf. lat. *esse*) – *ser, existir*. Infinitivo Presente εἶναι – *ser*”.

a forma verbal SER carrega, em alguns contexto de uso, como será demonstrado no capítulo V.

Segundo Meillet e Vendryes (1960, p.597), no *Traité de grammaire comparée des langues classiques*, "la racine **es-** qui signifiait «exister» (cf. *εἶ...*) s'est trouvée apte à ce rôle. Il a été possible d'exprimer le temps en formant une phrase nominale-verbale avec un verbe qui à l'origine exprimait seulement l'existence"¹⁶². Além disso, concluem os autores que o verbo de existência, perdendo o seu significado próprio, foi reduzido gradualmente ao papel de mera cópula¹⁶³. Em latim, afirmam os autores, o emprego de *est*, *sunt* é relativamente constante, assim como as formas *es*, *eram* ou *sim*. A frase nominal passou, assim, a integrar uma cópula, o que mudou o seu caráter – *status* categorial – (*op. cit.*).

Vale lembrar, no entanto, que a forma *sedere* continua a ser empregada no italiano moderno, com o mesmo sentido do verbo em português 'sentar-se'. A forma latina *sēdēre*, por sua vez, também deixou marcas no paradigma flexional do português, as quais perduram até hoje, como nas formas do imperativo 'sê', 'sede', no presente do subjuntivo: 'seja', 'sejas' etc., no futuro do presente: 'serei', 'serás'... e no futuro do pretérito: 'seria', 'serias'... As outras conjugações seguem o paradigma do presente do indicativo latino de *esse*: *sum*, *es*, *est*, *sumus*, *estis*, *sunt*¹⁶⁴. Segundo Brocardo (2011)¹⁶⁵, são os contextos com *sedere*¹⁶⁶ que

¹⁶² Tradução sugerida: o radical *es-*, que significava "existir" (cf. *εἶ...*), era adequado para este papel. Foi possível expressar o tempo na formação de uma frase verbo-nominal, com um verbo que, na origem, exprimia apenas existência

¹⁶³ No original: "Le verbe d'existence, perdant sa signification propre, a été réduit peu à peu au rôle de simple copule" (MEILLET; VENDRYES, 1960, p. 597).

¹⁶⁴ Silva Neto (1970, corrobora a afirmação de que o verbo 'ser' constitui-se de formas de *esse* e de *sedere*: *sedere* > *seer* > *ser*.

¹⁶⁵ Durante meu estágio de doutorado em Lisboa, tive contato com o grupo de linguistas do Centro de Investigação da Universidade Nova de Lisboa. Foi quando soube que uma das pesquisadoras e docentes daquela instituição, a Profa. Dra. Maria Teresa Brocardo, estuda os verbos *ser* e *estar* na história do português há muito tempo. O contato com o trabalho dessa professora forneceu-me informações relevantes sobre o histórico desse verbo, como o seu hibridismo diacrônico, uma vez que ele inclui formas derivadas de dois paradigmas latinos distintos: *sedeo* (*sedere*) e *sum* (*esse*). São os contextos com *sedere* que tornaram esse verbo ambíguo, com o sentido de *estar* também. Dentre os usos mais remotos do verbo SER no português, Brocardo (2011, p.7) apresenta um exemplo datado do século XIII, em que aparece justamente a forma gerundiva do verbo com valor semântico de *estar*: "Eno nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de deus rei de Portugal, **seendo** sano e saluo, teme-te o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de meus filios e de meus uassalos e de todo meu reino fiz mia mada *per que* de pos mia morte mia molier e meus filios e meu reino e meus uassalos e todas aquelas cousas *que* Deus mi deu en poder sten en paz e en folgacia" (TAIL 1214, in BROCARD, 2011, p.7). Nesse caso, a interpretação sugerida seria "**estando** são e salvo".

¹⁶⁶ As formas *sēdēre* e *ēsse* aparecem ora grafadas com acento, ora sem nos textos teóricos pesquisados. Segui a grafia indicada em cada um, acentuando-as ou não a depender de cada autor.

tornam esse verbo ambíguo com o sentido de *estar*, conforme o exemplo, citado em (23), é capaz de evidenciar. A partir da metade do século XVI, a semântica do verbo *ser* já não mais concorre com o significado de *estar* e os dois passam a figurar como formas autônomas no português. Segundo Teyssier (1982, p.68 *apud* BROCARD, 2011, p.6), “a conjugação de *ser*, que resulta da fusão em um paradigma único dos paradigmas de dois verbos (*sum* e *sedeo*), está praticamente fixada na segunda metade do século XVI”.

É curioso, entretanto, perceber que a duplicidade semântica do verbo *ser* manifesta-se, atualmente, em línguas de origem latina, como no francês *être* e no italiano *essendo*, como verificado no excerto abaixo, retirado de um jornal eletrônico italiano, chamado *IlGiornale.it*¹⁶⁷

(24) Però non si era mai visto finora che pur **essendo** bravi, efficienti, e nella manica dei professori, i primi della classe fossero anche belli e vincenti, nel senso che si facevano magari anche le più carine dell'istituto, per restare alla metafora scolastica.¹⁶⁸

Nesse caso, *essendo* assume sentido idêntico ao da forma ‘*ser*’ do português. Já em outro contexto, a mesma forma assume o valor de ‘*estar*’: ‘**Essendo** io in Germania, ha molto più senso vederci lì’. Literalmente: **Estando** eu na Alemanha, há mais sentido encontrarmos lá. Ainda no italiano, essa mesma sentença poderia ser assim desenvolvida: *Come io sarò in Germania, ha molto più senso vederci lì* (Como estou na Alemanha, há mais sentido nos encontrarmos lá), ou, ainda, *Ha molto più senso vederci in Germania, perche io sarò lì* (Há mais sentido nos encontrarmos na Alemanha, porque estarei lá). A interpretação da função introduzida por *essendo* e substituída, nas orações com verbo finito, pelas expressões conjuntivas do italiano ‘*come*’ e ‘*perche*’ (respectivamente *como* e *porque*) denota que, mesmo quando equivale a ‘*estar*’, esse verbo pode desempenhar sentido causal, pelo menos no italiano.

O sentido de ‘*ser*’ e ‘*estar*’ também é codificado em um único verbo em outras duas línguas de origem anglo-saxã e germânica. É o caso do inglês, por exemplo, com o verbo *to be*

¹⁶⁷ Disponível em <http://www.ilgiornale.it/news/esteri/miliardari-germania-sempre-pi-miliardari-958168.html>. Acessado em 14 set. de 2013.

¹⁶⁸ Tradução sugerida: [sobre os milionários da Alemanha] No entanto, não se tinha visto até agora que embora sendo competentes, eficientes e os favoritos dos professores, os melhores da classe também fossem belos e vencedores, no sentido de namorarem com as mais bonitas do colégio, para permanecer na metáfora escolar.

e do alemão, com o verbo *sein*. Nessas línguas, a forma equivalente ao português *ser* tanto pode indicar valor estativo como existencial, conforme ocorria no português antigo:

- (25) E por aquel deus que disse a abráãõ que en seu linhage. seryã bautizados todalas gëtes. E escolheu el & Isaaque & Jacob & seus filhos por Patriarcas & mãdou que circûdassê todolos de seu linhage. E ssaluou Josep de mããõ de seus ãmijgos que o ñõ matassê & lhi deu grãde Rey pharããõ. per que ñõ pereceu o sseu linhagë. eno tẽpo da fame. E guardou moisë **sendo** menino. que ñõ morresse quando o deytarõ no Ryo & deploys quando foy grande apareceu lhi em semelhãça de fogo. E deu no Egipto as.x. pragas. (14? PP DF)

Neste caso, a forma *sendo*, registrada num texto do PP do século XIV (datação imprecisa no próprio sistema do *corpus*), também sugere a interpretação semântica de *estar*: “E guardou moisë **sendo/estando** menino”. Contudo, a possibilidade de um sentido existencial, proporcionado pelo étimo de *sum* (*esse*), pode também revelar uma leitura existencial, a partir de uma reconstrução parafrástica de base relativa: “E guardou Moisés [**que era** menino], que não morresse quando o colocaram no rio”. Em ambos os casos, a função sintática cópula, ou seja, de ligação entre o sujeito “moisë” e o predicativo “menino” é executada pela forma *sendo*, uma vez que se trata de um uso [-gramatical].

A interpretação relativa, por sua vez, é melhor percebida no caso a seguir em que *sendo* é antecedido pelo pronome *que*:

- (26) em meu nome deytam os dyabos: nom he rezom dizer que eu os deyto em virtude de berzabuth Porem elles serom vossos juyzes **que sendo** accessores no juyzo derradeiro elles aprouarom minha sentença Mas se em o dedo de deos scilicet en virtude do spiritu sancto o qual bẽ he comparado ao dedo: que assy como o dedo proçede do corpo & da mão: assy o spiritu sancto proçede do padre & do filho. (15 PP DF)

O dado apresentado acima, em que se tem a ocorrência de “Porem elles serom vossos juyzes **que sendo** accessores no juyzo derradeiro elles aprouarom minha sentença...”, pode conduzir a duas interpretações:

- a) como uma oração adjetiva que traz uma explicação:
vossos juízes [**que são assessores no juízo derradeiro**] aprovarão a minha sentença;
- b) ou como uma oração de valor adverbial, sugerindo a causa da aprovação:
vossos juízes [**uma vez que são** assessor no juízo derradeiro] aprovarão a minha sentença.

Como será visto no capítulo V deste trabalho, essa dupla possibilidade interpretativa pode ser o indício do contexto crítico (DIEWALD, 2002), ou do contexto de mudança (HEINE, 2002) na evolução histórica da perífrase *sendo que*.

Na interpretação como pronome relativo, o *que* se relaciona com o SN anterior “vossos juyzes”. Por outro lado, como conjunção e tendo, à direita, a forma *sendo*, estabelece uma relação causal entre orações. Contudo, a inversão da oração principal e de uma suposta subordinada pode não ratificar a função causal aventada: [elles (vossos juyzes) aprouarom minha sentença [**que SENDO** accessores no juyzo derradeiro]]. Neste caso, contudo, se o *que* for parafraseado por *porque*, como em: *eles aprovarão minha sentença porque são assessores no juízo final*, uma interpretação causal pode ser dada à frase em que *sendo* permanece com o *status* de verbo cópula.

Nos dados do século XIX, essa interpretação causal fica ainda mais evidente no excerto abaixo, também coletado da amostra de Davies e Ferreira (2006):

(27) Macário tornou-se o seu guarda-livros. Disse-me ele ¹⁶⁹ **sendo** naturalmente linfático e mesmo tímido, a sua vida tinha nesse tempo uma grande concentração. Um trabalho escrupuloso e fiel, algumas raras merendas no campo, um apuro saliente de fato e de roupas brancas, era todo o interesse da sua vida. (19 PP DF)

O trecho em epígrafe traz um *sendo* precedido de *que*, formando uma construção com valor causal: “Macário tornou-se o seu guarda-livros. Disse-me ele **sendo** naturalmente linfático e mesmo tímido, a sua vida tinha nesse tempo uma grande concentração.”. Neste excerto, tem-se um período formado por uma oração matriz e duas subordinadas. A oração principal: “Disse-me ele” tem, como complemento do verbo *dizer*, a oração objetiva direta “que a sua vida tinha nesse tempo uma grande concentração”. Entre elas, uma terceira oração: “sendo naturalmente linfático e mesmo tímido”. Nesta, a forma *sendo* pode ser parafraseada por ‘porque/uma vez que’: ‘**uma vez que** era naturalmente linfático e mesmo tímido’, denotando uma situação causal. Contudo, diferente do que ocorre com as orações de valor adverbial, a alteração da ordem dos constituintes na sentença em questão afeta o conteúdo enunciado:

¹⁶⁹ Valor conjuntivo (complementizador).

(27a) Disse-me ele que a sua vida tinha nesse tempo uma grande concentração **sendo** naturalmente linfático e mesmo tímido. (*)

Como verbo cópula, a forma *sendo* aparece em contextos de polaridade [+negativa], como ilustra o excerto abaixo:

(28) Borzegujs & de toda outra calçadura de coyro. Da qual nõ paguara ho que A comprar pera seu vso & dos seus Nem dos pedaços de pelles ou coyros que pera seu vso comprarẽ. Nam **sendo** pelle Inteira. Nem Jlhargada. Nem lombeiro. Dos quaees pagarão como no capitollo de çima dos coyros se contem. (15-16 PP DF)

Ainda que o sujeito seja [-humano], a forma *sendo* ainda desempenha valor verbal: ‘não **são** pele inteira, nem rasgada’. Trata-se de uma construção correlativa, provavelmente do século XV ou XVI, em que o verbo cópula *ser* é interpretado com sentido [+existencial], indicando a condição física de uma peça de couro.

Para Givón (2011, p.445), nas línguas humanas, há inúmeros fatos indicativos de que os aspectos semânticos pelos quais classificamos o universo nominal são hierarquicamente organizados, de modo a permitir uma *escala implicacional*. A progressão dos aspectos classificatórios dá-se, segundo o linguista norte-americano, conforme este *continuum*:

*existir no espaço > existir no tempo > existir*¹⁷⁰

A unidirecionalidade desse processo, à semelhança do modelo cognitivo de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), configura como ponto de partida o polo mais concreto, neste caso, ‘existir no espaço’¹⁷¹, para outro mais abstrato, o ‘existir’ (existencial). Ambos intermediados pela categoria temporal, o ‘existir no tempo’. Tomadas, a partir dessa noção implicacional, essas categorias podem, segundo Givón (2011), ser representadas numa teoria dos conjuntos, em que uma categoria se encontra envolvida por outra, ou envolvendo outra:

¹⁷⁰ Baseado em Givón (2011, p.445).

¹⁷¹ Neste estudo, ESPAÇO equivale à categoria LUGAR.

Figura 7: Representação do aspecto classificatório baseado em Givón (2011)

A interpretação da figura acima, inspirada em Givón (2011), sugere que, em termos das *propriedades de critérios*, definidoras dos atributos de um membro de uma classe se relacionar, por inclusão, a outra, o domínio temporal tem todas as propriedades do conjunto abstrato e algumas propriedades (neste caso, existência no tempo) que o domínio abstrato não tem. Da mesma forma, o domínio concreto tem todas as propriedades do domínio temporal (existir no tempo) e também outras propriedades (existir no espaço) que o conjunto temporal não tem.

Várias são as evidências apontadas por Givón (2011) para atestar essa hipótese. Para os fins a que se propõe esta tese, o conjunto de fatores referentes à relação hierárquica implicacional – relevantes para a investigação da semântica do verbo *ser_{gerúndio}* – restringe-se à mudança diacrônica e ao processo de *bleaching*, ou desbotamento semântico, por meio do qual conceitos espaciais/locativos se desenvolvem em conceitos temporais, mas não vice-versa, e conceitos temporais em expressões de existência-identidade, mas nunca o contrário.

Givón (2011) afirma que isso é óbvio na história do verbo ‘*to be*’ (*ser* e *estar* em inglês) em qualquer grupo de línguas. Segundo Givón, o que se sabe é que tais verbos entram no paradigma ‘*be*’ como verbos concretos, significando *estar no espaço*, como *sentar*, *permanecer*, *deitar*, *dormir*, a exemplo da forma latina *sēdēre* (estar sentado) vista anteriormente. O linguista americano afirma que, até hoje, a forma “mais jovem” *estar* do espanhol ainda é espacial e temporal, enquanto a cópula mais antiga *ser* já é atemporal e usada para a indicação de propriedades sem tempo, como em *ser alto*, *ser um homem*, ou identidade, como em *ser este homem*. Processo semelhante ocorre no português, que, inclusive, possui formas homônimas de *ser* e *estar* idênticas à grafia hispânica. Em ambas as

línguas derivadas do latim, isso se explica, historicamente, a partir do momento em que as formas *ser* e *estar* passaram a ter autonomia semântica e existência própria tanto no espanhol como no português. Tal processo, entretanto, não ocorreu no inglês em que a forma ‘*be*’ é empregada, até hoje, tanto para indicar existência espacial e temporal quanto existir [+abstrato], no sentido de *ser* existencial: *I’m here* (Estou aqui) e *I’m happy* (Eu sou/estou feliz). No português, essa dupla semântica de ‘*ser*’ passa a ser interdita a partir do século XVI, por isso, hoje, considera-se agramatical a seguinte oração: *Eu sou aqui** (exceto, claro, se a intenção é provocar um efeito figurativo, não referencial).

O processo de desbotamento semântico na mudança diacrônica, afirma Givón (2011, p.446), “não está confinado a esses três aspectos hierárquicos [espaço > tempo > ser] apenas, mas a qualquer porção do sistema que tem uma estrutura hierárquica em termos de *grau de generalidade* dos aspectos”. Os aspectos mais gerais são os que sobrevivem por mais tempo e acabam por marcar gramaticalmente a estrutura de uma construção ou mesmo de uma língua. No caso de *sendo que*, o aspecto mais abstrato de *existir* pode ser o elo que se mantém até hoje nessa construção. Entretanto, a forma nominal gerundiva leva-me a questionar o porquê dessa escolha; afinal, haveria alguma motivação para o uso de *ser*_{gerúndio}?

4.3. O gerúndio e os usos de *sendo*

Inicialmente, é importante lembrar que o latim, além das formas nominais indicadas pelo **infinitivo** e pelo **particípio**, possuía também as construções nominais de **gerúndio** e **gerundivo**¹⁷². Faria (1958, p.458) assim os define: “o *gerúndio* é uma espécie de substantivo verbal servindo de flexão ao infinitivo”. Para Lehmann (2008), como citado anteriormente, seria um advérbio deverbal. Ele poderia, em alguns empregos, construir-se com o mesmo caso do verbo de que é formado. O *gerundivo*, “também chamado *adjetivo verbal* ou *particípio de obrigação*, tem dois empregos inteiramente diversos, isto é, substituir o gerúndio em algumas construções e indicar uma idéia de obrigação” (op.cit.), mas esta apenas quando usado como adjetivo qualificativo ou como predicativo do verbo *sum* (ser), segundo Faria (1958).

¹⁷² Grifo meu.

No latim, vale destacar, o gerundivo¹⁷³ teve um comportamento sintático-semântico peculiar quando associado à forma *sum* (ser), em qualquer tempo desse verbo. Segundo Jones e Sidwell (2011), o gerundivo, ao lado do verbo *ser*, transportava a ideia de obrigação, dever, necessidade, marcada numa sequência pessoal ou impessoal, como exemplificado abaixo:

Pessoal: *mīlitēs erant reuocandī*

Os soldados estavam a *ser chamados* de volta

Tinham que *ser chamados*

Precisavam *ser chamados* (Jones e Sidwell, 2011, p.161)

Impessoal, no singular neutro:

prōuidendum est

Isto *é para tomar cuidado*

Cuidado deve *ser tomado* (Jones e Sidwell, 2011, p.161)

A configuração de uma estrutura modal deôntica torna-se evidente tanto na construção pessoal quanto na impessoal do gerúndio + *ser*. Faria (1958, p.461) afirma que isso ocorre “quando o gerundivo vem empregado como adjetivo qualificativo, ou como predicativo ao lado do verbo *sum*, indicando então que a ação por êle significada deve ser feita: *pietāti summa tribuēda laus est*, que significa: ‘deve ser atribuída à piedade a maior glória’” (op. cit. p.462).

Para Maurer Jr. (1959), no latim vulgar, o gerúndio persiste apenas no caso ablativo e tem como função básica exprimir o complemento de meio, instrumento e modo, que se mantém nas línguas românicas. Tem-se, aqui, um exemplo do romeno: “*Se oboseste umblând*” equivale a ‘ele cansa-se **andando**’ (op. cit. p.188). Partindo desse emprego adverbial, Maurer Jr. (1959) afirma que o gerúndio assumia facilmente outras funções, como a de um complemento temporal, causal, condicional, concessivo, consecutivo, a exemplo do que afirma Lehmann (2008). Entretanto, o uso mais geral e que se desenvolveu em toda a Romênia já existia no latim vulgar em que o particípio presente, com as suas diversas aplicações, era desconhecido, conforme comprova Maurer Jr. (1959), com base num exemplo do romeno:

(29) *Și vǎzând izvoriel limpede, iar sa întoarce într’ânsul*

E **vendo** a fonte límpida, volta-se para trás.

¹⁷³ Frémy (1963, p.46), em sua *Grammaire latine*, assim apresenta o gerundivo: ‘Le gérondif est comme la déclinaison de l’infinitif. Il est formé sur le radical du présent avec le suffixe –NDUM. La préposition **ad** est nécessaire devant l’accusatif. L’ablatif correspond au tour appelé ‘gérondif’ en français’.

No latim da decadência (pós-clássico), de acordo com Maurer Jr. (1959), o emprego mais lato do gerúndio ocorre, muitas vezes, determinando a sua confusão com o particípio presente¹⁷⁴. O filólogo afirma ainda que “o gerúndio com valor adjetivo é uma inovação bastante frequente nas línguas românicas. É provável que desde o latim vulgar este fosse usado com o complemento direto de verbos de percepção” (MAURER Jr., 1959, p.189), como em *videre*. Um exemplo em português seria *Vi-o **saindo** da loja*.

Por fim, acrescenta Maurer Jr. (1959) que, desde o latim vulgar, foram se constituindo diversas perífrases de verbos como *sum*, *sto*, *eo* e outros com o gerúndio. Tais perífrases, inicialmente, serviam-se do gerúndio como uma espécie de complemento modal (p. ex. em *stat loquendo* = ele está em pé ou parado falando). Mais tarde, o sentido adverbial do gerúndio esvazia-se pouco a pouco até ficar apenas o de condição ou estado transitório, como em *permanet negando dominum*, ou seja, ‘ele continua negando’, ‘ele anda negando’ ou ‘ele fica negando’ (*op. cit.*).

Essa instabilidade semântica do gerúndio é um indício de que tal fenômeno linguístico afeta não apenas verbos, mas é capaz de afetar a categorização de outras classes: se já representou as categorias de adjetivo e advérbio no português, também é capaz de desenvolver traços de uma categoria mais gramatical, como a conjunção. Talvez, parte da polifuncionalidade de *sendo que* seja um reflexo disso, mas é apenas uma conjectura.

Diante da incursão histórica do gerúndio, alguns traços desenvolvidos por essa forma nominal – desde o latim, passando pelo romance e até chegar ao português atual – forneceram-me argumentos para explicar a eleição da forma gerundiva *sendo* como elemento capaz de codificar funções tão distintas no português. Silva Neto (1970, p. 248) apresenta a seguinte evolução histórica de *ser* no gerúndio: *sedendo* > *seendo* > *sendo* (*op. cit.*). A derivação para usos mais gramaticais, por exemplo, pode ser resultado desse processo. O

¹⁷⁴ Muitos linguistas não consideram que o português atual tenha dois particípios, o particípio presente (nas desinências *-ante*, *-ente*, *-inte*, como em *O trabalho foi extenuante*) e o particípio passado. Para a maioria, temos apenas o segundo, marcado pela desinência *-ado* e *-ido*. Faço essa inferência baseado em Maurer Jr. (1959).

dado citado logo abaixo ilustra essa gradiência rumo à gramática. Trata-se de um trecho escrito no século XVII do PE:

(30)P. Que differença há entre as Nuvens, e o Nevoeiro? R. A differença que entre elles há, he que a Nuvem, **sendo** maisleve se levanta, e sustenta no ar, e o Nevoeiro, **sendo** mais pezado, fica mais proximo da terra. DaDa Chuva P. Que cousa he a Chuva? R. A Chuva não he outra cousa mais, do que essas nuvens espessas, e condensadas pelo frio, que pelo seu proprio pezo, cahem sobre a terra em pequenas partes, a que nós chamamos gotas d' agoa. Essas pequenas nuvens, que se vêm muito elevadas, e amontoadas humas sobre as outras são presagio (17 PP DF)

Nas duas ocorrências de *sendo*, tem-se uma sequência que poderia ser desenvolvida da seguinte forma:

Construção com <i>sendo</i>	Paráfrase
...a Nuvem, sendo maisleve se levanta, e sustenta no ar.	Adjetival:
	A nuvem, que é mais leve , se levanta e se sustenta no ar.
	Adverbial causal:
	A nuvem, porque é mais leve , se levanta e se sustenta no ar.

Quadro 19: Paráfrase com *sendo*

Uma interpretação semântica conduz-nos a duas possibilidades sintáticas: i) ou estamos diante de uma oração adjetiva explicativa reduzida de gerúndio, ii) ou de uma adverbial causal também reduzida. A leitura relativa¹⁷⁵ fica mais evidente no caso citado no próximo excerto. Trata-se de um relato datado do século XVIII, relacionado a fatos da Inquisição na Península Ibérica:

(31) em paga da nova attenção, que as gentes lhes derão, tem no tempo presente sahido a publico não só destes abusos, os que de todo ignoravamos os Portuguezes, mas ainda os que entre as mais nasções erão de todo esquecidos, quiz, parece, achar [10] tambem agora entre elles seu lugar, e gozar sem perigo a nova pratica da antiga sciencia Cabalistica, a qual tanto em Portugal, como em toda a Europa estava já por longos tempos esquecida; para cujo conhecimento, e nosso desengano, pertendo escrever este breve Tratado, **sendo** o primeyro em Hespanha, que até o presente ha tomado tal empreza por

¹⁷⁵ É bom notar que no dado apresentado em (30) há uma construção que parece ser um exemplo de clivagem SER + que: “A differença que entre elles há, **he que** a Nuvem, sendo maisleve se levanta, e sustenta no ar”.

sua conta, a qual me persuadio, não sey se diga primeyro o zelo, ou curiosidade, pela ocasião, que agora referirey. (18 PP DF 2)

No excerto em questão, o enunciado intercalado: “**sendo** o primeyro em Hespanha” representa uma relativa reduzida, que, no nível pragmático, parece chamar a atenção para um dado importante, o fato de ser o primeiro Tratado desse tipo na Espanha. Ao introduzir tal informação, o escritor acaba por chamar a atenção do seu interlocutor para a importância do seu ato, atribuindo-lhe relevo informativo. Uma função própria do que Dik (1997) definiu como foco. Há uma intencionalidade marcada linguisticamente e isso fica ainda mais evidente no caso a seguir:

(32) se denotou em aquella mãy supposta, que ao Rey Sabio requeria: Nec mihi, nec tibi, sed dividatur. 5. E para este fim dissimula seu arteficio com capa de piedade, dispondo, como estas falcissimas opiniões se pratiquem entre gente havida por de boa cõsciencia, e como huma das obras a ella pertencentes; succedendo logo para mayor confusão de todos seus sequazes, que os ignorantes, ou maliciosos (tal ves por outros fins) acodem promptamente ao credito destas novidades, sublimando-as, e notificando-as, como se forão piedosas, e calificadas profecias; **sendo** certo, **que** ellas não são outra cousa, que huns ambiguos, rudes, barbaros, e confusos vatecinios, corruptos, estragados, e as mais vezes inventados pelos proprios expositores delles. (18 PP DF 1)

Nesse caso, a presença de um elemento interveniente, o adjetivo *certo*, entre *sendo* e *que*, indica duas possibilidades analíticas: uma construção clivada ou uma modalização. No primeiro caso, o adjetivo *certo* é destacado. No segundo, ter-se-ia uma construção modalizadora, que denota, conforme a perspectiva de Benveniste (1971[1958], *apud* TRAUGOTT, 2003), a atenção do falante/escritor voltada para o *self* do destinatário num sentido epistêmico e social. A perífrase “sendo certo que” incide sobre o conteúdo da informação seguinte, codificando, assim, a opinião do faltante/escritor acerca do conteúdo enunciado, indício de subjetivação (TRAUGOTT, 2003). Nesse caso, o escopo dessa construção modal seria a informação seguinte: “ellas não são outra cousa, que huns ambíguos, rudes, bárbaros, e confusos vetecínios¹⁷⁶, corruptos, estragados...”.

Outro dado que denota um contexto ambíguo pode ser visto a seguir:

(33) ...e pera isto poder ser melhor, me pidio o Duque que lhe quygese daar o treslado de hũa carta que ho senhor Dom Alvaro espreveo a Ell Rey Dom João, na qual se comtem a verdade de tudo, como per ela se veraa, e elle não fez nenhũa mensão de nada que nela

¹⁷⁶ *Vaticínio*: profecia, predição.

esteja, **sendo** maes verdadeyra **que** tudo ho que ele pode dizer, e isto melhor lhe cabe o nome de traição que polo ele, homde numca a pode aver. (16 PP Tarallo, CDM, p. 27)

Em “[...] **sendo** maes verdadeyra **que** tudo ho que ele pode dizer [...]”, o material interveniente entre o item *sendo* e o item *que* indicia um estágio anterior de organização sintática, no qual a forma *sendo* ainda possui valor verbal, sugerindo uma proximidade parafrástica com: ‘...é mais verdadeira **que** tudo o que ele pode dizer...’, formando uma construção comparativa, assim representada:

Figura 8: Representação de uma construção comparativa com *sendo* [...] *que*

O mesmo contexto possibilita, ainda, uma leitura na qual o material interveniente entre *sendo* e *que* parece receber reforço pragmático, a exemplo de uma construção clivada, conforme sugere esta interpretação esquemática:

Figura 9: Representação de uma construção com *sendo* [...] *que*

Será, contudo, no exemplo (33a) que a inferência de uma construção clivada com o verbo cópula SER e uma oração relativa introduzida por QUE pode ser aventada:

- (33a) Passados alguns annos en q assi se foi continuando cõ a arrecadação e dispeza da ditta imposição, succedeu escreuer S. Magde huã carta a Camara da ditta cappa cuja sustança era q informado de q importaua a seu seruiço, E a defençaõ de todas as cappas do Norte, fortificarse o porto, e barra da Paraiba por o grande perigo q oje Corria de poder ser entrada de inimigos conforme sua muyta fraqueza **sendo o forte que** tem soomte de taypa, e estacada de area solta (preuendo taõ grande dano)

ordenaua q aquelle porto se fortificasse dandosse para esse Efeito cad'anno enquanto a obra durasse tres mil cruzados de sua faz^a (17 PP Tarallo ,LPG, p.34)

Trata-se de uma ocorrência do século 17 do PP. Nela, a sequência “[...] **sendo** o forte **que** tem soamente de taya” sugere a seguinte interpretação: no lugar, existe apenas um forte de taipa, ou, ainda, o único forte que existe é de taipa. Como o tema do excerto em questão é a falta de segurança na localidade e a precária condição do “forte” lá existente, a organização sintática de *sendo* e *que* acaba por enfatizar a informação por eles intercalada. Essa configuração sintática será melhor discutida na seção 5.4.1 do capítulo V desta tese.

Em se tratando da construção com *sendo*, um aspecto importante a ser considerado são os elementos linguísticos que estão à sua esquerda ou à sua direita, uma vez que podem alterar seu estatuto semântico, conforme se vê nos dados a seguir:

(34)Raio de vicia! ao menos, em ele **sendo** o seu João, a cousa ia melhor. E depois... uma pessoa não sabe para o que está guardada neste mundo. (19 PP DF)

(35)Qual é o modelo da nossa Constituição? É rígido ou é flexível? É uma Constituição flexível. Em **sendo** flexível obviamente que a gente tem que alternar para aquele momento. Fala-se muito e eu critico profundamente as nossas leis no País, porque o nosso Direito ainda ele é muito formal, é muito dogmático. (20 PB DF 36)

Em (34), a expressão “em ele *sendo* o seu João”, a forma *sendo* forma uma construção equativa¹⁷⁷, ou seja, de equivalência semântica entre o sujeito e seu predicativo, ligada pelo verbo SER, em que X é igual/comparável a Y¹⁷⁸, a exemplo de *Ele é o seu João*, *O seu João é ele*. Neste caso, segundo Fonseca (1993, p.19), têm-se predicados identificacionais, os quais indicam uma “*função semântica de descrição-identificação* do predicativo do sujeito”, configurando, assim, o que a autor define como enunciado *equativo* (op. cit.)¹⁷⁹.

No dado seguinte (35), a aproximação entre *em* e *sendo* afeta o estatuto semântico e funcional do segundo elemento. “É uma Constituição flexível. **Em sendo** flexível obviamente

¹⁷⁷ Segundo a definição encontrada no dicionário de Dubois *et alii* (2007 [1973], p. 221), “dá-se o nome de *equativo* ao comparativo de igualdade (*Pedro é tão alto quanto Paulo*)”.

¹⁷⁸ Citado de Fonseca (1993, p.19).

¹⁷⁹ Para Miotto (2003, p. 173), segundo a vertente gerativista, “o foco é o predicado [predicativo] da sentença equativa”. Nesse modelo, o foco é projetado (FocP) à direita e acima do Foc’ e do Foc, mais à esquerda. Agradeço à Ana Regina Calindro pela explicação gerativa.

que a gente tem que alternar para aquele momento¹⁸⁰.” Aqui, *em sendo* é uma construção de pressuposição: ‘**Se é** flexível, obviamente que a gente tem que alternar para aquele momento’, ‘**Já que é** flexível...’, ‘**porque é** flexível...’.

Em um conceituado site luso-brasileiro de tira-dúvidas de língua portuguesa, chamado *Ciberduvidas*, hospedado em www.ciberduvidas.com¹⁸¹, encontrei uma explicação que fora dada a uma pergunta envolvendo o uso de construções com **em + gerúndio**, como “em se tratando”, “em sendo”. O consulente queria saber se se tratava de um caso de vício de linguagem ou se seu uso era licenciado para emprego no registro padrão. Os consultores lhe responderam afirmando que o uso do gerúndio precedido da preposição *em* é possível em português. Neste caso, “trata-se uma construção que exprime tempo, condição ou hipótese”¹⁸².

Já em (36), o uso de *sendo* assume outra função:

(36)OP - Sua meta no INSS é instalar vários postos de benefícios no Interior. Em que eles vão ajudar os segurados? LB - Hoje, são 39 no Ceará, **sendo** 24 deles no Interior e vamos abrir mais sete. Para se ter uma idéia os segurados de Canindé e de Boa Viagem são atendidos hoje em Maranguape. Então, sexta-feira passada, dia 9, o posto de Canindé. Devemos inaugurar ainda este mês o posto de Itapajé e depois virão Pacatuba, Santa Quitéria, e no segundo semestre Boa Viagem, Mombaça e São Benedito. (20 PB DF)

Nesse caso, *sendo* tem a função de especificar a informação que o precede, ou seja, o número de postos de benefício do INSS no Ceará. Segundo ele, “são 39 no Ceará, **sendo** 24 deles no Interior...”. O entrevistador pergunta sobre os benefícios da instalação de vários postos de atendimento do INSS no interior do Ceará. O entrevistado, por sua vez, dá destaque àquilo que considera mais relevante, ou seja, aos postos já instalados, e não propriamente ao benefício que isso trará. A presença do *sendo* serve como um reforço pragmático e dá destaque ao escopo sobre o qual ele recai: “24 deles no Interior e vamos abrir mais sete”.

¹⁸⁰ O enunciado leva-nos a inferir que se fala do *momento histórico*, em relação ao qual a Constituição deve se submeter e flexibilizar-se.

¹⁸¹ Segundo os coordenadores desse site, trata-se de “um espaço de esclarecimento, informação, debate e promoção da língua portuguesa, numa perspectiva de afirmação dos valores culturais dos oito países de língua portuguesa, que completou 16 anos de existência em 15 de janeiro de 2013”. Disponível em <http://www.ciberduvidas.com/about.html>.

¹⁸² Disponível em <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=18112>. Acesso em 04 set 2013.

Anterior à formação da perífrase *sendo que*, durante o seu desenvolvimento, ou mesmo convivendo conjuntamente, os usos da forma gerundiva do verbo 'ser' já denotam alta variação funcional.

Vale ressaltar que, em todas as ocorrências de *sendo*, a posição medial, ou seja, entre orações e porções informativas, foi categórica. Isso indica que seria essa a ordem não marcada, logo, mais comum e natural, de colocação desse elemento na sentença, considerando a amostra do português aqui investigada.

Esta rápida incursão em torno da origem do verbo *ser*, da formação do gerúndio e dos usos da forma *sendo*¹⁸³ é capaz de evidenciar algumas das intrincadas questões envolvidas na sistematização de uma forma tão multifuncional no português (e noutras línguas). Os casos anteriormente expostos são, acredito, suficientes para sinalizar a alta polissemia e polifuncionalidade dessa construção, que é capaz de codificar diferentes nuances semânticas e apresentar variada funcionalidade sintática, que, certamente, repercutem no desenvolvimento da perífrase *sendo que*, a qual, como será mostrado adiante, parece ter herdado muito da característica multifuncional da forma *sendo*.

4.4. Breve histórico do *que*

Sobre a partícula *que*, Ribeiro Filho (1950 [1890]) apresenta uma cuidadosa pesquisa sincronizada com os autores nacionais e internacionais da sua época, ou seja, a segunda metade do século XIX. Assim diz o gramático em relação a esse elemento linguístico:

A conjunção a que se dá o nome de *subjuntiva* é a conjunção *que*, a qual liga uma proposição a outra, que se lhe subordina como parte de um todo representado por ambas. Girard¹⁸⁴ denominou-a *conductiva*, porque, diz elle, serve esta conjunção para conduzir o sentido a seu complemento e perfeição:

¹⁸³ Reconheço que apresento apenas um rápido panorama de alguns usos da forma *sendo* no português. Vários outros poderiam ter sido citados, como, por exemplo, as ocorrências em locuções verbais, como em: *Existe uma rivalidade entre Izzo e Tuga. Estaria sendo criada, agora, uma rivalidade entre Izzo e Tidei? Izzo - Já está criada. Uma coisa ele pode dormir tranquilo: não vou fazer o que ele ou os assessores dele fizeram.* (corpus de DF, 2006). Neste caso, o valor de *sendo* é de uma forma auxiliar, um valor mais gramatical do que quando envolvido numa construção em que assume a função de cópula. Como, no entanto, esta pesquisa se concentra no estudo da perífrase *sendo que*, os usos de *sendo* serviram de *frame* para a delimitação da perífrase.

¹⁸⁴ Não encontrei, nesta obra de Ribeiro Filho (1950 [1890]), a referência aos autores por ele citados: Girard, Horne Tooke (1978), Jeronymo Soares e Mason. Por essa razão, não os citarei na bibliografia.

*Desejo **que** estudes; creio **que** não estás bem preparado em tuas lições (...).* Horne Tooke sustenta que a conjunção inglesa *that* (*que* em português) não é mais que um modo particular de empregar o artigo ou pronome conjuntivo. Essa doutrina, sustentada por H. Tooke, em 1778, foi depois abraçada por muitos grammaticos philosophos, e entre outros Jeronymo Soares, que, em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, afirma que a conjunção *que* sempre se pode converter no adjectivo conjuntivo *que*, dando-se-lhe um antecedente, que ele sempre supõe e demanda. A phrase *desejo **que** estudes* converte-se nest'outra: *desejo isto, **que** é: estudes (...)*. Seguindo o mesmo curso de ideias, em sua *English Grammar*, defende Mason a mesma opinião com respeito á conjunção *that*. '*That*', diz Mason, 'era na primitiva simplesmente o pronome demonstrativo neutro, empregado como o representante de uma sentença para mostrar sua relação gramatical com alguma outra sentença. Assim a phrase *sei que elle disse isso* é virtualmente a mesma que a seguinte: *elle disse isso, eu sei isso, ou eu sei isto, a saber, elle disse isso*, etc. (RIBEIRO, 1950 [1890], p.471)

Ribeiro Filho (1950[1890]) defende a hipótese de que a conjunção subordinativa *que* tenha, originalmente, derivado do pronome relativo (neutro), portanto, com ele se pareceria se tentássemos uma paráfrase virtual, nos moldes da *que* nos apresenta. Caso semelhante teria ocorrido no inglês, com a forma *that*¹⁸⁵. Contudo, certos contextos que envolvem a posição do *que* ainda não amalgamado ao elemento *sendo* podem colocar em questão tal hipótese. Senão, veja-se o caso citado anteriormente: ***sendo maes verdadeyra que tudo ho que ele pode dizer.***

Se considerarmos a hipótese apresentada por Ribeiro e os autores citados por ele, teremos de nos certificar se nessa sentença o *que* retoma o sintagma anterior; então, estaríamos diante da seguinte interpretação induzida pelo exemplo em questão:

(37) ***sendo*** mais verdadeiro isso, *isso* é mais verdadeiro que tudo o que ele pode dizer.

Semanticamente, tal interpretação parece-me possível, se considerada a análise de uma proposição em relação à outra (a interpretação superlativa). Neste caso, contudo, ter-se-ia uma construção silogística: Sendo X mais verdadeiro, X é mais verdadeiro que tudo (ou X é mais verdadeiro que Y, Z...). Além disso, a hipótese de ser um pronome demonstrativo ganha força quando encontramos no latim uma explicação para os contextos em que aparece o pronome *quī, quae, quod* (*que*), dada por Ravizza (1940). Em casos como *dicam quod sentio*,

¹⁸⁵ Posteriormente, na seção de análise interlinguística, apresentarei alguns casos com a construção inglesa *being that*, equivalente ao *sendo que* do português.

o pronome *is*¹⁸⁶, antecedente natural de *quī*, era omitido quando assumia o caso nominativo, ou quando estava no mesmo caso que o relativo, em *direi o que penso*, por exemplo, a versão latina seria ***dicam (id)*¹⁸⁷ *quod sentio***, com a supressão do *id (is)*.

Em *História e estrutura da língua portuguesa*, Câmara Jr. (1985), no capítulo sobre a origem das conjunções, leva-nos a uma importante constatação. O latim, em especial na língua escrita, desenvolveu uma ampla e complexa estrutura de orações subordinadas por meio de conjunções. Havia duas possibilidades: uma consistia em expressar a subordinação no próprio verbo, que assumia assim uma forma nominal, e a outra de utilizar o chamado “pronome relativo”, “que estabelece a conexão ou relação subordinativa ao mesmo tempo que funciona com sua significação pronominal” (CÂMARA Jr., 1985, p.184). O interessante é observar que a perífrase *sendo que* acumula essas duas possibilidades subordinativas: a forma nominal e o pronome relativo.

Em português, como em geral nas línguas românicas, houve, afirma Câmara Jr. (1985), uma intensa remodelação do quadro das conjunções subordinativas. Nesse processo, o fato principal deu-se com o aparecimento da partícula *que*, com a função de conjunção subordinativa por excelência e em homonímia com o pronome relativo *que* (op. cit.), como já exposto por Ribeiro Filho (1950 [1890]).

A análise histórica de Câmara Jr. (1985, p.184) assinala que o advento da conjunção subordinativa *que* derivou primordialmente de um esvaziamento da significação pronominal da forma *quīd* do pronome indefinido-interrogativo e sua adjunção com a outra forma neutra *quod*, empregada como pronome relativo. Em seguida, houve a convergência da evolução fonética da partícula de conexão comparativa *quam* e da conjunção causal *quod*. E, segundo Câmara Jr. (1985), todos esses fatores contribuíram para o surgimento da partícula multifuncional *que*. Assim, essa partícula é capaz, no português, de introduzir orações subordinadas substantivas, especialmente as subjetivas e as objetivas, assumindo a função de conjunção integrante; subordinar um termo de comparação a outro, como uma conjunção

¹⁸⁶ Segundo Richards (1958, p.57), dentre os principais pronomes demonstrativos no latim, estão *hic*, *ille* e *is*, além do *iste*. *Hic* significa ‘isto’; *ille* é o demonstrativo de terceira pessoa: aquele (que ali), e o pronome *is*, *ea*, *id* é menos preciso. Raramente tem a mesma força no significado de ‘isto’ ou ‘aquilo’ e geralmente significa ‘ele’, ‘ela’ e o neutro *it* do inglês, p. exemplo. Ele é também usado com o pronome relativo *quī*, assim *is quī* significa ‘ele quem’, ‘aquele que’.

¹⁸⁷ No latim, *id* e *is* têm mesmo estatuto.

comparativa; operar como conector causal em orações adverbiais, e também se revelar como conjunção consecutiva em orações que denotam consequência.

Devido à sua herança histórica como índice básico da subordinação oracional, o *que* aglutina-se a outros termos da língua constituindo-se como parte final de perífrases, locuções conjuncionais subordinativas, como é o caso da perífrase *sendo que*. A integração de elementos de alta potencialidade funcional revelará, como demonstrarei mais detidamente no capítulo V, uma construção altamente multifuncional no português do Brasil e de Portugal.

Para Ribeiro Filho (1950 [1890]), ainda, a conjunção *que* pode tanto desenvolver função subordinativa como coordenativa. Diz o gramático: “em algumas locuções portuguesas familiares a conjunção *que* passa a pertencer á¹⁸⁸ classe das *coordenativas*, posta entre duas flexões verbaes, que se repetem para dar mais relevo e vivacidade á acção exprimida pelo verbo: *Dá-lhe que dá-lhe, tira que tira, bole que bole, bumba que bumba.*” (*op. cit.* p.472). Ela também funcionaria como coordenativa, indica o gramático, nesta frase: “O medo guarda a vinha **que** não o vinhateiro”¹⁸⁹ (*op. cit.*), que pode ser assim parafraseada: ‘o medo guarda a vinha e não o vinhateiro’, sugerindo uma relação contrastiva entre a primeira oração, de polaridade positiva, e a segunda, de polaridade negativa.

Se buscarmos no latim a origem etimológica do *que*, veremos que ele tem relação com o conjuntivo *que*. Conforme afirma Ravizza (1940, p.255), na nona edição de sua Gramática Latina, “em latim, as proposições são, de preferência, unidas por pronome relativo (*conectivo relativo*), ao passo que, em português, se unem às vezes, por conjunção (*conectivo conjuntivo*) seguida de um pronome demonstrativo”. Para comprovar isso, Ravizza cita o caso de “tu fizeste isto, mas o negas, *ipse hoc fecisti, quod vehementer negas*¹⁹⁰” (*op. cit.*).

Jones e Sidwell (1986, p.230) assim comentam a respeito dos pronomes latinos: “*The function of a relative is **adjectival***¹⁹¹: *it is to identify or describe a noun. It does this by means*

¹⁸⁸ Conforme o original.

¹⁸⁹ Pessoa que cultiva vinhas, fabricante de vinho, vinheiro. Disponível em <http://www.priberam.pt>. Acesso em 04 de set 2013.

¹⁹⁰ Grifo do autor.

¹⁹¹ Grifo dos autores.

*of a complete subordinate clause, i.e. a clause with a finite verb of its own*¹⁹². Assim, o relativo refere-se a algo ou alguém da oração anterior, como em *hominēs audīū, quōs ubi audīū,...* que, literalmente, seria: Eu ouvi os homens, que (homens) quando eu ouvi, ou seja, ‘Quando ouvi esses homens, eles...’¹⁹³.

Para reforçar a hipótese de Ribeiro Filho (1950 [1890]) da derivação do relativo *que* para desempenhar também funções de um conjuntivo, encontrei em Handford (1947) uma informação pertinente. Ele afirma que a oração relativa na qual o subjuntivo é pelo menos parcialmente de origem injuntiva, como em *in tabula pura, quae*¹⁹⁴ *pateat pedem unum,...* *ponito* (HANDFORD, 1947, p.57) – que significa: e deixe que esse conselho seja um metro de largura¹⁹⁵ – o relativo *quae* passa a funcionar como conjuntivo numa oração subjuntiva.

Richards (1958, p.104), em sua obra *Essentials of latin*, afirma que *quod* e *quia* são termos latinos equivalentes à conjunção causal ‘porque’. *Quod* toma o indicativo quando uma dada razão é afirmada como fato: *Caesar, quod lēgātī ad castra nōn vēnerant, legiōnēs ēdūxit*, que equivale a ‘**porque** os enviados não tinham chegado ao acampamento, César liderou suas legiões’.

É inegável a proximidade desse período encabeçado pelo *quod* com alguns dos usos de *sendo* encontrados durante a análise da amostra diacrônica, usos um tanto ambíguos, em que a forma *sendo* pode funcionar como verbo auxiliar ou cópula e, em simultâneo, denotar valor causal, seja quando antecedita da conjunção *e*, seja quando próxima do substantivo *causa*, conforme já demonstrado anteriormente. Assim, em dados do século XV encontrei:

(38) *E sendo* Hercules requerido de alguns seus amigos, daquelles que com ellas comarcavam e estavam dellas agravados, houve de ir la ajudallos a sua guerra. (15 PP DF)

E do século XVII:

¹⁹² Tradução sugerida: A função dum relativo é adjetival: para identificar ou descrever um nome. Ele faz isso por meio de uma oração subordinada completiva, ou seja, uma oração com um verbo finito da própria oração.

¹⁹³ No original: “*hominēs audīū. quōs ubi audīū,...* ‘I heard the men. Which (men) when I heard,...’ i.e. ‘when I heard these men/ them’.” (JONES & SIDWELL, 1986, p.231).

¹⁹⁴ Grifo meu.

¹⁹⁵ No original: “*and let this board be one foot wide*” (HANDFORD, 1947, p.57).

(39) A esta *causa sendo* a Infantaria, a principal potencia dos exercitos, della se não servião os Cabos, em aquella ordem que convem; antes repartida a gente em partes desiguaes... (17 PP DF)¹⁹⁶.

Richards (1958) chama atenção ainda para o caso em que *quod* equivale a ‘que’ ou ‘o fato que’ e ‘como’, ambos no indicativo: *Quod frāter meus tūtus est, mīrum vidētur*, que significa ‘O fato (de) que meu irmão está seguro parece maravilhoso’. Diante dessas constatações históricas, acredito que a ideia que Ribeiro Filho (1950 [1890]) defende sobre a relação histórica do ‘que’ conjuntivo ter derivado do ‘que’ relativo não é simplesmente uma hipótese, mas uma certeza para muitos dos filólogos pesquisados e citados anteriormente¹⁹⁷. Por essa razão, vinculo essas constatações históricas do estatuto funcional do *que* aos valores que acrescentará quando assume posição justaposta ao *ser*_{gerúndio}, formando a construção *sendo que* no português.

4.5. *Sendo que* e o provável contexto crítico

Se diversos podem ser os usos da forma *sendo* ao longo de sua história no português, há um fator de unidade entre eles: o traço [+relacional] mantém-se em todas as ocorrências, ainda que, em algumas delas, a relação seja entre argumentos, como sujeito e predicado, entre orações, nas relações de coordenação ou subordinação, e entre porções informativas e

¹⁹⁶ Há também usos conclusivos com *sendo*, em perífrase do tipo ‘e sendo assim’, já no século XV: “Passado assy per morte dom frey Alvaro Gonçalvez Pereyra, como ja encima dito he, logo dom Pedr'Alvrez, seu filho, irmão do dito Nun'Alvrez, foy feito priol e posto em posse do priollado, e esto per aazo del-rey dom Fernando, que amava muyto seu padre e quis que o fosse, ca, segundo hordem, o priollado cra divido de dereyto a dom frey Alvaro Gonçalvez Camello, que entom era comendador de Poyares e doutras comendas e tinha delle a letra do gram mestre. **E sendo assy** dom Pedro Alvrez priol em pasifica posse do priorado e **seendo** ja morto el-rey dom Anrrique de Castella e rregnando em Castella seu filho, el-rey dom Joam, e **seendo** guerra antre el-rey dom Fernando de Portugal e el-rey dom Joham de Castella, hfiu meestre de Santiago de Castella que avia nome dom Fernando Ançores, que era hûu bõ cavalleyro, trabalhava fazer guerra a el-rey de Portugal e aa sua terra e per vezes entrava com suas gentes a fazer mal e dampno em Portugal” (15 PP DF 198). Vale destacar que as duas ocorrências de *seendo* têm valor de ‘estar’ no contexto em que estão empregadas.

¹⁹⁷ No inglês, a forma *that* (equivalente ao nosso *que*) também é polifuncional. Segundo Berkenfield (2001, p.287), *that* assume cinco funções principais no inglês contemporâneo: 1) Função de pronome demonstrativo (*I would think that it would be importante for us to obtain that*); 2) Adjetivo demonstrativo (*And in the aftermath of that speech, he had calls from something over 20 leaders, countries around the world*); 3) Advérbio demonstrativo (*It's not that serious*); 4) Complementizador (*But I do think that due process...*); e 5) Marcador de oração relativa (*And some of the work that would need to be done to identify sensitive materials can be carried out by staff*). As três primeiras funções denotam, também, valor referencial (anafórico e/ou catafórico).

mecanismos que expressam aspectos pragmáticos, intencionalidades ou intersubjetividades, no caso da clivagem, foco e modalização.

Logo, a adjunção de *sendo* ao elemento *que*¹⁹⁸ certamente potencializará a polissemia e a polifuncionalidade existentes em ambos. O primeiro efeito dessa adjunção será a elevação do valor gramatical da construção *sendo que*, como se verifica nesta ocorrência do século XVI encontrada na amostra em estudo:

(40) e o primeiro caminho foi à igreja (onde aquela mesma manhã dissera missa) a oferecer a Deus a própria vida e a lhe encomendar como a eterno e verdadeiro pastor as ovelhas e logo, recolhendo toda a gente que ficava na terra, faz volta com eles, levando-os diante de si para o mar onde instava e trabalhava todo o possível para que se embarcassem, especialmente as mulheres e os meninos, sem fazer caso dos que de todas as partes lhe pediam se salvasse também a si mesmo. Antes, **sendo que** se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre e sereno, não a ferir e a ser ferido, nem a morrer matando (...), mas a esperar, receber e agasalhar a morte corno fazemos aos hóspedes de mais qualidade e obrigação (16 PP DF 1)

Nesse excerto, a perífrase *sendo que* pode ser parafraseada pelo conjuntivo *como* ou *porque*, assumindo, assim, uma função causal: “Antes, **como/porque** se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre e sereno”. Há, contudo, uma leitura temporal licenciada pelo contexto em questão e motivada, muito provavelmente, pelo antecedente temporal “antes”: ‘Antes, quando se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre e sereno’. Como argumentei anteriormente, a função gramatical de *sendo* estende-se e amplia-se em *sendo que*.

Em seus *Serões grammaticaes*, Ribeiro Filho (1950 [1890]) discorre sobre as conjunções causais ou causativas e, dentre vários casos, cita, como *formulas conjunctivas* (o equivalente ao termo *locução conjuntiva*), a perífrase *sendo que*: “As conjunções *causaes* ou *causativas* ligam entre si duas proposições, das quaes uma se acha contida na outra como o efeito na causa. A que representa o efeito é a *principal*, sendo a outra *secundaria* ou

¹⁹⁸ Lima-Hernandes (2010), em sua tese de Livre Docência, discorre sobre as razões que levam a aproximação do *que* a outro elemento da língua, formando, assim, uma locução conjuntiva. Segundo ela, é “essencial que pensemos sobre o que dizem os gramáticos e estudiosos da gramática histórica a respeito do ‘empobrecimento’ do quadro de conjunções na passagem do latim ao português e sua correlação com o surgimento de uma partícula polifuncional como ferramenta empregada para expandir as conjunções no português. Isso conduz à ideia de que a situação comunicativa pode gerar estruturas ambíguas, que, por sua vez, podem ser interpretadas muito mais pela aparência que assumem do que pela história que carregam” (LIMA-HERNANDES, 2010, p.120). É o caso, por exemplo, de derivações de estruturas relativas para construções conjuntivas. A formação do *sendo que* parece ter seguido essa orientação: *Sendo a verdade que dizemos* > *Sendo que dizemos a verdade*.

subordinada” (op. cit., p.470). Como exemplo, Ribeiro elenca: “*são causativas* as conjunções *como, pois, porque, porquanto* e as formulas conjunctivas *pois que, já que, visto que, sendo que*¹⁹⁹: ‘O piloto mor Pedro de Alemquer não o sabia determinar, *sendo que*, na viagem de Bartholomeu Dias, a primeira vez que dobrava o famoso promontório, navegando muito ao largo, o não pudera descobrir’”. (op. cit.). Neste caso, o piloto não sabia determinar, possivelmente, a rota, porque era a primeira vez que dobrava o famoso cabo. A perífrase *sendo que* foi, então, alçada para servir, linguisticamente, à noção de causa e consequência.

Esse processo, de acordo com o que foi encontrado nos textos históricos das sincronias do século XIII e XVII da amostra do português organizada por Tarallo (1991), permite verificar que isso não ocorreu abruptamente. Como já referido anteriormente, o verbo *ser* tinha, principalmente quando na função nominal de gerúndio, o sentido de ‘estar’ praticamente em todas as ocorrências de *seendo* (nos dados recolhidos por Tarallo, apenas no século XV começa a aparecer a forma *sendo*) do XIII e do XIV.

(41)E quando foi dia, ergueu-se êle e Meraugis e foram ouvir missa de Santo Spiritu. Aquel dia, **seendo** todos comen||do a grã ledice, e a irmã de Erec, que era mui fermosa e mui pagadoira, seendo a-cabo de seu irmão, aveo que, per maa-aventura, que a maa donzela entrou, aquela que levou i Erec e Meraugis. (13 PP Tarallo, DSG-1)

(42)E **seendo** eles comendo, virom gentes que chamam Ysmaelitas, que levavam em camelos specias e resina, e mirra ao Egito (14 PP Tarallo, BMP)

Nos dados do século XVI (TARALLO, 1991), a forma *sendo* passa a desempenhar mais claramente o sentido predicativo de *ser*:

(43)Esta ylha com o dito Cabo de Santo Aleixo se emfia quasy ao susueste tocando da 4.^a de leste, e parecia limpo e alto mas não se pode çondar e emtre estes baixos não podem faltar canais de bastante / (f. 148v) fundo e largura mas como sejam tão mal asombrados e não sejam çondados não faço delles menção, alembrando que a nenhum nauio que não seja carauela ou galiota conuem meterçe entre elles e a costa ainda que o fundo pareça bastante, porque **sendo** todo de lama solta e os baixos tantos facilmente piriguirá. (16 PP Tarallo, MNS)

Em (43), uma paráfrase possível seria: ‘...porque [os canais] *são* todos de lama solta e os [navios] baixos facilmente sofrerão perigo’. Já a ocorrência apresentada a seguir, também do português do século XVI, traz evidências de um contexto crítico (DIEWALD, 2002), ou contexto de mudança (HEINE, 2002):

¹⁹⁹ Grifo meu.

{[**Porque** o navio de mais porte demanda mais fundo,] [não pode entrar à dita Barra]}

Causa

Consequência

A razão de o navio não entrar na Barra reside no seu tamanho, que exige águas mais profundas. Mas nem sempre a aproximação entre o *sendo* e o *que* resultará numa perífrase de valor causal.

O dado abaixo do século XVII, extraído da amostra de Tarallo (1991), indica outras possibilidades funcionais:

(46) se recolheo a gente della pellas fazendas, & engenhos do reconcauo da Bahya, que he a mais fermosa enseada de mar & varios esteiros, que se sabe no Oceano; porque retalhou a natureza com rios que vem beber nesta enseada, mais de 25. legoas de roda, **sendo** a terra **que** nella bate de excell ête frescura de agoas, aruoredos, canas de açúcar, engenhos, de muyto preço. (17 PP Tarallo, JVC)

Nessa descrição da natureza, a informação: “*sendo* a terra *que* nella bate de excell ête frescura de agoas...” organiza-se, sintaticamente, da seguinte maneira: sujeito “a terra”, verbo cópula “*sendo*”, predicativo “de excell ête frescura de agoas...”, e oração relativa “que nella bate”. Numa ordem direta, teríamos:

(46a) A terra,	que nela bate,	é	de excelente frescura de água...
subj.	or. relativa	cópula	predicativo

Contudo, a organização com a oração relativa intercalada foi preferida em detrimento de uma possível ordem direta. Esse seria um contexto condicionante e favorável para o passo

Capita ãs, Manoel Gôçalvez, & Luis Pereira de Aguiar, cõ determinada coraj ã, q **sendo** os nossos muito menos, elles lhes derão cõ desordem as costas” (17 Tarallo, JVC). Aqui a forma *q* (que) à esquerda de *sendo* tem valor causal: ‘**porque** os nossos eram muito menos, eles lhes deram as costas’. Atribui-se sujeito ao *sendo*, e ele desempenha a função de verbo cópula e atribui ao SN sujeito uma característica. Interessante observar que, mesmo com a supressão do ‘que’, a leitura, com o ‘sendo’, manter-se-ia causal: ‘...**sendo** os nossos muitos menos, elles lhes derão cõ desordem as costas’. Isso indica que o verbo em questão, por estar numa forma nominal, funcionaria como uma estrutura reduzida. A desenvolvida seria: ‘**uma vez que** os nossos **eram** muito menos...’.

seguinte: a formação da construção. Se, de fato²⁰¹, o *sendo que* é o resultado de uma reanálise sintática de contextos próximos a este, em que há não apenas uma estrutura clivada, mas uma relativa à direita, a organização sintática apresentada em (46b) seria possível:

(46b) [...] porque a natureza retalhou com rios que vem beber nesta enseada, mais de 25 lagoas de roda, **sendo que** a terra [a terra que nela bate] de excelente frescura de águas...

Neste caso, o valor de *sendo que* aproximar-se-ia de uma estrutura clivada, ou seja, configuraria a organização sintática de destaque de um termo ou expressão, revelando uma estratégia pragmática de função semelhante: a focalização. Ainda no século XVII, encontrei um dado capaz de identificar um uso de *sendo [...] que*, cujo argumento externo é um sujeito [+ humano]:

(47) [o Bispo Dom Marcos Texeira] Fortificou o Arrayal com cauas, & trincheiras dobradas, **sendo** o primeiro, **que** pera as fazer tomou a enxada, & cesto. (17 PB Tarallo)

O sujeito de *sendo* é anafórico (ele = o ‘Bispo Dom Marcos Texeira’) e pode ser recuperado pelo contexto. Destaca-se o seu empenho como religioso e soldado. Neste excerto, “o primeiro que pera as fazer tomou a enxada, & cesto” atribui características a Dom. Marcos Texeira, contendo uma estrutura de finalidade: “**para as fazer** tomou a enxada, & cesto”. Dentro dele, tem-se uma oração relativa introduzida pelo pronome *que*. Uma reanálise sintática, conduzir-nos-ia à seguinte configuração:

(47a) O Bispo D. Marcos Texeira fortificou o arraial com cavas e trincheiras dobradas, **sendo que** foi o primeiro [a tomar essa iniciativa = Ele foi o primeiro a tomar essa iniciativa].

ou

(47b) O Bispo D. Marcos Teixeira fortificou o arraial com cavas e trincheiras dobradas, **sendo que** para as fazer tomou a enxada e o cesto.

²⁰¹ É possível encontrar outros contextos: ‘Assim, muito teria de lutar o latim para se estabelecer na ilha, **sendo** de se notar **que** nunca o conseguiu de forma definitiva’ (Ernesto Faria, Gramática superior da língua latina). Aqui, tem-se uma construção interessante: ser + de: ‘...**é de** se notar que...’ e o ‘que’ tem valor conjuntivo: nota-se que...’.

Na primeira interpretação, *sendo que* destaca o fato de ter sido ele (D. Marcos Teixeira) o primeiro a tomar a frente na tarefa em questão. Na segunda, a perífrase introduz a informação de como o bispo procedeu para realizar a tarefa de fazer as cavas e trincheiras. Reconheço que cada uso linguístico é uma intenção codificada e, numa análise diacrônica, há sempre o risco de interpretações imprecisas por parte do analista. O resultado é a pluralidade interpretativa. Certo é que essa “pluralidade” ou ambivalência funcional acompanha os vários usos dessa perífrase, o que a torna, como já justificado neste estudo, um fenômeno de grande potencial investigativo, principalmente para uma abordagem funcionalista.

Além disso, numa perspectiva translinguística, é possível encontrar ocorrências de *sendo que* em idiomas como o espanhol (*siendo que*), o italiano (*essendo che*) e o inglês (*being that*). Dessas línguas, extraí os seguintes casos:

Espanhol	<i>Un error en la selección del producto más adecuado o en su aplicación puede resultar en daños materiales y/o en serios riesgos personales, siendo que Teadit no se responsabiliza por el uso inadecuado de las informaciones constantes (...)</i> ²⁰²
Italiano	<i>Ma, come si è detto, si tratta evidentemente anche di un rito augurale di fertilità, essendo che l'albero è per gli antichi un simbolo di prosperità e di vita.</i> ²⁰³
Inglês	<i>This number represents 34% of municipalities with an Internal social welfare policy, being that the rest maintain their public servants connected to the General Social Welfare Policy.</i> ²⁰⁴

Quadro 21: Ocorrência de *sendo que* em outras línguas de base latina e anglo-saxônica

A investigação translinguística (em inglês *crosslinguistic* ou *cross-linguistic*) revelou-me, primeiramente, que a construção *sendo que* ocorre tanto na variedade do PB como do PP e nelas desempenha funções similares em contexto homólogos. Além disso, não é uma perífrase de uso exclusivo no português. Identifiquei-a também em duas variedades românicas: o espanhol e o italiano e em outra de matriz anglo-saxônica, o inglês. Nelas,

²⁰² Disponível em: <http://www.linguee.com.br/espanhol-portugues/traducao/siendo+que.html>. Acessado em 11 abr. 2013.

²⁰³ Disponível em: <http://www.corpusitaliano.it/static/documents/sources/264/2647407>. Acessado em 17 jan. 2013. Tradução sugerida: Mas, como já disse, este é também claramente um ritual auspicioso da fertilidade, *sendo que* a árvore é um antigo símbolo de prosperidade e vida.

²⁰⁴ Disponível em <http://www.linguee.com.br/portugues-ingles/page/about.php>. Acessado em 20 Jun 2013. Tradução sugerida: Este número representa 34% dos municípios com uma política de bem-estar social interna, *sendo que* o restante mantém os seus servidores públicos ligados ao Regime Geral de Previdência Social.

conforme observei, ainda que de modo não sistemático, desempenha funções próximas às aquelas encontradas em alguns contextos do português. Pode codificar contrajunção, a exemplo do espanhol; especificação, explicação e/ou funcionar como foco também nessas três línguas²⁰⁵. A perífrase demonstra um comportamento extremamente polissêmico e polifuncional também nessas línguas, como se estivesse assumindo, em todas elas, a função de uma construção multifuncional ou, no nível pragmático, codificasse diferentes tipos de foco (cf. DIK, 1997).

Segundo Bybee (2010, p.195), as similaridades interlinguísticas podem ser incorporadas dentro de uma teoria da linguagem, uma vez que a consideração mais fundamental nesse sentido é saber se as similaridades entre as línguas são atributos de processos e habilidades de ‘domínio-geral’ (*domain-general*) ou de ‘domínio-específico’ (*domain-specific*). As habilidades de ‘domínio-geral’, para Bybee, são aquelas usadas fora da língua, na cognição de modelos gerais, e incluem os *chunkings*, a categorização, o uso de símbolos, a habilidade para fazer inferências entre outros. Já as habilidades de ‘domínio-específico’ seriam aquelas específicas da língua e que não são evidenciadas em nenhum outro lugar, como a habilidade para processar a fala (ou o discurso) auditivamente (cf. BYBEE, 2010, p.196).

A construção *sendo que*, se vista como um recurso pragmático de focalização, parece ser um exemplo de uma habilidade de domínio geral; como recurso linguístico, revela também uma habilidade de domínio específico.

4.6. *Sendos* e o *continuum* de um distributivo em duas variedades românicas

Para a classe dos numerais, o latim possuía uma categoria distributiva. Segundo Miranda, (1962 [1901], p.261-262), “os distributivos respondem à pergunta: *quantos para cada um*, ou *quantos de cada vez? quoteni?* e com eles relacionam-se os *advérbios numerais: semel*, uma vez; *bis*, duas vezes; *ter*, três vezes; etc., que respondem à pergunta: *quantas*

²⁰⁵ Reconheço que qualquer generalização nesse sentido será fruto de especulação, uma vez que não realizei um estudo *crosslinguistic* metodologicamente embasado.

vezes? *quotie(n)s*? Isso pode ocorrer quando o mesmo número se aplica a cada uma das várias pessoas ou coisas, por exemplo:

Caesar et Ariovistus denos comītes adduxerunt

‘Levaram **cada um** dez companheiros’ (MIRANDA, 1962 [1901]).

De acordo com Houaiss e Villar (2009), no PP arcaico, havia as construções *sendos/sendas, senhos* (séc. XIII), com o sentido de “um para cada qual, a cada um o seu: *tratara-os bem, oferecendo-lhes **senhas** casas*” (HOUAISS e VILLAR, 2009, p.1728). Segundo Figueiredo (1996, p.2297), **sendos** tem seu étimo derivado do castelhano *sendos* – língua em que se mantém até hoje – com a função de um qualificador. Em Silva (1949, p.48), verifica-se o seguinte verbete para a palavra ‘sendos’: “**sendos**, *adj. pl. Ant.* Dizia-se de vários objectos da mesma natureza que se referem ou pertencem a diferentes pessoas, levando ou tendo cada um o seu”. Para exemplificar, o filólogo cita este caso extraído da obra de um dos pioneiros da gramática do português, João de Barros (1496-1570). Este, em seu *Décadas*, apresenta o exemplo: “[...] o qual os recebera bem, e lhe dera *sendas* cabaia²⁰⁶” (BARROS, *Décadas*, IV, X, cap. 9, 592, ed. de 1946, *apud* SILVA, 1949), ou seja, ‘o qual os recebera bem, e lhes dera **a cada um** cabaia²⁰⁶’. Em “*sendas cabaia*”, verifica-se que o termo “*sendas*” ainda detém traços gramaticais de vinculação sintática com o termo sucedente, ou seja, concorda com o núcleo do SN²⁰⁷.

Considerando a utilidade inegável desse distributivo, Silva (1949) afirma que alguns autores modernos têm procurado pô-lo de novo em voga. A título de verificação, procedi a uma breve busca no *corpus* histórico de Davies e Ferreira (2006) de ocorrências com *sendos* e *sendas*. Foram encontrados dois casos de **sendos** de valor distributivo, um no século XVI e outro no século XIX, ambos em textos literários, o primeiro do Cancioneiro de Resende, e o segundo, um trecho do dramaturgo romântico Almeida Garret. São eles:

(48) De terra cozyda vy rreste fornada & canda bouyna ca vym espyguado & vy galiana da vyda passada que em dando voltas vos dava chylrrada nam menos que jaquesmenyn gateado. Tam bem doutro cabo cantyl salcuanta çypelheo queda em terra jazente mas o padre grande da casa mays sancta tym tym nos tregeyta camissas nam canta **sendos** senadores meoda corrente. Fym. (16 DF, PP, 1)

²⁰⁶ Vestuário de mangas largas, aberto ao lado e usado na China e noutros países orientais (cf. Dicionário Priberam. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/cabaia>).

²⁰⁷ Conforme Lima-Hernandes (2013).

(49) quando foi ali pela tarde, tinham mandado vir da próxima bodega um alentado prato de saborosas tripas, e que em honra da invicta cidade o tinham alojado todo em seus capacíssimos abdómenes, diluindo a espessa e glutinosa decocção²⁰⁸ em **sendos** 5 pichéis²⁰⁹ de vinho maduro. (19 DF PP, 2)

Em ambos os casos, a expressão *sendos* desempenha a função de um distributivo. No excerto extraído do texto de 1516 do Cancioneiro de Resende, talvez isso não esteja muito claro, mas, certamente, no fragmento literário do século XIX de Garret, a paráfrase: ‘diluindo a espessa e glutinosa decocção e **cada um** com 5 pichéis de vinho maduro’ denota o valor distributivo do termo *sendos*.

Procedi à mesma busca textual para o termo *sendas*. Dele foram encontradas 40 ocorrências, considerando amostras do PP e do PB no *corpus* reunido por Davies e Ferreira (2006), circunscritas, unicamente, entre os séculos XIX e XX, apesar de esse *corpus* conter dados do português desde o século XIII. Nenhuma das ocorrências com *sendas*, contudo, apresenta sentido ou função distributiva. Todas indicam uma única acepção: a de substantivo, com significado de ‘caminho estreito, vereda, atalho’:

(50) Por um gole da bebida que estrangulava a tristeza nas longínquas solidões, seriam capazes de palmilhar uni dia inteiro todas as **sendas** da floresta ou de entregar o produto de muitas semanas de labor. (19 DF PB)

A variante *senhos/senhas*, por sua vez, foi encontrada como adjetivo distributivo nos dados do século XIV do PP, conforme a ocorrência em (51), e aparece, ainda com essa acepção, em textos do século XVI. Após isso, encontrei um uso de *senhos* no século XX. A partir do XIX, *senhas* aparece em contextos em que seu significado designa o plural do substantivo ‘senha’ (bilhete, cartela).

(51) E Ruy Vaasquez, que tiinha suas aazes postas muy bẽ, quando vyo assy vïïr hûu cavalleiro soo dante os outros, disse aos seus: - Estade todos quedos, ca eu quero veer aquelle que se aparta que hẽ ou que vem buscar. E entom foy pera veer aquelle qual era. E poseronssse ambos em, **senhos** cabeços que eram preto hûu do outro; e faziassse hûu pequeno valle ã meos. E cat avã sse hûu ao outro e nõ se fallavam. (14 DF)

²⁰⁸ Fervura de substância de que se quer extrair as partes solúveis.

²⁰⁹ Vasilha para tirar vinho das pipas.

Em outra variedade românica, o espanhol, *sendos* e *sendas* continuam a ser empregados hodiernamente. Eis o verbete apresentado pelo Dicionário da *Real Academia Española* relativo a essa expressão:

sendos -das. 1. Adjetivo distributivo que significa ‘uno para cada una de las personas o cosas mencionadas’: «*Junto a él, otros tres judíos, todos ellos arropados en **sendos** ropones de colores llamativos*» (Benítez Caballo 1 [Esp. 1984]). Por su propia significación, se usa solo en plural.

2. No debe emplearse como equivalente de *dos* o *ambos*, sin valor distributivo: «*Han robado en la farmacia y en el estanco, y parece que **sendos** atracos los cometió la misma persona.*»

3. En el habla popular de muchas zonas de América se usa con el sentido de ‘muy grande o descomunal’, por lo que puede aparecer en singular: «*Proseguiste, alentado, por tu **sendo** disparate y dando con todo al traste*» (Cancionero [Arg. 1974]). Existen ejemplos similares en España, en textos del siglo xix, pero es uso rechazado en la norma culta, tanto española como americana. (Disponível em <http://lema.rae.es/dpd/?key=sendo>)

Numa busca textual no site www.eur-lex.europa.eu, encontrei várias ocorrências com *sendos/sendas*, a maioria delas em contextos similares a estes:

(52) A fin de obtener la información que considera necesaria para su investigación, la Comisión enviará **sendos** cuestionarios a los productores exportadores de la India y a las autoridades de ese país. (Disp. em www.eur-lex.europa.eu)

A tradução desse excerto, disponível no próprio site de onde foi extraído, revelou-me que *sendos/sendas* nem sempre recebe uma versão em português e, quando recebe, tem outro sentido, diverso de seu sentido original distributivo:

(52a) A fim de obter as informações que considera necessárias para o inquérito, a Comissão enviará **questionários** aos produtores exportadores na Índia e às autoridades indianas. (Disponível em www.eur-lex.europa.eu)

Assim, o sentido distributivo de *sendos* (= *para cada um o seu* ou *para cada qual*) é, de certo modo, apagado. A título de especulação, penso que dois fatores distintos podem explicar esse apagamento. O primeiro deles seria a incompreensão do tradutor do significado desse *sendos* em tal contexto. O segundo, a probabilidade de um princípio conversacional, ou seja, a máxima da quantidade (GRICE, 1989), ter sido aplicada pelo suposto ‘ouvinte’, no caso o tradutor, quando realizou a transferência de significado de *sendos* do espanhol para o português e percebeu que, sem ele, ainda era possível inferir o sentido almejado.

Além dessa expressão, o espanhol possui também a perífrase *siendo que*, equivalente ao *sendo que* no português, como identificado neste exemplo:

(53) Un error en la selección del producto más adecuado o en su aplicación puede resultar en daños materiales y/o en serios riesgos personales, **siendo que** Teadit no se responsabiliza por el uso inadecuado de las informaciones constantes [...] (Disponível em www.teadit.com.br)

Diante de tais evidências acerca dos usos do distributivo *sendos* e *sendas*, uma questão ficará sem resposta nesta pesquisa e merecerá uma investigação futura: as razões que fizeram com que tal adjetivo distributivo – *senhos/senhas* > *sendos/sendas* – desaparecesse após o período arcaico do português e permanecesse em outra língua de matriz latina e bem próxima linguística e geograficamente. Vale lembrar que todo o Leste de Portugal faz divisa com a Espanha e todos os países vizinhos ao Brasil têm o espanhol como língua oficial.

A hipótese era a de que a perífrase *sendo que* recuperaria essa função distributiva exercida pelas construções *sendos/sendas/senhas*. Contudo, algumas evidências, principalmente históricas, tornaram-na pouco provável. Etimologicamente, apesar da semelhança formal entre *sendo* e *sendos/sendas*, a origem é bem diversa. A primeira deriva de um verbo (gerúndio do verbo *ser*) e a segunda de um adjetivo plural, derivado, conforme Houaiss, Villar e Franco (2003), da forma arcaica *senhos*, do latim *singŭlus*.

Senhos é classificado pelos filólogos como um adjetivo plural que teve seu primeiro registro no português em dados do ano de 1269, com o significado de *a cada um, em cada um dos seus, cada um dos seus*, vide exemplo “[...] sonhavam-no assim ou assado, consoante **senhos** fantasias” (HOUAISS, VILLAR e FRANCO, 2003, Tomo VI, p.3295). Ainda segundo os dicionaristas, *senhos* é um “adjetivo distributivo que determina algo de mesma natureza e quantidade, partilhado entre mais de uma pessoa” (*op.cit.*). Etimologicamente, deriva do latim *singŭlos*, que significa ‘um por um’, plural *singŭli, ae, a*. Adjetivo numeral distributivo plural: ‘um a um, cada um, um por um, um a cada um’. No singular, *singŭlus, a, um*, significa ‘um só, isolado’ (HOUAISS *et alii*, 2003).

É possível afirmar, entretanto, que tanto no PP como no PB essa construção não é mais empregada pelos seus falantes. Provavelmente outra tenha assumido o seu lugar em contextos que denotam uma leitura distributiva, como o exemplo a seguir sugere:

(54) O ‘escalafón’²¹⁰ dos bandarilheiros não sofreu alterações significativas, **sendo que** Joaquim Praxedes, João José, João Vilaverde, José Franco ‘Grenho’ e Albino Fernandes ultrapassaram as 60 corridas. (CetemPúblico)

Para Martins (2013)²¹¹, essa não seria uma hipótese viável, uma vez que a origem histórica dessas expressões não é a mesma. Curiosa é, no entanto, a coincidência formal entre *sendo(s)* e *sendo*. Coincidência esta desfeita se considerado o rastro histórico deixado pelo distributivo *sendos* desde o latim: *singŭlos* > *senhos/senhas* > *sendos/sendas*. Logo, a hipótese de que o adjetivo distributivo *sendos/sendas*, que existiu no português até meados do século XIII, e é até hoje empregado no espanhol, seja o resultado da gramaticalização da forma gerundiva do verbo *ser* não se sustenta. Ainda assim, talvez a função distributiva, outrora desempenhada por *sendos* e *sendas*, seja hoje recuperada nos usos pragmáticos da perífrase *sendo que*.

Esse caso é uma forte evidência capaz de nos mostrar que a observação histórica de um signo linguístico pode explicar tanto a evolução de um *continuum* de mudança na língua quanto a refutar. *Sendos* é o exemplo de que uma mesma forma linguística, que a princípio era utilizada em duas línguas distintas, mas com o mesmo estatuto funcional, pode deixar de ser empregada em uma, caindo numa espécie de esquecimento histórico, e manter-se noutra, desempenhando a mesma função de sua matriz etimológica. Conforme conclui Lima-Hernandes (2013)²¹², a forma pode até desaparecer, mas a função deve ser suprida.

4.6. *Sendo que* e a hipótese do partitivo

O conceito de partitividade, segundo Peres (1992), é essencialmente semântico, porque está relacionado à habilidade humana de contagem e medição. Sendo assim, a

²¹⁰ Espanhol: escala.

²¹¹ Em comunicação pessoal, durante o curso de Linguística Histórica, ministrado pela referida professora e investigadora do Centro de Estudos Linguísticos da Universidade de Lisboa, no verão de 2013.

²¹² Comentário durante a orientação desta tese.

tentativa de anotar o seu correlato sintático encontra, inevitavelmente, diferentes critérios – aos quais correspondem diferentes perspectivas sobre os partitivos – que podem se sobrepor.

Concordo com a definição de Peres (1992), contudo, acredito que a noção de partitividade deve, geralmente, derivar de uma necessidade pragmática e comunicativa, então, codificada semanticamente. O falante, ao se deparar com situações que lhe exijam maior precisão informativa, tem de lançar mão de um recurso da língua que indique essa especificidade. O partitivo pode ser esse recurso e já é usado desde o latim, por exemplo, no caso Genitivo. Logo, não apenas o aspecto semântico, mas também o pragmático e o cognitivo estão envolvidos na configuração morfossintática dessa categoria e contribuem para a sua estruturação linguística.

Em *Partitives*, Hoeksema (1996), de orientação gerativista, apresenta a seguinte afirmação: “the *part-of* relation plays an important role in cognition and language”. Para Hoeksema, o particípio, ou seja, a relação **parte-de**, desempenha um importante papel na cognição e na linguagem. Segundo ele, a expressão sintática da relação *parte-de* possui muitas formas. Frequentemente, essa relação não é formalmente expressa, mas é entendida, como em vários exemplos das classes compostas no inglês: *chicken-feet*, *church-door* ou *mountain-up* (HOEKSEMA, 1996, p.1), que, em português, corresponderiam aos nossos compostos *pés de galinha*, *porta da igreja* e *subida (acima) da montanha*.

No estudo de Hoeksema (1996), há também uma síntese dos trabalhos de Anne Vainikka e Joan Maling (*apud* HOEKSEMA, 1996, p.179) sobre as definições atribuídas ao partitivo. Segundo eles, o termo partitivo é empregado pela literatura da área em três diferentes, mas potencialmente relacionadas, acepções: a) como um nome tradicional de um caso morfológico; b) como o nome de um caso abstrato associado à indefinição (cf. BELLETTI, 1988, *apud* HOEKSEMA, 1996); c) e como uma noção semântica associada com uma interpretação parcial, como no exemplo: *muitos dos estudantes*²¹³ (*many of the students*) (cf. De HOOP, 1992, *apud* HOEKSEMA, 1996).

²¹³ Definição semelhante é dada no português para casos como “a maioria dos estudantes”. A literatura chama a isso de Partitivo.

Numa perspectiva funcionalista com relevo na gramaticalização, o partitivo, nas palavras de Heine e Kuteva (2002, p.33), pode ter derivado do caso Ablativo. Para provarem essa tese, os autores apresentam evidências translinguísticas, entre outras, do francês, alemão, búlgaro e finlandês. A seguir, cito uma descrição de Heine e Kuteva (2002) que representa o processo de gramaticalização do partitivo na língua búlgara e no basco:

Ablative > Partitive

Bulgarian *ot* 'from', ablative marker > *ot* partitive marker. Ex.

Bulgarian

- (a) *Toj idva ot basejna.*
 He come:3:SG:PRES from swimming:pool:DEF
 'He is coming from the swimming pool.' (Ele está vindo da piscina)

- (b) *polovinata ot sǎkrovišteto*
 half:DEF from treasure:DEF
 'half of the treasure' (metade do tesouro)

The modern Basque partitive *-(r)ik* appears to derive from an earlier ablative.

Ex. **Basque (anonymous reader)**

- (a) *Maulerik*
 Maule- (r)ik
 Maule- ABL
 'from Maule' (de Maule)

- (b) *Ez daukat dirurik.*
 Ez da- uka- t diru- (r)ik
 NEG PRES-have- 1:SG:ERG money- PARTV
 'I don't have any money.' (Eu não tenho [nada de] dinheiro)

Quadro 22: Exemplos de partitivo retirados de Heine e Kuteva (2002, p.33)

Na língua búlgara, a mesma marca linguística que indica o caso ablativo '*ot*' passa a desempenhar a função de um marcador partitivo: "*Toj idva ot basejna*" (Ele está vindo da piscina) passaria por um processo de reinterpretação semântica e reanálise sintática e chegaria a esta construção: "*polovinata ot sǎkrovišteto*" (metade do tesouro), de valor partitivo (cf. HEINE e KUTEVA, 2002, p.33). Já na língua basca, o morfema '*(r)ik*' compõe com o radical da palavra a noção de partitividade. Segundo Heine e Kuteva (2002), essa partícula parece derivar de um ablativo anterior.

Essa mudança, segundo Heine e Kuteva, parece ser detalhada na seguinte cadeia de gramaticalização: *ablativo* > *a-possessivo* > *partitivo*. Ainda, para tais autores, não é possível afirmar se há sempre um estágio *a-possessivo* intermediário na evolução dessa categoria. Como parece ser o caso de alguns outros processos de gramaticalização, a evolução pode proceder diretamente do significado fonte para o significado alvo²¹⁴.

Os autores citam também o trabalho de Harris e Campbell (1995, p.339-41). Estes últimos observam que o desenvolvimento de um partitivo fora de uma expressão *parte-de*, por meio de um genitivo ou de um locativo (no significado grosseiro ‘de’ [ing. *from*]), é um bom candidato para uma mudança unidirecional, para a qual não se conhece contraexemplo. Em particular nas línguas de base românica, a influência do latim, que trazia no caso Genitivo a marcação linguística da partitividade – como em *Callidissimus imperatorum* (O mais hábil dos generais)²¹⁵ –, serviu de gatilho para outras formas partitivas.

De acordo com Mateus *et alii* (2003, p.227), a marcação do partitivo mantém-se no português nas expressões partitivas em que, de um conjunto considerado, se efetua a extração de uma parte, como em “O João conhece **uma das praias da costa alentejana**” (*op. cit.* Grifo meu).

Como já discutido nesta tese, de acordo com Houaiss e Villar (2009), no PP arcaico, havia as construções *sendos/sendas, senhos* (séc. XIII), com o sentido de “um para cada qual, a cada um o seu: *tratara-os bem, oferecendo-lhes **senhas** casas*” (HOUAISS e VILLAR, 2009, p.1728). Entretanto, como também já referido, no PP e mesmo no PB, essa construção não é mais usada, talvez outra tenha assumido tal função em contextos que denotam uma leitura partitiva-distributiva, como o exemplo (54), retomado em (55), é capaz de sugerir:

(55)O ‘escalafón’ dos bandarilheiros²¹⁶ não sofreu alterações significativas, **sendo que** Joaquim Praxedes, João José, João Vilaverde, José Franco ‘Grenho’ e Albino Fernandes ultrapassaram as 60 corridas. (20 PP CetemPúblico)

²¹⁴ No original: Harris e Campbell (1995: 339-41) observam que o “*development of a partitive out of the expression of a partial through a genitive or through a locative (in roughly the meaning ‘from’)... is a good candidate for a unidirectional change, to which we know no counterexample.*” (HEINE; KUTEVA, 2002, p.33).

²¹⁵ Exemplo e tradução retirados de Miranda (1962, p.261-262).

²¹⁶ Toureiro que, a pé, espeta bandarilhas no touro (cf. Dicionário Priberam).

O uso de *sendo que* nesse excerto sugere uma particularização da informação, tradicionalmente desempenhada por uma construção (sintática ou morfológica) partitiva. Contudo, essa mesma perífrase pode, no contexto em questão, servir à função de dar destaque à informação proeminente, revelando não apenas uma estrutura especificante e/ou distributiva, mas a relevância da organização comunicativa, pragmática, que introduz um elemento de valor focal. A multifuncionalidade e a polissemia dessa construção revelam-se no seu potencial integrador entre porções informativas²¹⁷. No próximo capítulo, darei atenção a tais funções e defenderei a gramaticalização de uma construção focal no português com base na construção *sendo que*.

²¹⁷ Hopper e Traugott (2003, p.184) afirmam que as línguas do mundo dispõem de uma grande variedade de técnicas para conectar orações em fusões mais amalgamadas. A gramaticalização desses conectores oracionais pode ocorrer a partir de diferentes fontes, como nomes, verbos, advérbios, pronomes, morfemas de caso (incluindo preposições e posposições), afixos derivacionais e combinações frasais (ex. *em termos de*). Os conectores oracionais, para Hopper e Traugott (2003, 185), são em sua origem presumivelmente motivados pelo desejo do falante de ser claro e informativo, especialmente para direcionar a interpretação pelo ouvinte da oração em termos de seu ambiente linguístico. Observam que umas das fontes dos conectivos condicionais deriva de construções cópula e são demonstradas pelos exemplos das línguas Swahili: *i-ki-wa* (*it being that* = *if it is*), japonesa: *nara* (*be*), e Chikasaw (*h)oo* (*be*). Também no chinês, a forma *shi* (*be*) deu origem a um marcador condicional “se”. De acordo com Heine e Kuteva (2002, p.95), a natureza conceptual desse processo precisa ainda ser melhor esclarecida e é provável que ela esteja relacionada à direção (>) *S-QUESTION* > *CONDITIONAL* (*op. cit.*).

CAPÍTULO V

Sendo que e a polifuncionalidade de uma construção

5. Análise diacrônica e sincrônica da perífrase *sendo que* nas variedades PP e PB

Este capítulo, que retoma o objetivo específico desta tese, foi construído para cumprir dois objetivos principais: i) apresentar a evolução histórico-funcional da perífrase *sendo que*, desde quando parece ter surgido no português, ou seja, no século XVI, até o século XX, com alguns dados do século XXI; e, ii) finalmente, indicar os tipos de contexto envolvidos na gramaticalização dessa construção, que, no PP e PB hodiernos, tem seu valor pragmático destacado a fim de codificar uma estratégia de focalização no português.

A amostra histórica constitui-se, prioritariamente, de dados extraídos do *corpus* eletrônico do português de Davies e Ferreira (2006), conforme descrito no capítulo 3, e também de textos da amostra coletada por Tarallo (1991) e Castilho (2010). Para a amostra sincrônica, serviram de fontes de dados os *corpora* do CetemPúblico e do CetemFolha, também já caracterizados neste trabalho. Além deles, utilizo, como estratégia de aferição da interpretação semântico-funcional contemporânea da perífrase *sendo que*, os dados coligidos entre informantes do PB e do PP, conforme detalhado no capítulo metodológico.

Cabe ressaltar que, durante a análise dos dados do PB e do PP, percebi que os contextos funcionais da construção em questão não diferiam drasticamente, pelo contrário, as mesmas funções desempenhadas por *sendo que* no PP encontravam correspondência no PB. Além disso, como já mencionei na metodologia deste trabalho, os *corpora* históricos, tanto de Davies e Ferreira (2006) como de Tarallo (1991), apresentam, indistintamente, textos da variedade europeia e brasileira. Isso ocorre, com maior intensidade, a partir do século XIX, quando o comportamento de *sendo que* é similar nas duas variedades diatópicas. Até meados do século XVI e início do XVII, sabe-se, a maioria dos registros são do PP. Diante disso, optei por analisar as duas variedades de modo paralelo, estabelecendo distinções quando necessário. Em contrapartida, a análise dos questionários e textos da amostra coletada entre

informantes do PP e do PB, durante o período de 2012 e 2013, fora realizada separadamente, e, em seguida, cotejada. Essa estratégia possibilitou-me perceber aspectos peculiares em cada uma das variedades lusófonas contemporâneas.

5.1. A multifuncionalidade de *sendo que* do século XVI ao XX

A primeira ocorrência da construção *sendo + que* foi encontrada nos documentos do século XVI do *corpus* de Davies e Ferreira (2006). Antes desse período, não foi localizado nenhum registro nessa amostra, nem mesmo na amostra histórica coligida por Tarallo (1991). Exceção feita, apenas, aos casos em que ainda havia material interveniente entre *sendo* e *que*.

A frequência *token* de *sendo que*, a partir do século XVI até o XX, observada na amostra de Davies e Ferreira (2006), corresponde aos números apresentados no quadro a seguir:

Século	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
<i>Tokens</i>	2	74	38	53	101	270
Tamanho ²¹⁸	4.333.175	3.272.161	2.189.415	9.736.533	10.215.560	29.746.844

Quadro 23: Frequência *token* de *sendo que* no *corpus* diacrônico de Davies e Ferreira (2006)

O número de palavras em cada período oscila consideravelmente. Em percentual, as ocorrências estão assim dispostas por séculos: XVI = 0,000046%, XVII = 0,0022%, XVIII = 0,0017%, XIX = 0,00054% e XX = 0,00098%. Contudo, verifiquei empiricamente que não é exatamente o critério quantitativo que determina o número de ocorrências de *sendo que* nos *corpora*, mas o tipo e/ou gênero de texto. Assim, será a variável tipo de texto ou gênero textual que terá peso sobre a frequência de uso de *sendo que*, conforme demonstro no quadro de número 24 abaixo. A análise mais detida dessa variável, porém, demonstrou que ela não pode ser classificada como condicionante, uma vez que essa construção pode ser encontrada em sequências textuais descritivas, narrativas e injuntivas, por exemplo. Quando assume valor

²¹⁸ Tamanho medido em número de palavras informado pelos administradores desse *corpus*.

adverbial, no entanto, em construções causais, concessivas ou condicionais, a sequência tipológica em que ocorre o *sendo que* é, como demonstrado a seguir, de base argumentativa.

A explicação para o alto número de ocorrências de *sendo que* no século XVII deve-se à característica da amostra de textos desse período, pois nele há várias cartas do Pe. Antônio Vieira. Das 74 ocorrências registradas, 35 são excertos de cartas de Vieira, ou seja, praticamente a metade. A linguagem argumentativa em questão favoreceu o uso da construção. Tal resultado demonstra que, quando assume valor de conjunção adverbial, tende a ocorrer em textos ou sequências de base argumentativa. Uma vez que o estilo do Pe. Vieira se caracteriza pelo discurso altamente elaborado e fundamentado, a argumentação passa a ser a tipologia textual mais empregada. Além disso, a análise dos sermões e textos produzidos por Vieira revela um estilo altamente formal e eloquente (conceptismo), que ‘aceitava’ a ocorrência de *sendo que*.

Apenas os dados do século XX da amostra de Davies e Ferreira (2006) apresentam a variável tipo de texto/gênero como um critério de levantamento, nos demais séculos não há identificação metódica por tipo de texto. A fim de observar, pelo menos na sincronia do século XX, o uso de *sendo que* em gêneros distintos, elaborei o quadro a seguir a partir dos tipos de texto discriminados por Davies e Ferreira (2006). São eles: o texto acadêmico, a notícia e a ficção.

Gênero	Acadêmico	Notícia ²¹⁹	Ficção
<i>Tokens</i>	55	37	9

Quadro 24: Frequência de *sendo que* entre os gêneros acadêmico, notícia e ficção – séc. XX²²⁰

²¹⁹ Davies e Ferreira (2006) usam a expressão ‘notícia’. Por sugestão da Profa. Dra. Anna Bentes, na ocasião da defesa desta tese, consideramos o termo ‘jornalístico’, para identificar, apropriadamente, o domínio genérico em questão.

²²⁰ Conforme informação indicada no *corpus* de Davies e Ferreira (2006): “No século XX, o *corpus* contém seis milhões de palavras de ficção, seis milhões de jornais e revistas, seis milhões de textos acadêmicos, e dois milhões de textos orais. Para cada um desses quatro gêneros e, portanto, na sua totalidade, os textos do século XX estão igualmente divididos entre textos de Portugal e do Brasil”.

Os resultados apresentados no quadro 24 reforçam, a princípio, a hipótese de que textos argumentativos, no *corpus* identificados como ‘acadêmicos’, são os mais propícios e receptivos ao uso de *sendo que*. Em segundo lugar, viriam os textos de base narrativa, como a notícia, e em terceiro, os textos ficcionais e/ou literários. Contudo, quanto aos dois últimos, reconheço que possuem constituição tipológica híbrida, uma vez que comportam sequências textuais narrativas, descritivas, expositivas, injuntivas, argumentativas, entre outras. Por outro lado, o texto acadêmico também pode ser formado por outras tipologias a depender de diversos fatores intra e extralinguísticos, como a finalidade para a qual foi escrito (comunicar uma descoberta, apresentar um problema, expor um tema, argumentar sobre fatos ou ideias). Não posso, entretanto, negligenciar os dados, os quais demonstram o uso de *sendo que* em sequências argumentativas. Tanto os textos do Pe. Vieira, escritos no século XVII, como os do século XX, servem de indicadores. Neles, há fortes indícios textuais de que a tipologia argumentativa favoreceu, em contextos interoracionais e proposicionais, o emprego da perífrase *sendo que*.

A seguir, apresento os resultados da busca textual de *sendo que* na amostra de Tarallo (1991).

Século	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
<i>Tokens</i>	Ø	5	3	Ø	Não invest. ²²¹	8

Quadro 25: Frequência *token* de *sendo que* no *corpus* histórico do português de Tarallo (1991)

Na amostra de Tarallo (1991), século XIII a XX, foram encontradas 8 ocorrências de *sendo que*, localizadas, como ilustrado no quadro 3, nos séculos XVII, XVIII e XX. Cabe, contudo, registrar que, quando fiz a busca pela palavra *sendo* nesse *corpus*, encontrei 214 ocorrências desse termo, algumas assim registradas já no século XVI, conforme apresentado anteriormente em (33), aqui novamente citado em (56):

²²¹ Os dados do séc. XX são, prioritariamente, do PB. Trata-se de 5 fontes de dados assim distribuídas: jornais *O poder moderador* e *O porvir*, cartas particulares da década de 1930 (São Paulo), cartas particulares de Carlos Drummond (1924? Rio de Janeiro) e cartas oficiais. Identifiquei 1 ocorrência de *sendo que*, no primeiro jornal.

- (56)...e pera isto poder ser melhor, me pidio o Duque que lhe quygesse daar o treslado de hũa carta que ho senhor Dom Alvaro espreveo a Ell Rey Dom João, na qual se comtem a verdade de tudo, como per ela se veraa, e elle não fez nenhũa mensão de nada que nela esteja, **sendo** maes verdadeyra **que** tudo ho que ele pode dizer, e isto melhor lhe cabe o nome de traição que polo ele, homde numca a pode aver. (16 PP Tarallo [CDM], p. 27)

Em “*sendo maes verdadeyra que*”, o material interveniente entre a perífrase *sendo que* presta-se a indício de um estágio anterior de organização sintática, no qual a forma *sendo* ainda possui valor verbal, sugerindo uma proximidade parafrástica com: ‘...**é** mais verdadeira **que** tudo o que ele pode dizer...’, como já descrito no capítulo anterior.

O contexto em que aparecem o *sendo* e o *que* no exemplo em questão já fora estudado por Simões (2007) em sua tese de doutorado. Ao mencionar as construções adverbiais, Simões (2007, p.253) afirma que os estudos diacrônicos têm demonstrado que as construções adverbiais estão mais dispostas a se lexicalizar. Isso, segundo ele, deve-se ao fato de terem estatuto mais nominal do que verbal, o que as torna mais suscetíveis a esse tipo de mudança. Simões acredita que essa seria a explicação para o surgimento da locução conjuncional *sendo que*. Se adotarmos o ponto de vista de Lehmann (2008), cuja concepção de gramaticalização de operadores conjuntivos passa, inicialmente, por um processo de lexicalização, ou seja, quando determinada construção, como *sendo que*, passa a existir na língua, é possível concordar com o argumento de Simões (2007). Contudo, o processo não estaciona nesse ponto. A construção passa a assumir deveres cada vez mais funcionais e sofre, então, um processo de gramaticalização.

5.2. A frequência *type* de *sendo que* no português histórico - século XVI a XX

Para melhor visualização da frequência *type* de *sendo que* ao longo da história do português, elaborei quadros demonstrativos para cada século, do XVI ao XX. Para cada contexto *type*, recolhi exemplos disponíveis em Davies e Ferreira (2006). Nesta tese, meu objetivo maior é analisar o comportamento funcional dessa construção, sem, contudo, limitá-la a uma listagem de categorias gramaticais. Afinal, como será evidenciado, a própria construção se demonstrou avessa a categorizações muito fechadas.

Assim, as categorizações a seguir indicadas são interpretações linguísticas que tomam como estratégia de investigação uma das premissas de Labov (1972) apresentada no capítulo metodológico: ‘o que é que X significa no meu entender’. Num segundo momento desta análise, estabeleço correlação entre os contextos mais polissêmicos com outros dados informativos, a fim de tornar menos subjetivo esse processo. Para isso, emprego outra premissa laboviana: ‘O que X significa no seu entender’, quando apresento o resultado da investigação com testes aplicados empiricamente a informantes do PP e do PB.

Segue a classificação da frequência *type* de *sendo que* por século e a interpretação de cada uma delas.

Freq. Type	Token	Dado
Causa	2	(57) <i>de todas as partes lhe pediam se salvasse também a si mesmo. Antes, sendo que se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre</i> (16 PP DF)
<i>Tokens</i>	2	

Quadro 26: Frequência *type* de *sendo que* – séc. XVI

O exemplo acima apresenta duas ocorrências de um único *type* (tipo), a função causal, parafraseada em (57a). Segundo o resultado da busca no banco de dados de Davies e Ferreira (2006), trata-se da formação mais remota da perifrástica *sendo que*. Ao mesmo tempo, no entanto, esse primeiro contexto permite ainda uma interpretação temporal (em 57b), conforme simulado a seguir:

57a. (...) Antes, **uma vez que**_[causa] se vinham os barcos chegando (...)

57b. (...) Antes, **enquanto**_[tempo] se vinham os barcos chegando (...)

O valor temporal, conforme observei, não é uma característica produtiva nos usos históricos de *sendo que* no português, mas é sugerido em alguns contextos. O excerto aqui apresentado pode estar condicionado à semântica do elemento precedente “antes”. Há também uma ocorrência com valor de tempo no século XVII, entretanto, novamente, a presença de um marcador temporal contribui para essa interpretação.

Surpreendentemente, os dados do século XVII revelaram um *sendo que* extremamente polissêmico. Dentre as 74 ocorrências *tokens* da amostra de Davies e Ferreira (2006), pude distinguir 5 contextos *types* e um grupo que denominei ‘ambíguo’²²².

Freq. Type	Token	Dados
Causa	32	(58) <i>como mãe piedosa, entranhavelmente os amava. Contudo, por outra parte, sendo que lhe queriam todos como filhos, ainda que com perda sua, se alegraram...</i> (17 PP DF 38)
Contraste	14	(59) <i>Começou desde entao uma grande conformidade na família, sendo que antes disto todos eram fiscais uns dos outros.</i> (17 PP DF 16)
Concessão	9	(60) <i>mesmo costume, era contente de perdoar aos culpados, pello valor dos inocentes, sendo que o mundo sabia que nestes casos soêm padecer os inocentes...</i> (17 PP DF 2)
Condição	1	(61) <i>Por onde, e de que maneira passaram a terras tao remotas, sendo que não havia entre os antigos uso de embarcações muito mais capazes...</i> (17 PP DF 15)
Tempo	1	(62) <i>não se tem tomado athé agora a vista do pataxó, sendo que há tres dias que nos falta</i> (17 PP DF 30)
Ambíguos	17	(63) <i>e a carta tinha data, de quinze de Março, sendo que Antonio de Mello não foi nomeado por governador, senão em onze de Abril</i> (17 PP DF24)
<i>Tokens</i>	74	

Quadro 27: Frequência *type* de *sendo que* – séc. XVII

No século XVII, do total de ocorrências de *sendo que* (74 casos), a maioria desempenha função semântica de causa. Em seguida foram detectados usos com valor contrastivo, concessivo, condicional, temporal, além de alguns altamente ambíguos. A falta de contextos mais alargados prejudicou, ainda que não sistematicamente, a análise e condicionou tais ocorrências a uma categoria provisória denominada ‘ambíguos’. A própria ferramenta de busca do sistema do *corpus* Davies e Ferreira (2006) nem sempre disponibilizava contextos muito extensos e suficientes para a interpretação da perífrase.

Já no *corpus* de Tarallo (1991), conforme os dados extraídos da amostra do século XVII, há ocorrência de 4 casos de *sendo que* com valor causal e 6 casos de construções em que há material interveniente entre os dois elementos, como em: “*afirma o Poeta Portugues durar a*

²²² A falta de contexto sintático (ou de material textual) foi a condição para a criação do grupo ‘ambíguo’, principalmente entre os dados do século XVII.

prisão da Rainha, sendo certo (como veremos adiante) que palleceo ella no anno de 1130” (17T1).

Construções “*sendo q*” foram encontradas nos dados do século XVII da amostra de Tarallo (1991): “*E não queria, emendarçe sendo q para dizerem com uerdade que Era degradado auia de auer sentença dada na mor alçada a que ategora não ouue*” (17 PP Tarallo). Casos com um pronome clítico adjungido ao *sendo* também foram localizados nessa amostra: “*sendolhe prometido o não alcançara*” (17 PP Tarallo) e “*Sendouos informado q alguns officiais fazem o que não deuem Em seus Regimtos*” (17 PP Tarallo).

Em relação aos resultados do século XVIII, a frequência *token* de *sendo que*, no *corpus* de Davies e Ferreira (2006), foi de 38 ocorrências, subdivididas em 3 contextos *types* e 1 grupo ambíguo, conforme indicado no quadro abaixo.

Freq. Type	Token	Dados
Causa	27	(64) <i>não só era servo antigo, mas tido pelo mais verdadeiro, e zeloso; sendo que a êstesos Deuses os conhe cem, e os mostra o tempo.</i> (18 PP DF3)
Concessão (contradição)	7	(65) <i>Com este bocado tentou de sorte aos Lusitanos, que o aclamarão seu Rey, sendo que nenhú modo queriao consentir ouvesse entre eles, quem com podestade real os governasse.</i> (18 PP DF8)
Conformidade	1	(66) <i>vay atada, & presa a nossa flor para ser desprezada, & escarnecida, sendo que as Parabola III. \161 as flores quando se atão, & prendem...</i> (18 PP DF1)
Ambíguos	3	(67) <i>Culpa-se o amor de vário, e de inconstante, sendo que as mais das vezes seria maior a sua culpa, se fosse constante...</i> (18 PP DF 13)
<i>Tokens</i>	38	

Quadro 28: Frequência type de *sendo que* – séc. XVIII

Entre os dados do século XVIII coligidos por Tarallo (1991), foram encontrados 3 casos de *sendo que*. Todos denotavam valor causal.

Na amostra de textos do PP do século XIX de Davies e Ferreira (2006), foram encontradas 25 ocorrências de *sendo que*. Quanto à frequência *type*, observei, além das funções causal e concessiva – já presentes nos períodos anteriores –, o aparecimento de uma função delimitadora/especificante e de outra distributiva, conforme demonstrado no quadro abaixo.

Freq. Type	Token	Dados
Causa	3	(68) <i>aquelas são estimáveis, no que tem de superfluas; e estas desprezíveis, sendo que não passam do que he necessário.</i> (19 PP DF2)
Concessão	2	(69) <i>na posse imemorial de se chamarem sábios, e de se respeitarem mestres; sendo que, entre elles, alguns haverá que cumprão a sua obrigação...</i> (19 PP DF1)
Contraste	10	(70) <i>uma elegante simplicidade é a que dá realce a toda a espécie de beleza. Sendo que, pelo contrario, não ha coisa mais própria para fazer perder uma</i> (19 PP DF17)
Especificação	2	(71) <i>como dos pensamentos, mais que tudo tratando de assumptos rigorosamente pertencentes á Religião: sendo que esta mesma pratica será da maior utilidade não só para o principio, como...</i> (19 PP DF22)
Distribuição	2	(72) <i>seu logar mais proprio é o Exordio, a Narração, e a Peroração; sendo que nas duas primeiras devem ser mais breves, e menos vehementes...</i> (19 PP DF11)
Ambíguos	6	(73) <i>centenário da inauguração de S. Carlos uma obra de preceito, o consenso unânime sendo que se não poupem despesas para dar brado na Europa com tal festa.</i> (19 PP DF24)
<i>Tokens</i>	25	

Quadro 29: Frequência type de *sendo que* – séc. XIX

Os dados do século XIX revelaram o aumento da função contrastiva de *sendo que*, identificada já na sincronia do século XVII. Das 25 ocorrências registradas, 10, ou seja, praticamente a metade, podem ser parafraseadas por conjunções adversativas, como *mas* ou *contudo*. Chama atenção o fato de essa função contrastiva revelar-se num contexto em que aparecem, imediatamente ao seu lado direito, expressões de valor contrastivo, como “pelo contrario”. Assim, nota-se que nos dados do século XIX, quando o *sendo que* denota função semântica adversativa, expressões de valor contrastivo tenderão a estar presentes, como em (74) e (75):

(74) *que vem a ser a segunda, conforme atrás deixámos expellido; sendo que a sua diferença é meramente accidental* (19 PP DF10)

(75) *sem se haverem formado antecipadamente no trabalho e nos escriptos d’ outrem; sendo que o contrario disto produz quasi sempre affecttação* (19 PP DF19)

Nos respectivos casos, a presença de um elemento de valor contrastivo parece favorecer, ou até mesmo determinar o sentido adversativo de *sendo que*. Observa-se que esse valor contrastivo poderá desencadear a **função especificante** ou delimitadora, sendo o gatilho do padrão contrastivo nos registros de *sendo que* do século XX. Tal função, que nos dados do

século XIX ocorre em apenas 0,5% dos casos, passará para 67% no século seguinte, conforme demonstro no gráfico 1 adiante.

Freq. Type	Token	Dados
Causa	8	(76) <i>Acresce que a Levada se encontrava exaurida de sua própria gente, sendo que, desde as grandes ventanias, mais de metade da população desaparecera...</i> (20 PP DF16)
Contraste	11	(77) <i>a sentir uma irreprimível vontade de problematizar o controverso fenómeno da florescente música pimba. Sendo que a questão não é fácil senão para algumas pessoas...</i> (20 PP DF30)
Especificação	67	(78) <i>Cada pergunta tem três respostas possíveis, sendo que apenas uma delas é a correcta</i> (20 PP DF19)
Distribuição	5	(79) <i>...literatura são ‘conceitos complementares com especificidades próprias’, concluiriam os convidados do colóquio, sendo que a crónica e a reportagem são os géneros que mais bebem no traço literário</i> (20 PP DF28)
Ambíguos	10	(80) <i>...não alçava a voz excepto para responder às perguntas que lhe dirigiam. Tão fácil sendo que nos enganemos no julgamento do nosso semelhante como difícil nos é conferir os impulsos</i> (20 PP DF1)
Tokens	101	

Quadro 30: Frequência type de *sendo que* – séc. XX

Os resultados do século XX revelaram um alto índice de contextos especificantes para o *sendo que*. Dentre as 101 ocorrências encontradas, 66% desempenham função semântica de um especificador da informação anterior. Contudo, esse valor semântico vem acompanhado, em vários casos, de uma interpretação também adversativa, como o excerto abaixo é capaz de ilustrar:

(81)As actuais nações eslavas apareceram nos séculos V e VI. **Sendo que** no século VII já a população predominava no este e sudeste da Europa. (20 PP DF60)

Neste caso, como paráfrase possível ter-se-ia:

(81a) As actuais nações eslavas aparecem nos séculos V e VI. **Entretanto** no século VII já a população predominava no este e sudeste da Europa.

O significado contrastivo, demonstrado em (81a), sugere que *sendo que* acrescenta uma informação importante, cuja função pragmática, mais do que contradizer o conteúdo da sentença anterior, estabelece com ela uma relação de delimitação, especificando o conteúdo

informado para evitar interpretações ou deduções equivocadas pelo interlocutor, a exemplo do que faz um focalizador.

O mecanismo da intersubjetivação, nos moldes estudados por Traugott (2003) e Traugott e Dasher (2005), certamente está envolvido nesse processo. O falante/escritor busca precisar o conteúdo informado tendo em vista a interpretação do destinatário/interlocutor. Nesse contexto, *sendo que* assume a posição de cabeça da sentença, revelando certa autonomia morfossintática em relação à sequência linguística anterior. Semanticamente, contudo, está vinculado ao conteúdo que o precede. Pragmaticamente, marca uma função de foco.

O valor contrastivo, já presente em *sendo que* nos usos registrados nos séculos anteriores, teria contribuído para o surgimento de um sentido especificante em muitos dos contextos de uso do *sendo que* contemporâneo. Reconhece-se, por meio do percurso funcional dessa perífrase, que antes de assumir valor contrastivo, ela já denotava, em determinados contextos, sentido concessivo. Concessão e adversatividade estão, do ponto de vista cognitivo, muito próximos, uma vez que ambos acionam a capacidade humana de indicar uma contraexpectativa, entre falante e ouvinte, em relação a um conteúdo previamente enunciado (cf. SILVA, 2013)²²³.

Resumidamente, pode-se afirmar, tendo como base para isso a amostra investigada, que o uso causal foi percebido como um dos mais remotos (século XVI) da perífrase *sendo que* no PP. Com o aumento da frequência dessa construção, reinterpretações semânticas e reanálises sintáticas certamente contribuíram para a aquisição de novos valores funcionais ao longo do tempo, como representa o gráfico a seguir:

²²³ Comunicação pessoal.

Gráfico 1²²⁴: Comparativo da frequência *type* de *sendo que* entre os séculos XVII e XX

Na reinterpretação cognitiva induzida pelo contexto, a causa aparece como a categoria mais básica de *sendo que*, acompanhada, ainda que com reduzida frequência, da categoria tempo, certamente uma das mais básicas²²⁵. O valor de um elemento especificante na língua – função identificada a partir do século XIX – estaria numa dimensão mais abstrata, próxima daquela em que estão os qualificadores. Assim, tendo por base a análise histórica ora apresentada, conjecturo um *continuum* semântico e cognitivo de *sendo que*, sujeito à contestação e passível de mudança futura, assim delineado: *[tempo] causa > concessão > contraste > especificação [distribuição]*. A função especificante e sua correlata distributiva representariam, numa interpretação voltada ao compo da pragmática, a função de foco, assumida por essa perífrase, no português atual. Se acrescentarmos uma das matrizes etimológicas do verbo *ser* (*sēdēre*), então teremos o seguinte *continuum* – envolvendo os domínios cognitivo, semântico e pragmático – de gramaticalização:

²²⁴ Neste gráfico, a abreviatura PE corresponde à PP.

²²⁵ Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p.65), no capítulo “Context-induced reinterpretation”, a inferência de uma expressão causal ancora-se na metáfora TEMPO para CAUSA, por meio da qual uma sequência de eventos no tempo é usada, metaforicamente, para se referir a uma sequência de eventos numa relação causal. Uma vez que a implicação: ‘o que faço mais cedo é a causa do que faço depois’ (*what I do earlier is the cause of what I do thereafter*), se convencionaliza, o resultado é a mudança de uma categoria de TEMPO para uma que é mais abstrata, como a CAUSA. Linguisticamente, segundo os autores, o resultado mais comum é que um complemento de tempo vira um complemento de razão. No original: “Linguistically, the most common result is that a complement of time turns into a complement of reason” (*op. cit.* p.75).

[espaço *sēdēre*] [tempo] *causa* > *concessão* > *contraste* > *especificação/distribuição* > *foco*

[+ CONCRETO]		>		[+ ABSTRATO]	
[+ lexical]	>	[+ gramatical]	>	[+ pragmático] ²²⁶	

Quadro 31: *Continuum* cognitivo de gramaticalização de *sendo que*

A derivação do valor especificante de *sendo que* não se deu da passagem imediata de um operador causal, mas, provavelmente, quando tal construção também passou a indicar sentido contrastivo, o que abriu caminho para, mais tarde, surgir a função delimitativa também, tendo como escopo a informação precedente. Estamos diante da reanálise de uma construção com verbo cópula *ser*_{gerúndio} + *que* que assume variadas funções no português, que podem ser resumidas no seguinte gráfico:

Gráfico 2: Frequência type de *sendo que* – séc. XVI a XX

²²⁶ **Função pragmática** é entendida aqui conforme disposto em Dik (1997, p.310), ou seja, como uma função que especifica o estatuto informacional dos constituintes em relação ao cenário comunicativo mais amplo no qual eles são usados. Trata-se de um domínio subjacente à estrutura gramatical e oracional, que, nesta representação em *continuum*, tem seu valor acentuado; ou seja, ocorre um *fortalecimento pragmático*, aliado à abstração semântica (ver FIGUEIREDO-GOMES e SOUZA, 2013, a respeito da gramaticalização da construção É QUE).

Quanto à posição da perífrase *sendo que*, no que tange à ordem dos constituintes na sentença, diante dos dados, é possível afirmar que ocorre, quase categoricamente, entre orações e/ou proposições. Ainda, com baixíssima incidência, pode aparecer como introdutora de período composto (com valor conjuntivo – causal e concessivo – ou contrastivo), além de ocorrer em construções parentéticas.

Vale destacar que, na amostra histórica do PHPB, composta por textos do PB, foram localizadas 6 ocorrências de *sendo que* entre os dados do século XVIII e XIX, conforme quadro a seguir:

Século	XVIII	XIX
<i>Tokens</i>	2	4

Quadro 32: Frequência *token* de *sendo que* no *corpus* do PHPB

Em relação a esse *corpus*, constituído por textos representativos dos séculos XVIII a XX, analisei apenas as amostras do XVIII e do XIX, disponíveis, em versão eletrônica, no site do Projeto História do Português Brasileiro (PHPB)²²⁷. Trata-se de textos, em sua maioria, do gênero epistolar – correspondência pública e privada –, digitalizados em arquivos de texto (*Word*) e em PDF. Procedi à análise da frequência *token* em 12 arquivos de texto dos referidos séculos. Tais arquivos têm, em média, 11 mil palavras cada. Os resultados encontrados constam do quadro 32, citado anteriormente.

5.3. A frequência *type* de *sendo que* em sincronias do séculos XX

A busca na amostra contemporânea do CetemPúblico (2012), formada por cerca de 190 milhões de palavras extraídas do diário Público, um dos jornais de maior circulação em Portugal, revelou 1.637 ocorrências da perífrase *sendo que*. Desse número, 471 aparecem em textos da seção Sociedade; 272, Política; 222, Desenvolvimento, entre outros. A natureza

²²⁷ Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em 15 out. de 2013.

tipológica deles revela sequências variadas, dentre as quais as de base narrativa, expositiva e argumentativa. Das 1.637 ocorrências, analisei 570²²⁸, a fim de interpretar a função semântica de *sendo que* em cada uma delas. A interpretação de cada contexto revelou os seguintes valores funcionais assumidos por essa perífrase na sincronia em questão: de especificação, adição, contraste, distribuição, resultado, concessão, causa, alguns usos ambíguos, outros em que essa construção acumulava mais de um sentido (contrastivo/especificante e contrastivo/aditivo) e casos em que *sendo que* assume uma função de aposto explicativo, estruturada numa sequência parentética.

A frequência *type* de cada uma dessas funções semânticas está disposta no gráfico 3:

Gráfico 3: Frequência *type* de *sendo que* séc. XX PP (CetemPúblico)

Conforme ilustra o gráfico 3, das 570 ocorrências analisadas dos excertos do CetemPúblico e representativas do século XX, 248 casos indicam uma função especificante, ou seja, 43,50% dos usos. 16,31% foram as ocorrências de valor aditivo; 13,85%, as de valor contrastivo; e 10,17% de distributivos. Os casos ambíguos chegaram a apenas 0,87%, ou seja, menos de 1% do total da amostra investigada. A seguir, seguem os exemplos:

²²⁸ Equivale a 34,81% dessa amostra, ou seja, mais de um terço dela foi analisado. Valor que considerei estatisticamente representativo.

Função/Type	Exemplo
Especificante	(81) Segundo o relatório da AMJ, em nenhum país do mundo existe o mesmo número de homens e mulheres a lerem jornais, sendo que os homens ultrapassam sempre as mulheres. (20 PP CetemPúblico)
Aditivo	(82) A ideia é simples, quando uma pessoa está a ser fotografada, a câmara dirá uma palavra ou uma frase que fará o fotografado sorrir, sendo que os ditos poderão ser os mais diversos, nas mais variadas línguas. (20 PP CetemPúblico)
Contrastivo	(83) E a fórmula encontrada por Vitorino foi a de acrescentar na lei actual, entre vírgulas, a expressão «designadamente por razões de natureza económica ou social», como originadoras de lesões psíquicas que levem ao aborto, sendo que este tipo de aborto terapêutico já está despenalizado na lei actual até às 12 semanas. (20 PP CetemPúblico)
Distributivo	(84) A homossexualidade não é aceite por 30 por cento dos jovens; 37 em cada cem estudantes concorda com a liberalização do aborto, sendo que 27 por cento estão de acordo, mas apenas «em parte», e 29 por cento discordam em absoluto. (20 PP CetemPúblico)
Contr/Especif	(85) Dados revelados na semana passada pelo Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento indicam que, até ao final do ano passado, os russos tinham investido mais de 43,1 mil milhões de dólares no estrangeiro, sendo que um «larga parcela desse dinheiro era ilegal» -- mais precisamente, 18 mil milhões de dólares. (20 PP CetemPúblico)
Explicativo	(86) «A conduta dos réus foi pois legítima, no uso do seu direito de informar, de expressão e crítica, sendo que todos os escritos se reportam a factos socialmente relevantes e a justificar colectivamente a sua divulgação. (20 PP CetemPúblico)
Apositivo (parentético)	(87) Os arquitectos são hoje uma classe profissional adulta, reconhecida, sendo que a respectiva associação, que vai passar a ter a designação de Ordem, é considerada como associação pública desde 1988, o que significa exercer uma delegação de poderes por parte do Estado, em ordem à regulação da profissão, na defesa do interesse público. (20 PP CetemPúblico)
Concessivo	(88) Nenhum dos ex-detidos tinha sido condenado por homicídio, sendo que a maioria cumpria pena por posse de armas de fogo. (20 PP CetemPúblico)
Resultativo	(89) A de matemática foi, este ano, ligeiramente inferior à do ano passado: 23,08 este ano, quando em 93 a média foi de 23, 34, sendo que os alunos obtiveram então uma bonificação. (20 PP CetemPúblico)
Contr/Aditivo	(90) Até ao momento, há pelo menos duas teorias que se confrontam sobre o que realmente acontece a nível molecular quando se dá a descarga eléctrica, sendo que o trabalho agora publicado aponta para que se trate de uma reacção determinada por factores termodinâmicos. (20 PP CetemPúblico)

Causal	(91) Cerqueira Rocha pode escolhê-lo para vice-chefe e nada impede que, em Janeiro, os nomes de ambos apareçam recomendados pelo Exército para serem sujeitos à escolha de Fernando Nogueira, sendo que um e outro beneficiam do aval de Soares Carneiro, a voz que o ministro da Defesa não deixará de ter em conta. (20 PP CetemPúblico)
Ambiguo 1	(92) A explicação sendo que , como nestas pessoas todos os «anzóis» CCR-5 estão ocupados por beta-quimioquinas, o HIV não conseguiria utilizá-los para penetrar nos macrófagos e dar início à infecção, espalhando-se a seguir para os linfócitos T. (20 PP CetemPúblico)

Quadro 33: Dados sincrônicos (séc. XX) do *sendo que* extraídos da amostra CetemPúblico PP

A sincronia do século XX do CetemFolha, por sua vez, inclui 32.5 milhões de palavras. Foram localizados 386 usos de *sendo que*. Tal fato pode levar a uma discrepância dos dados, comparado às 190 milhões de palavras que compõem o *corpus* do CetemPúblico. Contudo, os resultados revelaram que a amostra 6 vezes maior em número de palavras do PP contém, proporcionalmente, um número bem menor de ocorrências se comparada aos resultados da amostra do PB. Neste, as ocorrências de *sendo que* representam 0,00001188 do total, enquanto no PP a representação é de 0,0000082 do total. Logo, verifica-se que os textos da variedade brasileira apresentam mais ocorrências da perífrase em comparação aos textos da variedade do PP. A seguir, apresento o gráfico com a frequência *type* de *sendo que* na sincronia do século XX do PB:

Sincronia séc. XX PB

Gráfico 4: Frequência *type* de *sendo que* séc. XX PB (CetenFolha)

A frequência *type* especificante de *sendo que* demonstrou-se também consideravelmente alta no PB. Dentre as 386 ocorrências identificadas, os valores mais representativos são estes: 44,55% revelaram função especificante; 14,76% aditiva; 14,50% contrastiva e 9,84% distributiva. Contextos ambíguos foram constatados em 8,29% dos usos.

Função/Type	Exemplo
Especificante	(93) O epinociclo ²²⁹ ou biociclo terrestre é o que apresenta maior variação dos fatores água, luz e temperatura e a maior diversidade de espécies, sendo que a flora predomina sobre a fauna. (20 PB CetenFolha)
Aditivo	(94) As igrejas em estilo românico eram construídas em pedra, sendo que as habitações particulares em madeira ou tijolo. (20 PB CetenFolha)
Contrastivo	(95) Como o Pantanal, as restingas possuem vegetações comuns a outras regiões, sendo que o aspecto dessa vegetação muda à medida que se vai da praia para o interior do continente. (20 PB CetenFolha)
Distributivo	(96) Os átomos agruparam-se, sendo que , em cada planeta, os mais pesados ficaram no centro e os mais leves, na superfície. (20 PB CetenFolha)
Contr/Especif	(97) Os únicos que chegaram a conhecê-lo foram Mário de Andrade, Borges e Mariátegui, sendo que dois deles, Borges e Mário de Andrade jamais estiveram lá (Mariátegui, sim, ficou seis meses e conheceu). (20 PB CetenFolha)
Explicativo	(98) «Deus não há» é uma proposição aceitável, sendo que o verbo «haver» veicula as dimensões semânticas da posse, do entendimento e da realização (12), inaplicáveis ao conceito do infinitamente Distante, ao Deus que exclui toda relação e todo conhecimento. (20 PB CetenFolha)
Condicional	(99) O contribuinte que tiver recebido mercadorias para comercialização, sendo que as mesmas venham a perecer, deverá proceder ao 'torno do imposto que se tenha creditado, visto que não ocorrerá futura saída tributada, condição necessária para a manutenção do crédito. (20 PB CetenFolha)
Conclusivo	(100) Até 1962 nenhum dos componentes dos gases nobres eram conhecidos pelos cientistas, e os químicos pensavam que estes eram completamente não-reagentes, sendo que então eram nomeados gases inertes. (20 PB CetenFolha)
Causal	(101) O trabalho de Bateson também é muito mais amplo do que o de Jung ou Reich, sendo que ele coloca uma grande ênfase no ambiente social e natural, além da mente inconsciente. (20 PB CetenFolha)

²²⁹ O *epinociclo* é o biociclo terrestre. É o conjunto dos seres vivos que vivem sobre terra firme e apresenta quatro biócoros bem distintos: as florestas, as savanas, os campos e os desertos.

Concessivo (oral)	(102) Deputada, como a senhora explica ter obtido votação tão expressiva sendo que conhece tão pouco São Paulo? (20 PB CetenFolha)
Aditivo (oral)	(103) «Comprei três cortinas com forro na Tapeçaria Chic, sendo que a data de entrega estava prevista para 18 de agosto». (20 PB CetenFolha)
Espec/Contr (oral)	(104) «Desde que me encontro fora do país, já enviei 30 cartas para o Brasil, sendo que sete delas não chegaram ao destino». (20 PB CetenFolha)
Ambiguo1	(105) Apesar de isolados, os coacervados podiam trocar substâncias com o meio externo, sendo que em seu interior houve possibilidade de ocorrer inúmeras reações químicas. (20 PB CetenFolha)

Quadro 34: Dados sincrônicos (séc. XX) do *sendo que* extraídos da amostra CetenFolha PB

Em ambas as sincronias, o contexto foi primordial para a análise do valor funcional da perífrase. Os casos citados na seção 5.1 ratificam a polifuncionalidade²³⁰ de *sendo que*. O papel do contexto será evidenciado na próxima seção.

5.3.1. Tipos de contexto na análise de uma construção multifuncional

No capítulo anterior, a partir da evolução histórica da construção *sendo que*, constatou-se que, no nível semântico-funcional, ela assume a função de operador conjuntivo, contrajuntivo, especificante e distributivo. No nível pragmático, tem sido empregada, com acentuada frequência já no século XX, como uma marca linguística de foco (DIK, 1989, 1997). Interessa-me, neste momento, rastrear os tipos de contextos que determinaram o surgimento dessa construção de foco no português.

O exemplo, a seguir, do PP do século XVI, já citado anteriormente, indica uma ordenação de constituintes oracionais em que a forma ‘*sendo*’ e ‘*que*’ ocorrem num período composto. *Sendo* introduz uma oração reduzida de gerúndio e *que*, uma adjetiva restritiva.

²³⁰ Silva (1999, p.648), na análise da semântica de um item lexical como o verbo ‘deixar’, afirma: “o verbo ‘deixar’ pouco significa; o que significam são os seus contextos. A polissemia é um fenómeno contextual”. Dada a não estabilidade e a flexibilidade da significação lexical, a sua contextualidade, e o fato de que os significados são fundamentalmente *interpretações* a partir de um contexto particular, a polissemia de qualquer item lexical é, sim, um fenómeno contextual. Defendo que essa perspectiva pode ser aplicada a itens e construções de natureza mais gramatical também. O comportamento funcional da perífrase *sendo que* demonstra isso.

- (106) Nem A pagarão as pessoas priujligiadas Asi de compra & venda como de pasaiem. Nam **SENDO** cousas de **QUE** se manda pagar dizima na Alfandega do dicto Lugar. (16 PP DF)

Forma reduzida	Nam	sendo verbo _{cópula}	cousas predicativo	de que se manda pagar dizima pron. relat. introduz or. relativa
Desenvolvida	[Elas] Sujeito ²³¹	não são verbo _{cópula}	coisas predicativo	de que se manda pagar dízima or. relativa
Simples	[Elas] sujeito	são verbo _{cópula}	coisas não predicativo	tributáveis.

Quadro 35: Decomposição de uma construção com *sendo que*

Em (106), descrito no quadro 35, a forma *sendo* tem valor de verbo cópula e liga um sujeito inferido contextualmente (Elas = as possíveis coisas compradas) ao predicativo “coisas”, seguido de uma oração adjetiva introduzida pelo relativo ‘que’, aqui regido pela preposição ‘de’. O período é composto, mas a oração com *sendo* não está intercalada, como acontecerá no caso a seguir, retirado da amostra histórica coligida por Tarallo (1991):

- (107) E depois que chegou Vasco Fernandez Coutinho, parece que sabendo, tornou-se outra vez do caminho a pedir-lhe socorro. Pedimos-lhe então muitas pessoas que, [**sendo** certa a extrema necessidade em **que** diziam estar], pois assi como assi aviam de ser comidos dos contrarios, que mandassem por elles porque com isso salvar-se hiam aquellas almas, e principalmente os filhos pequenos e compreriam os christãos com o que deviam a tam boa amizade como nelle sempre tiverão. (16 PP Tarallo CPJ, p.32)

No contexto em questão, a oração ‘**sendo** certa a extrema necessidade em **que** diziam estar’ aparece intercalada entre outras orações e os seus constituintes. Tem-se duas possibilidades sintáticas: a primeira sugere uma construção subordinada predicativa: ‘**sendo** certa [...]’; e a segunda, uma oração de valor causal: ‘**sendo/porque** certa a extrema necessidade [...]’. Ambas as interpretações são licenciadas pelo contexto em questão. Ainda, os dados (106) e (107) demonstram que o traço sujeito atribuído à forma *sendo* já se afasta daquele conhecido como prototípico, ou seja, que detém traços [+ humano], logo [+ animado]

²³¹ Implícito, recuperado contextualmente.

e [+ agentivo], conforme ocorre em dados do século XVIII do PB, retirado da amostra do PHPB, como citado a seguir, em que a forma *sendo* tem sujeito com essas características:

(108) Espero *que Vossa Senhoria* como tam Zelo do Real Serviço Realce mais nesta occasiã
adis / tinta honra comque sempre nelleSetem empregado, mandando-me o amayor
numero, que puder de Mossos Solteiros, nam **sendo** filhos uni / cos de viuvas, nem de
Lavradores **que** façã Conhecida falta na Cul / tura das terras. (18 PB PHPB)

Em (108), o sujeito da forma *sendo* é ‘Mossos Solteiros’, logo, é um caso de sujeito mais prototípico se considerados os traços acima apontados.

Em todos os casos citados, *sendo* é usado como forma nominal reduzida do verbo *ser*. Numa estrutura desenvolvida, ter-se-ia, por exemplo: ‘(...) moços solteiros, **que** não **sejam** filhos únicos, nem lavradores que façam falta na cultura das terras’. Nesse caso, o relativo ‘que’ passa a ocupar a primeira posição da oração adjetiva, e o verbo ‘ser’ se flexiona no modo subjuntivo e no tempo presente. Ainda, nesse exemplo, o pronome relativo restringe o escopo do SN imediatamente anterior àquele ao qual se liga, neste caso, ‘moços solteiros’. Esse valor anafórico, e, muitas vezes, restritivo, pode ser verificado nos usos da perífrase *sendo que* já em outro tipo de contexto que aparecerá, com maior frequência, nos dados do século XX:

(109) A fórmula geral dos monossacarídeos é $C_n(H_{2O})_n$, **sendo que** o valor de n varia de 3 a 7. (20 PB CetenFolha)

Nessa ocorrência do PB, não é mais possível parafrasear a forma *sendo* por uma flexão equivalente do verbo *ser*. Isso ocorre porque, em (109), *sendo que* já não pode mais ser classificado como uma oração reduzida de gerúndio seguida do pronome relativo ‘que’. Aqui, ela já é uma construção gramatical com estatuto próprio. Além disso, o que se tem nesse caso não é mais uma perífrase que denota causa, como identificado, no século XIX, por Ribeiro (1950 [1890]), ao se referir a registros do século XVI.

Já em (110), a expressão *sendo que* é empregada tendo, imediatamente à sua direita, a forma verbal *ser* conjugada na 3ª pessoa do singular:

- (110) que mil e quinhentos anos depois de tudo isto ainda hoje o esperam, não **sendo que É** já tão fora de tempo **QUE**, ainda que lhes viera, não tinham nem com que festejar, nem por onde o conhecer, senão, mostrem-nos o templo de Salomão em que ele havia de entrar e encher de glória (16 PP DF)²³²

Nessa ocorrência do português do século XVI, a perífrase *sendo que* aparece ao lado de uma construção clivada (*é...que*) e, de acordo com o contexto que narra a volta de um rei, em ‘não sendo que é já tão fora de tempo que...’, tem-se a interpretação de uma composição causal: ‘porque já é tão fora de tempo’, ou mesmo de uma função concessiva: ‘apesar de ser já tão fora de tempo que...’. Nesse caso, permanece o segundo verbo ‘ser’, enquanto a primeira ocorrência é substituída por uma expressão de valor gramatical, como por ‘apesar de’ ou ‘porque’. Não foram recorrentes tais casos de *sendo que* + *é...que* nas amostras investigadas. Mesmo assim, o fato de ter localizado tal fenômeno já em dados do século XVI fortalece a hipótese de que, bem antes do que se pensava, a perífrase *sendo que* evidenciava estatuto gramatical e podia ocorrer ao lado de construções clivadas com *ser* + *que*.

Outro contexto, que também já não mais autoriza a paráfrase de *sendo que* por uma estrutura desenvolvida e sugere uma função mais gramatical e de significado concessivo, é citado a seguir:

- (111) Amava Predestinado a Precito como irmao, **sendo que** era dele muitas vezes murmurado e nao poucas perseguido. (17?18? PP DF)
- (111a) Amava Predestinado a Precito como irmão, **ainda que** fosse dele muitas vezes murmurado e não poucas perseguido.

Em (111), a presença da forma ‘era’ (pretérito imperfeito do verbo ‘ser’), logo a seguir à locução *sendo que*, é um forte indício de que essa construção já não era, em determinados contextos, interpretada como gerúndio de ‘ser’ + pronome relativo ‘que’, passando a ser reanalisada sintaticamente como um operador gramatical no português. Contudo, com o aumento do uso, essa perífrase passa a codificar outros valores que já não estão condicionados apenas ao critério estritamente gramatical. No contexto apresentado a seguir,

²³² Esse dado está entre os demais encontrados na amostra do século XVI de Davies e Ferreira (2006). Reconheço que há nele características de uma edição “modernizada”.

sendo que passa a codificar linguisticamente uma função de domínio mais pragmático, como indicam os próximos tipos de contexto, extraídos da amostra de dados do século XX:

- (112) Apesar disso, jornalismo e literatura são «conceitos complementares com especificidades próprias», concluiriam os convidados do colóquio, **sendo que** a crônica e a reportagem são os gêneros que mais bebem no traço literário. (20 PP DF)
- (113) Trata-se da terceira iniciativa do gênero, **sendo que** as duas primeiras se realizaram na zona da Grande Lisboa, tendo reunido grande número de criadores de cães, gatos, peixes, aves, répteis e outros animais de estimação (20 PP CetemPúblico)
- (114) No Brasil, existem os três tipos de usinas mencionados, **sendo que** as usinas hidrelétricas são as mais numerosas e responsáveis pela maior parte da energia elétrica utilizada no País. (20 PB CetemFolha)

São esses contextos que passarão a ter a frequência aumentada, como visto nos gráficos 3 e 4, a partir do século XX. Neles, a tentativa de realçar uma porção informativa é notória. Por exemplo, em (112), do universo jornalístico e literário, a crônica e a reportagem são os gêneros que mais buscam referência (ou proximidade) no estilo literário. Em (113), de três iniciativas relacionadas a alguma ação, merece destaque a localização das duas primeiras. Em (114), dos três tipos de usinas que existem no Brasil, as hidrelétricas são a maioria.

Tais contextos revelam que a construção *sendo que* é empregada exatamente para marcar a informação mais relevante, ou uma verdade irrefutável, dentro de um conjunto informativo maior. É como se o sujeito falante/escritor dissesse: dessas informações que lhe passei, PRESTE ATENÇÃO NESTA!²³³ Assim, para redirecionar o foco de atenção do ouvinte/leitor, ele faz uso de uma construção com *sendo que*. A dimensão da focalidade revela, segundo Dik (1997), a “ação” do jogo comunicativo²³⁴. O esquema apresentado por Langacker (1987), já citado nesta tese (vide figura 6), ilustra bem esse processo:

²³³ Reconheço que essa estratégia de focalização se aproxima da habilidade de “atenção conjunta e aprendizagem cultural” estudada por Tomasello (2003). Entretanto, neste trabalho, não pretendo abordar essa questão pela perspectiva da ontogênese ou da filogênese. Seguirei com o recorte cognitivo de Langacker (1987, 2013) e pragmático de Dik (1989, 1997).

²³⁴ No original: “The focality dimension concerns the ‘action’ of the play” (DIK, 1997, p.312).

(LANGACKER, 1987, p.138)

Segundo Langacker (2013), o significado de uma expressão não está apenas no conteúdo conceptual que ela evoca, igualmente importante é como esse conteúdo é construído. Como parte de seu valor semântico convencional, qualquer estrutura simbólica constrói seu conteúdo de certa maneira. É difícil resistir à metáfora visual, na qual o conteúdo é comparado a uma cena e construído de um modo particular²³⁵. Isso é o que também sugerem os estudiosos da Gramática das Construções, quando apresentam uma fórmula para classificar as muitas facetas de interpretação.

No nível da representação morfossintática, retomo o esquema proposto por Lehmann (2002), que o utiliza para explicar a gênese das conjunções complexas do espanhol, para que, com base nele, possa sistematizar a formação da perífrase *sendo que*:

a. <i>Input</i>	[[or.princ.	[subord. reduz. gerúndio [SG ²³⁶ <i>que</i> RELAT.	]	]]
b. <i>Output</i>	[oração	[loc. conj.SENDO QUE	]	]]

Quadro 36: *Input* e *output* dos contextos condicionantes da construção *sendo que*

Tal estruturação esquemática apresenta um resultado que, reconheço, não é inovador. O processo de formação da locução *sendo que*, conforme apresentado neste trabalho, já fora analisado por Dias (1841-1916), em fins do século XIX e início do XX, referendado por Ribeiro Filho (1950 [1890]), recuperado por Bechara (2011), reanalisado por Simões (2007), citado por

²³⁵ No original: "An expression's meaning is not just the conceptual content it evokes – equally important is how that content is construed. As part of its conventional semantic value, every symbolic structure construes its content in a certain fashion. It is hard to resist the visual metaphor, where content is likened to a scene and construal to a particular way of viewing it." (LANGACKER, 2013, p.55).

²³⁶ Padrão para 'Subordinador Genérico', baseado em Lehmann (2002).

<p>III Contexto mudança</p> <p>(Switch context, HEINE, 2002)</p>	<p><i>Sendo</i> possui sujeito oracional [+abstrato]</p> <p>Nem sempre há equivalência, coerente, com uma forma desenvolvida</p> <p><i>Que</i> liga-se a um SN, introduzindo um SAdj.</p> <p>A relação entre <i>sendo</i> e <i>que</i>, mesmo com material interveniente, sugere, em certos usos, sentido causal.</p> <p>Em outros, o mecanismo de (inter)subjetivação é acionado e o resultado revela modalização epistêmica.</p>	<p>[...] <i>no Cabo de Santa Maria ao longo ou perto da costa as agoas correm ao leste com muita furia, sendo tudo ao contrario ao mar que como fogo tirão aloeste e isto esprementamos por todo quasi Setembro e grande parte de Outubro. (séc. XVI)</i></p> <p>[...] <i>Perguntasse agora Supposto todo o preçedido, se o pouo rem rezaõ de duuidar resistindo esta resolução por dizer q quatro do Pouo conuieraõ En q se naõ desse nada sendo assy q por igual en todos os doze se conferio todo o poder E direito q o pouo tinha como assyma fica ditto (séc. XVII)</i></p> <p><i>Senfo poes certo que a palaura diuina não deyxa de fruttificar por parte de Deos; segue-se, que ou he por falta do prégador, ou por falta dos ouuintes. Por qual será? Os prégadores deytão a culpa aos ouuintes, mas não he assi. (séc. XVII)</i></p>
<p>IV Convencionalização</p> <p>(conventionalization, HEINE, 2002)</p> <p>(isolating contexts, DIEWALD, 2002)</p>	<p>‘<i>Sendo</i>’ - já não lhe é atribuído sujeito</p> <p>Já não é possível desenvolver a forma <i>sendo</i> em uma forma finita</p> <p>‘<i>Que</i>’ já não possui autonomia</p> <p>Formação da perífrase <i>sendo que</i></p>	<p>[...] <i>gente disparata e diuera cujos uotos se naõ podem tomar. E sendo q os ditos officiais da Camara do anno passado com o pouo na man^a sobredita conuieraõ no dito donatiao parece q os officiais do anno presente igoais em Vara naõ podem reuogar nem impedir o assento feito e se deue Continuar na execuçaõ delle p todas as Rezoas referidas (séc. XVII)²³⁷</i></p>

Quadro 37: Tipos de contexto de *sendo que*

²³⁷ Devo salientar, entretanto, que, nos séculos seguintes ao XVII, contextos com *sendo que* e material interveniente continuarão a ocorrer. Eis um exemplo do século XIX: Ainda fazendo-se esta despesa não póde a Fabrica tornar-se lucrativa se não receber 200 braços uteis, **sendo** debaixo desta condição **que** aquelle ex-Director prometteo grandes vantagens, e o actual Director já repetio a exigencia de braços: he pois indispensavel, se a Fabrica dever continuar, que o Poder Legislativo habilite o Governo para os mandar vir da Europa, que no Brasil se não encontrão, nem podem supprir-se satisfactoriamente com os 170 escravos mandados vir do Piauhy , porque metade são mulheres de todas as idades, sem prestimo para laboriosos trabalhos da Fabrica, e entre os homens haverá apenas 40 disponiveis, **sendo** todos os mais menores, **que** pouco ou nenhum serviço podem prestar por ora. (19 PP/PB Tarallo, RNG, p.15)

O contexto de mudança, situado entre os séculos XVI e XVII, conforme demonstrado em III, condicionou, inicialmente, o aparecimento de uma locução conjuntiva adverbial de valor causal, exemplificada no contexto IV. A função focal de *sendo que*, como já mencionado, é o resultado do processo de pragmatização dos usos dessa construção a partir dos séculos XIX e XX.

Para o padrão de tipos de contexto em gramaticalização apresentado por Diewald (2002), o estágio II de Heine, ou seja, o *bridging context*, seria equivalente ao contexto crítico (*the critical context*) por ela proposto. Esse estágio representa o início do processo de gramaticalização e revela uma estrutura altamente ambígua. No caso do *sendo que*, acredito que essa ambiguidade estará mais acentuada no estágio que Heine (2002) define por *switch context* (estágio de mudança), quando há incompatibilidade com o significado fonte. E é justamente por isso que Diewald (2002) afirma que, entretanto, deveria ser observado que há dois contextos isolantes: um para a leitura lexical e outro para a gramatical. Eles estão em oposição semântica e estrutural. Assim, não se trata apenas de um contexto que exclui a leitura lexical por restrições semânticas. Para Diewald, os dois contextos isolantes são desenvolvimentos novos que se tornam possíveis por causa das mudanças externas dos itens gramaticalizados.

Tais constatações de Diewald (2002) atinentes ao contexto isolante se aplicam perfeitamente ao caso em questão, uma vez que apenas um contexto de mudança – como indicaria o modelo de Heine (2002) – não é suficiente para dar conta dos casos II e III da estruturas que envolvem as fases desencadeadoras da perífrase *sendo que*.

Cabe, contudo, reconhecer que esse padrão de mudança contextual (HEINE, 2002; DIEWALD, 2002), que prioriza a análise diacrônica, não se distancia daquilo que muitos investigadores da gramaticalização já identificavam em seus modelos. Hopper (1991), por exemplo, em seu famoso modelo dos ‘princípios de gramaticalização’: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização (ou recategorização) ²³⁸,

²³⁸ No original: “The five principles of grammaticalization which I am proposing are as follows: *layering, divergence, specialization, persistence, de-categorialization*” (GIVÓN, 1991, p.22).

reconhecia a gradiência de um processo que, para se desenvolver plenamente, sofre a determinação de vários estágios catalizadores da mudança linguística.

Lehmann (1982, 1985) e Hopper (1991, p.21) atribuem especial relevância ao contexto de gramaticalização²³⁹, como sendo potencialmente revelador da emergência de formas e construções gramaticais fora do material já disponível e também dos graus diferentes de gramaticalização quando esta reconhecidamente já ocorreu²⁴⁰.

Em síntese, a relevância do contexto de gramaticalização, inclusive para indicar diferentes graus desse processo, é algo já reconhecido desde os primeiros estudos sobre o tema e desenvolvidos principalmente a partir dos anos de 1900. Nesse contexto, a contribuição dada pelos estudos de Diewald (2002), Heine (2002), Croft (2007) e outros funcionalistas, cognitivistas e construcionistas revela-se no desenvolvimento desse princípio para a análise do percurso gradual das mudanças por gramaticalização que se dá, geralmente, por meio de diferentes contextos envolvendo a codificação e a reanálise de formas fonte rumo a funções alvo.

Interessa-me, assim, observar como esse processo evolutivo gerou uma construção especial de foco.

5.4. Contexto crítico e emergência de um marcador focal no português contemporâneo

Emprego o conceito de contexto de mudança de Heine (2002) e contexto crítico de Diewald (2002), para, com base neles, comprovar a tese da função focalizadora que a construção *sendo que* tem assumido tanto no PP quanto no PB desde os séculos XIX e XX. Reconheço, entretanto, a existência de outras perspectivas teóricas sobre esse tema, a

²³⁹ Mesmo os Neogramáticos já atribuíam destaque ao contexto de gramaticalização.

²⁴⁰ No original: “special relevance in the contexto of grammaticalization as being potentially diagnostic of the emergence of grammatical forms and constructions out of already available material, and also of different degrees of grammaticalization where grammaticalization has already recognizably proceeded” (HOPPER, 1991, p. 21).

exemplo do *contexto compartilhado*, como sistema de representação cognitiva, proposto por Givón (2005).

Givón (2005, p.101) considera três tipos de contexto, segundo uma representação neuro-cognitiva. São eles: i) a rede genérica compartilhada, representada pela memória semântica permanente; ii) a situação discursiva compartilhada, focada na memória/atenção de trabalho; iii) e o texto compartilhado, sistema representado pela memória episódica recente. Givón defende que esses três tipos de contexto são acessados na representação mental da mente do interlocutor durante a comunicação²⁴¹. Nesta tese, contudo, restrinjo-me à noção de contexto apresentada por Heine (2002) e Diewald (2002).

Para isso, destacarei os dados sincrônicos das amostras *CetemPúblico* (PP) e *CetenFolha* (PB) a fim de comprovar, empiricamente, o desenvolvimento de tal função. Também apresentarei o resultado da investigação quantitativa e qualitativa realizada com usuários das duas variedades lusófonas, que revelou a intuição desses sujeitos acerca do uso de *sendo que* no português hodierno. Para tanto, recorro à noção pragmática de foco de Dik (1989, 1997) e à concepção cognitiva de ajustamento focal de Langacker (1987).

5.4.1. *Sendo que* em contexto clivado

Uma **construção clivada** (em inglês *cleft construction*) é, segundo Lambrecht (2001), uma estrutura complexa, constituída por uma oração matriz, encabeçada por um verbo cópula e por uma oração relativa, cujo argumento relativizado é co-indexado ao argumento predicativo da cópula. Tomadas juntas, afirma Lambrecht, a oração matriz e a relativa expressam uma proposição simples, que pode ser também declarada numa única oração, sem alterar a sua condição de verdade²⁴².

²⁴¹ No original: “the role of grammar in accessing the three types of context; that is, the three types of mental representations of the mind of the interlocutor during ongoing communication” (GIVÓN, 2005, p.101).

²⁴² No original: “A CLEFT CONSTRUCTION is a complex structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.” (LAMBRECHT, 2001, p.4 apud BRAGA, 2009).

Essa parece ser uma das possibilidades de organização sintática assumida pela construção *sendo...que*, quando usada em certas ocorrências com material interveniente. No entanto, diante dos contextos apresentados no quadro 37, reconheço que há algumas variáveis a considerar. A primeira delas reside no fato de a maioria dos trabalhos sobre clivagem concentrar-se no estudo de textos da modalidade oral e de registro mais espontâneo, diferentemente do recorte de dados desta tese, formado por textos escritos que repercutem o registro mais formal da língua. O segundo ponto diz respeito à forma do verbo cópula. Este, geralmente, está flexionado numa forma finita (*é* no português). Terceiro, um contexto assim configurado: CÓPULA + [SN] + QUE, em que o SN tem curta extensão e, geralmente, equivale a um único substantivo, por exemplo.

Nesse sentido, transportar tal conceito sintático para alguns dos usos de *sendo* [...] *que* merece atenção. Além disso, o valor causal, em alguns usos, ou epistêmico, em outros, pode levar a outra interpretação que não a clivagem. Entretanto, o estudo diacrônico de Figueiredo-Gomes e Souza (2013), acerca da emergência da expressão *é que* no português, trouxe evidências empíricas que reforçam a hipótese do passado clivado de *sendo que*. Os pesquisadores apresentam este dado do PP do século XIII:

Segundo natura que fillou, quis morrer, quanto carne, por nos saluar, ... recebeu morte na uera cruz ... e depouys resucitou-se em carne e amostrou-se aos seus dicipulos e comeu com elles e leyxous confirmados em sa fe sancta catholica e subyo aos céus en corpo, en dignidade e ende uerrá na cruz en este mundo dar juyzo aos boos e aos mãos *E esta é a nossa fé catholica, **que** firmemente teemos e cremos.* E cuida á fe guardar (e) a eygreya de Roma, que a manda guardar come sacrafiço de nostro Senhor Ihesu Christo,... (COMTELPO. XIII.0007)²⁴³

Tem-se, nesse exemplo, a seguinte sentença atualizada: *E esta é a nossa fé católica **que** firmemente temos e cremos.* Exemplo semelhante ocorre nos dados que encontrei na amostra Tarallo (1991), século XVI, citado em (45) e aqui retomado:

(45) *E **sendo** nauio de mais porte **que** demande mais fundo não pode emtrar a dita Barra.* (16 PP Tarallo, MNS)

²⁴³ *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa - COMTELPO*, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), com amostras de textos portugueses do século XII ao século XVIII e de textos das 1ª e 2ª metades dos séculos XIX e XX do português brasileiro e do português europeu (cf. FIGUEIREDO-GOMES e SOUZA, 2013).

Para esse caso, uma paráfrase possível seria esta: *E sendo [É] [este] navio de mais porte que demanda mais fundo, não pode entrar na dita barra*. A organização sintática CÓPULA + SN + QUE revela uma sequência em que o SN ainda é menos genérico²⁴⁴. Devido à alta frequência, essa construção passa a se rotinizar e ocorre um fortalecimento pragmático indutor de um percurso de mudança, conforme o exemplo a seguir, já citado em (10), demonstra:

- (10) Nem A pagarão as pesoas priuigliadas Asi de compra & venda como de pasaiem. Nam sendo cousas de que se manda pagar dizima na Alfandega do dicto Lugar. (16 PP DF)
 ...[Isto/elas] não são coisas de que se manda pagar dízimo

Do ponto de vista semântico-pragmático, de acordo com Figueiredo-Gomes e Souza (2013), a clivagem está a serviço da ênfase que o falante/escritor imprime ao sinalizar o desejo de chamar a atenção do ouvinte/leitor para algo. Para cumprir esse propósito, o falante/escritor insere uma informação (um argumento) em um argumento maior, objetivando, com isso, economia e informatividade (*op. cit.*).

Assim, defendo que o aspecto pragmático, estruturado pela codificação gramatical (sintática) da construção clivada, é o que a aproxima de alguns dos contextos de uso da sequência *sendo [...] que*. Para isso, considero a seguinte afirmação de Givón (2011, p.352): “a ordem dos elementos em clivadas e perguntas *QU*- realmente viola a ordem pragmática universal, com o elemento foco *precedendo*²⁴⁵ a porção pressuposta”. Na obra *The genesis of syntactic complexity*, Givón (2009) apresenta indícios de que esse tipo de construção é uma condensação de uma construção paratática anterior. Nesse estágio, a oração relativa era empacotada (*packaged*) num contorno entonacional separado. Para ilustrar sua hipótese, o linguística cita um exemplo do banto:

²⁴⁴ Uma construção em que o SN intercalado tem sentido mais genérica, de acordo com Figueiredo-Gomes e Souza (2013, s/p) é esta, encontrada em dados do PP do século XIII: “(...) E contou-lhes de Josep e de rei Mordaim e de Naciam e de quaes homẽes foram e de quaes cavaleiros e de qual amor Nosso Senhor os amara. *Esto era a cousa que el de grado mais do mundo que escuitava e que o mais confortava...* (CONTELPO, XIII, 0054). Para esse caso, os pesquisadores sugerem a seguinte paráfrase: *Isto era a coisa que ele com maior agrado do mundo que escutava (...)*.

²⁴⁵ Destaque do autor.

Syntactic cleft²⁴⁶:

Kwe **kít** ki a-swiim-in kipes
 be **chair** DEM 3s/REL-buy-PAST K.
 'It's a CHAIR that Kipes bought'. (É uma cadeira **que** Kipes comprou.)

(GIVÓN, 2009, p.116)

Nesse exemplo, a língua banto organiza a sequência clivada tomando por base o verbo cópula (*kwe* = *be* = ser) e um prefixo de valor relativo (*a*). No português, e mesmo no inglês, a função desse segundo elemento será marcada pelo item *que* (*that*).

Sobre as construções clivadas no PB, Braga (1997, p.283) encontrou cinco tipos produtivos e os rotulou de 'sentença clivadas propriamente ditas (CLIVs)', 'construções É QUE', 'construções QUE', 'construções pseudo clivadas (PCs)', 'FOCO SER' e 'DUPLO FOCO'²⁴⁷. Desta, em relação à frequência de uso no português escrito, destacaram-se as CLIVs e as PCs. Como exemplo da primeira, a autora cita o caso presente neste contexto: quando um falante pergunta: *o que você quer?*, o interlocutor, depois de uma enumeração do que quer, resume: **É ISSO que eu quero**. (*op. cit.*). Neste caso, a codificação da estrutura clivada dá-se a partir do verbo 'ser' + DEMONSTRATIVO + 'que'. Figueiredo-Gomes (2008) encontrou, no século XII, época do "nascimento da língua portuguesa", a estrutura DEM + SER + SN + QUE, que tem a presença de três elementos que lhes são comuns: a cópula *ser*, o demonstrativo *o*, e o *que* (pronome ou conjunção) e aproxima-se do uso atual das frases ditas clivadas (FIGUEIREDO-GOMES e SOUZA, 2013). Algo como: **É O QUE** eu quero. De acordo com Figueiredo-Gomes e Souza (2013, s/p), a construção SER + DEM + QUE tem larga ocorrência no Português Antigo (XIII e XIV), com aumento em frequência com o passar dos tempos (*op. cit.*).

Em um artigo mais recente, Braga (2009) retoma esse tema, mantendo a perspectiva funcionalista da linguagem, agora com o contributo da Gramática das Construções (GOLBERG, 1995). Novamente com base em dados orais, a autora cita alguns exemplos de construções clivadas do PB, dentre eles, extraí este: "Aí, no caso, **era a minha Mãe que**²⁴⁸ *tinha mais acesso devido à idade*²⁴⁹, né?" (BRAGA, 2009, p.186). De acordo com a linguista:

²⁴⁶ Tradução sugerida: clivagem sintática.

²⁴⁷ Destaque, em caixa alta, dado pela autora.

²⁴⁸ Destaque, em negrito, dado por mim.

²⁴⁹ Destaque, em itálico, dado pela autora.

A incidência do acento primário, na grande maioria dos casos, no segmento clivado associado à presença ou de uma oração encaixada, no caso das Clivadas e Pseudoclivadas, ou à presença da locução É QUE ou do focalizador QUE, ou à presença do verbo SER contribuem para a saliência morfossintática e prosódica do segmento clivado e da combinação desses dois recursos se infere uma leitura contrastiva, fato já observado por Jespersen²⁵⁰. (BRAGA, 2009, p.190)

De fato, esse valor constrastivo é depreendido neste exemplo do século XVI do PP: [...] *no Cabo de Santa Maria ao longo ou perto da costa as agoas correm ao leste com muita furia, sendo tudo ao contrario ao mar que como fogo tirão aloeste e isto esprementamos por todo quasi Setembro e grande parte de Outubro.* (16 PP Tarallo).

Na amostra de dados coletada por Tarallo (1991), foram encontrados, além da ocorrência anteriormente citada, outros contextos, do século XVI ao XX, que revelaram a estrutura clivada: CÓPULA + [X_{SN}] + QUE_{RELATIVO}.

A partir da busca da forma *sendo* em todo o *corpus* organizado por Tarallo (1991), verifiquei, conforme exposto no quadro 37, que mais de um contexto de mudança (ou crítico) pode ter contribuído para que a perífrase *sendo que* assumisse uma função mais gramatical, como conjunção adverbial, por exemplo. Em todos eles, contudo, a relação do item *sendo*, num contexto que envolve uma construção relativa, parece ter sido o critério condicionante, conforme revelam os casos a seguir:

- (115) Tanto que tiverdes asentada a terra pera seguramente se poder aproveitar, dareis de sesmaria as terras que estiverem dentro no dito termo às pessoas que vo-las pidirem, não **sendo** já dadas a outras pessoas **que** as quiserem ir povoar e aproveitar no tempo que lhe á-de ser notificado. (16 PP Tarallo, CPJ, p.10)
- (116) depois que chegou Vasco Fernandez Coutinho, parece que sabendo, tornou-se outra vez do caminho a pedir-lhe socorro. Pedimos-lhe então muitas pessoas que, **sendo** certa a extrema necessidade em **que** diziam estar, pois assi como assi aviam de ser comidos dos contrarios, que mandassem por elles porque com isso salvar-se hiam aquellas almas, e principalmente os filhos pequenos e compreriam os christãos com o que deviam a tam boa amizade como nelle sempre tiverão. (16 PP Tarallo, CPJ, p.32)
- (117) Sobre a prisão da Rainha Dona Tareja não posso concordar com nossos escritores, por que elles a fazem mui dilatada, tanto que ate despois da rota de Badajoz (a qual foy no anno de 1169.) affirma o Poeta Portugues durar a prizão da Rainha, **sendo** certo (como veremos adiante) **que** palleceo ella no anno de 1130. (17 PP Tarallo, HA, p.19)

²⁵⁰ Os créditos bibliográficos deste autor não foram localizados no artigo em questão.

(118) O Estado do Brazil, na terra atè chegarem nossas armadas, foy que depois de tomada a Cidade, se recolheo a gente della pellas fazendas, & engenhos do reconcauo da Bahya, que he a mais fermosa enseada de mar & varios esteiros, que se sabe no Oceano; porque retalhou a natureza com rios que vem beber nesta enseada, mais de 25. legoas de roda, **sendo a terra que** nella bate de excellête frescura de agoas, aruoredos, canas de açúcar, engenhos, de muyto preço. (17 PP Tarallo, JVC, p.11)

Os contextos acima indicados, de (115) a (118), sugerem uma estrutura gramatical semelhante. Neles a construção *sendo* [alguma coisa] *que* aparece sempre em adjunção a outro elemento, seja a um termo, servindo-lhe como complemento, é o caso, muitas vezes, do relativo 'que'; seja como subordinado a outra oração, como ocorre com o gerúndio *sendo*. A construção destacada por tais expressões, isto é, aquela que por elas é 'escopada', serve de pista para a identificação de contextos, tais como: um epistêmico, conforme (a), e outro de uma construção focalizadora, a exemplo de (b):

- a) afirma o Poeta Portugues durar a prizão da Rainha, **sendo** certo (como veremos adiante) **que** palleceo ella no anno de 1130.
- b) porque retalhou a natureza com rios que vem beber nesta enseada, mais de 25 legoas de roda, **sendo a terra que** nella bate de excellête frescura de agoas,

Em (a), tem-se um contexto que revela a atuação do mecanismo intersubjetivo. Uma modalização epistêmica, a exemplo de "sendo certo que", pode ter motivado contextos como este: "[...] **sendo que** faleceu no ano de 1130". Em (b), a construção clivada sugere a atuação da pragmatização, que pode ter condicionado um contexto como este: '...retalhou a natureza com rios... **sendo que** a terra é de excelente frescura de águas'. Assim, infiro que os excertos citados em (115) a (118) apresentam semelhança estrutural, mas, em certos casos, codificam significados distintos.

Com valor epistêmico, foram encontrados outros casos ilustrativos:

(119) E darlhe perda, e não porque em dereito tenha Culpa alguã nem Erro que em seu officio cometece como aponta e treslado do Capitolo emcorporado na prouizaõ do sor gdor, nem auera pessoa que ategora digua fosse elle embargante amoestado de Culpa alguã e pois a não tinha cometido de crer era não podia ser pello que da tal Sospenssaõ que o dito ouuidor lhe fes a elle embargante **sendo serto e notorio a maldade q** por informação falssa E contra uerdade deraõ ao Sr gdor por onde passou a tal prouizaõ aggraua assi de o suspender como de os nullos autos auer por culpas (17 PP Tarallo LPG, p.13)

- (120) fendo²⁵¹ poes certo que a palaura diuina não deyxa de fruttificar por parte de Deos; seguese, que ou he por falta do prégador, ou por falta dos ouuintes. Por qual será? Os préadores deytão a culpa aos ouuintes, mas não he assi. (17 PP Tarallo SS, p.7)
- (121) Por esta fórma virão as Companhias de Artifices a compor-se de praças de alumnos educados nos Arsenaes, que para ellas hão de passar, se não perfeitos officiaes, pelo menos muito adiantados nos seus officios; sendo satisfactorio que vinte e quatro Aprendizizes Menores passarão ha poucos mezes, em execução do Regulamento , para as mesmas Companhias de Artifices , o que d’antes raras vezes acontecia , por não quererem os Menores nellas servirem , retirando-se dos Arsenaes antes da idade que os sujeitava ao recrutamento (19 PB Tarallo RNG, p.11)
- (122) Urge pois que alguma providencia se adopte, e será ella praticavel sem desembolso algum, se merecer a vossa approvação a alienação que vos será proposta de hum quartel de valor pela sua localidade, mas sem prestimo para este serviço, além de achar-se muito arruinado; empregando-se o seu producto na aquisição de hum terreno com alguns edificios, que tem as circunstancias exigiveis, e entre ellas a de achar-se fóra da Capital; sendo minha opinião, que dentro desta nunca deverá existir mais força que a indispensavel para o serviço da guarnição, e essa mesma rendida por destacamentos de curto tempo. (19 PB Tarallo RNG, p.21)²⁵²

Outro contexto de clivagem, com material interveniente de valor adverbial, adjetival e pronominal:

- (123) Perguntasse agora Supposto todo o preçedido, se o pouo rem rezaõ de duuidar resistindo esta resolução por dizer q quatro do Pouo conuieraõ En q se naõ desse nada sendo assy q por igual en todos os doze se conferio todo o poder E direito q o pouo tinha como assyma fica ditto (17 PP Tarallo LPG, p.35)
- (124) Como tambem pode escuzar lagear a praça da fortaleza e fiejras ao lõgo das paredes, e o mais calçado como deu por orde o mesmo Arquitecto respto de andare os soldados de ordinro nella descalços e sera de mto prejuizo a saude andare sobre a pedra e sejxo o q a area lhes conserua mais e assi chouendo tem a agoa e uescosidades de peixe e outras cousas q lhe deitaõ melhor uazaõ. tratou outrosi mandar fazer no mejo da dª praça da fortaleza Caza de poluora no ar sobre 4 piramedes, sendo asi q andaõ os soldados de contino nella com mechas asezas de q andaõ as fagulhas pello ar de ordinro por ser o sitio muj uentoso e pode suceder hu dezastre, No almaze onde esta fica mais segura e menos ariscada e posto q diga bate o Mar sempre na fortaleza (17 PP Tarallo LPG, p.37)
- (125) Sem duvida; por que tal invocação nem concorda com a saã razaõ, nem com a palavra divina. Naõ concorda com a saã razão, porque os Santos que entraraõ na gloria, estaõ

²⁵¹ Nos dados do século XVII da amostra histórica coligida por Tarallo (1991), o símbolo fonético [f] (consoante vibrante simples alveolar) é empregado no lugar da consoante ‘s’ e do dígrafo ‘ss’, ou seja, do fonema fricativo [s].

²⁵² Este exemplo difere dos anteriores (95 a 97), porque o elemento focalizado é um SN formado por um pron. possessivo + substantivo.

ausentes de nos, e não podem dar a nós ouvidos nem ajuda. Que aproveita pois clamar a elles, Deus só sendo aquele que conhece nossas necessidades e que pode ajudar a nós? Como está escrito E sai. (18 PP Tarallo, NA p.22)

- (126) Sendo também indubitavel, que para a incivilidade, e abatimento dos Índios, tem concorrido muito a indecencia, com que se trata em suas casas, afflitindo diversas Famílias em huma fô, na qual vivem como brutos; (18 PP Tarallo D, p.5)
- (127) Fazem que o povo ignorante atenta para suas falsas doutrinas, como se fora doutrinas, de Deus, sendo ellas com tudo outro nada senão doutrinas humanas e ímpias, que tem sua origem do demonia (18 PP Tarallo, p.12)
- (128) Americo fez publicar a relação de suas viagens, encarecendo os seus serviços, sendo esta descripção a primeira que appareceu na Europa a respeito do Novo Mundo, e por isso foi pouco a pouco a povo se acostumando a dar ao Novo Mundo, por não haver outro, o nome de America, cuja denominação foi assim passando, por suppor-se ter sido Americo Vesputio o seu descobridor. (19 PB Tarallo CGM, p.13)

Em (125), (127) e (128), a organização CÓPULA + REFERÊNCIA ANAFÓRICA + QUE indica um estágio textual, conforme atestado por Figueiredo-Gomes e Souza (2013) para a construção ‘(isto) é (o) **que**’ no português antigo. Já os exemplos (123) e (124) remetem-nos às seguintes paráfrases, respectivamente: (...) *se não desse nada sendo desse modo que por igual em todos os doze se conferiu todo o poder (...)*; e (...) *sendo desse modo/maneira (= assim) que andam os soldados*. No excerto apresentado em (126), a expressão ‘*sendo também indubitável que*’ veicula uma significação epistêmica relacionada à realidade e ao valor de verdade da informação. O contexto apresentado em (125) revela uma focalização nos moldes considerados pelos autores da área.

Esse “estágio textual”, citado por Figueiredo-Gomes e Souza (2013), refere-se à *metafunção textual* de Halliday (2004), cuja tarefa é construir sequências de discurso, organizar o fluxo discursivo e criar coesão e continuidade na comunicação²⁵³.

Outro tipo de construção simbólica com *sendo* e *que* é esta: Construções com *sendo de* + [verbo transitivo] + *que*_{conjuntivo}, conforme ilustram os exemplos (129) e (130):

²⁵³ Segundo Halliday (2004, p.30), trata-se de uma das três metafunções da linguagem (a ideacional/representacional e a interpessoal): “In a sense this can be regarded as an enabling or facilitating function since both the others – construing experience and enacting interpersonal relations – depend on being able to build up sequences of discourse, organizing the discursive flow and creating cohesion and continuity as it moves along. (...) We call it the **textual** metafunction” (HALLIDAY, 2004, p.30).

- (129) 1.^a A Fabrica de Ypanema não tem até hoje apresentado rendimento algum, pelo contrario, além das consideraveis sommas despendidas com machinas e artífices mandados vir da Europa, he devedora aos Cofres Nacionaes, e a particulares da avultada quantia de 66.585\$777 rs., tendo apenas hum activo incerto de 14.641\$675 r., e sendo de esperar que o deficit augmente. (19 PB Tarallo RNG, p.14)
- (130) Dos outros navios encomendados, estão em viagem para o Brasil o primeiro «scout» *Bahia* e o setimo contra-torpedeiro *Alagôas*, sendo de esperar que em outubro próximo o segundo encouraçado *S. Paulo* esteja encorporado à esquadra. (20 PB Tarallo MCN, p.23)

Apenas a título de demonstração, os exemplos (129) e (130) apresentam uma locução verbal formada por SER_{AUXILIAR} + (DE_{PREPOSIÇÃO}) + V.PRINCIPAL + QUE_{INTEGRANTE}.

Conforme verificado, a reanálise dessas construções com *sendo que* e material interveniente (seja ele resultado de construções clivadas ou da alteração da ordem SVO) demonstrou seu início já no século XVI. Assim, exemplos, como o citado a seguir, apenas confirmam que esse processo se estendeu ao longo dos séculos ulteriores:

- (131) como *Des Cartes* cahio no mesmo erro, de fazer que huma Invenção, e imaginaçam fecunda tivessem a mayor parte na sua Philosophia; trazida ella a hum exaCto exame Mechanico, e Geometrico, mal podia durar muito; sendo que o verdadeiro, e immutavel modo de philosophar consiste, como nos ensina o nósso Autor Illustre, em observar attentamente os Phænomena da Naturesa (18 PP Tarallo TM, p.6)

A partir do século XVII, foram encontrados estes excertos com *sendo que* no banco de textos coletado por Tarallo (1991):

- (132) E pq entre esta sua gente estão dous principaes antigos, q são da comquista, q seu pay xpuaõ de bairros fes a esta Capta de ceregi PP e, hũ p nome Sabaõ, E o outro Capiy possuba **sendo q** V.S.^a lhos mande dar como he Resaõ peço eu de m. a V.S.^a q seja com tal condiçaõ q todas as uestes q me seiaõ necessarios: p^a o q Resultar em seruiço de Sua Magde mos mande escreuendo V.S.^a ao dito Antonio Cardoso lhe peça o faça assim pois são seus escrauos, E q se conforme comigo em tudo o q me seja necessario destas suas fazendas assim de indios como do mais. (17 PP Tarallo LPG, p.3)
- (133) Se ha diferentes degrãos de Sabedoria entre as superiores, e puras Intelligencias, e se nao he prezumpçam nos Mortaes o comparar a mais elevada parte de sua sciencia, com a mais inferior que se acha entre os Entes Superiores, huma ardente imaginação poderia tentar a os Mathematicos Britannicos a considerar, o *Methodo das Fluxoes*, aquella grande Invençam do Illustre NEWTON , como Arismetica dos Anjos; **sendo que** com esta sciencia Analytica descobrio os mayores segredos assim de Geometria, como da Naturesa. (18 PP Tarallo TM, p.2)

(134) se hum corpo estiver duas vezes distante da Terra a respeito de outro, a quelle corpo sera attrahido pela Terra somente com huma quarta parte da força; e se estiver tres vezes distante, entam sera attrahindo pela Terra somente com huma nona parte de força; **sendo que** o quadrado de 2 sam 4, e o quadrado de 3 sam 9. (18 PP Tarallo TM, p.22)

Tais contextos revelam uma gradação, como já discorrido neste estudo, de uma construção [+gramatical] para usos [+pragmáticos], assumindo a função de uma marca especial de focalização no português. Herança, talvez, do seu passado clivado. Esse reforço pragmático será tratado dentro do escopo da gramaticalização, segundo exposto na próxima seção.

5.5. *Sendo que* e a gramaticalização de uma construção de foco

Nesta seção, recupero as subcategorias de focalização propostas por Dik (1989, 1997) e apresentadas no capítulo teórico desta tese, aplicando-as às construções de foco com *sendo que* em testes empíricos. Para tanto, concentro-me nas sincronias do PP e do PB do século XX, coligidas do *corpus Linguateca* (CETEMPúblico e CetenFolha) e na interpretação de alguns contextos de uso por parte de falantes das duas variedades investigadas. Com isso, procuro checar, empiricamente, algumas das hipóteses aventadas no decurso desta pesquisa, principalmente no que concerne à função de *sendo que* no português hodierno.

Como já referido no capítulo metodológico, a coleta dessas “interpretações” se deu por meio de questionários, aplicados a dois grupos específicos de informantes: estudantes do último nível do ensino básico (3ª série do Ensino Médio do Brasil, e 12º ano Secundário de Portugal) e alunos do Ensino Técnico Superior²⁵⁴.

Para saber como esses informantes avaliavam o uso da construção *sendo que* em contextos diversos e, na maioria deles, polissêmicos, optei pela elaboração de dois questionários: um com questões fechadas (anexo A) e outro de questões abertas (anexo B).

²⁵⁴ Não distingui esses dois grupos (escolar e técnico) e a razão disso se deve ao fato de os informantes do curso técnico (tanto do grupo do PB quanto do PP) terem, à época, recém-ingressado no primeiro ano/semestre dos cursos, subsequentemente à finalização do ensino básico (PB) e secundário (PP).

O primeiro contava com cinco excertos da amostra sincrônica do século XX (*CetemPublico* e *CetenFolha*). Nele o consulente deveria marcar a alternativa que lhe parecia mais adequada para cada um dos contextos de uso de *sendo que*. As alternativas apresentadas sugeriam que a perífrase poderia:

- (a) ser suprimida sem prejuízo do sentido da frase;
- (b) ser substituída por CONTUDO, MAS ou ENTRETANTO;
- (c) ser substituída por PORQUE ou POIS;
- (d) ser substituída por E;
- (e) ser mantida como está, sem substituição ou alteração.

Os excertos/enunciados empíricos utilizados no questionário 1 seguem abaixo:

-
- 1) “Os distritos com maior número de incêndios desde o início do ano são os do Porto, com 2762, seguido de Braga, com 2062, e Viana do Castelo com 1292, **sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares arditos.”
-
- 2) “Igual, igual, na realidade estranha que me chegava pelas notícias televisivas, só a constatação de que todos os animais são iguais, mas uns mais iguais do que outros, **sendo que** um dos factores impeditivos da igualdade é terem pertencido, mesmo que só na juventude, a partido que se reclamasse dos ensinamentos de Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao Tse Tung.”
-
- 3) [PP] “Dos dois restantes encontros da ronda, o FC Porto-Seixal cumpre-se hoje (12h00), nas Antas, **sendo que** os portistas regressam ao topo mesmo perdendo, enquanto o Portugal Telecom-Illiabum ficou adiado para dia 22 deste mês.”
-
- 3) [PB] “Poderão ter acesso à nova linha de crédito empresas privadas de qualquer porte, **sendo que** o dinheiro às pequenas empresas será concedido de forma simplificada”.
-
- 4) “Dois meses após os pedidos feitos, apenas a Fundação Gulbeinkian avançou já com 750 contos, **sendo que** o custo estimado para esta produção, que já está em andamento, anda na ordem dos 5 mil.”
-
- 5) “O Banco Mundial refere que “com um capital humano forte de base e a definição correcta de políticas para o futuro, a Bósnia poderá reemergir das ruínas da guerra e tornar-se numa economia de sucesso”, **sendo que** na fase inicial de reconstrução é necessária a ajuda internacional.
-

Quadro 38: Excertos do português utilizados no questionário 1

O questionário foi aplicado a 40 sujeitos entrevistados, sendo 20 do PP e 20 do PB. Todos os excertos, com exceção do número três, foram os mesmos para ambos os grupos. Por adequação cultural, o excerto 3 foi distinto. O do PP foi retirado da amostra do CetemPúblico e a do PB, do CetemFolha. O contexto semântico, contudo, era o mesmo nos dois casos.

Em relação às respostas dadas pelos informantes do PP, o resultado quantitativo revela-se no gráfico abaixo:

Respostas Questionário 1 : PP

Gráfico 5: Resultado do questionário 1 - PP

A interpretação desse gráfico demonstra três contextos que merecem atenção: a questão de número 5, em que a alternativa (b) se mostrou preferida por 14 dos 20 consulentes; a questão número 1, cuja alternativa (e) foi escolhida pela metade dos inquiridos; e a questão 3, em que 9 informantes do PP selecionaram a alternativa (a).

Diante desse resultado, é possível inferir que, em relação ao excerto (5) – “O Banco Mundial refere que ‘com um capital humano forte de base e a definição correcta de políticas para o futuro, a Bósnia poderá reemergir das ruínas da guerra e tornar-se numa economia de

sucesso’, **sendo que** na fase inicial de reconstrução é necessária a ajuda internacional” –, a perífrase *sendo que* é interpretada pelos falantes nativos do PP como uma conjunção adversativa, podendo ser substituída por *contudo*, *mas* ou *entretanto*²⁵⁵, sem prejuízo do sentido original do enunciado.

Em relação ao excerto (3) – “Dos dois restantes encontros da ronda, o FC Porto-Seixal cumpre-se hoje (12h00), nas Antas, **sendo que** os portistas regressam ao topo mesmo perdendo, enquanto o Portugal Telecom-Illiabum ficou adiado para dia 22 deste mês.” –, a construção destacada foi interpretado por 9 dos 20 informantes do PP como expletivo, podendo, segundo o critério interpretativo dos consulentes, ser suprimida sem prejuízo do sentido da frase: ‘Dos dois restantes encontros da ronda, o FC Porto-Seixal cumpre-se hoje nas Antas, [Ø] os portistas regressam ao topo mesmo perdendo’. 4 interpretaram-na como uma construção de valor semântico aditivo, tal como a conjunção ‘e’.

O excerto (1) – “Os distritos com maior número de incêndio desde o início do ano são os do Porto, com 2762, seguido de Braga, com 2062, e Viana do Castelo com 1292, **sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares ardidos.” – revelou ser aquele no qual a construção *sendo que* deve ser mantida, sem sofrer nenhum tipo de alteração ou substituição, como consideraram 10 – 50% –, dos informantes do PP. Isso ocorreu justamente com um dado que se mostra mais pragmaticamente marcado com valor focal ou que recebe reforço pragmático.

Baseando-me no modelo de Dik (1997), o excerto (1), de acordo com a percepção dos informantes, revelaria a seguinte codificação relativamente ao ponto comunicativo:

²⁵⁵ A conjunção “entretanto” é ainda empregada com sentido temporal no PP, diferentemente do que ocorre no PB em que seu emprego já se encontra gramaticalizado como elemento de valor adversativo. Assim, um enunciado como “Tinha-me casado **entretanto** e estive dois anos a trabalhar com vários grupos do Mid West” (20 CetemPublico) é assim interpretado por falantes do PE: ‘Tinha-me casado **à época** e estive dois anos a trabalhar com vários grupos do Mid West’. Contudo, Mateus *et alii* (2003, p.569) já incluíram essa expressão no rol dos conectores contrastivos do PP, “cujo valor fundamental é o de marcar um contraste entre dois constituintes: *porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto*”, a exemplo do PB. Contudo, pode ainda ocorrer que, num enunciado como este: “O Duque de Bragança terminou **entretanto** a sua visita de cinco dias a Timor-Leste, seguindo para Yojacarta, na Indonésia”, retirado dos dados do século XX do CetemPublico, a expressão “entretanto” seja interpretada como temporal por falantes do PP e cause estranhamento aos falantes do PB, que a tenteriam ler assim: ‘O Duque de Bragança terminou, **contudo**, a sua visita de cinco dias a Timor-Leste, seguindo para Yojacarta, na Indonésia’. Neste caso, a leitura contrastiva não me parece a mais adequada.

Figura 10: Escopo 1 de *sendo que* segundo proposta de diferentes tipos de foco de Dik (1997)

Os resultados da consulta feita com usuários do PB revelou oscilação entre a interpretação dos contextos de *sendo que* em relação aos resultados do mesmo inquérito aplicado a usuários do PP. Diferentemente do que ocorreu com estes, em nenhum dos casos os falantes do PB chegaram a um consenso interpretativo dos excertos que atingisse 50% em um determinado critério. Por outro lado, houve uma média considerável entre o padrão de respostas dadas à interpretação das questões 1, 2, 3 e 5. Em todas elas, pelo menos uma alternativa recebeu mais de 41% de indicação. A questão 4 foi aquela que mais dúvidas parece ter gerado entre os consulentes do PB, portanto, iniciarei a análise a partir dela. A seguir, apresento o resultado da análise quantitativa:

Respostas Questionário 1 : PB

Gráfico 6: Resultado do questionário 1 – PB

O excerto (4) – “Dois meses após os pedidos feitos, apenas a Fundação Gulbeinkian avançou já com 750 contos, **sendo que** o custo estimado para esta produção, que já está em andamento, anda na ordem dos 5 mil” – demonstrou uma oscilação entre as alternativas (a), (b), (c) e (d) relativas ao significado da perífrase *sendo que*. Nessa questão, ainda que não categoricamente, a alternativa (e) foi a possibilidade interpretativa mais considerada, recebendo 7 indicações dos consultados. Para eles, a forma *sendo que* deve ser mantida porque já teria estatuto próprio. Assim, à semelhança do PP, tem-se uma construção de valor focal, conforme já apresentado nesta tese.

Em relação ao excerto (1), 9 elegeram a alternativa (e). Para estes, a construção *sendo que* não deve ser elidida ou substituída nos contextos em que ela especifica uma informação contida na proposição anterior. No dado (2), 9 assinalaram a alternativa (d), indicando que, nesse contexto, a construção *sendo que* deveria ser substituída pelo conjuntivo aditivo ‘e’: ‘Igual, igual, na realidade estranha que me chegava pelas notícias televisivas, só a constatação de que todos os animais são iguais, mas uns mais iguais do que outros, **e** um dos factores impeditivos da igualdade é terem pertencido, mesmo que só na juventude, a partido que se reclamasse dos ensinamentos de Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao Tse Tung’. Nesse contexto, o valor explicativo do enunciado encabeçado pela construção *sendo que* foi interpretado como uma informação adicional à proposição ‘todos os animais são iguais, mas uns mais iguais do que outros’. Assim, no excerto (2), a substituição por um ‘pois’ ou um ‘porque’ geraria incoerência.

No excerto (3), 9 dos 20 informantes do PB marcaram a alternativa (b), assumindo a interpretação de que *sendo que* tem valor contrastivo em ‘Poderão ter acesso à nova linha de crédito empresas privadas de qualquer porte, **mas** o dinheiro às pequenas empresas será concedido de forma simplificada’. A informação mais relevante está na porção informativa introduzida pela construção *sendo que*. É mister saber que, para as ‘pequenas empresas o dinheiro será concedido de forma simplificada’. Há uma focalização contrastiva neste caso, cuja representação, novamente segundo o modelo de Dik (1997), pode ser assim representada:

Figura 11: Escopo 2 de *sendo que* segundo proposta de diferentes tipos de foco de Dik (1997)

O enunciado (5) teve 9 indicações para o valor adversativo de *sendo que*. Entre os 20 informantes do PB, 9 interpretam assim essa sentença: “O Banco Mundial refere que ‘com um capital humano forte de base e a definição correta de políticas para o futuro, a Bósnia poderá reemergir das ruínas da guerra e tornar-se numa economia de sucesso’, **contudo** na fase inicial de reconstrução é necessária a ajuda internacional”. Novamente, o valor focal contrastivo pode estar em ação nessa sequência informativa. Há um capital humano na Bósnia, mas ela ainda precisará da ajuda de outras nações para se reerguer. Essa é a informação que merece destaque, e o *sendo que* focaliza a contrapressuposição: *há isto, MAS preste atenção nisto*.

De modo geral, o gráfico 7, a seguir, demonstra os pontos de contato e de divergência entre o resultado do questionário 1, comparativamente às informações colhidas entre os informantes do PP e do PB, no primeiro e início do segundo semestre de 2013:

Gráfico 7: Comparação entre as respostas ao questionário 1 do PP e do PB

A comparação entre as respostas do PB e do PP, ilustradas no gráfico 7, revelam alguns pontos comuns e outros divergentes, em relação aos critérios apresentados na seção 5.5 deste trabalho²⁵⁶: em relação ao contexto apresentado no excerto (1), a possibilidade de o *sendo que* não sofrer nenhum tipo de substituição ou alteração é consenso para 50% dos informantes do PP e para 41% dos informantes do PB. O contexto (2), contudo, é altamente diverso em cada uma das variedades. No PB, praticamente a maioria, ou seja, 43% dos informantes, escolheu a alternativa (d) – ser substituído por E –, diametralmente oposta foi a opção dos informantes do PP, os quais nem chegaram a cogitar a alternativa (d), preferindo, ainda que não majoritariamente, a opção (b) para o contexto em questão.

Já para o enunciado (5), tanto os informantes do PP quanto do PB foram categóricos em não marcar a alternativa (a). Isso significa que não consideram a hipótese de “supressão sem prejuízo ao sentido da frase” como alternativa válida para o referido contexto de uso de *sendo que*. Nessa mesma questão, parecem concordar que a alternativa mais apropriada

²⁵⁶ Critérios apresentados no questionário 1: (a) supressão da perífrase *sendo que*, (b) substituição por *contudo*, *mas*, *entretanto*, (c) substituição por *porque* ou *pois*, (d) substituição por *e*, (f) manutenção da perífrase.

consiste na substituição dessa perífrase por uma expressão de valor contrastivo ou porque já percebem nela esse significado funcional.

No gráfico abaixo, demonstro quais foram as alternativas mais consideradas pelos informantes do PB e do PP para cada um dos excertos que lhes foram apresentados:

Gráfico 8: Comparativo por opção entre PP e PB

O gráfico 8, à semelhança do anterior, destaca a proximidade interpretativa dos informantes do PP e do PB aos tipos de contexto de uso de *sendo que* no português contemporâneo. Ele revela quais foram as alternativas mais consideradas pelos entrevistados dentre as cinco sugestões que lhes foram apresentadas: (a) supressão da perífrase *sendo que*; (b) substituição por conjunções contrastivas (ou contrajuntivas) como *contudo*, *mas*, *entretanto*; (c) substituição por uma conjunção de valor explicativo (ou conclusivo), *porque* ou *pois*; (d) substituição pelo conjuntivo *e*; e (e) manutenção da perífrase *sendo que*.

Os resultados revelaram certa similaridade no contexto apresentado em (b) e (e). Apesar disso, (b) mostrou-se a alternativa mais coerente para os dois grupos. Assim, o valor contrastivo (ou contrajuntivo) da construção *sendo que* tende a ser percebido tanto por usuários do PB quanto do PP. As demais apresentam divergências polarizadas em que os

informantes do PP demonstram preferir uma interpretação e os do PB, outra, como demonstram os resultados de (a), (c) e (d).

Os enunciados apresentados nas questões (2) e (5) são, semanticamente, próximos. Ambos envolvem sequências informativas que revelam a construção simbólica: **X sendo que Y**. Ou seja, revelam contextos de especificação informativa em que a perífrase *sendo que* assume a função de um **focalizador da porção informativa** que precisa ser indicada, para evitar uma interpretação equivocada por parte do ouvinte/leitor.

Os excertos (3) e (4) indicaram a maior disparidade interpretativa entre os informantes do PP e do PB. No caso de (3), isso pode ter ocorrido devido à alteração dos enunciados. Por mais que se tenha tentado uma aproximação semântica entre eles, os resultados atestam que, provavelmente, a equivalência contextual não foi a mais adequada. Já a questão 4 é um tanto mais complexa. Os resultados indicaram que no PP há preferência para uma interpretação contrastiva em: “Dois meses após os pedidos feitos, apenas a Fundação Gulbeinkian avançou já com 750 contos, **sendo que** o custo estimado para esta produção, que já está em andamento, anda na ordem dos 5 mil”. No PB, para a mesma sentença, a preferência é pela manutenção dessa construção, sem nenhuma paráfrase ou alteração. Isso, de certo modo, não indica que informantes do PB discordem da interpretação atribuída por informantes do PP, mas que aqueles, diferentemente destes, aceitam, já como **construção contrastiva**, a perífrase *sendo que*, sem a necessidade de qualquer substituição. Daí a razão dos outros 19% atribuídos pelos sujeitos do PB à alternativa (b) desta questão, ou seja, substituição por um elemento de valor contrastivo, tal como interpretado pelos informantes do PP.

O outro mecanismo de aferição de dados consistiu da aplicação de um questionário aberto (Questionário 2). Baseei-me também nas sincronias do século XX do *CetenFolha* e *CetemPúblico*. Ao todo, selecionei 5 excertos que apresentavam a construção *sendo que*. A partir deles, elaborei um comando que pedia aos sujeitos participantes que substituíssem a expressão *sendo que* por outra, cujo significado acreditassem fosse adequado para cada um dos casos. Os contextos foram estes:

1) **Sendo que** chegou atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila.

2) No total terão sido movimentados de modo irregular cerca de 1,7 milhões de contos, **sendo que** desse montante, quase tudo foi sacado à empresa queixosa, ligada à comercialização de madeiras e derivados.

3) Trata-se da distinção entre “hardware” e “software”, **sendo que** este último – as quase invisíveis competências de gestão – é o que apresenta maior défice.

4) Praticamente todas as corretoras do mercado intervieram nas transações, **sendo que** alguns operadores acreditam que a subida e o elevado volume verificado se deveu a ordens provenientes de dois a três estrangeiros, que “entraram com muita força”.

5) A questão em aberto é a de saber, afinal de contas, que tipo de sistema político sucederá àquele em que vivemos. E com essa pergunta voltamos ao início da conversa. Ao ponto em que as pessoas reagem na rua contra um sistema que consideram injusto por causa de políticas para as quais alegadamente não há alternativas. **Sendo que** quem contesta não consegue encontrar uma resposta credível em termos de governação.

Quadro 39: Excertos do português utilizados no questionário 2

Diferentemente do questionário 1, cuja configuração fechada/objetiva possibilita uma análise quantitativa (e também qualitativa), o questionário 2, de resposta aberta, oferece indícios para uma interpretação que valoriza o critério qualitativo dos dados. Ainda assim, nos dois quadros seguintes, apresento as expressões (e atitudes verbalizadas) indicadas pelos informantes do PP e do PB perante a construção *sendo que*. Como as opções de resposta poderiam ser indicadas por meio de expressões linguísticas, durante a análise dos resultados, foi possível agrupá-las em categorias morfossintáticas e semânticas, tais como causa, adição, explicação, referenciação (pronome, SN anafórico), passíveis de quantificação.

As opções de substituição de *sendo que* apresentadas pelos informantes do PB foram analisadas e, em seguida, as ocorrências foram distribuídas entre as categorias supracitadas, revelando o seguinte gráfico:

Gráfico 9: Análise quantitativa do questionário 2 - PB

O gráfico acima (9), que corresponde às interpretações inferidas pelos informantes do PB quanto ao valor semântico-funcional da perífrase *sendo que* apresentada nos excertos do questionário 2, revelou-me que: em relação ao contexto de *sendo que* indicado em (1), a maioria interpreta-o com valor causal. Dezesseis, dos 20 informantes, sugeriram paráfrases com conjuntivos causais, tais como *porque*, *como*, *já que*, e orações de mesmo valor '*por ter chegado atrasado*', por exemplo.

Em relação ao contexto indicado no excerto (2), dos dados relevantes, 8 leram-no como contrastivo; 7 como aditivo (indicando a conjunção 'e' como opção) e 1 sugeriu a sua supressão. A respeito do contexto indicado em (3), não houve expressivo consenso. Seis interpretaram o *sendo que* com valor contrastivo, os demais se dividiram entre as categorias causa, explicação, anáfora, adição e 1 sugeriu outra forma gerundiva: '*mostrando que*'. No contexto (4), a interpretação contrastiva prevaleceu sobre as demais, 1 sugeriu a sua eliminação e outro a leu como uma locução conclusiva tal como '*assim sendo*'. O contexto apresentado em (5) recebeu uma interpretação contrastiva de 11 dos 20 informantes, ou seja, mais de 50%. Eles substituíram o *sendo que* principalmente por '*contudo*' ou '*entretanto*'. Três consulentes do PB atribuíram valor conclusivo ao contexto (5), sugerindo a substituição por '*portanto*'.

Em síntese, pode-se dizer que, para os contextos de *sendo que* indicados de (1) a (5), com exceção do primeiro, o **valor contrastivo** foi a interpretação preferida pelos informantes do PB. No nível pragmático, se assumo a perspectiva de Dik (1989, 1997), é possível inferir que, nesses contextos, a perífrase em questão desempenha o papel de uma construção de **foco contrastivo**.

Em tempo, as interpretações que não puderam ser agrupadas em uma categoria isolada foram reunidas sob o rótulo 'outra'. A maioria representa alternativa não respondida, sugestão de supressão e expressões como '*de tal modo que*', indicada no contexto (4).

O mesmo questionário foi aplicado aos informantes do PP e o resultado é ilustrado pelo gráfico abaixo:

Gráfico 10: Análise quantitativa do questionário 2 - PP

Em relação à interpretação fornecida pelos informantes do PP acerca dos usos contemporâneos de *sendo que*, constatei que, para eles: o contexto (1) é categoricamente causal. O contexto (2) é nomeadamente contrastivo, com 4 leituras aditivas e uma supressão. O contexto (3) é percebido também como contrastivo, seja por conjunções como *contudo*, *no entanto*, *entretanto*; ou por uma sequência de valor concessivo, como '*ainda que*'. Em se

tratando do contexto (4), 14 interpretaram-no com valor contrastivo e 2 como concessivo (*ainda que, apesar*), reforçando, mais uma vez, o sentido de contraste entre o conteúdo proposicional (DIK, 1997) que *sendo que* assume em ocorrências como esta: “Praticamente todas as corretoras do mercado intervieram nas transações, **sendo que** alguns operadores acreditam que a subida e o elevado volume verificado se deveu a ordens provenientes de dois a três estrangeiros, que ‘entraram com muita força’”.

A ocorrência apresentada no excerto (5) merece ser recuperada aqui:

- (5) A questão em aberto é a de saber, afinal de contas, que tipo de sistema político sucederá àquele em que vivemos. E com essa pergunta voltamos ao início da conversa. Ao ponto em que as pessoas reagem na rua contra um sistema que consideram injusto por causa de políticas para as quais alegadamente não há alternativas. **Sendo que** quem contesta não consegue encontrar uma resposta credível em termos de governação. (20 PB CetemPúblico)

Nesse contexto, o significado contrastivo foi percebido por 9 dos 20 informantes do PP, seguido pelo causal e outros. Interessante mencionar que um dos entrevistados escreveu abaixo do excerto em questão: “não consigo substituir”. Ainda que tenha sido apenas um caso, ele sugere duas ilações: i) que o contexto é extremamente polissêmico, ii) ou que a perífrase em questão releva uma semântica (ou um estatuto pragmático demarcado) que lhe atribui um caráter categorial particular. Considerada as demais respostas dos inquiridos, esta segunda opção parece-me mais coerente. Essa constatação torna-se mais pertinente quando se verifica que, entre a categoria ‘outra’, estão três ocorrências sem resposta e/ou sugestão para esse contexto, além de uma supressão. Acredito que a posição em que aparece o *sendo que* nesse contexto tenha influência sobre a dúvida entre os informantes do PP. Entretanto, a mesma variante não foi percebida no resultado entre os informantes do PB, os quais já o identificam como contrastivo, conforme verificado no gráfico 9.

De acordo com tais resultados, uma inferência é autorizada: os informantes do PP demonstram ter uma interpretação da perífrase *sendo que*, nos contextos indicados, muito mais homogênea do que os informantes do PB, que revelaram um quadro interpretativo mais pulverizado (ou polifuncional). A análise dos resultados do PP contemporâneo indica que a função de um marcador contrastivo é a interpretação mais consensual, conforme revelaram os dados. No PB, a interpretação contrastiva também recebeu uma indicação acentuada, mas

não se mostrou ainda acima de 50% das interpretações, exceção à questão 5, a exemplo do que se constatou no PP.

Para o excerto (1): ‘**Sendo que** chegou atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila’, o significado causal foi percebido categoricamente pelos sujeitos das duas variedades do português investigadas. Pertinente a esse fato, conforme já verificado nesta tese, a posição de tópico da sentença é uma variável condicionante para o uso dessa expressão com valor causal em certos contextos. A alteração para uma ordem direta gera estruturas como esta: ‘O Zé só encontrou lugar na última fila, **sendo que** chegou atrasado’(*), não usuais. Exemplo semelhante dessa agramaticalidade: ‘*Sendo que* acordei cedo, não tive tempo de lhe avisar’, na ordem direta: ‘Não tive tempo de lhe avisar, *sendo que* acordei cedo’. A relação icônica: primeiro a causa e depois a consequência é o princípio que guia o uso de *sendo que* nesse contexto e que impede a inversão da ordem em questão, ou, no mínimo, causa certo estranhamento. Por outro lado, se empregada uma conjunção causal mais prototípica, como ‘porque’ ou mesmo ‘como’, as duas possibilidades (direta e indireta) são franqueadas: *Porque chegou atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila*, ou, *O Zé só encontrou lugar na última fila, porque chegou atrasado*²⁵⁷.

Não há nada mais básico na vida humana do que causa e efeito, afirmam Fauconnier e Turner (2002). Assim, é possível codificar os eventos básicos e as relações de causa simbolicamente. Essa é a percepção que os informantes demonstraram ser mais latente em seu sistema simbólico, por isso, a interpretação causal foi identificada, categoricamente, pelo grupo do PP e do PB. Além de elementar, tal função também é a mais antiga desempenhada pela construção *sendo que* entre os dados do século XVI, tendo, contudo, sua produtividade reduzida já no século XX, como também demonstram as sincronias dessa época, enquanto a função de foco teve a frequência de produtividade acentuada.

²⁵⁷ Ainda que não tenha feito uma análise sistemática, com testes de sondagem empírica, observei que, em contexto concessivo, a ordem direta é condição necessária para que a semântica e a intenção pragmática da frase funcionem adequadamente, como este caso é capaz de indicar: ‘Vocês não trouxeram o material, *sendo que* eu o havia pedido na aula passada’. A inversão aqui não é licenciada: ‘*Sendo que* eu havia pedido na aula passada, vocês não trouxeram o material’(*). Contudo, o mesmo enunciado – se substituída a expressão *sendo que* por uma conjunção adverbial concessiva prototípica – aceita que a oração subordinativa apareça em primeira ou em segunda posição no período, indistintamente: ‘Vocês não trouxeram o material, *ainda que* eu o tivesse pedido na aula passada’, ou ‘*Ainda que* eu tivesse pedido na aula passada, vocês não trouxeram o material’.

Diante desses resultados e com base no modelo semasiológico e onomasiológico de organização da representação conceitual e expressiva de uma língua, empregado por Lehmann (2011) e sugerido por Traugott (2003), proponho a seguinte representação semasiológica de *sendo que*:

Figura 12: Análise semasiológica de *sendo que*

Nessa projeção semasiológica²⁵⁸ – que parte do signo em busca da determinação do conceito (DUBOIS *et alii*, 2007 [1973]) –, a expressão *sendo que* é empregada no português para representar conceitos diversos. Com sua semântica e função ampliadas, ela é capaz de gerar ambiguidade em alguns contextos, mas não em todos, como demonstraram os resultados dos questionários 1 e 2, apontados nos gráficos de 5 a 10 desta tese. Destacam-se os contextos de valor causal como função mais remota de *sendo que*, também os contextos contrastivo/contrajuntivo e o especificante e distributivo, funções mais recentes, cujo reforço pragmático é evidente nas construções focais por eles engendradas.

²⁵⁸ Já citado em Rauber (2013b), em trabalho apresentado no II Simpósio Internacional de Linguística Funcional. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos. Agosto de 2013.

Retomo, novamente, a afirmação de Traugott (2003), citada no capítulo II deste trabalho, para reafirmar que, na projeção indicada na figura 12, a intersubjetividade é o ponto-final semasiológico para o par forma-função da construção *sendo que*.

Ainda, para saber se essa expressão ocorria em textos produzidos por estudantes do PB e do PP, seja como marcador de foco ou como conjunção causal, por exemplo, propus, conforme exposto na metodologia desta tese, a alunos que, em 2012/2013, finalizavam o Ensino Básico no Brasil e em Portugal, ou que cursavam o primeiro ano do ensino superior técnico, a produção de textos de base argumentativa (conforme os anexos C e D).

O objetivo dessa atividade era bem específico: verificar se os estudantes do último ano da educação formal e os egressos (alunos do primeiro ano de nível superior) utilizavam a perífrase *sendo que* em suas produções textuais. Ao todo, consegui recolher 187 textos do PB (91 de alunos da 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo, e 96 de alunos do 3º ano técnico integrado ao Ensino Médio da IFSP – Instituto Federal de São Paulo). Vale destacar que a maioria desses textos passou por refacção, ou seja, fez-se uma primeira versão, que parece ter passado pela leitura de um professor, e, em seguida, elaborou-se a versão final.

Em relação à frequência *token* (HOPPER e BYBEE, 1991), identifiquei 3 ocorrências de *sendo que* nos textos dos alunos do PB. Uma delas é esta:

(135) A definição errada dessas palavras pode causar diversos problemas para os adeptos de uma cultura, **sendo que** existem pessoas intolerantes que perseguem e causam danos a outras pessoas. (21 PB texto aluno 14d)

Em (135), *sendo que* assume a função de uma conjunção adverbial, indicando a razão, ou seja, a causa, geradora de problemas na acepção “incorreta” de uma palavra. Outra ocorrência é esta:

(136) Em defesa, os responsáveis pelo dicionário afirmaram que mascarar os usos pejorativos ligados a algumas palavras seria simplesmente não espelhar a aplicação na sociedade, **sendo que** a função do dicionário é a de refletir o emprego das palavras no dia-a-dia. (21 PB Texto aluno, 310 23).

No caso citado em (136), a construção *sendo que* marca a intenção do autor do texto de indicar uma informação que considera relevante. Pragmaticamente, a informação mais

relevante, no caso, a função de um dicionário, recebeu proeminência focal a partir do *sendo que*.

Em relação às produções textuais dos informantes do PP, consegui coletar 113 textos em Portugal, número inferior ao do PB (187). Neles, encontrei 4 ocorrências de *sendo que*. Tanto no PB como no PP a frequência de produtividade dessa construção, por parte dos alunos em questão, é extremamente baixa, inversamente aos usos verificados nos *corpora* do português investigados. A razão para isso, acredito, já foi apresentada em outro momento neste trabalho e está diretamente relacionada às prescrições de gramáticos e editores estilísticos que condenam tal uso. Nesse sentido, não há espaço mais propício para a implementação de “normas” e “receitas estilísticas” do que o contexto escolar, que trata essa perífrase, muitas vezes, como uma falha e não como uma função²⁵⁹. Esse posicionamento, conforme apresentei anteriormente, fora contestado por Bechara (2011), por exemplo.

Dois exemplos das redações do PP em que aparece o *sendo que* são estes:

- (137) Atingir a fama é sinónimo de ‘mudança’ na vida dessas pessoas, **sendo que** essa ‘mudança’ pode tomar bons caminhos ou maus caminhos. (21 PP texto aluno 12º);
- (138) Não concordo,(sic) com o facto do dicionário ‘traduzir’ as palavras para português como o exemplo do texto 1 traduzir (sic) ‘hardware’ para ‘material’, **sendo que** na minha opinião cada palavra deve permanecer com o seu significado original (21 PP texto aluno sup.)
- (139) O voluntariado exige dedicação, **sendo que**, quem exerce esta experiência são pessoas dispostas a ajudar e a colaborar na realização das diferentes tarefas que lhe são propostas (21 PP texto aluno 12º).
- (140) O excerto apresentado faz uma acusação ao facto de o ser humano ser exclusivamente influenciado pelas artes, **sendo que**, por outro lado, eu considero tratar-se de uma relação simbólica, em que o ser humano, a sua mudança, o seu evoluir, também influencia (sic), sem contenções, as artes. (21 PP texto aluno 12º)

Se, contudo, a ocorrência da perífrase foi baixíssima nas produções escolares, o uso de *sendo + que* com material interveniente apresentou frequência um pouco maior. Por exemplo:

²⁵⁹ Em uma conversa informal com uma professora de Língua Portuguesa do Ciclo Básico de Educação de Lisboa, Portugal, pude constatar que essa expressão sofre a pecha do “gerundismo”, como aqui no Brasil, e, por isso, é considerado um mau uso, uma muleta empregada pelo aluno quando não sabe utilizar os conectivos apropriadamente. Assim pensa a professora de lá, mas, por cá, a interpretação não é muito diferente para muitos professores de português.

(141) Na procura pela distinção dos outros, muitos, mesmo sem se aperceberem, recusam ajudar os colegas, não partilham informação ou disponibilizam tempo pois dedicam-se apenas à concretização do seu objetivo pessoal **sendo** a ajuda **que** poderiam oferecer aos seus colegas um facto que se poderia tornar decisivo.” (21 PP Texto aluno 12º)

(142) **Sendo** mais importante o sonho do **que** a sua própria realização. (21 PP Texto aluno 12º)

(143) Enquanto para alguns a arte é a base de toda a sua vida, **sendo** nela **que** se centram todas as suas energias, para outros é como um escape para uma ilha deserta (21 PP Texto aluno 12º)

O que tais contextos revelam? Que o contexto de mudança (ou crítico), que possivelmente deu origem à construção *sendo que*, continua a ser empregado no português atual.

A **polifuncionalidade** dessa expressão é um aspecto revelador. Como foi demonstrado, a construção *sendo que* passou a desempenhar diferentes funções ao longo dos séculos, tanto no PP como no PB. Uma velha forma que desempenha novas funções, eis o que reconhece a gramaticalização. Por outro lado, uma velha função da língua, qual seja a de particularizar um conteúdo, dando-lhe relevância informativa, para que os interlocutores (escritor/falante > leitor/ouvinte) tenham mais uma informação ou a informação mais relevante e/ou precisa do conteúdo comunicado, é atualizada pela construção *sendo que*²⁶⁰, codificando a função de foco nas duas variedades analisadas.

²⁶⁰ Apesar de este estudo se concentrar na modalidade escrita do português, vale dizer que a modalidade oral pode oferecer outras pistas que reforçam a gramaticalização de *sendo que* como uma construção focal. Nessa modalidade, ela receberá, inclusive, proeminência prosódica: *Não fizeram o concerto certo, SENDO QUE lhes havia explicado tudo direitinho*. Neste caso, a perífrase destaca uma informação contrajuntiva, semelhante à estrutura concessiva: *Apesar de lhes ter explicado tudo direitinho, não fizeram o concerto corretamente*.

CONCLUSÕES

Resumo, neste capítulo final, as conclusões alcançadas neste trabalho de pesquisa. Para tanto, condiciono os parágrafos seguintes às respostas aos questionamentos apresentados na introdução desta tese. Reconheço que os aspectos relevantes já foram antecipados nos capítulos precedentes. Neste momento, portanto, eles aparecem sintetizados, a fim de evidenciar os resultados desta investigação linguística.

Inicialmente, constatei que a perífrase *sendo que* tem sua origem no século XVI do PP, segundo os dados do *corpus* de Davies e Ferreira (2006). No PB, de acordo com a amostra histórica de Tarallo (1991), foram encontrados registros em documentos do século XVII. No *corpus* do PHPB, fora encontrado o primeiro registro nos textos do século XVIII. Porém, relativamente a tais *corpora*, em séculos anteriores (XV, por exemplo) é possível identificar usos da construção *sendo + que* com material interveniente, conforme demonstrado ao longo desta pesquisa.

A ocorrência da forma gerundiva *sendo* (SER) foi localizada em textos do português antigo dos séculos XIII e XIV. Nesse período, em certos contextos, *sendo* tem o significado de *estar*, comportamento herdado da sua forma matriz SER, do latim *sēdēre* + *esse* (*sum*), como indicado no inventário dessa construção. Tudo indica que a adjunção ao elemento ‘que’ tenha ocorrido, já no século XVI, a partir de um contexto SENDO_{CÓPULA} + [X_(SN, SAdj, ADV..)] + QUE_{RELATIVO}. Hipótese corroborada pelos dados encontrados na amostra do português de Davies e Ferreira (2006) e de Tarallo (1991) e exemplificada nos tipos de contexto de *sendo que*, segundo os modelos de Heine (2002) e Diewald (2002), conforme quadro 37.

O contexto de clivagem deve ter contribuído para a reanálise sintática de *sendo* e *que*, dando origem à locução conjuntiva *sendo que*, registrada por Epifânio da Silva Dias no século XIX e início do XX, por Ribeiro Filho (1950[1890]) e, mais recentemente, por Simões (2007), conforme relatado nesta pesquisa.

Até o século XVI – final do período arcaico, conforme definido por alguns linguistas como Silva (2006) –, o português arcaico escrito, representação do falado, move-se independente dos gramáticos e do ensino do português padrão nas escolas (SILVA, 2006, p.17). A primeira gramática portuguesa, de acordo com Leite (1999), somente veio à luz no século XVI, quando Fernão de Oliveira (1536) publicou a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Logo em seguida, João de Barros (1540) publicou a sua gramática do português. Com isso, é possível compreender por que o século XVI reúne exemplos de *sendo que* em que as formas *seendo*, *fendo* passam a ter a grafia unificada em *sendo*.

Assim, com base na análise histórica desenvolvida nesta tese, que considerou os tipos de contexto (HEINE, 2002; DIEWALD, 2002) como fatores condicionantes da mudança gramatical de construções, avantei duas possibilidades evolutivas do *continuum* funcional de *sendo que* no português. Em uma, defendo que, devido à frequência de uso, ocorreu uma rotinização dessa construção que, por sua vez, sofreu reforço pragmático (DIK, 1989, 1997) e passou, em certos contextos, a codificar a função de focalizador da porção informativa mais relevante ou saliente de um enunciado. Em outra, demonstro que a própria história etimológica da formação do verbo ‘ser’ do latim para o português traz rastros da evolução de um domínio [+concreto] para outro [+abstrato], uma vez que uma de suas formas constitutivas tem origem no latim *sēdere*, que significa ‘estar sentado’. Uma noção circunstancial que mais tarde formou as flexões do subjuntivo do verbo ‘ser’ em português e noutras línguas neolatinas e também no inglês. Logo, uma noção mais concreta que, com o tempo, passou a se abstratizar e marcar significados mais subjetivos e existenciais, conforme exposto no capítulo IV.

Os tipos de contexto de *sendo que* foram mapeados no capítulo V desta tese e revelaram dois prováveis contextos que condicionaram a mudança semântico-funcional dessa construção. Um que deriva de uma construção clivada, que, possivelmente, deu origem à locução conjuntiva de valor inicialmente causal; e outra que pode ter derivado de uma estrutura reduzida de gerúndio seguida de uma oração reduzida, a qual, num processo de reanálise e de implicaturas conversacionais, passou a codificar uma espécie de especificação de porções informativas, contrastando pressuposições do interlocutor e, até mesmo,

distribuindo o conteúdo informativo apresentado na oração anterior. Esta última pode ter favorecido o desenvolvimento da função foco de *sendo que* no PB e no PP.

Esse processo contou, entre outros fatores, i) com os mecanismos de (inter)subjetivação, ii) de inferência induzida pelo contexto, iii) de atuação pragmática na seleção de focos informativos, e, obviamente, iv) com a elaboração cognitiva que os usuários da língua tiveram de acionar mutuamente – tais fatores foram descritos no capítulo teórico e depois explicitados nas análises. Pragmaticamente, o falante/escritor tem de buscar estratégias linguísticas para marcar o foco sobre a porção informativa que considera a mais relevante. O ouvinte/leitor tem de interpretar essa estratégia; para isso, deve observar, por meio do contexto e do seu conhecimento pragmático, a informação que deve ser processada como adição ao que já sabia sobre determinado assunto, como contraste àquilo que achava saber ou como explicação, por exemplo. Linguisticamente, a construção *sendo que* materializa esse processo focal de intercomunicação.

Além da coleta de ocorrências do PP e do PB em bancos de dados eletrônicos, também procedi à coleta de dados empíricos dessas variedades do português, conforme descrito no capítulo III. Para isso, empreguei duas ferramentas: questionário e proposta de produção textual. O resultado dos questionários atestou a hipótese de que a construção já adquiriu valores funcionais que não autorizam a sua supressão na maioria dos contextos nos quais é empregada. Por outro lado, as produções textuais dos estudantes do PB e do PP revelaram baixo uso dessa construção nos contextos em que a norma padrão da língua é avaliada. A razão disso, conforme já referido no capítulo V, deve estar condicionada à prescrição de alguns gramáticos, que interditam o uso da locução *sendo que* em contextos de escrita formal.

A multifuncionalidade de *sendo que* (e mesmo de *sendo* e do próprio *que*, conforme apresentado) é uma característica que essa construção demonstrou na investigação de seus usos nos diferentes *corpora*, conforme exposto em diversas ocasiões deste trabalho. Ora funcionando como um marcador adverbial causal, ora concessivo; ora um marcador aditivo, explicativo, contrastivo. Assume, também, as funções de especificador, de um elemento distributivo e, no nível pragmático, atua como foco. Para essa pluralidade funcional, Lehmann (1995, 1992, *apud* GONÇALVES, 2003, p.206) lança o termo “paradigmatização”. Segundo o linguista alemão, a variabilidade paradigmática refere-se à possibilidade de uso de outro item

em lugar daquele em processo de gramaticalização. Pude verificar isso por meio do questionário 2. Em termos pragmáticos, refere-se à liberdade com a qual o usuário da língua ou escolhe um signo dentre aqueles pertencentes a um mesmo paradigma, ou não escolhe nenhum deles, deixando em seu lugar uma categoria genérica (ou não marcada) disponível para aquele contexto de uso.

Quanto à posição dessa construção nos dados escritos, tanto no PP quanto no PB, a perífrase *sendo que* aparece numa posição medial, ligando orações. No século XVII, quando o verbo ‘ser’ quase que prioritariamente é usado na acepção de existencial, a perífrase *sendo que* começa a figurar em posição intercalada, tal como uma informação parentética, revelando principalmente função causal, mas também denotando significados explicativos: *‘pedimos, senhor, que vos lembreis de nossa amisade, de nossa conformidade; sendo que com vínculos de alma, e corpo, estão unidos; sò desejamos...’* (17 PP DF). Ou em *‘como mãe piedosa, entranhavelmente os amava. Contudo, por outra parte, sendo que lhe queriam todos como filhos, ainda que com perda sua, se alegraram...’* (17 PP DF). Assim será também durante o século XVIII.

Raríssimos foram os casos no PP e no PB em que a perífrase *sendo que* foi usada no início de período. Um exemplo é este caso encontrado no século XVII, mas que indica ser apenas uma questão arbitrária, uma vez que, semântica e sintaticamente, a construção apresenta relação intrínseca com a oração que a antecede, dispensando o ponto: *‘...evitando um grande pleito, todos os Príncipes devem querer tomar a sua parte. Sendo que, se hei-de dizer a V. S. o que sinto, não fio...’* (17 PP DF). Essa ordem é mais comum quando a perífrase em questão exerce função de locução conjuntiva adverbial causal, conforme discutido no capítulo V.

Já nos dados do século XIX, verifiquei que a posição dessa construção se mantém na região medial da sentença, conectando orações e informações, agora com indícios de valor pragmático, como em: *‘mais que tudo tratando de assumptos rigorosamente pertencentes á Religião: sendo que esta mesma pratica será da maior utilidade não só para o princípio...’* (19 PP DF).

Foram, entretanto, os dados do século XX do PP e também do PB que revelaram os usos de *sendo que* como operador pragmático, um focalizador, tendo sob seu escopo toda a porção informativa imediatamente à sua direita. Eis um exemplo do PP: *‘o total terão sido movimentados de modo irregular cerca de 1,7 milhões de contos, sendo que de esse montante, quase tudo foi sacado a a empresa queixosa’* (20 PP DF). Aqui, uma ocorrência do PB: *‘Acima de 45° C, o efeito da desnaturação térmica aumenta cada vez mais, sendo que a aproximadamente 55° C há uma queda brusca da velocidade da reação, pois a atividade da enzima é destruída’* (20 CetenFolha, 15).

Tais contextos conduziram-me à hipótese de que *sendo que* codificaria uma função partitiva ou distributiva nas duas variedades do português²⁶¹. De fato, como analisado no capítulo V, *sendo que* pode assumir essa função. No espanhol há uma partícula (*sendos, sendas*) que funciona como um pronome adjetivo distributivo, que também existiu no português antigo. No entanto, a origem etimológica desse elemento, conforme disposto nesta tese, é bem diversa da forma *ser*_{gerúndio}. A semântica particularizadora ou especificante assumida por ambas (*sendos* e *sendo que*) levou-me, inicialmente, a estabelecer uma analogia entre elas, a qual não se sustentou. Ainda que não repercutam o resultado de uma mudança histórica, não descarto, entretanto, a hipótese de que, em alguns contextos de uso, a construção *sendo que* supre a função que, outrora, fora desenvolvida pela expressão *sendos* (*senhos*).

Ainda, segundo Lehmann (1998, p.211), o verbo contido numa locução conjuntiva pode carregar significado anafórico. Para demonstrar isso, o linguista cita o seguinte exemplo do inglês:

*All those actions of the department obviously had no other motive than to render my work difficult or even impossible. **This being so**, I prefer to vacate my post.* ²⁶²

Todas essas ações do departamento evidentemente não tinham outro motivo senão dificultar ou ainda impossibilitar o meu trabalho. **Sendo assim**, eu prefiro pôr o meu posto à disposição.

²⁶¹ Tal hipótese foi também sugerida por Lima-Hernandes (2012), em comunicação pessoal.

²⁶² Lehmann (1998, p.211).

A conexão nesse caso, de acordo com o princípio defendido por Lehmann (1998), tem uma estrutura interna anafórica clara. Além disso, para conectar duas sentenças explicitamente paratáticas, usa-se uma cláusula subordinada. Em português, conforme demonstrei no quadro 11 desta tese, a construção **sendo + X** é muito produtiva e ocorre, especialmente, em contextos de conexão anafórica. Defendo que alguns contextos de *sendo que* também apresentam essa operação anafórica, e, se não por outra razão, pelo menos porque ainda mantém um traço da sua fase anterior como forma reduzida de orações relativas, por exemplo:

- (144) Os átomos agruparam-se, [**sendo que**, em cada planeta, os mais pesados ficaram no centro e os mais leves, na superfície]. (20 CetenFolha)

Em relação aos mecanismos de subjetivação e intersubjetivação envolvidos na mudança linguística, volto à Traugott (2010) e à sua constatação de que a subjetivação é mais provável de ocorrer em gramaticalização primária (a mudança do lexical para o gramatical) do que em gramaticalização secundária (o desenvolvimento de material já gramatical em mais material gramatical). A gramaticalização primária exige muitas vezes fortalecimento das inferências pragmáticas que surgem em contextos linguísticos muito específicos antes da sua semanticização e reanálise como elemento gramatical. Nesse sentido, cabem duas considerações. A primeira delas diz respeito ao próprio estatuto conceitual e expressivo da forma *sendo*, gerúndio de um verbo cópula. Tais verbos (copulativos), por natureza, são mais gramaticais (ou funcionais) do que propriamente lexicais. Soma-se a isso o gerúndio – segundo Lehmann (2008), um advérbio deverbal, – o qual apresenta característica mais gramatical do que outra forma verbal conjugada. A segunda consideração diz respeito à inferência pragmática. Esta, de fato, demonstrou-se muito mais acentuada nos usos de *sendo que* entre as sincronias mais recentes ou próximas da nossa época, como os dados do XX e do XXI indicaram.

Tais considerações respondem, cada uma a seu modo, aos mecanismos de subjetivação e intersubjetivação propostos por Traugott: a gramaticalização de *sendo que* se dá no nível secundário: uma forma [-lexical] passa a desempenhar funções [+gramaticais]; e o reforço pragmático, para marcar necessidades comunicativas intersubjetivas, principalmente a partir do século XX, faz com que *sendo que* se desenvolva como um tipo especial de construção de foco, a exemplo da proposta de DIK (1997).

Finalmente, é possível dizer que *sendo que* se gramaticalizou no PB e no PP? Ou, a partir desta investigação, é possível supor que ele segue um percurso que, desde a sua origem, dá razão à noção de uma gramática sempre em emergência, como propõe Hopper (1991)? Ou de uma construção que segue rumo ao discurso, conforme o modelo de Givón (1998)? Ou, talvez, seja um caso em que a multifuncionalidade é o próprio traço constitutivo dessa perífrase, e que, nas sincronias do século XX, demonstrou-se minimamente “estável” na codificação pragmática, como um marcador de foco no PB e no PP, mas polissêmico na codificação semântica?

Após observar o percurso evolutivo dessa construção, a resposta que me parece atualmente mais convincente a tais questões é esta: a perífrase *sendo que* não é a gramaticalização de um item lexical que passou a exercer funções gramaticais, trata-se de uma construção que já possuía traços gramaticais, cuja frequência de uso se revelou em reforço pragmático, sob o efeito dos mecanismos de (inter)subjetivação, fazendo com que se abstratizasse ainda mais e culminasse num marcador pragmático capaz de garantir relevo comunicativo a uma dada porção informativa. Assim, é uma gramaticalização secundária, conforme defende Traugott (2010). Nesse sentido, concluo que mais uma função foi agregada a essa construção polifuncional do português e que se verifica na gramaticalização do foco. Tal fato também fortalece o princípio da unidirecionalidade na mudança linguística por gramaticalização, uma vez que, no domínio cognitivo, formas [+ concretas] e mais previsíveis passam a codificar noções [+ abstratas] e as intenções dos usuários de uma língua.

Vários aspectos contribuíram nessa direção: sua origem, o gerúndio, sua relação com o item ‘que’ e posterior adjunção a ele, formando uma construção que já não permite material interveniente; aspectos estes aliados à intenção comunicativa dos sujeitos, ou seja, à pragmática, aos tipos de contexto e aos processos de (inter)subjetivação da e na linguagem. Fenômenos que concorrem, à sua maneira, na variedade do PP e do PB e que afetaram a mesma expressão.

Cinco séculos depois, a forma estrutural se manteve praticamente intacta. No PP do século XX, é possível encontrar casos como este:

- (145) Certo **sendo que** do que se trata é tão-só de falhas burocráticas, não de desvio de fundos (até porque, a não ser assim, constituiria crime que só existiria, mesmo em termos de

notícia, quando provado), não posso deixar de estranhar que, precisamente a partir da ausência de comprovantes, no mínimo se sugira a prática de ilícitos que nada habilita a ter por provados. (20 PP CetemPúblico)

Em (145), a construção “certo *sendo que*” revela outra organização sintática distinta da construção com material interveniente ‘**sendo certo que**’, encontrada nos *corpora* históricos.

Contudo, se houve manutenção da forma, não houve a mesma correspondência no nível funcional, conforme a representação semasiológica, apresentada no final do capítulo V (Figura 12), procurou sintetizar. Os usos e funções de *sendo que* sofreram acentuada variação. Algumas funções apareceram, outras caíram em desuso e depois foram reativadas. Tal fato corrobora a hipótese de que estamos diante de uma **construção multifuncional/polifuncional** do português, nas variedades PP e PB. Dentre suas funções mais produtivas nessas duas vertentes portuguesas, especialmente a partir do século XX, a gramaticalização de um **marcador de foco** provou-se produtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DEMANDA DO SANTO GRAAL. 2. ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Portugal, 2005.

ALGEO, John. Having a look at the expanded predicate. In: TROUSDALE, Graeme. *Constructions in grammaticalization and lexicalization: evidence from the history of a composite predicate construction in English*, 2008.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41ª ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

AMARAL, Vasco Botelho de. *Grande dicionário de dificuldades e subtilezas do idioma português*. Vol. II. Lisboa: Botelho de Amaral, 2012. p.855-859.

ARNHEIM, Rudolf. Visual thinking. Berkeley: University of California Press. 1969. In: LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Theoretical Prerequisites. V.1. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

ATHANASIADOU, Angeliki; CANAKIS, Costas; CORNILLIE, Bert (eds.). *Subjectification: various paths to subjectivity*. Berlin, 2006.

BARROS, João de. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3.ed. org. por José Pedro Machado. Lisboa: Sociedade Astória, 1957 [1540]. In: LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

_____. *Décadas*, IV, X, cap. 9, 592, ed. de 1946. In: SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Vol. X. Rio de Janeiro: Confluência, 1949.

BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

BECHARA, Evanildo. Sendo que e uma crítica infundada. 2011. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=11409&sid=771>. Acesso em 29 set. 2013.

BENVENISTE, Emile. Subjectivity in language. In: *Problems in general linguistics*. Trans. Mary Elizabeth Meek. Coral Gables: FL: University of Miami Press, 1971. p. 223-30 (originally published as 'De la subjectivité dans le langage', in *Problèmes de linguistique générale*, Paris: Gallimard, 1958. p. 258-66).

BERGS, Alexander and DIEWALD, Gabriele. *Constructions and language change*. Belin: Mouton de Gruyter, 2008.

BERKENFIELD, Catie. The role of frequency in the realization of English *that*. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 281-307.

BOLINGER, Dwight. *Meaning and form*. London: Longman, 1977. In: HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BOPP, Franz. Grammaire compare des langues indo-européennes: comprenant le sanscrit, le zend, l'arménien, le grec, le latin, le lithuanien, l'ancien slave, le gothique et l'allemand. 1884. In: MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. [Tome I]. Paris: Klincksieck, 1921. PP .159-174.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BOSSUYT, Alain. *Aspekten van de geschiedenis van de negatieve zin in het Nederlands*. Ph.D. dissertation, Free University Brussels, 1982. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2.ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

BRAGA, Maia Luiza. Fala, escrita e estratégias de focalização. In: *Anais do II Encontro de Funcionalistas*. Araraquara, 1997. p.281-298.

_____. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*. v.16, n.24. jan./jun. Rio de Janeiro, 2009. p. 173-196.

BRÉAL, M. *Essai de Sémantique*. Paris: Hachette, 1924. In: MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

BRINTON, Laurel J. Grammaticalization versus lexicalization reconsidered: On the “late” use of temporal adverbs. 2002. In: BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BROCARD, Maria Teresa. *Sedia la fremosa...* – uma proposta de estudo diacrónico de *ser* (< *sedere* e *esse*) e *estar* em português. In: BROCARD, M. T. (org.). *Cadernos WGT Ser e estar – Propostas de estudo*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, maio de 2011. p.5-11.

BROWN, D. Richard. An outline of a theory of pragmatic information and illocutionary operators. 1984. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2.ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

BRUGMANN, K. *Abrégé de grammaire comparée des langues indo-européennes*. Traduction française. Paris, 1905. In: MEILLET, A.; VENDRYES, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1960.

BYBEE, Joan; HAIMAN, J. and THOMPSON, Sandra (eds.). *Essays on language function and language type*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1997.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: _____. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p.1-24.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CIBERDúvidas. Disponível em <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=18112>. Acesso em 04 set 2013.

CHAFE, Wallace L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: *Subject and Topic*, ed. by Charles N. Li, 25-55. New York: Academic Press, 1976.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Pres, 1965.

_____. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad. Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CLARK, Herbert H. Comprehension and the given-new contract. 1977. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2.ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

COSERIU, Eugenio. Linguistic change does not exist. In: *Linguistica nuova ed antica*. Revista di linguistica classica medioevale e moderna. Galatina Congedo Editore, 1983. p.51-63.

CROFT, William. *Explaining language change*. Harlow: Longman Linguistic Library, 2000.

_____. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. Construction grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (eds.). *Cognitive linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007. p.463-508.

CULICOVER, P.W.; JACKENDOFF, R. The view from the periphery: The English correlative conditions. *Linguistic Inquiry*. Vol. 30. 1999, p.543-571.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DAMÁSIO, António. *O erro de descartes – Emoção, razão e cérebro humano*. Portugal: Temas e debates, Círculo de Leitores, 2011 [1994].

DEFENDI, Cristina Lopomo. *Portanto, conclui-se que: Processos de conclusão em textos argumentativos*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FFLCH/USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

DIAS, Augusto Epifânio da Silva. *Sintaxe histórica portuguesa*. 2. ed. Lisboa, 1933. p.242-243. § 316b. In: BECHARA, Evanildo. *Sendo que e uma crítica infundada*. 2011. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=11409&sid=771>. Acesso em 29 set. 2013.

DICCIONARIO de la lengua Española. Real Academia Española. Disponível em <http://rae.es/recursos/diccionarios/drae>. Acesso em jul. de 2013.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p.103-119.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. In: *Constructions*, 2006. Disponível em <http://elanguage.net/journals/constructions/article/view/24>. Acesso em 19 set. 2013.

DIK, Simon C. *Embedded themes in spoken Dutch: two ways out*. In: Bolkestein-Combé-Dik-De Groot-Gvozdánović-Rijksbaron-Vet. 1981. p.113-124.

_____. On the typology of focus phenomena. In: *Perspective on Functional Grammar*, ed. by Teun Hoekstra, Harry Van der Hulst, and Michael Moortgat. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *The theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications Holland, 1989.

_____. *The theory of Functional Grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 2007 [1973].

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 25. ed. Vol. II. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996.

FIGUEIREDO-GOMES, João Bosco. *O percurso de gramaticalização do "é que": um estudo pancrônico*. Tese de Doutorado. Fortaleza, Brasil: Universidade Federal do Ceará, 2008.

FIGUEIREDO-GOMES, João Bosco; SOUZA, Maria Medianeira de. Gramaticalização e metafunções da linguagem: uma análise da expressão *é que*. *DELTA*, São Paulo, v. 29, n. 2, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502013000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 jan. 2014.

FILLMORE, C. J. Against checklist theories of meaning. In: COGEN C. (ed.). *Proceedings of transformations*. The Hague: Mouton, 1975.

FILLMORE, C. J.; KAY, P. & O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of *Let alone*. *Language*. Vol.64. 1988, p.501-538.

FONSECA, Joaquim. *Estudos de sintaxe-semântica e pragmática do português*. Portugal: Porto Editora, LDA., 1993.

FRÉMY, Pierre. *Grammaire latine*. Second degré propédeutique. Paris: Société D'Édition D'Enseignement Supérieur, 1963.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. Serial verbs and syntactic change: Niger-Congo. 1975. p.47-112. In: HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

_____. *Context as other minds: The pragmatics of sociality cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

_____. *The genesis of syntactic complexity: diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2009.

_____. *Compreendendo a gramática*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha (Org.) de *On understanding grammar* [1979]. Natal: EDUFRN, 2011.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995. _____. *Construction at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions at work*. The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, [2006] reprinted 2010.

GOLDBERG, Adele E.; CASENHISER, Devin. *English constructions*. The role of type frequency in generalizations. Princeton University. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=english+constructions+goldberg&oq=English+constructions+&aqs=chrome.3.69i57j0l3.14208j0&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 17 set. 2013.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade*: um estudo de caso no Português do Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do IEL/Unicamp. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

GRICE, H. Paul. *Studies in the way of words*. London, England: Harvard University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. Part II. *Journal of Linguistics* 3: 199-244, 1975. In: GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work*. The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, [2006] reprinted 2010.

_____; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

_____. *An introduction to functional grammar*. Revised by Christian Matthiessen. London: Hodder Education, 2004.

HANDFORD, S. A. *The latin subjunctive*. Its usage and development from Plautus to Tacitus. Londo: Methuen & Co. LTD., 1947.

HANNAY, Michael. The focus function in Functional Grammar: questions of contrast and context. 1983. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

HARRIS, Alice C.; CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. 1995. In: HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HATTNER, Marize Mattos Dall'Aglio. Gramática Discursivo-Funcional e os estudos tipológicos: um exercício de análise das línguas indígenas do Brasil. In: *Estudos linguísticos*, São Paulo, 41 (1): p. 64-73, jan-abr 2012.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p.83-99.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HENRY, V. Antinomies linguistiques. Paris: Alcan, 1896. In: MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. [Tome I]. Paris: Klincksieck, 1921. PP .159-174.

HOEKSEMA, Jacob (ed.). *Partitives*: studies on the syntax and semantics of partitive and related constructions. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. V.1. Focus on theoretical and

methodological issues. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.17-35.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da LP*. Lisboa: Círculo Leitores, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e debates, 2009.

JONES, Peter V. & SIDWELL, Keith C. *Reading latin: grammar, vocabulary and exercises*. 26th printing. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

KAHN, Charles H. *Cadernos de Tradução: sobre o verbo grego ser e o conceito de ser*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, [2001?]. p. 155-196.

KEENAN, Edward. Two kinds of presupposition in natural language. 1971. In: GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha (Org.). Compreendendo a gramática. Natal: EDUFRRN, 2011 [1979].

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. [original: *Sociolinguistic patterns*]. Trad. Marcos Bagno, M^a Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008 [1972]. p.21.

_____. Some principles of linguistic methodology. *Language in society* 1. 1972, p.97-120. In: SILVA, Augusto Soares da. *A semântica de deixar*. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39.3, 463-516, 2001. In: BRAGA, Maria Luiza. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*. v.16, n.24. jan./jun. Rio de Janeiro, 2009. p. 173-196.

LANGACKER, R. W. Observations and speculations on subjectivity. In: HAIMAN, J. (ed.), *Iconicity in syntax*. Amsterdam: Benjamins, 1985. p. 109-50.

_____. *Foundations of cognitive grammar*. Vol.1 Theoretical Prerequisites. Standfor, California: Stanford University Press, 1987.

_____. Subjectification. In: DABROWSKA, Ewa. *Cognitive Linguistics* 1. United Kingdom, Germany: De Gruyter, 1990. p.5-38.

_____. Losing control: grammaticalization, subjectification, and transparency. In: BLANK, A. and KOCH, P. (eds.). *Historical semantics and cognition*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 147-175.

_____. Cognitive grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (eds.). *Cognitive linguistics*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2007. p.421-462.

_____. *Essentials of cognitive grammar*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2013.

LEHMANN, Christian. Thoughts on grammaticalization. 1982. HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.).

Approaches to grammaticalization. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.17-35.

_____. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. 1985. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.17-35.

_____. Thoughts on grammaticalization: A programmatic sketch. Vol.1. Köln: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft [Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts 48]. In: Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991.

_____. New reflection on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele. *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

_____. Thoughts on grammaticalization. 2002. In: NOËL, Dirk. Diachronic construction Grammar and grammaticalization theory. *Functions of language*. USA: John Benjamins Publishing Company, 2007. p.177-202.

_____. A auxiliarização de *ficar*. Linhas gerais. In: Pinto de Lima, José & Sieberg, Bernd (eds.), *Questions of language change*. Lisboa: Colibri, 2008a.

_____. Information structure and grammaticalization. Edited by: SEOANE, Elena; LÓPEZ- COUSO, María José. *Theoretical and empirical issues in grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008b. p.207-229.

_____. Gramática Funcional. Texto apresentado no I Simpósio Internacional de Linguística Funcional. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 25-27 de maio de 2011.

LEHMANN, Christian; LIMA, José Pinto de and SOARES, Rute. *Periphrastic voice with “see” in Portuguese*. In: Acta Linguistica Hafniensia, 2010. 42: 1, p.75-100.

LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

LIMA, José Pinto de. Grammaticalization, subjectification and the origin of phatic markers. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p.363-378.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Estudos sobre gramaticalização – objetos, métodos e problemas. In: OLIVEIRA, Mariangela R. de; ROSÁRIO, Ivo da C. do (org.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009.

_____. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. PP .87-104.

_____. *Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas X-que do português*. Tese de Livre-Docência. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

LOBO, Maria. Para uma sintaxe das orações causais do português. 2001. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.ed. Lisboa: Caminho, 2003.

LYONS, John. Deixis and subjectivity: *Loquor, ergo sum?* In: R. J. Jarvella and W. Klein (eds.), *Speech, place, and action: studies in deixis and related topics*. Chichester and New York: John Willey, 1982. p. 101-24.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 1. ed. Vol. II. Lisboa: Editorial Confluência, 1952-1959. p. 1974-1977.

MAGNE, Augusto. *A demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1944.

MANUAL da Folha de São Paulo. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_s.htm. Acesso em 29 set. 2013.

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na História do Português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento inédita. 1994.

_____. Seminário *Tópicos de mudança sintática* (o português e as línguas românicas). Universidade de Lisboa: 2013. (comunicação oral).

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATHESIOUS, V. On the so-called functional sentence perspective. 1939. In: PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax. A guide for field linguistics*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.

MAURER Jr., Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEILLET, Antoine. Le renouvellement des conjonctions. *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études*, section historique et philologique. (1915). Reprint: MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. [Tome I]. Paris: Klincksieck, 1921. PP .159-174.

MEILLET, Antoine et VENDRYES, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. 3ª ed. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1960.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MIOTO, Carlos. Focalização e quantificação. *Revista Letras*, n.61, especial. Curitiba: Edit. UFPR. p. 169-189.

MIRANDA, Pe. Manuel Francisco de. *Gramática Latina*. De harmonia com os programas oficiais. 8. ed. correcta e actualizada pelo Pe. Arlindo Ribeiro da Cunha. Braga: Depósito do Seminário de Braga, 1962 [1901].

MOUTAOUAKIL, Ahmed. Le focus en Arabe: vers une analyse fonctionnelle. *Lingua* 64: 115-176. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2.ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

NERO, Henrique Schützer Del. *O sítio da mente: Pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Guia de uso do português: confrontando regras e uso*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NEWELL, Allen. *Unified theories of cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

NEWMeyer, Frederick J. *Language form and language function*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

_____. Deconstructing grammaticalization. In: *Language Form and Language Function*. Cambridge, MA: MIT Press, Bradford Books, 1998. Citado por: TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Legitimate counterexamples to unidirectionality. Paper presented at Freiburg University, October 17th, 2001. p.2.

NÖEL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of language*. Vol. 14, number 2, 2007. p.177-202. Disponível em: <http://www.ingentaconnect.com/content/jbp/fo/2007/00000014/00000002/art00002>. Acesso em 25 out. 2013.

OLIVEIRA, Fernão de. Grammatica da Lingoagem Portuguesa, 1536. In: LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

PAUL, Hermann. Prinzipien der sprachgeschichte. Tübingen: Niemeyer, 1880. In: MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. [Tome I]. Paris: Klincksieck, 1921. p. 159-174.

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax*. A guide for field linguistics. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.

_____. Pragmatically marked structures. In: PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax*. A guide for field linguists. Cambridge: United Kingdom at the University Press, 1997.

PERES, 1992. In: CORREA, Jane; MEIRELES, Elisabet de Sousa. *A compreensão intuitiva da criança acerca da divisão partitiva de quantidades contínuas*. Estudos de Psicologia. 2000, p.11-31.

PERFEITO, Abílio Alves. *Gramática de grego*. 7. ed. Ensino Secundário. Porto: Porto Editora Lda., s/d.

PRIBERAM. Dicionário virtual da língua portuguesa. Disponível em <http://www.priberam.pt>. Acesso em 04 de set 2013.

PÚBLICO. Versão digital do Jornal português *Público*. Disponível em <http://www.publico.pt/>. Acesso em 29 set. 2013.

RAVIZZA, P. João. *Gramática latina*. 9. ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.

RAUBER, André L. Usos e funções das construções com *fato*: estratégias de gramaticalização da factualidade? *VII Encontro anual do grupo de pesquisa Mudança gramatical do português – Gramaticalização*. São Paulo: FFLCH/USP, 2012 (no prelo).

_____. *Subjetivação e intersubjetivação na mudança semântica*: um estudo dos conectores textuais. Apresentado no III Encontro Internacional do Português & III Simpósio Internacional de Língua Portuguesa. Santarém: Escola Superior de Educação, IP Santarém. Período: 12 e 13 de abril de 2013a. (no prelo)

_____. *Uma função particular*: usos de ‘sendo que’ no português do Brasil e de Portugal. In: II Simpósio Internacional de Linguística Funcional. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos. Agosto de 2013b.

- RAUBER, André L.; TEIXEIRA, Madalena. A gramaticalização de 'sendo que' no português europeu – séculos XVI a XX. In: IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Realizado em Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Período: 02 a 05 de julho de 2013. (no prelo)
- REICHLING, Anton J.B.N. Das problem der Bedeutung in der Sprachwissenschaft. *Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft*, 19. 1963. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- RIBEIRO Filho, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes* ou Nova grammatica portugueza. 5. ed. Cidade do Salvador, Bahia: Aguiar & Souza Ltda, 1950 [1890].
- ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. ROSCH, Eleanor and LLOYD, Barbara B. (eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1978. p.27-47. In: LANGACKER, Ronald W. *Essentials of cognitive grammar*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2013.
- SCHNEIDER, Wolf. *Wörter machen Leute. Magie und Macht der Sprache*. Reinbeck: Rowohlt, 1979.
- SIMÕES, José da Silva. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da FFLCH. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Vol. X. Rio de Janeiro: Confluência, 1949.
- SILVA, Augusto Soares da. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- _____. Gramaticalização, reanálise e subjectificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização. In: SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mouviraldo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (Orgs.). *História do português paulista*. Série Estudos Vol. III. Campinas-SP: UNICAMP/Publicações: IEL, 2012. p.25-44.
- SILVA, Michele Denise da. *Por que discriminar sendo que é tão usado? Alguns padrões funcionais da construção "sendo que"*. Artigo de final de curso de Especialização *lato sensu* em Língua Portuguesa. Rondonópolis: Universidade Federal de Mato Grosso, 2011.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura, 1963.
- _____. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. São Paulo: Contexto; Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1977.
- _____. *O português arcaico: Morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SWEETSER, Eve E. *Grammaticalization and semantic bleaching*. 1988. In: HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

THWING, Rhonda; WATTERS, John. Focus in Vute. *Journal of African Languages and Linguistics* 9. 1987. p.95-121. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2.ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

TOMASELLO, Michael. *First verbs: a case study of early grammatical development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Título original: *The cultural origins of human cognition*. Trad. Claudia Berliner.

_____. *Why we cooperate*: based on the 2008 Tanner lectures on human values at Stanford University. London, England: Massachusetts Institute of Technology, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 65, 1989. p.31-55.

_____. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D. and WRIGHT, S. (eds.). *Subjectivity and subjectivisation: Linguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.31-54.

_____. Legitimate counterexamples to unidirectionality. Paper presented at Freiburg University, October 17th, 2001.

_____. From subjectification to intersubjectification. In: Raymond Hickey (eds.). *Motives for language change*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

_____. The rhetoric of counter-expectation in semantic change: a study in subjectification. 1999. In: ATHANASIADOU, Angeliki; CANAKIS, Costas; CORNILLIE, Bert (Eds.). *Subjectification: various paths to subjectivity*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

_____. The grammaticalization of *NP of NP* constructions. In *Constructions and Language Change*, Alexander Bergs, and Gabriele Diewald (eds.), Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

_____. Revisiting subjectification and intersubjectification. Pre-final draft of paper. In: Kristin Davidse, Lieven Vandelanotte, Hubert Cuyckens (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p.29-70.

_____. Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. V.1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. and HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.189-218.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge University Press, 2002.

TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: TROUSDALE, Graeme; GISBORNE, Nikolas (eds.). *Constructional approaches to english grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p.33-67.

_____. *Grammatical constructionalization*. Minicurso ministrado durante o XVIII Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática; V Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática: Construcionalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 25 a 27 de nov. de 2013.

VELASCO, Daniel García. *Correntes funcionalistas contemporâneas*. Curso realizado na Universidade Federal de São Carlos, nos dias 12 e 13 de Agosto de 2013.

VENDRYÈS, Joseph. *Le langage*. Paris: La Renaissance du Livre, 1921. In: FIGUEIREDO-GOMES, João Bosco; SOUZA, Maria Medianeira de. Gramaticalização e metafunções da linguagem: uma análise da expressão *é que*. *DELTA*, São Paulo, v. 29, n. 2, 2013.

VRIES, Lourens de. Topic and focus in Wambon discourse. 1985. In: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

VYGOSTKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem* [orig. *Thought and language*]. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WATTERS, John R. Focus in Aghem: a study of its formal correlates and typology. In: HYMAN, Lawrence (ed.). *Aghem grammatical structure*. Los Angeles: University of Southern California, 1979. p.137-197.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. [Título orig.: *Empirical foundations for a Theory of Language Change*]. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WERNER, Heinz; KAPLAN, Bernard. *Symbol-Formation*. An organismic-developmental approach to language and the expression of thought. New York, London, Sydney: Wiley and Sons, 1963. In: HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike and HÜNNEMEYER, Friederike. From cognition to grammar – Evidence from African languages. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Vl.1, Amsterdam, Philadelphia, 1991. p.149-187.

WILLIAMS, E. Meaning categories of NPs and Ss. In: *Linguistic Inquiry* 22. 1991. p.584-587.

Referência do *corpus* investigado

Corpora históricos do português – séculos XIII a XX

CORPUS Projeto História do Português Brasileiro (PHPB). Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em 15 out. de 2013.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em <http://corpusdoportugues.org>.

TARALO, Fernando. *Corpus* histórico do Português. Campinas, 1991.

Corpora de sincronias do PB e do PP - século XX

CetenFolha/Linguateca.Pt. *Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos NILC/Folha de S. Paulo. Disponível em: http://www.linguateca.pt/cetenfolha/index_info.html. Acessado em mar. 2012.

CETEMPúblico/Linguateca.Pt. *Corpus* de extractos de textos eletrônicos do Público. Disponível em www.cetempublico.pt. Acessado em jan. 2012.

Corpora comparativos de outras línguas

CORPUS ITALIANO. Disponível em: <http://www.corpusitaliano.it/static/documents/sources/264/2647407>. Acessado em 17 jan. 2013.

LINGUEE. Ferramenta de tradução. Disponível em: <http://www.linguee.com.br/espanhol-portugues/traducao/siendo+que.html>. Acessado em 11 abr. 2013.

LINGUEE. Ferramenta de tradução. Disponível em: <http://www.linguee.com.br/portugues-ingles/traducao/sendo+que.html>. Acessado em 11 abr. 2013.

ANEXOS

ANEXO A – Modelo questionário 1

Questionário 1

Leia, por gentileza, os enunciados de 1 a 5 e marque as alternativas que lhe parecem mais adequadas para cada um dos contextos. Pode-se marcar mais de uma opção.

1) “Os distritos com maior número de incêndio desde o início do ano são os do Porto, com 2762, seguido de Braga, com 2062, e Viana do Castelo com 1292, **sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares ardidos.”

Para você, neste enunciado, a expressão “sendo que” poderia...

- a. ☐ ser suprimida sem prejuízo do sentido da frase.
- b. ☐ ser substituída por CONTUDO, MAS ou ENTRETANTO.
- c. ☐ ser substituída por PORQUE ou POIS.
- d. ☐ ser substituída por E.
- e. ☐ ser mantida como está, sem substituição ou alteração.

2) “Igual, igual, na realidade estranha que me chegava pelas notícias televisivas, só a constatação de que todos os animais são iguais, mas uns mais iguais do que outros, **sendo que** um dos fatores impeditivos da igualdade é terem pertencido, mesmo que só na juventude, a partido que se reclamasse dos ensinamentos de Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao Tse Tung.”

Para você, neste enunciado, a expressão “sendo que” poderia...

- a. ☐ ser suprimida sem prejuízo do sentido da frase.
- b. ☐ ser substituída por CONTUDO, MAS ou ENTRETANTO.
- c. ☐ ser substituída por PORQUE ou POIS.
- d. ☐ ser substituída por E.
- e. ☐ ser mantida como está, sem substituição ou alteração.

3PB) “Poderão ter acesso à nova linha de crédito empresas privadas de qualquer porte, **sendo que** o dinheiro às pequenas empresas será concedido de forma simplificada.”

3PE) “Dos dois restantes encontros da ronda, o FC Porto-Seixal cumpre-se hoje (12h00), nas Antas, **sendo que** os portistas regressam ao topo mesmo perdendo, enquanto o Portugal Telecom-Illiabum ficou adiado para dia 22 deste mês.”

Para você, neste enunciado, a expressão “sendo que” poderia...

- a. ☐ ser suprimida sem prejuízo do sentido da frase.
- b. ☐ ser substituída por CONTUDO, MAS ou ENTRETANTO.
- c. ☐ ser substituída por PORQUE ou POIS.
- d. ☐ ser substituída por E.
- e. ☐ ser mantida como está, sem substituição ou alteração.

4) “Dois meses após os pedidos feitos, apenas a Fundação Gulbeinkian avançou já com 750 contos, **sendo que** o custo estimado para esta produção, que já está em andamento, anda na ordem dos 5 mil.”

Para você, neste enunciado, a expressão “sendo que” poderia...

- a. ☐ ser suprimida sem prejuízo do sentido da frase.
- b. ☐ ser substituída por CONTUDO, MAS ou ENTRETANTO.
- c. ☐ ser substituída por PORQUE ou POIS.
- d. ☐ ser substituída por E.
- e. ☐ ser mantida como está, sem substituição ou alteração.

5) “O Banco Mundial refere que “com um capital humano forte de base e a definição correta de políticas para o futuro, a Bósnia poderá reemergir das ruínas da guerra e tornar-se numa economia de sucesso”, **sendo que** na fase inicial de reconstrução é necessária a ajuda internacional.

Para você, neste enunciado, a expressão “sendo que” poderia...

- a. ☐ ser suprimida sem prejuízo do sentido da frase.
- b. ☐ ser substituída por CONTUDO, MAS ou ENTRETANTO.
- c. ☐ ser substituída por PORQUE ou POIS.
- d. ☐ ser substituída por E.
- e. ☐ ser mantida como está, sem substituição ou alteração.

ANEXO B – Modelo questionário 2

Questionário 2

Em relação aos enunciados de 6 a 10, sugira, por gentileza, outra expressão ou palavra que possa assumir o lugar de “sendo que”. Para isso, considere o sentido que acredita ser o mais adequado em cada um dos casos.

1) **Sendo que** chegou atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila.

2) No total terão sido movimentados de modo irregular cerca de 1,7 milhões de contos, **sendo que** desse montante, quase tudo foi sacado à empresa queixosa, ligada à comercialização de madeiras e derivados.

3) Trata-se da distinção entre “hardware” e “software”, **sendo que** este último – as quase invisíveis competências de gestão – é o que apresenta maior déficit.

4) Praticamente todas as corretoras do mercado intervieram nas transações, **sendo que** alguns operadores acreditam que a subida e o elevado volume verificado se deveu a ordens provenientes de dois a três estrangeiros, que “entraram com muita força”.

5) A questão em aberto é a de saber, afinal de contas, que tipo de sistema político sucederá àquele em que vivemos. E com essa pergunta voltamos ao início da conversa. Ao ponto em que as pessoas reagem na rua contra um sistema que consideram injusto por causa de políticas para as quais alegadamente não há alternativas. **Sendo que** quem contesta não consegue encontrar uma resposta credível em termos de governação.

ANEXO C – Modelo proposta de texto 1 – PB

Proposta de produção de texto [Proposta 1 03/2012 – Grupo: 2º Grau e Médio Integrado]
 Tipo: Texto dissertativo-argumentativo
 Tema: Deve haver limites para a definição de palavras no dicionário?

Sobre os textos: Os textos abaixo tratam de uma polêmica recente envolvendo o Ministério Público Federal de Uberlândia (MG), Brasil, e a editora Objetiva, em torno do significado atribuído à palavra “cigano” pelo Dicionário Houaiss.

Texto 1:

Editoras são processadas por significado atribuído a ciganos em dicionário

Os significados atribuídos pelo Dicionário Houaiss à palavra “cigano” fizeram com que o Ministério Público Federal em Uberlândia (MG) entrasse com Ação Civil Pública contra a Editora Objetiva e o Instituto Antônio Houaiss. Segundo o MPF, as palavras estão carregadas de preconceito. O órgão pretende conseguir na Justiça a imediata retirada de circulação, suspensão de tiragem, venda e distribuição das edições do dicionário que contêm expressões. A ação pretende ainda que sejam recolhidos todos os exemplares disponíveis em estoque e que estejam na mesma situação.

"Ao se ler em um dicionário, por sinal extremamente bem conceituado, que a nomenclatura cigano significa aquele que trapaceia, velhaco, entre outras coisas do gênero, ainda que se deixe expresso que é uma linguagem pejorativa, ou, ainda, que se trata de acepções carregadas de preconceito ou xenofobia, fica claro o caráter discriminatório assumido pela publicação", diz o procurador da República Cléber Eustáquio Neves. Para ele, "a publicação faz semear aos que consultam esse significado a prática da intolerância, especificamente da intolerância étnica, em verdadeira afronta aos artigos 3º e 5º da nossa Constituição".

[...]

Para ele, o fato de as afirmações serem feitas por uma publicação, que, por sua própria natureza, encerra um sentido de verdade, agrava ainda mais a situação. "Ora, trata-se de um dicionário. As pessoas consultam-no para saber o significado de uma palavra. Ninguém duvida da veracidade do que ali encontra. Sequer questiona. Pelo contrário. Aquele sentido, extremamente pejorativo, será internalizado, levando à formação de uma postura interna pré-concebida em relação a uma etnia que deveria, por força de lei, ser respeitada", diz.

De acordo com o Ministério Público, a atitude da editora e do instituto teria causado, inclusive, dano moral coletivo. Isso porque, diz, agrediu de maneira "injustificável o patrimônio moral da nação cigana". Na ação, o MPF também pediu a condenação dos réus ao pagamento de indenização por dano moral coletivo no valor de R\$ 200 mil.

De acordo com o órgão, a ação originou-se de investigação iniciada em 2009, quando o Ministério Público Federal em Uberlândia recebeu representação de um cidadão de origem cigana questionando a prática de discriminação e preconceito pelos dicionários de língua portuguesa contra sua etnia. O procurador enviou ofícios a diversas editoras com pedidos de informações.

Recebidas as respostas, ele expediu recomendação às editoras para que fosse suprimida das próximas edições qualquer expressão pejorativa ou preconceituosa nos significados atribuídos à palavra cigano. De acordo com o MPF, as Editoras Globo e Melhoramentos atenderam a recomendação. Já a Editora Objetiva, segundo o Ministério Público, recusou-se a cumpri-la, sob o argumento de que seu dicionário é editado pelo Instituto Houaiss, sendo apenas detentora exclusiva dos direitos de edição.

Texto disponível em <http://noticias.r7.com/economia/noticias/editoras-sao-processadas-por-significado-atribuido-a-ciganos-em-dicionario-20120227.html>. Acesso em 26/03/2012.

Texto 2:

Editora diz que não pode ocultar empregos preconceituosos de palavras

por Redação Galileu

No dia 27 de fevereiro, o **Ministério Público Federal** de Uberlândia entrou com um pedido na Justiça Federal para tirar de circulação o dicionário **Houaiss**, por conta de sua explicação para a palavra cigano. A publicação afirma que um dos sentidos pejorativos do verbete seria “aquele que trapaceia, velhaco, burlador”, o que o MPF considerou preconceituoso.

A editora Objetiva, responsável pelo Houaiss, diz que a explicação não constará das próximas edições do livro, mas que um dicionário não pode ocultar os empregos preconceituosos das palavras: “A questão dos sentidos pejorativos ligados a algumas palavras é desconfortável e precisa ser esclarecida. Os dicionários não criam termos na língua; eles apenas refletem, como espelhos, as ocorrências com que se deparam, não os usando, portanto, com intenção de atacar, ferir ou menosprezar pessoas ou grupos.”

Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI298383-17770,00-DEFINICAO+DE+PALAVRA+NO+DICIONARIO+PODE+SER+PRECONCEITUOSA.html>. Acesso em 26/03/2012.

Texto 3:

Comentário publicado no Facebook no dia 29/02/2012:

Esquecem-se de que o significado das palavras não é um atributo aleatório, mas uma construção cultural e social. Tirar definições ou palavras do dicionário não significa eliminar sua existência nos contextos de uso. Pelo contrário, fazer isso é camuflar a realidade, é mentir sobre a própria língua. Mais um dos equívocos dessa história do “politicamente correto”.

PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO:

Você acabou de ler textos que tratam de um assunto polêmico que pode ser resumido na seguinte questão: **Deve haver limites para a definição de palavras no dicionário?** Com base nas ideias veiculadas nos textos desta coletânea, apresente seu posicionamento em relação a essa questão. Para isso, redija um texto em prosa, lançando mão de argumentos e informações que deem consistência ao seu ponto de vista. Lembre-se de que a situação de produção deste texto requer o uso do registro formal da Língua Portuguesa.

ANEXO D – Modelo proposta de texto 2 – PP

Proposta de produção de texto [Proposta 1PT 11/2012 – Grupo: 2º Grau e 1º semestre Superior]
 Tipo: Texto dissertativo-argumentativo
 Tema: **O registro de palavras estrangeiras no dicionário de Língua Portuguesa**

Os textos abaixo tratam da questão do registro de palavras estrangeiras (estrangeirismos) em dicionários de Língua Portuguesa. Eles levantam a questão do registro (ou não) dos usos efetivos da língua, estrangeiros ou vernaculares, em dicionários formais.

Texto 1:

Estrangeirismos no dicionário

Para meu total espanto venho a verificar que termos ingleses como *download*, *link*, *email*, *site* estão incluídos no dicionário português da Priberam, como é que é possível que isto aconteça, quando estes termos têm logo tradução directa? Mas ainda mais inverosímil é como é que vão palavras inglesas para um dicionário português? Só porque alguns fazem o uso destes termos? Porque são usados num contexto informático?

Bem, lá porque uns fazem uso destes termos no seu quotidiano, ou porque outros preferem não traduzir estes termos em contextos informáticos, não quer por isso dizer que tenha que se ir logo a correr incluí-los no dicionário português! Eu nas traduções que faço tento ao máximo que tudo seja traduzido, até o termo *hardware* traduzo para *material*.

Sabiam que os nossos vizinhos europeus fazem questão de traduzir tudo para as suas respectivas línguas? Sabem que os franceses até o termo *web* traduzem? Sabem que eles sim defendem a sua língua e gostam de ser quem são? Ao contrário de nós (alguns) que detestam ser portugueses e vão logo na primeira moda?!? Mas como é que isto pode ser possível num Portugal de hoje?!? Mais vale de uma vez por todas começarmos a falar inglês, não?! **Zé (Portugal)**

(Texto publicado no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica.aspx?DID=4932>. Acessado em 06 nov. 2012)

Texto II

Resposta apresentada pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

Os estrangeirismos são uma questão sensível para muitos utilizadores da língua, a quem cabe sempre a decisão de os utilizar ou não. No entanto, fazem parte da evolução de qualquer língua e, como tal, não podem ser ignorados.

A função de um dicionário passa essencialmente por uma descrição dos usos da língua, devendo basear-se sobretudo em factos linguísticos, os quais devem ser apresentados o mais objectivamente possível, independentemente das convicções ou dos usos individuais de cada lexicógrafo ou utilizador do dicionário.

Quando num dicionário, nomeadamente no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (DPLP), são registados estrangeirismos, aportuguesados ou não, esse registo é feito com base em critérios relativos à boa formação (que inclui o respeito ou adaptação a regras ortográficas, fonéticas e morfológicas da língua portuguesa), aliados actualmente a frequências estatísticas, e atentando ainda ao registo em outras obras de referência. Por outras palavras, se uma palavra está bem formada e tem alta frequência na língua, ela pertence a essa língua e deve ser registada num dicionário geral de língua.

No caso de estrangeirismos que mantêm a sua forma original no dicionário (ex.: *download*, *email*, *site*), trata-se maioritariamente de palavras cuja utilização está interiorizada ou cuja substituição pode colocar em causa a clareza e a concisão da informação veiculada. Em qualquer dos casos, o registo no dicionário permite ao utilizador, para além da consulta do seu significado, o conhecimento das alternativas mais vernáculas. Assim, por exemplo, um utilizador que não queira utilizar a palavra *download*, verifica pela consulta do verbete no DPLP que pode substituí-la por *descarregamento* ou que pode utilizar o verbo *descarregar* em vez da expressão *fazer download*. [...]

(Texto adaptado do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica.aspx?DID=4932>. Acessado em 06 nov. 2012)

PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO:

Com base nas ideias veiculadas nos dois textos acima, apresente seu posicionamento (**opinião**) em relação à seguinte afirmação:

“A função de um dicionário passa essencialmente por uma descrição dos usos da língua, devendo basear-se sobretudo em factos linguísticos, os quais devem ser apresentados o mais objectivamente possível, independentemente das convicções ou dos usos individuais de cada lexicógrafo ou utilizador do dicionário.” (Priberam)

Qual a sua opinião acerca dessa afirmação? Para responder, redija um texto em prosa, lançando mão de argumentos e informações que deem consistência ao seu ponto de vista. Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso do registro formal da Língua Portuguesa.